

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

Priscila Viana da Rocha

**NOS RASTROS DA *BELLE ÉPOQUE* MINEIRA:**

estrangeirismos franceses em jornais de Belo Horizonte do final do século XIX e início do século  
XX.

Mariana  
2013

Priscila Viana da Rocha

**NOS RASTROS DA *BELLE ÉPOQUE* MINEIRA:**

estrangeirismos franceses em jornais de Belo Horizonte do final do século XIX e início do século XX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Linha de pesquisa:** Linguagem e Memória Cultural.

**Orientadora:** Profa. Dra. Mônica Guieiro Ramalho Alkmim.

**Coorientadora:** Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha.

Mariana  
2013

R672n

Rocha, Priscila Viana da.

Nos rastros da *Belle Époque* mineira [manuscrito]: estrangeirismos franceses em jornais de Belo Horizonte do final do século XIX e início do século XX / Priscila Viana da Rocha - 2014.  
209f.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Guieiro Ramalho Alkmim.  
Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Programa de Pós Graduação em Letras.

Área de concentração: Estudos da Linguagem.

1. Língua francesa - Estrangeirismos - Teses. 2. Estrangeirismos - Teses. 3. Belo Horizonte (MG) - Teses. I. Alkimim, Mônica Guieiro Ramalho. II. Rocha, Ana Paula Antunes. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU: 81'373.45

Catálogo: [sisbin@sisbin.ufop.br](mailto:sisbin@sisbin.ufop.br)



UFOP

Universidade Federal  
de Ouro Preto

## Priscila Viana da Rocha

***NOS RASTROS DA BELLE ÉPOQUE MINEIRA: estrangeirismos franceses em jornais de Belo Horizonte do final do século XIX e início do século XX***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras. Aprovada em 11 de dezembro de 2013 pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra**  
UFMG

**Prof. Dr. William Augusto Menezes**  
UFOP

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Paula Antunes Rocha**  
(Coorientadora) UFOP

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mônica Ramalho Gueiro de Alkmim**  
(Orientadora) UFOP

À querida Edith, por ter me indicado o caminho...

## AGRADECIMENTOS

Durante a realização desta dissertação, eu perdi uma das pessoas mais importantes da minha vida. Uma grande amiga, antiga professora de português, que me amou e me mostrou que eu podia ser bem mais do que a vida que eu conhecia me mostrava. Ela me acolheu, me inseriu na sociedade, tentou me preparar para o mundo e me apontou caminhos. Creio que sem seu apoio, eu dificilmente teria chegado à universidade e a essa dissertação. Por isso, a minha querida Edith assume espaço privilegiado nesses agradecimentos.

Outro anjo da guarda que merece destaque especial é Luiz Gonzaga, meu grande amigo e companheiro, que tem cuidado de mim durante todos esses anos, me apoiando, me dando condições de seguir em frente, me amparando. Sem seus cuidados, esse caminho traçado teria sido muito mais tortuoso e difícil. Pela sua dedicação, entrega e confiança, o meu muito obrigado.

Um agradecimento especial à minha mãe e às minhas sobrinhas pela paciência, dedicação e compreensão em minhas ausências e pelo otimismo e confiança depositados em mim. A crença absoluta na minha capacidade de realização me amparou e me consolou nos momentos mais difíceis.

Aos meus queridos amigos conquistados na graduação, cuja ausência na minha vida me causa grande pesar. Obrigada por me enriquecerem tanto. Obrigada pela amizade incentivadora e perseverante.

À Aliny Justino, companheira de profissão e mestrado. Com ela a minha caminhada em Mariana e na UFOP se tornou mais tolerável. Obrigada pelo incentivo e ajuda nos momentos difíceis da elaboração deste trabalho.

Aos meus alunos, agora queridos amigos, por terem me acolhido, me feito sentir em casa depois de tantos anos de solidão. A felicidade de hoje, compartilho com todos vocês. Tenho um orgulho imenso de fazer parte do seu convívio.

Como esse caminho não começou aqui na UFOP, agradeço a todos os meus professores da UFV, pelo conhecimento partilhado e pelas discussões que tão bem me prepararam para esta etapa. A minha eterna gratidão pelos ensinamentos transmitidos.

Aos professores da Pós-Graduação em Letras da UFOP pelo apoio e pelo amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos.

Agradeço enormemente as minhas queridas orientadora Prof<sup>a</sup>. Mônica Alkmim e coorientadora Prof<sup>a</sup>. Ana Paula Rocha, pelo trabalho realizado, pela paciência, pela ajuda, pelo apoio e pelo saber partilhado. Obrigada pela contribuição na minha formação e pelas horas de dedicação.

Ao coordenador da Pós-Graduação em Letras, Prof. José Luiz, por ter sido muito querido e generoso. Por ter olhado para minha situação com sensibilidade e humanidade. Muitíssimo obrigada pela oportunidade e confiança.

Aos membros desta banca Prof. William Menezes e Prof.<sup>a</sup> Maria Cândida Seabra pela gentileza enorme de ler a dissertação e pela disposição de contribuírem para seu enriquecimento. Em especial, agradeço o trabalho da Prof.<sup>a</sup> Cândida em prol dos estudos lexicais em Minas Gerais.

À FAPEMIG, pela bolsa concedida.

E a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram com sua amizade e com sugestões para a realização deste trabalho, gostaria de expressar minha profunda gratidão.

"Gaifona

Assim chegou lá na fazenda  
O deputado e coronel  
A' *dona* disse: Oh! minha prenda,  
Cançado 'stou do Grande Hotel!  
Da tal comida afrancezada  
De frincadós e trapalhada  
Eu farto 'stou... Me ouves tu?  
Quero comer, oh minha bella,  
Lá na cosinha e na panella:  
- Feijão, torresmo, couve, angú.  
E não te esqueças meu affago,  
Da bôa *canna*, um bello trago!  
BEBE"

(Bello Horizonte 1, 01/10/1898, N.157: 2)

## RESUMO

O objetivo do presente estudo foi investigar o alcance da influência francesa em Belo Horizonte, a nova capital do Estado de Minas Gerais (1897), através da análise de estrangeirismos franceses utilizados em jornais que circularam nesta cidade, desde o período de sua construção 1893-1897 até 1914, ano considerado como o fim da *Belle Époque*. As teorias utilizadas dedicam-se a mostrar como as influências e as experiências vividas por uma comunidade acarretam mudanças significativas na sua língua, principalmente no seu conjunto lexical, e como uma investigação desse conjunto oferece elementos eficazes para a leitura da comunidade. Após a análise dos dados, constatou-se que o número de estrangeirismos encontrados, os tipos de jornais mais concessores de elementos estrangeiros, a quantidade e a variedade de contextos em que eles foram utilizados, a grafia, a semântica e a morfologia desses itens foram elementos essenciais para respondermos de que modo a busca de modernidade e de progresso em Belo Horizonte, de acordo com os moldes franceses, afetou a linguagem utilizada pelos jornais. Por outro lado, a análise dos campos lexicais, bem como da possibilidade dos estrangeirismos apresentarem equivalentes em português, como também dos motivos para a realização dos empréstimos foi fundamental para dizermos até que ponto a busca de civilização pela elite belo-horizontina, através da importação de valores e costumes franceses, lhe impôs novos hábitos, novas necessidades e novas unidades lexicais. Nosso trabalho, retomando a questão dos estrangeirismos, da sua utilidade e eficácia para a análise de uma comunidade, contribui para os estudos linguísticos que têm o léxico da língua portuguesa como fonte de investigação. A recuperação da memória de eventos ocorridos em Belo Horizonte e de sua imprensa e o resgate de aspectos da vida social da cidade e de seus habitantes mostram a contribuição deste trabalho para outras áreas do conhecimento como a História, a Sociologia e a Antropologia. Os momentos iniciais da nova capital de Minas foram revisitados sob a perspectiva dos empréstimos lexicais.

**Palavras – chave:** influência francesa – *Belle Époque* – jornais – Belo Horizonte – léxico – estrangeirismos.

## RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail a été d'examiner l'étendue de l'influence française à Belo Horizonte, la nouvelle capitale de l'État du Minas Gerais (1897), à travers l'analyse de pérégrinismes français utilisés dans des journaux qui ont circulé dans cette ville, depuis la période de sa construction 1893-1897 jusqu'à 1914, l'an considéré comme la fin de la *Belle Époque*. Les théories consultées se dédient à démontrer comment les influences et les expériences vécues par une communauté provoquent des changements importants dans sa langue, principalement, dans son ensemble lexical et aussi comment une investigation de cet ensemble offre des éléments efficaces pour la lecture de la communauté. Après l'analyse des données, nous avons constaté que le nombre de pérégrinismes trouvés, les types de journaux plus concédants d'éléments étrangers, la quantité et la variété des contextes dans lesquels ils ont été utilisés, l'orthographe, la sémantique et la morphologie de ces éléments ont été des éléments essentiels pour répondre comment la quête de modernité et de progrès à Belo Horizonte, selon le modèle français, a affecté le langage utilisé par les journaux. De l'autre côté, l'analyse des champs lexicaux, aussi bien que la possibilité des pérégrinismes français aient des équivalents en portugais et aussi des motifs de la réalisation des emprunts a été indispensable pour dire la mesure dans laquelle la quête de civilisation de l'élite de Belo Horizonte, à travers l'importation de valeurs et d'habitudes françaises, l'a imposée des nouveaux besoins et des nouvelles unités lexicales. Notre étude, reprend la question des pérégrinismes, de son utilité et efficacité pour l'analyse d'une communauté et offre des contributions aux études linguistiques qui ont le lexique de la langue portugaise comme source de recherche. La récupération de la mémoire des événements qui ont eu lieu à Belo Horizonte et de sa presse et encore la reprise des aspects de la vie sociale de la ville et de ses habitants montrent la contribution de ce travail à d'autres domaines du savoir comme l'Histoire, la Sociologie et l'Anthropologie. Les moments débutants de la nouvelle capitale du Minas ont été revisités sur la perspective des emprunts lexicaux.

**Mots – clé:** influence française – *Belle Époque* – journaux – Belo Horizonte – lexique – pérégrinismes.

## LISTA DE TABELAS

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1- Jornais selecionados – 1895-1899.....   | 77  |
| Tabela 2 - Jornais selecionados – 1903-1907.....  | 79  |
| Tabela 3 - Jornais selecionados – 1910-1914.....  | 81  |
| Tabela 4 - Resumo dos resultados obtidos em todas as fases.....                                   | 82  |
| Tabela 5- Jornais escolhidos e exemplares analisados da primeira fase.....                        | 87  |
| Tabela 6 - Número de exemplares e ocorrências de estrangeirismos franceses da primeira fase.....  | 94  |
| Tabela 7- Jornais escolhidos e exemplares analisados da segunda fase.....                         | 134 |
| Tabela 8- Número de exemplares e ocorrências de estrangeirismos franceses da segunda fase.....    | 140 |
| Tabela 9 - Jornais escolhidos e exemplares analisados da terceira fase.....                       | 160 |
| Tabela 10 - Número de exemplares e ocorrências de estrangeirismos franceses da terceira fase..... | 167 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO.....   | 13        |
| <b>1 FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX: FLUXO INTENSO DE MUDANÇAS.....</b>                        | <b>17</b> |
| 1.1 França: o modelo de civilização e progresso.....  | 19        |
| 1.2 O Brasil e os primórdios da República.....  | 21        |
| 1.3 <i>A Belle Époque</i> na Capital Federal.....   | 25        |
| 1.4 A construção da nova capital do Estado de Minas Gerais.....   | 29        |
| 1.4.1 O projeto arquitetônico.....  | 30        |
| 1.4.2 Belo Horizonte e o desejo da modernidade.....   | 34        |
| 1.4.2.1 Atraso inicial rumo à modernidade: Belo Horizonte e sua letargia.....                             | 35        |
| 1.4.2.2 Em busca de um ideal.....   | 40        |
| 1.4.2.3 A modernidade chega à capital .....   | 42        |
| <b>2 <i>SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRE: OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS.....</i></b>                           | <b>43</b> |
| 2.1 A língua portuguesa <i>cosmopolita</i> .....  | 44        |
| 2.2 O léxico: um conjunto de palavras? .....  | 46        |
| 2.3 <i>Nada é permanente, exceto a mudança</i> : considerações sobre a dinâmica da renovação lexical..... | 48        |
| 2.4 Imigrantes e migrantes na língua portuguesa: os empréstimos segundo a origem.....                     | 50        |
| 2.4.1 Os imigrantes.....  | 51        |
| 2.5 <i>Um estrangeiro em terra estranha</i> : empréstimos segundo a fase de adoção.....                   | 54        |
| 2.6 Filhos legítimos e adotivos: os empréstimos segundo a forma de adoção.....                            | 58        |
| 2.7 Precisão ou desejo: os empréstimos segundo sua função, intenção ou necessidade de uso.....            | 59        |
| 2.7.1 Para que julgá-los? .....   | 60        |
| 2.8 O francês nosso de cada dia: os galicismos na língua portuguesa. ....                                 | 63        |

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| 2.8.1    | Os galicismos na língua portuguesa do século XVIII.....                  | 64        |
| 2.8.2    | Os galicismos na língua portuguesa do século XIX.....                    | 65        |
| 2.8.3    | Os galicismos na língua portuguesa do século XX.....                     | 67        |
| <b>3</b> | <b>COMMENT FAIRE?</b> .....  | <b>69</b> |
| 3.1      | Belo Horizonte: a cidade desejada.....                                   | 69        |
| 3.2      | A imprensa belo-horizontina.....   | 71        |
| 3.3      | A coleção Linhares.....  | 72        |
| 3.4      | Os jornais escolhidos.....   | 73        |
| 3.5      | As fases.....  | 74        |
| 3.5.1    | Primeira fase: 1895-1899.....  | 75        |
| 3.5.2    | Segunda fase: 1903-1907.....   | 77        |
| 3.5.3    | Terceira fase: 1910-1914.....  | 79        |
| 3.5.4    | Todas as fases e todos os jornais: um resumo dos resultados obtidos..... | 81        |
| 3.6      | Como proceder? Análise dos estrangeirismos franceses.....                | 82        |
| <b>4</b> | <b>APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i> E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....           | <b>86</b> |
| 4.1      | Primeira fase: 1895-1899 - apresentação dos jornais.....                 | 87        |
| 4.1.1    | Bello Horizonte: 1895-1899.....  | 87        |
| 4.1.2    | A Capital: 1896-1898.....  | 88        |
| 4.1.3    | Aurora: 1896-1897.....   | 90        |
| 4.1.4    | Academia: 1897-1898.....   | 91        |
| 4.1.5    | Diário de Minas: 1898.....   | 92        |
| 4.1.6    | Primeira fase: apresentação dos estrangeirismos franceses.....           | 93        |
| 4.1.7    | Primeira fase: análise dos estrangeirismos franceses.....                | 94        |
| 4.1.8    | Considerações a respeito da primeira fase.....                           | 130       |
| 4.2      | Segunda fase: 1903-1907 - apresentação dos jornais.....                  | 133       |
| 4.2.1    | Folha Pequena: 1904-1905.....  | 134       |
| 4.2.2    | Bello Horizonte 2: 1905-1906.....  | 135       |
| 4.2.3    | A Flammula: 1907.....  | 136       |
| 4.2.4    | O Confederal: 1907.....  | 137       |

|          |  |            |
|----------|--|------------|
| 4.2.5    | Gazeta: 1907-1908.....   | 138        |
| 4.2.6    | Segunda fase: apresentação dos estrangeirismos franceses.....  | 139        |
| 4.2.7    | Segunda fase: análise dos estrangeirismos franceses.....       | 140        |
| 4.2.8    | Considerações a respeito da segunda fase.....                  | 157        |
| 4.3      | Terceira fase: 1910-1914 - apresentação dos jornais.....       | 159        |
| 4.3.1    | A Cidade: 1909-1910.....                                       | 160        |
| 4.3.2    | O Astro: 1910.....   | 161        |
| 4.3.3    | Estado de Minas: 1911-1915.....                                | 162        |
| 4.3.4    | Animus: 1912.....  | 164        |
| 4.3.5    | Folha Academica: 1914.....                                     | 165        |
| 4.3.6    | Terceira fase: apresentação dos estrangeirismos franceses..... | 166        |
| 4.3.7    | Terceira fase: análise dos estrangeirismos franceses.....      | 167        |
| 4.3.8    | Considerações a respeito da terceira fase.....                 | 191        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                               | <b>194</b> |
| 5.1      | O número de estrangeirismos franceses.....                     | 194        |
| 5.2      | Os domínios mais concessores.....                              | 195        |
| 5.3      | Os contextos de utilização.....                                | 196        |
| 5.4      | A grafia.....  | 197        |
| 5.5      | A semântica.....   | 198        |
| 5.6      | A morfologia.....  | 199        |
| 5.7      | Os campos lexicais.....  | 200        |
| 5.8      | Os equivalentes e as intenções de uso.....                     | 201        |
|          | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                         | <b>204</b> |

## INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua é constituído a partir das experiências culturais vivenciadas por uma determinada comunidade ao longo do tempo. Ele se encontra à disposição dos falantes de acordo com suas necessidades comunicativas e assim se constitui como um sistema aberto e dinâmico, abrigo das unidades lexicais existentes e todas as que podem vir a ser formadas. É o subsistema linguístico que mais reflete as experiências e influências vivenciadas por uma comunidade. Analisar um conjunto léxico se torna, assim, um profícuo meio de observar e analisar aspectos culturais e sociais de uma determinada comunidade de falantes.

A proposta do presente trabalho baseia-se nessa característica basilar do léxico de refletir as experiências e influências vivenciadas por uma comunidade. Pretendemos, com esta pesquisa, analisar o alcance da influência francesa em Belo Horizonte, a nova capital do Estado de Minas Gerais (1897), através da análise de estrangeirismos franceses utilizados em jornais que circularam nessa cidade, desde o período de sua construção 1893-1897<sup>1</sup> até 1914, ano considerado como fim da *Belle Époque*<sup>2</sup>.

Destarte, o principal objetivo deste trabalho é a análise de estrangeirismos enquanto consequências da influência francesa na língua portuguesa utilizada em Belo Horizonte. Além do mais, pretendemos verificar a intensidade dessa influência e sua extensão, observando em quais aspectos da vida social ela teve maior relevância. Através da análise dos elementos franceses encontrados em jornais de Belo Horizonte no período investigado, pretendemos estabelecer a medida da adaptação, por aquela elite, à concepção de sociedade e ao modo de vida franceses.

Além dos objetivos gerais apresentados anteriormente, objetivamos igualmente descrever o contexto de utilização de cada estrangeirismo encontrado e acrescentar informações a respeito da grafia, da semântica, da morfologia e dos campos lexicais. Verificaremos a possibilidade de existência de equivalentes dessas unidades lexicais emprestadas na língua portuguesa da época e tentaremos determinar a razão do empréstimo de tais elementos.

Com o fito de atingir os objetivos apresentados, dividimos o presente trabalho em cinco capítulos. O primeiro deles, intitulado *Final do século XIX e início do século XX: fluxo intenso de*

---

<sup>1</sup> O primeiro jornal de Belo Horizonte apareceu em 7 de setembro de 1895.

<sup>2</sup> O período conhecido como *Belle Époque* pode ser entendido como um período de forte influência francesa no Brasil, compreendido entre os anos 1900 a 1920, tendo o seu maior florescimento entre 1898 e 1914.

*mudanças*, trará algumas considerações sobre o fluxo intenso de mudanças que ocorreram nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. O capítulo pretende mostrar que a passagem do século instaurou uma nova ordem científico-tecnológica, quando o mundo se tornou moderno e o modo de vida mecanizado e acelerado. Tais transformações alteraram radicalmente o cenário científico-tecnológico, alargando, para limites imprevistos, as fronteiras do mundo capitalista. As descobertas e inovações tecnológicas suscitaram, para o mundo, a necessidade de se adequar ao novo ritmo ditado por tais transformações. O capítulo almeja expor como essas ideias de progresso e desenvolvimento atingiram o Brasil e, conseqüentemente, Minas Gerais.

O primeiro capítulo pretende mostrar ainda que a passagem do século marca, para a França, um momento singular de sua história, um momento que ficou conhecido como a *Belle Époque*. Esse período conheceu um formidável avanço tecnológico das ciências e das técnicas e uma grande mudança sociológica. Na *Belle Époque*, a França adquiriu uma importante reputação científica que colocou em evidência sua inventividade, sua preeminência no progresso e o prodígio extraordinário de suas realizações. Uma seção do primeiro capítulo dedica-se a discutir o prestígio internacional construído e adquirido pela França e as representações em torno desse ideário de progresso e civilização.

Outra seção do capítulo mostrará que, também para o Brasil, o final do século XIX e início do século XX teve uma grande importância, principalmente em relação à Proclamação da República. O advento da República instaurou uma atmosfera que ansiava por cosmopolitismo. A busca de aceleração do ritmo do progresso, gerada a partir do Rio de Janeiro, capital administrativa e cultural do Brasil, percorreu o país juntamente com um desejo imenso pela europeização e pela modernização. Essa seção tratará do desejo inicial de transformações e de construção de um novo Brasil, sob os moldes das civilizações europeias.

Pretendemos expor, ainda no primeiro capítulo, as características da *Belle Époque* brasileira, suas razões e conseqüências e, principalmente, o significado das grandes reformas vivenciadas pelo Rio de Janeiro para o imaginário da elite brasileira. Por fim, teceremos considerações a respeito do período da *Belle Époque* em Minas e mostraremos como a iniciativa de construir uma nova capital seguiu a ânsia civilizatória e progressista anunciada com a Proclamação da República. A mudança física da nova capital simbolizou o desejo de ruptura com um passado retrógrado, visto como um empecilho ao alcance do progresso e da civilização. O

capítulo pretende, assim, evidenciar as ideias que motivaram o planejamento e a construção da nova capital e traçar considerações sobre sua formação urbana e social.

No segundo capítulo, intitulado *Santo de casa não faz milagre: os empréstimos linguísticos*, serão discutidos os aspectos envolvidos na escolha do elemento linguístico a ser analisado e as teorias que guiam as nossas análises dos dados. Pretendemos abordar as reflexões acerca do fato de a língua de uma determinada comunidade estar ligada de forma intrínseca à sua cultura e pontuaremos algumas discussões que têm sido realizadas sobre a existência das relações entre língua e cultura. Aceitamos, para este trabalho, a perspectiva de que a língua de um determinado grupo social registra as experiências e influências pelas quais passa esse grupo. Interessa-nos, mais especificamente, as experiências adquiridas devido à relação e à identificação com outros grupos sociais bem como as experiências adquiridas devido às influências culturais recebidas a partir desse processo de identificação.

Ao registrar as experiências e influências que um grupo social vivencia, a língua incorpora elementos novos e essa novidade parece se manifestar de forma mais intensa no que diz respeito ao léxico. O léxico é, assim, responsável por traduzir as experiências acumuladas por uma comunidade através do tempo. Deste modo, o segundo capítulo dedica-se também a mostrar como as inúmeras influências e experiências vividas por uma comunidade acarretam mudanças significativas na sua língua, principalmente no seu conjunto lexical, e como uma análise desse conjunto oferece elementos eficazes para a leitura de uma comunidade.

No terceiro capítulo, *Comment faire?*, tentaremos explicar como nossa pesquisa foi realizada. Primeiramente, faremos conhecer a razão pela qual a cidade de Belo Horizonte foi escolhida como palco de investigação e a razão da determinação do período entre as datas: 1895-1914. Mais adiante, discorreremos sobre a importância da imprensa nos momentos iniciais da nova capital e no movimento de fixação da população belo-horizontina. Discorrer sobre a função assumida pelos jornais de possibilitar visibilidade e apregoar as diferentes perspectivas dos grupos sociais belo-horizontinos nos possibilita esclarecer a escolha da imprensa como *corpus* para essa pesquisa.

Posteriormente, ainda no terceiro capítulo, explicaremos o motivo pelo qual o período inicial compreendido entre 1895-1914 foi segregado em fases. As fases buscam representar o começo, o meio e o fim desse espaço de tempo, uma vez que o *corpus* possui um grande número de publicações periódicas. Pretendemos também esclarecer o processo de seleção dos jornais

dentro das três fases e a grande relevância da obra *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954* como acesso às características e aos objetivos de cada jornal.

Por fim, mostraremos quais aspectos serão abordados na análise dos estrangeirismos franceses e como ela se processará. Baseados nessa análise e amparados por trabalhos que tratam da construção de Belo Horizonte e dos simbolismos envolvidos nesse processo, pretendemos discorrer sobre a presença e o alcance da influência francesa no projeto da nova capital. Esperamos contribuir efetivamente com as reflexões e com os trabalhos que visam a revisitar, a analisar e a construir uma história da formação de Belo Horizonte e de suas primeiras décadas de existência.

Este trabalho conta ainda com um quarto capítulo intitulado *Apresentação do corpus e análise dos dados*, onde pretendemos apresentar o nosso *corpus*, mostrar quais os jornais que o compõem e explicar como se deu a divisão dos jornais por fases e por domínios específicos. Nesse capítulo, mostraremos a descrição de cada fase, com seus jornais e com o número de estrangeirismos franceses encontrados, além de apresentarmos cada jornal, com suas principais características. Por fim, traremos a análise dos estrangeirismos selecionados após um cruzamento de dados.

No quinto e último capítulo, apresentaremos as considerações adquiridas com a realização do trabalho, o relato do cumprimento dos objetivos iniciais e os resultados comparativos das análises dos estrangeirismos franceses.

## **1. FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX: FLUXO INTENSO DE MUDANÇAS**

As últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX correspondem a um período marcado por um fluxo intenso de mudanças, estimuladas, sobretudo, por um novo dinamismo no contexto da economia internacional. Segundo Sevckenko (1998), esse dinamismo é caracterizado por um movimento expansionista, em que a economia capitalista torna-se global e o mundo é tomado como um todo integrado.

O movimento de expansão da economia industrial tem sua origem na Primeira Revolução Industrial de 1780, que foi o surto inicial da economia industrializada, mas se intensifica com a Revolução Científico-Tecnológica, que aconteceu por volta de 1870. Tal Revolução, como já dissemos anteriormente, alterou radicalmente o cenário científico-tecnológico ampliando profundamente as fronteiras do mundo capitalista.

Nesse contexto, aconteceram as grandes feiras industriais, onde as descobertas e inovações tecnológicas eram expostas e onde se podia observar a grandiosidade das transformações. Essas transformações instauraram uma nova ordem científico-tecnológica e um mundo moderno, cujo modo de vida se tornou mecanizado e acelerado. As descobertas e inovações tecnológicas suscitaram, para o mundo, a necessidade de se adequar ao novo ritmo ditado por essas transformações.

Para a nossa pesquisa, tais considerações são muito importantes, pois nos dão a exata dimensão de como o cenário internacional ficou contaminado pela busca desenfreada por progresso. A partir delas, mostraremos, ainda, como as ideias de progresso e de desenvolvimento atingiram o Brasil e, conseqüentemente, Minas Gerais.

Como nos apresenta Sevckenko (1998), o fluxo intenso de mudanças, estimulado sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, afetou todos os níveis da experiência social. Tais mudanças afetaram "desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos

estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento dos outros seres humanos".<sup>3</sup>

As mudanças que se processaram foram, em sua maioria, muito profundas e atingiram grande parte do globo. As pessoas tiveram seus hábitos quotidianos, seus costumes e suas percepções modificadas. Como já mencionamos, a origem desse processo de mudança e expansão se deve ao fato de a economia capitalista ter-se tornado global. O processo ocorreu, como nos mostra Sevcenko (1998), em fins do século XVIII, por volta de 1780 com o acontecimento da Revolução Industrial, cujo centro de origem e de irradiação era a Inglaterra. "Esse surto inaugural da economia industrializada fora baseada em três fatores básicos: o ferro, o carvão e as máquinas a vapor, propiciando o surgimento das primeiras unidades produtivas, as fábricas".<sup>4</sup>

Depois do primeiro momento da economia industrial, que era voltado para a produção de tecidos manufaturados de algodão e lã, o momento seguinte aconteceu devido ao nascimento da Revolução Científico-Tecnológica ocorrida por volta de 1870. Chamada por vezes de Segunda Revolução Industrial, como aponta Sevcenko (1998), essa segunda revolução "é muito mais complexa, ampla e profunda do que um mero desdobramento da primeira, como o nome poderia sugerir. Ela representa de fato um salto enorme, tanto em termos qualitativos quanto quantitativos, em relação à primeira manifestação da economia mecanizada".<sup>5</sup>

A segunda revolução foi resultado da aplicação das recentes descobertas científicas aos processos produtivos, possibilitando o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados do petróleo, e originando novos campos de exploração industrial. Para termos uma ideia das mudanças nos modos de produção, dos tipos de produtos produzidos e do impacto de tudo isso sobre a vida das pessoas, trazemos uma citação de Sevcenko (1998) que impressiona ao exemplificar alguns aspectos dessas mudanças e seus desdobramentos:

No curso de seus desdobramentos surgirão, apenas para se ter uma breve idéia, os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica e a ampla gama de utensílios eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários, os parques de diversões elétricos, as rodas-gigantes, as montanhas-russas, a seringa hipodérmica, a anestesia, a penicilina, o estetoscópio, o

---

<sup>3</sup> SEVCENKO, 1998, p.7.

<sup>4</sup> SEVCENKO, 1998, p.8.

<sup>5</sup> SEVCENKO, *loc .cit.*

medidor de pressão arterial, os processos de pasteurização e esterilização, os adubos artificiais, os vasos sanitários com descarga automática e o papel higiênico, a escova de dentes e o dentífrico, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e os sorvetes, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a Coca-Cola, a aspirina, o Sonrisal e, mencionada por último mas não menos importante, a caixa registradora. (SEVCENKO,1998: 9-10)

Mediante essa exemplificação, é possível imaginar como todas as mudanças impactaram as pessoas, suas vidas, seus modos de pensar e de enxergar o mundo. Além da grande variedade de novos equipamentos, produtos e processos que passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, o autor acrescenta ainda o elemento mais perturbador de todo o processo: o ritmo com que as inovações surgiam e se implantavam.

Tal configuração histórica moderna, definida a partir da passagem do século, pode ser percebida mais claramente entre os países mais desenvolvidos da Europa e os Estados Unidos. Os habitantes desses países tiveram tanto os hábitos quanto os costumes cotidianos modificados. O ritmo e a intensidade dos transportes, da comunicação e do trabalho geraram outro fenômeno derivado da Revolução Científico-Tecnológica: as grandes metrópoles modernas.

Nesse contexto, a França teve uma grande importância, pois se potencializa para o mundo como um país gerenciador e exportador de todas as novidades, principalmente as que dizem respeito à eletricidade. Na seção seguinte, tentaremos mostrar como a passagem do século XIX para o XX simboliza para a França um período singular, o momento em que esse país conquista e consolida seu destaque no cenário internacional.

## **1.1 França: o modelo de civilização e progresso**

A passagem do século XIX para o século XX marca, para a França, um momento singular de sua história. A *Belle Époque* francesa se caracteriza por um espaço de tempo que compreende o fim do século XIX até a guerra de 1914. Esse período conheceu um formidável avanço tecnológico das ciências e das técnicas e uma grande mudança social.

Na *Belle Époque*, a França adquire uma importante reputação científica que colocou em evidência sua inventividade, sua preeminência no progresso e o prodígio extraordinário de suas realizações. Eventos gigantescos, como as grandes feiras industriais de 1878, 1889 e 1900, foram organizados para expor Paris mundialmente como um centro de referência do progresso. "Paris,

capital de uma grande democracia progressista e lugar de uma verdadeira revolução urbanística, acolhe três Exposições: a de 1878, a de 1889, e a de 1900, como em uma escala de exuberância. A exposição de 1900 está, aliás, no coração do mito da Belle Époque".<sup>6</sup> <sup>7</sup> Segundo Sevcenko (1998), "no fim do século XIX o impacto e a difusão das novas máquinas deixavam claro que um modo de vida mecanizado e acelerado viera para se estabelecer. A grande Exposição parisiense de 1889 transformou essa constatação em um ato de fé e de entusiasmo no século da Ciência e da Técnica".<sup>8</sup>

Para ampliar nosso entendimento acerca do encantamento mundial devotado à França nesse período, é preciso considerar a estrela principal da Exposição de 1889, a eletricidade. Várias são as referências do seu papel na Exposição e do fascínio despertado nos participantes. "A gigantesca estrela iluminada no topo do Pavilhão da Eletricidade, portanto, não apenas simbolizava uma inovação técnica, mas (...) era o emblema que guiaria a humanidade na nova fase histórica inaugurada pelas tecnologias modernas".<sup>9</sup> Ainda segundo Sevcenko (1998), os enormes potenciais da eletricidade eram vislumbrados, mas, em parte, ainda desconhecidos. Assim sendo, o advento recente da eletricidade transformou-a na grande vedete da Exposição Universal de 1889 em Paris.

Além da eletricidade, outro elemento arrebatou as atenções e se tornou o marco fundador da nova ordem científico-tecnológica na França: a Torre Eiffel. Segundo Sevcenko (1998), a torre foi "originalmente criada para a Exposição de 1899 como um elemento decorativo e sugestivo dos usos e da plasticidade das novas ligas e estruturas metálicas (...)".<sup>10</sup> Assim sendo, a França findou o século XIX e iniciou o século XX com uma grande reputação mundial ligada ao cientificismo e ao progresso. Suas exposições universais realizadas em Paris indicaram a ativa posição francesa em relação à Revolução Científico-Tecnológica que se anunciava. Também apontaram seu caráter de inventividade, além de reforçar aspectos relacionados à civilidade, à democracia, ao luxo e ao requinte.

---

<sup>6</sup> ALBERTINI, 1995/00, p.152.

<sup>7</sup> Tradução nossa. Paris, capitale d'une grande démocratie progressiste et lieu d'une véritable révolution urbanistique, accueille trois Expositions: celle de 1878, celle de 1889, celle de 1900, dans une sorte d'escalade de la démesure. L'exposition de 1900 est d'ailleurs au coeur du mythe de la Belle Époque. (ALBERTINI, 1995/00: 152)

<sup>8</sup> SEVCENKO, 1998, p.12.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.10.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 22

Segundo Pacaud (2004), além de brilhante em matéria científica, a França desse período estava no primeiro plano artístico mundial. Paris era, desde o impressionismo, a capital internacional das artes. Sua relevância em matéria de literatura, de pintura e de escultura era conhecida e respeitada. A França possuía igualmente hegemonia, desde 1900, em relação à arquitetura e às artes decorativas. Além do mais, era considerada como sede do pensamento humano e tida como modelo na política, na indústria, na ciência e na arte. O país era muito importante em relação não somente a seu movimento científico, como também em relação ao artístico, ao industrial, ao comercial e ao movimento da moda, do *chic* e dos costumes.

Na *Belle Époque*, como vimos, a França conheceu um formidável avanço tecnológico das ciências e das técnicas. Devido à sua importância excepcional na história das exposições universais se tornou um ideário internacional de progresso e civilização. "Mas estamos às vésperas da Primeira Guerra Mundial, o que vai modificar muitos projetos. A *belle époque* chega ao fim, e a França vai se concentrar na defesa da energia francesa e latina contra o inimigo germânico".<sup>11</sup>

Na seção seguinte, veremos como as elites brasileiras se posicionaram frente ao avanço tecnológico das ciências e das técnicas e como, mais uma vez, na história do país, a França servirá como modelo.

## **1.2 O Brasil e os primórdios da República**

No Brasil, a Proclamação da República em 1889 trouxe a esperança de rompimento com um passado retrógrado e a possibilidade de colocar o país no ritmo das transformações mundiais. Assim como coloca Saliba (2002), o advento da República viria proclamar, inicialmente, "uma atitude de repúdio difuso à vida rotineira e aos arcaísmos, que seriam a própria negação do progresso, como forma de os indivíduos desamarrarem-se dos modos provincianos e das sociabilidades geradas pela sociedade escravista".<sup>12</sup> O autor continua mostrando que uma atmosfera que ambicionava por cosmopolitismo, gerada a partir do Rio de Janeiro, percorreu todo o país juntamente com um forte anseio pela europeização e pela modernização. A proclamação da

---

<sup>11</sup> CAMPOS, 2006, p.64.

<sup>12</sup> SALIBA, 2002, p. 68.

República trouxera, para o país, grandes expectativas de transformação e o sonho da construção de um novo Brasil baseada nos moldes das civilizações europeias.

O movimento expansionista intensificado com a Revolução Científico Tecnológica teve, pelo menos, dois grandes impactos no restante do mundo ocidental. Primeiramente, houve o desejo, por parte de alguns países, de se igualarem a países como a França, por exemplo, onde o progresso parecia consolidado. Em segundo lugar, começou a haver um avanço acelerado dos países desenvolvidos sobre as sociedades tradicionais, de economia agrícola, que se viram dragadas rapidamente pelos ritmos mais dinâmicos da industrialização. Assim como coloca Sevcenko (1998), "era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instilar-lhes os hábitos e práticas de produção e de consumo conformes ao novo padrão da economia de base-científico tecnológica".<sup>13</sup> Esse avanço tinha por objetivo disseminar valores e modos de vida e incentivar as sociedades a adotar padrões compatíveis com a civilização moderna.

Sevcenko (1998) associa tal expansão, por parte dos países desenvolvidos sobre as sociedades tradicionais, à criação do Partido Republicano no Brasil, que teve como consequências a proclamação da República. Segundo o autor, a Inglaterra aliou-se com o Império brasileiro e com as elites liberais dos países platinos contra a resistência de líderes tradicionais do Uruguai (1851, 1864-5), da Argentina (1852) e do Paraguai (1865-70), na luta pelo controle do eixo econômico e territorial estratégico representado pelo Rio da Prata e pela sua rede hidrográfica.

Os gastos com os confrontos no Prata e com a Guerra do Paraguai trouxeram para o Brasil um grande endividamento que desestabilizou as bases do Império brasileiro. Assim, em meio a esse contexto de desestabilização institucional, foi fundado o Partido Republicano (1870) que, além de propor a abolição da monarquia, propunha também a modernização e a atualização das estruturas "ossificadas" do Império.

Siqueira (1997), entretanto, tem outra forma de pensar e de ver o movimento contra o Império e a favor da República. Segundo a autora "na esteira da industrialização, surge uma restrita burguesia industrial, que, ligada aos setores cafeeiros emergentes de São Paulo, abala o equilíbrio político do Império, dominado por interesses da aristocracia decadente".<sup>14</sup> Segundo a

---

<sup>13</sup> SEVCENKO, 1998, p.12-13

<sup>14</sup> SIQUEIRA, 1997, p.78.

autora, esse círculo de fazendeiros do oeste paulista, pouco representativo na Monarquia, passa a associá-la à imagem de estagnação e atraso.

Independentemente de o movimento causador da queda do Império ter sido proposto pela nova elite (estudantes e profissionais liberais citados por Sevcenko) ou pela incipiente burguesia industrial (citada por Siqueira), naquele contexto "império e desenvolvimento tornam-se, cada vez mais, elementos incompatíveis. Ao regime monárquico se atribuem as causas das agitações sociais e desordens, os vícios políticos e preconceitos que ameaçam a nação em nome da estabilidade de uma instituição em derrocada".<sup>15</sup> A República apresenta-se como única opção possível para salvar o país e coloca-se como extremamente necessária. Diversos setores aderem à causa republicana e enfraquecem a monarquia que cai com o golpe de 15 de novembro de 1889.

Com a proclamação da República, houve a tentativa, por parte dos governantes e das elites, de uma modernização a todo o custo. Uma das primeiras medidas adotadas, segundo Sevcenko (1998), foi uma completa abertura da economia aos capitais estrangeiros, além das seguintes ações: "a permissão para bancos privados emitirem moeda, uma nova lei liberal das sociedades anônimas e a criação de um moderno mercado de ações, centrado na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro".<sup>16</sup>

No entanto, a instalação do novo regime enfrentou sérios problemas, como crises internas e externas e grande descontentamento por parte das elites. Tais problemas impediram que, nesse momento inicial da República, o tão almejado sonho do progresso e da civilização fosse alcançado. A instalação do novo regime e sua manutenção deram-se mediante compromissos e articulações fraudulentas. A República que se erguia não era nem liberal nem democrática. Segundo Sevcenko (1998), havia muitos esquemas de privilégio, manipulações das instituições, distribuições de cargos, eleições ilegítimas e a ausência de garantias da cidadania. Na República, a população em geral atuava como figurante e não como protagonista e era tratada como mero instrumento dos projetos da elite dominante.

Além da corrupção e da ausência de democracia, outros tantos problemas se colocam. Nos primeiros anos da República, havia forte resistência dos últimos monarquistas e disputas pelo poder entre as próprias forças vitoriosas na proclamação. Longe de ser um regime democrático, libertário e moderno, a República no Brasil se mostrou autoritária, fraudulenta, excludente e

---

<sup>15</sup> SIQUEIRA, 1997, p.78.

<sup>16</sup> SEVCENKO, 1998, p.15.

baseada na politicagem, segundo Sevcenko (1998). Além disso, a Capital não tinha estrutura para receber esses novos padrões desejados pela elite.

O entusiasmo capitalista e o desejo das elites de colocar o país em harmonia com as forças da civilização e do progresso esbarraram em sérios problemas de infraestrutura. O primeiro deles: a população pobre e negra do centro vivia aglomerada em antigos casarões, em situação de extrema precariedade, sem recursos de infra estrutura e em condições sanitárias insatisfatórias. Essa parte da população era vista pelas autoridades como uma ameaça permanente à ordem, à segurança, à moralidade e à saúde pública.

O segundo problema: a cidade do Rio de Janeiro "era acometida por uma série de endemias, que assolavam e vitimavam sua população (...) difteria, malária, tuberculose, lepra, tifo, e ameaças fortes como varíola e febre amarela".<sup>17</sup> Por último, as instalações portuárias do Rio de Janeiro eram obsoletas, a ponto de tornar impraticável o volume crescente de suas transações comerciais, além de a cidade ser composta por uma estrutura viária com vielas tortuosas, onde os caminhões tinham que fazer manobras complicadas para levar a mercadoria até os trens.

Assim sendo, uma reforma se impunha na tentativa de modelar os comportamentos e as práticas, desde o âmbito geral, até os recônditos da intimidade e da consciência de cada habitante da cidade e do país. A cidade do Rio de Janeiro, como capital e vitrine do país, deveria operar como atrativo para os estrangeiros e como símbolo do progresso. Nesse contexto, as autoridades conceberam um plano em três dimensões para resolver todos os problemas. O plano compreendia executar a modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana.

Segundo Sevcenko (1998), um time de técnicos foi então nomeado pelo presidente Rodrigues Alves: o engenheiro Lauro Müller para a reforma do porto, o médico sanitário Oswaldo Cruz para o saneamento e o engenheiro urbanista Pereira Passos, que havia acompanhado a reforma urbana de Paris liderada pelo barão de Haussmann, para a urbanização.

Como medidas da reforma, as residências da área central, pertencentes às famílias pobres, foram completamente demolidas. Foi utilizado como justificativa o fato de os casarões impedirem o acesso ao porto, de comprometerem a segurança sanitária e de bloquearem o livre fluxo indispensável para a circulação em uma cidade moderna.

---

<sup>17</sup> SEVCENKO, 1998, p.22.

E foi assim, com a exclusão de grupos populares da área central da cidade, que se deu a tripla reforma da capital federal. As pessoas foram despejadas sem nenhum direito a indenizações e a relocalizações. Elas também não tiveram direito a ações judiciais, uma vez que as autoridades responsáveis pela reforma tinham plenos poderes. Deste modo, a capital da República é transformada "na vitrine do regime republicano, os grupos populares e costumes tradicionais são reprimidos, e a cidade assume ares europeizados, uma Paris tropical".<sup>18</sup>

As reformas do Rio de Janeiro ficaram conhecidas, segundo Needell (1993), como o símbolo da *Belle Époque* brasileira, período do qual trataremos na seção seguinte. Como vimos, nesse momento da história do Brasil, a França serviu como inspiração e como modelo. Portanto, veremos uma grande influência francesa nos mais variados campos da vida privada e pública dos brasileiros, sobretudo da elite: no pensamento republicano, na cultura, na filosofia, nas artes e no comportamento. Ela determinava os modelos da vida social e as referências intelectuais para a elite brasileira, que, ao importar valores e hábitos franceses, acreditava estar adotando paradigmas tidos como a "Civilização".

### **1.3 A *Belle Époque* na Capital Federal**

A *Belle Époque* brasileira tem início em 1898 com o governo Campos Sales (1898-1902), segundo Needell (1993). Sevcenko (1998), entretanto, não é tão específico em relação às datas de início e fim e prefere dizer que o período da *Belle Époque* no Brasil "abrangeria grosso modo de 1900 a 1920 (...)".<sup>19</sup>

A *Belle Époque* é caracterizada como o período em que a influência francesa sobre a elite brasileira atingiu seu auge. Ela seria, como salienta Sevcenko (1998), a fase eufórica de influência estrangeira para os grupos beneficiados com o novo regime.

Desde a sua proclamação em 1889, a República trouxe a esperança de transformações e o desejo de construir um novo Brasil. A República era sentida, como "uma rara, e talvez única, oportunidade histórica de o país colocar-se no nível do século, integrando-se de uma forma

---

<sup>18</sup> SEVCENKO, 1998, p. 21.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.37.

definida no mundo ocidental".<sup>20</sup> No entanto, como vimos anteriormente, os primeiros governos republicanos foram marcados por conflitos, por lutas políticas e por instabilidade econômica. Assim sendo, as condições para se construir um novo país surgiram somente com o governo de Campos Sales que, Segundo Needell (1993), trouxe estabilidade econômica e organização política:

*A belle époque carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado, as condições para estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão. (NEEDELL, 1993, p.39).*

Esse novo governo republicano, como foi explicado, marcou o início de uma nova era. Como medidas da nova política administrativa "foram levantados empréstimos em Londres. O governo reafirmou a necessidade de penetração européia e o seu propósito era encorajá-la".<sup>21</sup> Segundo Needell (1993), dois aspectos da política de Campos Sales foram fundamentais para a república que se firmava: a ênfase dada à estabilidade econômica e um *modus operandi* político que garantia o apoio dos estados para a política financeira do governo, em troca de uma política federal de benefícios para as diversas elites locais estabelecidas. Assim sendo, com o encorajamento por parte do governo da penetração europeia e a ânsia de modernidade e progresso, as elites e o governo passaram a desejar e a planejar uma grande reforma urbana para a capital federal. Tal reforma se constituiria, futuramente, na marca registrada da *Belle Époque*. Remodelar a capital da República significava transformá-la em uma vitrine do regime e da sua consolidação política.

No governo de Rodrigues Alves (1902-1906), o sonho da transformação se torna realidade e a capital federal passa por grandes reformas consideradas como símbolo e instrumento da reabilitação do país e de um futuro civilizado. Segundo Needell (1993), o sinônimo da *Belle Époque* no Brasil será o afrancesamento do Rio de Janeiro, uma vez que almejava-se "atingir a Civilização por meio de mudanças concretas, de acordo com os modernos padrões europeus (ou seja, franceses)".<sup>22</sup> As reformas indicavam que "os cariocas estavam a

---

<sup>20</sup> SALIBA, 2002, p.34.

<sup>21</sup> NEEDELL, 1993, p.54.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p.67.

caminho da civilização pelo atalho da europeização".<sup>23</sup> Deste modo, o Rio de Janeiro se torna o centro do progresso e da civilização brasileira e a cidade com maior influência francesa do Brasil.

O marco das reformas, conhecidas como Regeneração segundo Sevchenko (1998), foi a inauguração da Avenida Central, que, segundo o autor, tornou-se o "eixo do novo projeto urbanístico da cidade, completada com um concurso de fachadas que a cercou de um décor arquitetônico *art nouveau*, em mármore e cristal, combinando com elegantes lâmpadas da moderna iluminação elétrica e as luzes das vitrines das lojas de artigos finos importados".<sup>24</sup> A elite carioca era incentivada a desfilarem sua moda "na grande passarela da Avenida, os rapazes no rigor *smart* dos trajes ingleses, as damas exibindo as últimas extravagâncias dos tecidos, cortes e chapéus franceses".<sup>25</sup>

As mudanças ocorridas no Rio de Janeiro só podem ser entendidas, segundo Needell (1993), em um contexto ideológico, como símbolo e instrumento da reabilitação do país e de um futuro civilizado. Elas vão interferir diretamente no cotidiano das pessoas e no seu modo de vida que passam a ser baseados em aspectos do estilo de vida europeu, sobretudo francês. Segundo o autor, "na *Belle Époque*, a paixão por estar "em dia" com a moda européia tornou-se quase tão feroz no Rio quanto na Europa".<sup>26</sup> Os membros da elite buscavam de toda forma ser identificados com valores aristocráticos e, ainda que essa influência parecesse superficial, isto é, servisse apenas para que a elite se destacasse e mostrasse sua distinção, Needell alerta:

[...] apesar de sua função obviamente utilitária e instrumental, a cultura analisada era extraordinariamente profunda em sua influência. Ela estendia-se aos âmbitos individuais mais íntimos e criativos, no lar, em público, e na literatura, determinando escolhas, atitudes e expressões, disposições e gostos, e chegava ao próprio âmago da existência da elite carioca. (NEEDELL, 1993, p.272).

Para tanto, a elite carioca tomava por empréstimo aspectos da cultura europeia, inserindo-os em seu cotidiano, e espalhando-os por todas as esferas de sua vida. Essa influência, sobretudo francesa, determinava como os membros dessa elite "se vestiam, se comportavam, pensavam, comiam, faziam amor e tratavam do casamento (...)".<sup>27</sup> A atmosfera cosmopolita que pairava sobre a cidade depois das reformas era tal que, segundo Sevchenko (1998), "às vésperas da

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, p.71.

<sup>24</sup> SEVCENKO, 1998, p.26.

<sup>25</sup> SEVCENKO, *loc. cit.*

<sup>26</sup> NEEDELL, 1993, p.192.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.273.

Primeira Guerra Mundial, as pessoas ao se cruzarem no grande bulevar não se cumprimentavam mais à brasileira, mas repetiam uns aos outros: "Vive la France!".<sup>28</sup>

As sérias consequências desse esforço modernizador a qualquer custo se resumem a um movimento de negação da cultura e do passado nacionais. "As ações concretas desencadeadas por esses discursos (...) se traduziram em formas extremas de opressão quando voltadas para as populações destituídas de qualquer educação formal e alheadas dos processos decisórios".<sup>29</sup> As pessoas que não pudessem se trajar de acordo com o que ditava a moda europeia estavam proibidas de circularem no centro da cidade. Os festejos populares, principalmente os de origem africana, também foram proibidos.

Como corolário, as pessoas que não pudessem se trajar decentemente, o que implicava, para os homens, calçados, meias, calças, camisa, colarinho, casaco e chapéu, tinham seu acesso proibido ao centro da cidade. Mais que isso, nas imediações, as tradicionais festas e hábitos populares, congregando gentes dos arrabaldes, foram reprimidos e mesmo o Carnaval tolerado não seria mais o do entrudo, dos blocos, das máscaras e dos sambas populares, mas os dos cursos de carros abertos, das batalhas de flores e dos pierrôs e colombinas bem-comportados, típicos do Carnaval de Veneza, tal como era imitado em Paris. (SEVCENKO, 1998: 26-27)

Ainda segundo Sevchenko (1998), na busca desenfreada pela modernidade e pela modernização, "as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelo europeus ou norte-americanos".<sup>30</sup> O autor complementa dizendo que "era como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexco co-extensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas".<sup>31</sup>

Assim sendo, segundo o autor, enquanto a consciência crítica dos grupos sociais "não amadurecia, prevaleceu o sentimento de vergonha, desprezo e ojeriza em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente superado".<sup>32</sup> O passado, as tradições, os grupos populares e todos os sinais

---

<sup>28</sup> SEVCENKO, *op. cit.*, p.26-27.

<sup>29</sup> SEVCENKO, 1998, p.27.

<sup>30</sup> SEVCENKO, *loc. cit.*

<sup>31</sup> SEVCENKO, *loc. cit.*

<sup>32</sup> SEVCENKO, *op.cit*, p.28.

de sua presença "se tornaram fontes de vergonha, mal-estar e indignação, manchas que conspiravam a ordem e o progresso".<sup>33</sup>

#### **1.4 A construção da nova capital do Estado de Minas Gerais**

A *Belle Époque* brasileira teve maior repercussão no Rio de Janeiro. No período analisado, a cidade era a capital administrativa do país e o seu centro econômico e cultural. Mas a ideia de adequação ao novo ritmo mundial de transformações, estimulada pelas descobertas de cunho científico e tecnológico, alcançou grande parte do cenário nacional. Não só o Rio de Janeiro, mas outras cidades e estados brasileiros foram afetados pela ideia da necessidade de busca por progresso e por modernidade.

Em Minas Gerais, por exemplo, a iniciativa de construir uma nova capital também seguiu a ânsia civilizatória e progressista estimulada, sobretudo, pela proclamação da República no Brasil. A mudança física da capital do Estado representava o desejo de ruptura com um passado retrógrado, visto como um empecilho ao alcance do progresso e da civilização. O planejamento da nova capital foi realizado sob a ótica da nova ordem republicana, positivista e cientificista. A "construção da cidade concretizava os desejos de uma elite que encarava o advento da República como sinal de uma ruptura com o passado, preconizando a modernização e o desenvolvimento nacional".<sup>34</sup>

É de nosso interesse, nessa seção, discutir as ideias que motivaram o planejamento e a construção da nova capital em Minas Gerais e os simbolismos envolvidos nesse processo. Além disso, gostaríamos de traçar considerações sobre a formação urbana e social de Belo Horizonte nos seus momentos iniciais.

As primeiras subseções discutirão a origem do desejo de uma nova capital para o Estado, o seu planejamento e a sua construção. Logo em seguida, trataremos de aspectos relacionados à vida social e cultural dos habitantes da nova capital em seus momentos iniciais. E, por último, teceremos algumas considerações a respeito dos mecanismos utilizados na busca por modernidade e por civilidade.

---

<sup>33</sup> *Ibidem.* p.31.

<sup>34</sup> JULIÃO, 1996, p.51.

### 1.4.1 O projeto arquitetônico

O planejamento e a construção de uma nova capital para o estado de Minas Gerais estavam repletos de simbolismos. Primeiramente, porque o projeto tinha a finalidade de inserir o Estado no contexto internacional de transformações e posicioná-lo no painel da modernidade. E, segundo, porque o projeto visava a uma cidade que era fruto das aspirações de desenvolvimento e de prosperidade pertencentes à elite mineira.

A nova capital foi concebida para ser o signo de um novo tempo. Seus idealizadores e construtores imaginaram-na como um foco irradiador de civilização e progresso, um lugar moderno, higiênico e elegante. "A Capital já nasce com uma missão: promover o progresso econômico e intelectual de Minas, projetando-a como a maior força política do cenário nacional. Construindo-se sobre os escombros do mundo rural arcaico, ela deve introduzir o Estado no *moderno* universo urbano e industrial".<sup>35</sup>

O sonho de uma capital moderna e uma metrópole civilizada e cosmopolita refletiu-se no planejamento urbano traçado pela Comissão Construtora. Tal planejamento se coadunava com o pensamento moderno em voga na época e com o contexto mundial de novas experiências urbanas e sociais. O projeto de Belo Horizonte foi inspirado no projeto de reformas de grandes metrópoles como Paris, por exemplo, em que o traçado era planejado, racional e positivista.

A Proclamação da República em 1889 influenciou significativamente a concepção da nova capital. Para as elites mineiras, os ideais da República precisariam transcender o plano ideológico, materializando-se no concreto, na construção de uma cidade símbolo. A nova localidade seria um centro de desenvolvimento econômico e intelectual, foco da civilização e do progresso. Uma nova capital para Minas, assim como a emergente República, traria, para o Estado e para a sociedade como um todo, a tão sonhada modernidade. Uma nova cidade representaria uma ação e um símbolo que davam legitimidade à nova organização política, idealizada na República.

A elite mineira encarava a Proclamação da República como uma ruptura com o passado e o início de um tempo de modernização e desenvolvimento. Para essa elite, o horizonte era favorável a um projeto de construção de uma nova capital, pois Ouro Preto representava esse

---

<sup>35</sup> SIQUEIRA, 1997, p.81.

passado com o qual se queria romper. Além do mais, a antiga capital de Minas se mostrava ineficiente para atender às demandas do mundo moderno que se anunciava, além de representar a velha ordem que devia ser substituída.

Ouro Preto era vista pelos republicanos mineiros como um centro político administrativo típico do império. A cidade possuía deficiências estruturais e não oferecia condições de se tornar o pólo dinamizador da vida econômica do Estado. Além disso, Ouro Preto não conseguia exercer a centralidade necessária para torná-la representante da identidade do Estado. Acreditava-se que uma região mais central pudesse integrar mais as outras regiões e reorganizar a economia do Estado em torno de sua área de influência. Para os apoiadores da mudança, em uma nova capital, a vida e os valores urbanos tenderiam a favorecer a prática republicana.

A construção de uma nova cidade seria o signo de um novo tempo e asseguraria a unidade política do Estado. Como nos diz Passos (2009), "um novo tempo pressupunha uma nova espacialidade, e uma nova cidade-capital, no estado mineiro, serviria para consolidar a emergente República, dando sentido material a ideia de ruptura".<sup>36</sup>

Assim sendo, em 1891 deram-se início as ações visando a escolher o lugar para a nova capital. O governador Augusto de Lima determinou ao Congresso Mineiro que a nova localidade tinha que reunir as melhores condições de localização e infraestrutura. Tal determinação estava imbuída pelo ideal racional de urbanização, inspirado na lógica positivista e nas ideias estéticas da *Belle Époque*.

Foram sugeridas então cinco localidades: Juiz de Fora, Barbacena, Paraúna, Várzea do Marçal e Arraial do Curral D'El Rey. O engenheiro responsável pelo projeto, Araújo Reis, visitou todas as localidades e avaliou os prós e contras de cada uma delas. Depois de larga discussão e alguns impasses, em 1893 o Congresso Mineiro decidiu-se pelo Arraial do Curral D'El Rey.

O arraial atendia a todas as condições necessárias para abrigar a nova capital, condições físico-biológicas e de localização. O pequeno povoado, portador das marcas do passado colonial e sinônimo de primitividade e de ruralismo, foi condenado ao desaparecimento. Expulsos de suas casas, afastados de suas atividades e privados do convívio social, os moradores do antigo arraial debandaram-se para povoações vizinhas ou para o subúrbio.

---

<sup>36</sup> PASSOS, 2009, p.38.

Em março de 1894, dá-se início às obras de construção da nova capital. O projeto, como já dissemos, "buscava atender os ideais positivistas e progressistas presentes na nascente República (...). Um espaço urbano organizado geometricamente, hierarquizado e com funções sociais e administrativas bem definidas e delimitadas".<sup>37</sup>

Belo Horizonte foi planejada e construída com áreas grandes e livres no intuito de facilitar a comunicação dos habitantes, a livre circulação, a ventilação e a higiene. Os espaços foram classificados e ordenados de acordo com as funções e necessidades sociais. Todas as esferas da vida política e pública tiveram o seu lugar previamente pensado e definido mediante sua importância no novo modelo político, econômico e social. A cidade era totalmente organizada estruturalmente e rompeu drasticamente com o padrão colonial das antigas cidades de Minas.

Em dezembro de 1897, o presidente de Minas, Crispim Jacques Bias Fortes, inaugurou a nova capital, que já possuía 10 mil habitantes. "Finalmente em 12 de dezembro de 1897, ainda com diversas obras sendo realizadas por toda parte é inaugurada a capital, tão sonhada e arquitetada para ser o símbolo da modernidade no Brasil republicano."<sup>38</sup>

O objetivo de se criar uma das maiores cidades brasileiras do século XX foi atingido. No entanto, o ordenamento excessivo imposto pela ideologia do projeto teve sérias consequências. A cidade geométrica, funcional, limpa e saudável, com uma arquitetura racional e moderna, tornou-se também uma cidade segregacionista. Vários dispositivos de controle foram acionados para que a ordem dentro da cidade fosse mantida e para que houvesse um enquadramento social que garantisse a harmonia.

Na planta da cidade podiam-se ver as avenidas traçadas em diagonal e quarteirões de dimensões regulares. A racionalização do espaço público, o embelezamento e a higienização foram pressupostos ideológicos que guiaram sua construção. Com espaços delimitados e identificáveis, a cidade foi dividida em três áreas: central urbana, suburbana e rural.

A área central urbana recebeu estrutura de transportes, educação, saneamento e assistência médica, bem como edifícios públicos dos funcionários estaduais e estabelecimentos comerciais. A Avenida 17 de Dezembro, atual Avenida do Contorno, era o limite dessa área. A região

---

<sup>37</sup> Blog "Curral Del Rey". Desenvolvido por Alessandro Borsagli, 2010. Site destinado à discussão sobre as mudanças ocorridas no espaço urbano de Belo Horizonte, desde a fundação do Arraial do Curral del Rey até os dias atuais. Disponível em: <<http://curraldelrei.blogspot.com.br>>. Acesso em 10 nov. 2013.

<sup>38</sup> Blog "Curral Del Rey", *loc. cit.*

suburbana era formada por ruas não regulares e não recebeu, a princípio, infraestrutura urbana. A área rural, por sua vez, era composta por cinco colônias agrícolas com várias chácaras que abasteciam a cidade com produtos hortigranjeiros.

A área mais central estava reservada para a elite mineira. Era nessa região que se concentravam os principais serviços como saneamento e iluminação. Nas áreas onde a população de baixa renda (os operários em sua maioria) habitava, não havia a mesma infraestrutura planejada para o centro da cidade. Sobre essa desigualdade na estrutura das três áreas da nova capital, diz-nos Vilhena<sup>39</sup>:

A zona urbana milimetricamente planejada, contava com os mais modernos serviços urbanos como água encanada, esgoto, luz elétrica, serviços de bonde, além do fácil acesso das ruas e dos espaços de lazer (...) Já a área suburbana, não agraciada com tanto conforto e beleza, possuía ruas com traçado irregular, sem serviço de saneamento, moradias precárias e nenhuma estrutura para lazer. (VILHENA, 2013: 5)

O cenário de inauguração da nova capital nos revela, além da pretensão de uma vida dinâmica, capaz de promover a produção de riquezas e um novo padrão de sociabilidade, a disparidade existente entre as três áreas e seus moradores. "A discrepância formada entre a suntuosidade de alguns prédios da capital e a precária condição das moradias operárias revela a direção da atenção governista e higienista".<sup>40</sup>

E assim surge a nova capital do Estado de Minas Gerais: em meio a obras ainda não terminadas, com largas ruas e avenidas, suntuosos edifícios, áreas milimetricamente delimitadas e uma população pobre excluída dessa "cidade-espetáculo imaginada pela elite mineira".<sup>41</sup>

No entanto, em seus momentos iniciais, Belo Horizonte não atendeu às expectativas de seus idealizadores. Após sua construção, ainda era preciso inserir a cidade e seus habitantes no contexto da modernidade planejada e romper com os laços de uma sociedade que permanecera ligada a modelos tradicionais. Para além de aspectos estruturais, era preciso modificar também os aspectos culturais e interferir diretamente no *modus vivendis* da população.

Na subseção seguinte, tentaremos demonstrar as razões que explicam o fato de o ideal de modernidade e progresso não ter sido atingido inicialmente e tentar explicar por que o desejo de ser moderno entrou em contradição com a ausência real dessa modernidade.

---

<sup>39</sup> VILHENA, acesso 2013.

<sup>40</sup> COSTA; ARGUELHES, 2008, p. 131.

<sup>41</sup> COSTA; ARGUELHES, *loc. cit.*

### 1.4.2 Belo Horizonte e o desejo da modernidade

Em Belo Horizonte, a intenção de se construir uma das maiores cidades da República, foco irradiador de progresso e modernidade, demorou um pouco para se tornar realidade no cotidiano das pessoas. O ideário, que foi apregoado pelo projeto da capital e que se concretizou na arquitetura da cidade, foi lentamente sendo absorvido pelo estilo de vida das pessoas. Segundo Siqueira (1997), as inovações das técnicas vão se incorporando ao cotidiano ou apenas se apresentam como possibilidade ou ideal distante.

A empolgação dos habitantes da nova capital com as inovações técnicas era evidente. É certo que, como já mencionamos, os países europeus e os da América do Norte vivenciaram mais intensamente as transformações resultantes de tais inovações. No entanto, "essas mudanças não deixam de influenciar a mente do belo-horizontino, que, senão parte desse mundo *moderno*, sente-se já não mais isolado".<sup>42</sup>

As mudanças ocorridas nesses países vão impulsionar o resto do mundo a buscar o mesmo progresso e "não é apenas insuflando otimismo e esperança aos belo-horizontinos que os novos meios fazem notar sua influência. Mesmo surgindo como possibilidade distante, a introdução de instrumentos mecânicos afeta sua percepção e interfere em suas produções culturais".<sup>43</sup> No entanto, vários fatores impediram que a modernidade, alcançada no projeto da cidade, chegasse e fizesse parte do cotidiano das pessoas.

A nova capital de Minas possuía elementos materiais símbolos do progresso. As transformações pelas quais passou o arraial foram tamanhas que não surpreenderam somente a quem habitava o arraial, mas a todos que ali se instalavam. No entanto, eram tímidos os sinais de que o progresso estava por vir. Belo Horizonte, em seus momentos iniciais, caracterizava-se como "uma roça, destas cercadas por poeira e carrapatinhos, que atingia, pouco a pouco, alguns sinais característicos dos centros mais populosos".<sup>44</sup>

A transformação das ruas e dos edifícios não modificou os costumes antigos. As práticas provincianas comuns nos tempos do Arraial e de Ouro Preto deveriam ter sido substituídas pelo cosmopolitismo do estilo de vida moderno, mas continuaram a existir na cidade.

---

<sup>42</sup> COSTA; ARGUELHES, 2008, p.73.

<sup>43</sup> SIQUEIRA, 1997, p.71.

<sup>44</sup> CANÇADO; CUNHA, 1997, p.210.

A nova capital vegetou em seus primeiros anos em meio a crises econômicas e dificuldades de toda sorte. A cidade não convivia com a efervescência da vida urbana. Os hábitos modernos viriam a se instalar paulatinamente. Segundo Ramos (2009), "as décadas posteriores à inauguração da capital foram anos marcados pelo questionamento, por parte da população que se instalou em Belo Horizonte, sobre a efetividade da experiência da modernidade idealizada pelas elites, uma vez que a cidade se distanciava, em vários aspectos, do que havia sido planejado pela Comissão Construtora".<sup>45</sup>

Belo Horizonte nasceu com uma inspiração cosmopolita, moderna, saudável, esteticamente correta. Possuía, paradoxalmente, representações culturais interioranas. Em seus momentos iniciais, a cidade conviveu com um profundo antagonismo entre seu espaço moderno e sua população habituada a conviver com práticas consideradas ultrapassadas.

Popularmente conhecida como "puerirópolis", Belo Horizonte estava, de fato, distante da ambição de se tornar uma metrópole. Predominava a ausência de entretenimento e de cosmopolitismo entre seus moradores e, apesar da presença de edifícios modernos, de ruas e avenidas planejadas, além de jardins inspirados na tradição francesa, a maioria da população ainda continuava a se retrair ao interior de suas residências de forma a deixar as vias públicas praticamente desertas.<sup>46</sup>

Na subseção seguinte, tentaremos demonstrar as razões que justificam o atraso de Belo Horizonte em relação à sua entrada no projeto de modernidade preconizado pelo projeto de sua construção.

#### **1.4.2.1 Atraso inicial rumo à modernidade: Belo Horizonte e sua letargia**

Como vimos anteriormente, as transformações empolgaram os belo-horizontinos, mas muitos fatores impediram que a modernidade se tornasse possível para além dos aspectos arquitetônicos. Nós podemos elencar pelo menos oito razões que justificam o atraso da conquista da modernidade em outras áreas.

---

<sup>45</sup> CAMPOS, acesso 2013, p.3.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p.4.

A primeira delas está relacionada ao espaço físico. O projeto previa uma capital muito grande e espaçosa. No entanto, nos seus anos iniciais, não havia população suficiente para povoar todos os espaços. Com muitas ruas e sem povoamento, a imagem do tédio prevalecia. O vazio durou até meados dos anos 20, quando então a capital passou a crescer rapidamente.

Outro aspecto relacionado ao espaço físico diz respeito à segregação presente no projeto da cidade. A maioria da população se encontrava fora da área central que estava reservada para a elite. Além dos imóveis serem muito caros, a falta de transporte também dificultava o acesso de outras pessoas a essa região. "Ainda no centro, as largas ruas dificultavam os encontros, quase impossibilitando aglomerações humanas. O traçado geométrico de sua malha devassava os espaços, mantendo-os em permanente vigilância. Sem o burburinho das manifestações humanas, a cidade incorporava um aspecto estéril e asséptico".<sup>47</sup>

A restrição da modernidade a aspectos arquitetônicos em Belo Horizonte é justificada ainda por outra razão apontada por Siqueira (1997), ou seja, a grave crise econômica que atingiu a capital nos primeiros anos. Sua construção consumiu enormes recursos do governo e a cidade não atraía investimentos econômicos. Segundo a autora, a crise tem origem nas dificuldades apresentadas pelo café no mercado internacional, bem como na visão limitada dos governantes mineiros sobre a economia. "A cidade, sem atividades econômicas expressivas, não apresenta atrativos para o investimento de capitais. A indústria, como atestam artigos de jornal, tem dificuldades para nela se instalar".<sup>48</sup>

Além das grandes ruas solitárias e da crise econômica, a capital oferecia poucas atrações e práticas culturais. As que existiam ainda não estavam enraizadas, apesar dos esforços. Assim, a falta de situações relevantes ou acontecimentos importantes era inevitável. As pequenas manifestações de vida cultural como a prática literária, por exemplo, estavam longe de constituir uma tradição e, portanto, apresentavam um caráter superficial.

Belo Horizonte nasceu para ser a moderna capital de Minas Gerais. Seus sonhos de uma metrópole civilizada, cosmopolita, baseada no ordenamento social, refletem-se no planejamento urbano traçado pela Comissão Construtora. Largas avenidas, ruas e praças compunham o cenário de uma pretendida vida dinâmica, capaz de promover a produção de riquezas e um novo padrão de sociabilidade, voltado para o espaço público. (...) Mas a cidade recém-inaugurada não tinha nem teatro, nem casa de diversões, o que muito contrariava os que idealizavam a moderna capital de Minas. (SOSNOWSKI, 1997: 133)

---

<sup>47</sup> SANTOS, 1997, p.160.

<sup>48</sup> SIQUEIRA, 1997, p.90-91.

Segundo Loyola (1997), na tentativa de cumprir o projeto da metrópole como signo de um novo tempo, pensamentos modernos em relação à educação passaram a ser valorizados. O reconhecimento da importância da educação primária, a fundação de vários colégios e a instalação de escolas de nível superior, como a Faculdade Livre de Direito (1898) e a Faculdade de Farmácia (1907), tinham o intuito de tornar Belo Horizonte um centro cultural. No entanto, como aponta Loyola (1997), é possível perceber muitos choques entre correntes educacionais mais progressistas e outras mais conservadoras.

Nos primeiros anos, apesar da extrema valorização da educação, assiste-se a um marasmo cultural. Não havia espaço favorável ao desenvolvimento de projetos e à realização de eventos e eram pouquíssimos os locais de lazer e as casas de espetáculo. Por conseguinte, a cultura não se fortalecia. À noite não existia movimento nas ruas. A cidade e a sociedade careciam de eventos sociais mais empolgantes e representativos.

O panorama cultural mudou um pouco com a inauguração do Teatro Soucasseeux em 1900. Não era o espaço moderno de que a cidade necessitava, mas era uma evolução, pois, a partir de sua inauguração, a vinda de companhias teatrais estrangeiras se tornou constante. Contudo, Loyola (1997) alerta que "a inauguração do Soucasseeux provoca algum movimento no cenário da cidade, marcado pelo tédio, mas ainda não podemos afirmar que a Capital se transforma em pólo de cultura. Essa transformação é lenta e gradual".<sup>49</sup> Para aquela sociedade o teatro se tornou símbolo de lazer da elite.

Podemos citar igualmente, para exemplificar o começo da mudança no panorama cultural da cidade, a instalação de alguns cafés. Com esses estabelecimentos, que seriam pontos de encontro e de discussão, pretendia-se movimentar um pouco mais a vida social. No entanto, alerta Loyola (1997), "as mudanças no perfil provinciano da Capital ainda não são notadas neste momento. Os cafés permanecem vazios, dando mostra do estilo de vida roceiro dos moradores".<sup>50</sup>

A falta de vida social e o marasmo que pairavam sobre a cidade eram atribuídos à população que foi morar em Belo Horizonte. Os novos habitantes, especialmente os grupos de elite, não estavam acostumados a hábitos modernos e mantinham um estilo de vida acanhado e reservado. Esse estilo de vida foi apontado como obstáculo para que a cidade se tornasse pólo de cultura. "Persistem, na cidade recém-inaugurada, hábitos que remontam às velhas cidades de

---

<sup>49</sup> LOYOLA, 1997, p.111.

<sup>50</sup> LOYOLA, *loc.cit.*

Minas. Os moradores da Capital, em seus primeiros anos, não tinham o costume de receber em casa ou sair às ruas. Essas, projetadas para estimular o convívio social, sendo largas e arborizadas, permanecem vazias".<sup>51</sup>

A população de Belo Horizonte era composta, em sua maioria, por pessoas vindas do interior do estado. Acredita-se que os interioranos tiveram dificuldades ou não conseguiram absorver os hábitos e a cultura daquele mundo moderno. A cidade com grandes espaços públicos destinados à ocupação dos moradores continuava desocupada, com a convivência social quase restrita ao ambiente privado. "Nesse caso, percebe-se como a modernidade imposta verticalmente à sociedade encontrou em seu caminho, barreiras naturais".<sup>52</sup>

Como o estilo de vida acanhado e provinciano favorecia o hábito da leitura, Loyola (1997) afirma que a literatura era "a maior paixão da cidade naqueles tempos".<sup>53</sup> Essa paixão se refletiu na imprensa, com o surgimento de várias revistas e jornais literários, e na vida social, com a presença dos clubes literários. A imprensa, por sua vez, se constitui em um espaço no qual a ausência de refinamento dos mineiros era evidenciada e depreciada. Os jornalistas produziram várias críticas sociais tendo como material a "falta de *glamour* dos matutos mineiros, dos hábitos interioranos dos habitantes da moderna Capital, e de sua falta de talento para as letras e de gosto pela cultura refinada (...). Os cronistas da imprensa retiram o substrato para produzir, nas páginas dos jornais, uma divertida e precisa crítica social".<sup>54</sup>

Nesse cenário de manutenção de hábitos e costumes tradicionais, a Igreja teve um papel relevante. Enquanto instituição muito influente, a Igreja adotava uma postura conservadora em relação à mudança de comportamento da população. "Se, por um lado, a elite sonhava com um modo de vida tipicamente burguês, galgado em valores cosmopolitas e na utilização dos espaços e equipamentos públicos, por outro lado, a sociabilidade promovida e construída em torno da Igreja Católica mostrava-se tão atrativa quanto nas cidades do interior (...)".<sup>55</sup> Os festejos religiosos eram as principais formas de lazer e propiciavam a sociabilidade dos habitantes que, como já dissemos, estava quase restrita ao interior das residências.

---

<sup>51</sup> LOYOLA, 1997, p.111.

<sup>52</sup> COUTO, acesso 2013, p.78.

<sup>53</sup> LOYOLA, *op. cit.*, p. 116.

<sup>54</sup> SIQUEIRA, 1997, p.91.

<sup>55</sup> COUTO, *op.cit.*, p.82.

A baixa sociabilidade nos momentos iniciais da capital pode ser explicada igualmente pelo fato de que seus novos habitantes vieram de localidades diversas e não tiveram tempo para criar laços. Segundo Cançado; Cunha (1997), pessoas de vários lugares se instalaram na recente capital, em busca das oportunidades que aquele novo meio parecia oferecer. Deste modo, "a sociedade ali criada, sem laços de união entre os novos habitantes e com poucas formas de identificação e pertencimento, parecia, aos que aqui chegavam, vazia e monótona".<sup>56</sup>

Além da manutenção de hábitos antigos, posturas contraditórias frente ao novo também impediram que Belo Horizonte alcançasse imediatamente o ideal da modernidade. Era grande o entusiasmo com as transformações e o progresso, mas o medo frente àquelas novidades e a incerteza do que elas representavam e do que poderiam significar se constituíram como obstáculos. A perda da simplicidade do belo-horizontino e da tranquilidade da vida na cidade era outro receio que assolava alguns moradores da capital e que os impediu de buscar e valorizar os novos hábitos e a nova vida.

Segundo Siqueira (1997), o que se via em Belo Horizonte eram posturas divergentes, ora conservadoras, ora progressistas frente ao novo. "O deslumbramento inicial, aos poucos, cede a uma relação ambígua, que oscila entre o otimismo e a hostilidade. A máquina transforma a maneira pela qual a mais simples atividade humana deve ser compreendida, gerando apreensão e angústia na esfera do trabalho".<sup>57</sup> Medo, receio e incertezas se misturam à sedução e ao encantamento com a nova realidade.

Assim sendo, a invasão do cotidiano pela técnica teve como consequências sentimentos diversos e, por vezes, contraditórios. Mas merecem destaque, segundo Siqueira (1997), o otimismo, a crença no progresso e o fascínio frente às transformações.

Apesar de a modernidade ter sido alcançada somente tempos depois da inauguração, o encantamento dos moradores da capital frente ao novo pode ser percebido pela ansiedade em demonstrar sua familiarização com as inovações. Eles utilizavam para isso a imprensa, através de notas que davam conta dos passeios pelas ferrovias e através das seções de telegrama que mostravam como o telégrafo facilitava a integração de Belo Horizonte com grandes e movimentados centros. "Mas, se essas apoteoses e demonstrações técnicas têm como fim provar que Minas e Belo Horizonte já ingressaram no novo século, elas apenas explicitam o quanto esse

---

<sup>56</sup> CANÇADO; CUNHA, 1997, p.203.

<sup>57</sup> SIQUEIRA, 1997, p.75.

processo se antecipou às suas reais condições sociais e materiais e quão grande é o descompasso entre a modernização aparente e a realidade experimentada".<sup>58</sup>

#### 1.4.2.2 Em busca de um ideal

A capital estava construída, mas a modernidade encontrou algumas barreiras naturais, como as que apontamos na subseção anterior. Apesar dessa situação, as elites mineiras se esforçavam para que o objetivo de tornar Belo Horizonte uma grande metrópole fosse atingido. Em meio a deficiências e precariedades, foi preciso se empenhar para mudar os padrões de comportamento e as práticas sociais.

Assim sendo, construiu-se um ideal de cidade onde o estilo de vida que se deveria adotar emergia do imaginário das elites. Nesse contexto, as referências constantes ao Rio e a Paris revelam o desejo de filiação ao cosmopolitismo dessas cidades. Buscava-se um padrão para imitar. Não havia tempo para recuar no sonho de fazer da nova capital o centro irradiador do progresso e da cultura mineira:

Se os mineiros pretendem fazer de Belo Horizonte uma pequena Paris, começam a fazer de si mesmos um arremedo dos parisienses. Nas roupas que usam, nas práticas sociais que adotam, na literatura que cultivam, enfim, em tudo o que fazem há uma intenção: demarcar seu espaço e garantir sua presença e participação na cidade "moderna" e "civilizada". (SIQUEIRA, 1997: 90-91)

O empenho em alcançar a civilização pode ser percebido através dos modos de vestir e de falar adotados. O vestuário *à la Belle Époque* e a maneira de falar eram formas de manifestação da modernidade na cidade. Nesse cenário, como aponta Siqueira (1997), a Rua da Bahia destaca-se. Nela, a sociedade encontra espaço para suas práticas "civilizadas" e "modernas". Era ali onde os moços *chic* se encontravam e onde havia vários tipos de comércio: bares, cafés, hotéis, restaurantes e o único teatro da cidade.

A Rua da Bahia era também o lugar onde se concentravam as principais atividades culturais. No entanto, segundo a autora, para frequentar o espaço, os belo-horizontinos deviam adotar um padrão de estilo e seguir regras sociais. É nesse momento que a busca por um modo de

---

<sup>58</sup> SIQUEIRA, 1997, p.75.

vida estrangeiro para imitar, sobretudo francês, teve como consequência a negação da cultura e dos valores propriamente mineiros:

Frequentar a Rua da Bahia, contudo, coloca certas exigências. Para desfrutar de seus divertimentos, é necessário adequar-se a eles. O jeito roceiro de falar, andar e vestir-se dos mineiros é barrado em nome das regras sociais legitimadas e tem de ser disfarçado. Valorizando práticas sociais correntes nas metrópoles européias e desejando estar e mostrar-se à sua altura, os habitantes da nova Capital copiam e adotam o que há de mais visível e externo em seus elementos. Entretanto, nos aspectos mais profundos e mais próprios da sociedade, Belo Horizonte permanece provinciana". (SIQUEIRA, 1997: 91).

O comportamento, o modo de vestir, de agir e de falar das elites foi modificado à medida que a necessidade de atingir os ideais de progresso e modernidade se impunha. Segundo os autores Cançado; Cunha (1997), o mais importante era parecer moderno, mesmo que, como vimos, essa modernidade se apresentasse apenas como possibilidade. "Belo Horizonte ainda não representava o progresso, mas seus habitantes tentavam expressá-lo em seu modo de vestir e de falar. O importante era parecer moderno; um progresso aparente compunha a cidade".<sup>59</sup>

Portanto, alguns estereótipos de pessoas e de comportamentos foram criados. Como nem todos podiam participar das mesmas práticas e dos mesmos ambientes, a segregação social foi reforçada. Em meio a essa atmosfera de deslumbramento e negação, a cidade tinha um forte apelo artificial. "A artificialidade e o culto ao novo, tão disseminados neste período, provocavam na população uma busca e imitação de hábitos de grandes centros como Rio e São Paulo, para não falar na Europa, cuja França era seu principal expoente".<sup>60</sup>

Couto (2004) cita o hábito das mulheres mineiras de vestirem-se com modelos inspirados na moda de Paris. Cançado; Cunha (1997) citam o sotaque carioca e o modo de falar afrancesado imitados pelos moradores da capital. "A elite belo-horizontina, ansiosa em desfrutar dos prazeres de um novo modo de vida adequado aos padrões europeus, buscava a todo custo se tornar a vitrine da nova civilização".<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> CANÇADO; CUNHA, 1997, p. 217.

<sup>60</sup> VILHENA, acesso 2013, p.91.

<sup>61</sup> COUTO, acesso 2013, p.90.

### 1.4.2.3 A modernidade chega à capital

O cenário cultural da nova capital começou a sofrer mudanças significativas à medida que adquiriu espaço fixo de divulgação dentro dos jornais, segundo Loyola (1997). Isso ocorreu muito tempo depois da inauguração, nas décadas de 10 e 20. Desde seus momentos iniciais, Belo Horizonte contava com publicações periódicas, mas as primeiras manifestações da imprensa quase não comentavam sobre cultura.

Na década de 1910, treze anos após a instituição da capital, Belo Horizonte começou a incorporar a utopia da modernidade, iniciando o processo com a modernização da economia que depois repercutiria em outros setores. Como coloca Loyola (1997), "na década de dez, a cidade incorpora definitivamente a utopia do moderno, buscando se transformar, de fato, em uma das maiores capitais do país. Alguns progressos são obtidos, entre os quais se destaca o desenvolvimento da atividade industrial na cidade".<sup>62</sup>

Mas é somente na década de 20, entretanto, que Belo Horizonte deu mostras da possibilidade de se tornar um pólo de cultura. "A composição da primeira geração literária da Capital e sua repercussão na imprensa contribuem para que a cidade comece a se estruturar como pólo de cultura. De fato, a cidade muda de ares durante a década de 20 tornando-se mais movimentada e alegre".<sup>63</sup>

Sosnowski (1997) confirma que "já na década de 20, o sonho da capital moderna parece se realizar. Vislumbra-se na cidade a imagem de um centro econômico, político e cultural. E nesta mesma época o cinema vai-se afirmando como o principal lazer da sociedade contemporânea, aperfeiçoando suas técnicas com a chegada do som".<sup>64</sup>

Siqueira (1997) acrescenta que apenas depois de três décadas de sua inauguração é que Belo Horizonte começa a consolidar-se como uma capital moderna: "(...) três décadas mais tarde, os sonhos e ideais que inspiravam os construtores da nova Capital, na aventura de erguer uma cidade moderna e formar uma sociedade perfeita, cedem lugar ao real e possível – e Belo Horizonte, assim, consolida-se".<sup>65</sup> O comércio, a indústria, os moradores e a vida cultural aos poucos tomam uma nova dimensão.

---

<sup>62</sup> LOYOLA, 1997, p.121.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p.124.

<sup>64</sup> SOSNOWSKI, 1997, p. 131.

<sup>65</sup> SIQUEIRA, 1997, p. 72.

## 2. SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRE: OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

A nota chic, verdadeiramente chic, porém, foi o importante baile que o Club Bello Horizonte deu hontem, onde se viam deslumbrantes toilettes. (VIOLETA, 04/04/1909: N.2)

"A língua é o que os falantes fazem dela" disse Fernão de Oliveira (1536), um dos primeiros gramáticos da língua portuguesa do século XVI. Essa afirmação elucida o fato de que a variação e a mudança às quais uma língua está sujeita são incontornáveis. A língua é assim considerada como "um sistema socialmente determinado, um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade que a utiliza".<sup>66</sup>

Os falantes utilizam a língua em adequação com o contexto social e interacional e de acordo com o momento histórico-político-cultural. Deste modo, a variação e a mudança são características inerentes a uma língua natural. Qualquer língua muda ao longo do tempo e do espaço de sua utilização e essas mudanças lentas, graduais e parciais são advindas de fatores intra e extralinguísticos. Dentre esses fatores, segundo Faria (2003)<sup>67</sup>, um dos que mais contribui para desencadear a mudança linguística é o contato entre línguas. O contato gera o empréstimo linguístico, fenômeno que caminha junto com a história da formação das línguas.

Os elementos emprestados, no entanto, são vistos comumente sob o viés da ilegitimidade e o seu uso é considerado desnecessário e abusivo. De acordo com os argumentos de pretensos defensores da língua portuguesa, como foi o caso do deputado Aldo Rebelo em 1999, a invasão de elementos recebidos por empréstimo ameaça e descaracteriza completamente a língua. Segundo o deputado, os falantes importam unidades estrangeiras ou porque não conhecem a língua portuguesa ou porque não a valorizam. O desconhecimento e descaso em relação à língua poderiam condená-la ao desaparecimento.<sup>68</sup>

Tais afirmações apontam para uma falta de conhecimento sobre a heterogeneidade e a dinamicidade inerentes à língua que, ao entrar em contato com outras línguas, inevitavelmente é

---

<sup>66</sup> PIOVESAN, 2007, p.66.

<sup>67</sup> FARIA, 2003, p.35.

<sup>68</sup> BRASIL. Congresso Nacional. Projeto de Lei Nº 1676 de 1999. Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências. In: FARACO, 2004, p.177.

influenciada e assimila novos elementos. A língua simplesmente muda. Enquanto ela "permanece viva, isto é, falada, realiza um sutil equilíbrio entre ganhos e perdas. Ela não é nem jovem nem velha, mas constantemente renovada".<sup>69</sup>

Os itens emprestados podem ocorrer em qualquer componente do conhecimento linguístico, mas é na esfera do léxico que eles se realizam em maior número. O léxico é o domínio da língua mais aberto a influências e possui uma forte característica de estar relacionado a uma realidade exterior, não linguística. Ele é um depósito riquíssimo de informações relativas aos "valores, às crenças, aos hábitos e aos costumes de uma comunidade, como também, às inovações tecnológicas, às transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas em uma sociedade".<sup>70</sup>

Neste capítulo, teceremos algumas considerações acerca da diversidade de influências externas que formam o léxico da língua portuguesa. Trabalharemos, sobretudo, com as unidades lexicais recebidas por empréstimo e suas características. Para isso, utilizaremos a classificação proposta por Carvalho (2009), na qual as formas emprestadas são classificadas segundo a origem, a fase de adoção, a forma de adoção, sua função, intenção ou necessidade de uso. Expor as características dos elementos emprestados, através da classificação proposta por Carvalho (2009), possibilitará esclarecer a pertinência do estudo dos estrangeirismos para este trabalho, que tem por objetivo o exame da dimensão da influência francesa em Belo Horizonte, no final do século XIX e início do século XX.

Esta pesquisa poderia ser realizada sob várias perspectivas e tendo em vista as diversas disciplinas das ciências humanas e sociais como a História, a Sociologia, a Antropologia, etc. Fazê-la, entretanto, através da análise de estrangeirismos franceses evidencia o foco linguístico que a caracteriza, o que não a impede de contribuir também com as demais áreas citadas.

## **2.1 A língua portuguesa *cosmopolita***

A língua portuguesa é constituída de vários elementos provindos de línguas com que esteve em contato, desde a sua formação até os dias atuais. Ela recebeu e recebe itens

---

<sup>69</sup> BAGNO, 2004, p. 67.

<sup>70</sup> OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9.

emprestados como resultado das relações políticas, culturais e comerciais com outros países e culturas. Ao analisarmos a língua, podemos perceber uma diversidade de elementos que não lhe pertenciam, mas que foram incorporados e tornados partes constituintes da mesma. Esses elementos emprestados se manifestam em diferentes níveis linguísticos, podendo ser observados na fonologia, na morfologia, na sintaxe e no léxico.

A presença de elementos emprestados, entretanto, é muito mais intensa no nível lexical do que em outros níveis linguísticos. Como consequência, grande parte dos trabalhos que visam a discutir as influências linguísticas vividas pela língua portuguesa se restringem a tratar dos itens lexicais. As influências e transformações pelas quais a língua passou desde sua formação até os tempos atuais são descritas, na maioria dos casos, em termos das unidades lexicais que foram tomadas por empréstimo.

O fato de o léxico ser o domínio linguístico mais aberto a influências e ser um sistema sempre em expansão, como já dissemos, explica a abundante presença de elementos estrangeiros. Não obstante, acrescentamos, com Carvalho (2009), a existência de influência externa em outros níveis linguísticos. Segundo a autora, o empréstimo de fonemas é raro e o de elementos mórficos também, mas na língua portuguesa encontram-se sufixos vindos de influência germânica, ibérica, celta e árabe, todos recebidos na fase de formação e alguns outros sufixos de origem francesa. Em relação aos elementos sintáticos, eles "surtem sempre em forma de calque e são mais observáveis na língua escrita".<sup>71</sup>

Ainda em relação à sintaxe, percebemos a influência da língua inglesa em estruturas frasais como *Tom's Bar*, muito comuns contemporaneamente e, também, em casos de passivização excessiva, como apresenta Silva (2007).<sup>72</sup> Outros indícios de influência do inglês na sintaxe do português contemporâneo apresentados pelo autor são a presença de preposições no final de frase e os casos de uso demasiado do gerúndio. Também no campo da sintaxe, a influência da língua francesa é observada em construções do tipo *O evento terá lugar dia 24 de outubro*.

Quando se trata de elementos vindos de outras línguas, entretanto, pouco se fala em elementos que não sejam lexicais. Encontramos poucos trabalhos que se dedicam a explorar as

---

<sup>71</sup> CARVALHO, 2009, p. 54.

<sup>72</sup> SILVA, 2007, p.17-18.

influências externas em outros níveis do sistema linguístico. Uma exceção é o trabalho de Carvalho (2009).

A presente pesquisa também se dedicará aos itens lexicais. Ao analisarmos a influência da língua francesa na língua portuguesa, utilizada em jornais de Belo Horizonte do final do século XIX e início do século XX, também ateremos nossa atenção às unidades lexicais tomadas por empréstimo. Assumimos que outras influências são possíveis e que esta pesquisa se limitará à análise de apenas uma: a influência lexical. A partir deste momento, sempre que nos referirmos a elementos tomados por empréstimo, estaremos nos referindo a unidades lexicais.

## 2.2 O léxico: um conjunto de palavras?

O léxico encontra-se definido e caracterizado de várias maneiras. Além da base teórica a que os autores se filiam, que pode ser gramatical ou cultural, o assunto a ser tratado nas pesquisas é determinante para a forma com que o léxico é considerado. Se a intenção do autor, por exemplo, é dissertar sobre o empréstimo linguístico, o léxico é visto como um conjunto de formas provenientes de outros idiomas. Entretanto, das distintas formas de se definir e caracterizar o léxico, a mais coincidente entre os autores consultados é a que considera o léxico como "o conjunto total de palavras de uma língua".

Enquanto conjunto total de palavras, o léxico pode ser conceituado como *acervo vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural*<sup>73</sup>, como *patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história*<sup>74</sup>, como *repertório de palavras das línguas naturais*<sup>75</sup> e como *tesouro vocabular de uma determinada língua*.<sup>76</sup> Para além de acervo vocabular ou repertório de palavras, ele também é definido como *uma forma de registrar o conhecimento do universo*<sup>77</sup> e como um sistema dinâmico que *apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão*.<sup>78</sup>

---

<sup>73</sup> OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p.9.

<sup>74</sup> BIDERMAN, 2001, p.14.

<sup>75</sup> ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p.11.

<sup>76</sup> BIDERMAN, 1981, p.138.

<sup>77</sup> BIDERMAN, *op.cit.*, p.13.

<sup>78</sup> BASILIO, 2004, p.9.

Se, mediante as definições possíveis, assumirmos que o léxico é um conjunto de palavras, algumas reflexões se fazem necessárias. Primeiramente, porque o conceito de "palavra" talvez seja o conceito linguístico mais controverso no âmbito da Linguística Teórica. Apesar de possuímos, enquanto falantes, uma intuição clara do que sejam as palavras e conseguirmos identificá-las facilmente, o seu estudo apresenta sérias dificuldades no que diz respeito a uma definição universal, válida para todas as ocorrências.

Biderman (1999) mostra que diversas correntes teóricas tentaram reformular radicalmente o conceito de "palavra", com pouco ou nenhum sucesso. Assim, assumimos junto com a autora, que "não é possível definir a palavra de um modo universal",<sup>79</sup> isto é, não é possível encontrar uma forma aplicável a toda e qualquer língua e nem mesmo é possível uma definição que se aplique às várias correntes teóricas que têm a palavra como objeto de estudo.

No capítulo *Dissecando a palavra*, Basílio (2004) propõe o seguinte questionamento: "É comum se definir o léxico como o conjunto de palavras de uma língua. E, de fato, o léxico de uma língua se constitui, sobretudo, de palavras. Mas, o que é palavra? Há vários ângulos por que se pode enfocar essa pergunta".<sup>80</sup> A partir dessa consideração, observa-se que o segundo tipo de reflexão que deve ser feito quando assumimos que o léxico é um conjunto de palavras, é que há diversos ângulos possíveis para a delimitação do conceito de "palavra". Podemos, por exemplo, considerá-lo a partir dos pontos de vista gráfico, fonológico, semântico, estrutural, etc. Basílio (2004) tenta mostrar os critérios possíveis para se conceituar a "palavra" e chega à conclusão de que nenhum deles é satisfatório.

Isquerdo; Krieger (2004)<sup>81</sup> confirmam a complexidade inerente ao conceito de palavra e afirmam que, desde a Antiguidade Clássica, diferentes abordagens teóricas, não raras vezes controversas, tentam elucidar e clarear esse conceito. Deste modo, como um conceito mais amplo de "palavra" que englobe todos os casos não é possível, assumimos, com Isquerdo e Alves (2007), o conceito "unidade lexical" como sinônimo de palavra, pois é o que se filia teoricamente aos estudos lexicológicos.

Se várias perspectivas de análise linguística referem-se ao estudo da palavra, os trabalhos do GT privilegiaram sempre a palavra como a unidade básica do léxico de uma língua. Desse modo, é a palavra, de maneira mais técnica referida como unidade lexical,

---

<sup>79</sup> BIDERMAN, 1999, p.82.

<sup>80</sup> BASILIO, 2004, p.13.

<sup>81</sup> ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 11-12.

e as diferentes formas de nomeação, que é o objeto específico de estudo de disciplinas como a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. (ISQUERDO; ALVES: 2007: 10)

Assim, assumimos para este trabalho, que o léxico da língua portuguesa é um conjunto de unidades lexicais. Dentre essas unidades, muitas provieram de outros sistemas linguísticos através de um processo conhecido como empréstimo linguístico.

### **2.3 *Nada é permanente, exceto a mudança*<sup>82</sup>: considerações sobre a dinâmica da renovação lexical**

O sistema lexical de uma língua está constantemente se inovando. Desta forma, ele evidencia sua dinamicidade e vitalidade e mostra que não é um conjunto fechado de unidades de designação. "Como estamos sempre (re)produzindo e (re)conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados."<sup>83</sup>

Através dessa incessante inovação, podemos observar que o sistema lexical de uma língua está em contínuo movimento. Esse movimento caracteriza-se pela criação de novas unidades dentro do próprio sistema e pela incorporação de unidades vindas de outros sistemas. Caracteriza-se igualmente pela mudança de sentido de algumas unidades, devido à atribuição de novos significados e pelo desuso de outras que se tornaram arcaicas, enfraquecidas pela diminuição do uso. Segundo Alves (1990), "o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades lexicais é criada pelos falantes de uma comunidade linguística".<sup>84</sup>

Tais processos, que têm como resultado novas unidades lexicais, novas acepções para unidades já existentes ou novas unidades vindas de outros sistemas, são chamados generalizadamente de neologia. As unidades surgidas a partir deles são chamadas de neologismos. Existem, contudo, controvérsias e diferenças na consideração e na nomenclatura dos processos. Segundo Cano (2007), "há tempos tem-nos inquietado a falta de critérios claros na

---

<sup>82</sup> Frase atribuída ao filósofo grego Heráclito.

<sup>83</sup> BASILIO, 2004, p.9.

<sup>84</sup> ALVES, 1990, p.5.

literatura para a caracterização do neologismo".<sup>85</sup> Entretanto, como para o nosso trabalho nos interessam apenas as novas unidades resultantes do empréstimo de outras línguas, nos limitaremos a tecer breves considerações sobre essas unidades e sobre como elas são abordadas e nomeadas na literatura da área.

Alves (1984), com base na definição de neologismo proposta por Boulanger (1979), apresenta os três tipos possíveis de neologia: a formal, que dá origem a uma nova unidade que pode ser criada através dos processos de derivação, composição, etc; a neologia semântica, em que os neologismos são criados pela atribuição de uma nova acepção a um segmento fonológico já existente; a neologia por empréstimo, em que os neologismos se configuram como elementos de outro código linguístico. Entretanto, em um trabalho de 1988, Alves decide considerar o neologismo por empréstimo como um neologismo formal: "Por ser uma forma nova incorporada à língua, o neologismo por empréstimo é considerado um neologismo formal".<sup>86</sup> Logo em seguida, acrescenta que esse neologismo pode ser também chamado de extrínseco, em oposição ao intrínseco, por não ser formado com elementos vernaculares.

Barbosa (2001) considera as unidades lexicais novas emprestadas de outro sistema linguístico e sociocultural como neologismos alogenéticos: "abordando a questão dos mecanismos intralingüísticos de novas palavras, diremos, com Guilbert (1975), que existem quatro tipos de processos geradores da neologia lexical: neologia fonológica, semântica, sintagmática e alogenética".<sup>87</sup>

Ferraz (2007)<sup>88</sup>, um outro especialista em neologia, denomina o processo pelo qual se obtêm novas unidades lexicais a partir de outros sistemas linguísticos, como neologia por empréstimo. Os neologismos resultantes desse processo são nomeados "empréstimos".

Nessa breve mostra de como o processo de importação de novas unidades lexicais e os resultados desse processo são considerados e nomeados, percebe-se que, assim como qualquer conceito teórico, eles estão sujeitos a variações. No entanto, independentemente de como são nomeados, resta-nos salientar a importância do seu estudo para o entendimento da comunidade que os utiliza e das transformações e mudanças pelas quais ela passa. A origem de novas unidades lexicais está estreitamente ligada às necessidades dessa comunidade.

---

<sup>85</sup> CANO, 2007, p.137.

<sup>86</sup> ALVES, 1988, p.1.

<sup>87</sup> BARBOSA, 2001, p.33.

<sup>88</sup> FERRAZ, 2007, p.54.

## 2.4 *Imigrantes e migrantes na língua portuguesa: os empréstimos segundo a origem*

As influências às quais uma língua está sujeita têm origem em outros sistemas linguísticos, mas podem acontecer também entre variedades e registros da mesma língua. Segundo Bloomfield (1961) apud Carvalho (2009), os elementos emprestados podem ser classificados, segundo sua origem, em íntimos, culturais e dialetais. O "empréstimo íntimo é proveniente da convivência de duas línguas no mesmo território".<sup>89</sup> No caso da língua portuguesa, considerando sua variedade brasileira, os empréstimos íntimos que mais a enriqueceram foram os indianismos e os africanismos. O "empréstimo externo ou cultural é o resultado dos contatos políticos, sociais, comerciais e até militares entre os povos".<sup>90</sup> O empréstimo externo é o tipo mais encontrável e, por isso, o mais estudado e o que mais desperta atenção tanto dos especialistas, quanto da mídia e do público em geral. E por fim, "o empréstimo dialetal realiza-se entre falares da mesma língua, ou seja, variantes regionais, sociais e jargões especializados".<sup>91</sup> Nesse caso, temos, como exemplo, a influência da variante popular sobre a norma culta e a passagem de termos da terminologia especial para a geral. Os três tipos de empréstimos são, na maioria dos casos, de natureza lexical e, por isso, responsáveis pela renovação vocabular.

Os trabalhos pesquisados que se dedicam ao fenômeno dos itens lexicais emprestados geralmente debruçam-se sobre os itens externos, dando-nos a impressão, às vezes, de que o conceito *empréstimo* é usado indiscriminadamente como sinônimo de empréstimo externo. O foco desses trabalhos recai, em geral, sobre a contemporaneidade e sobre a análise dos elementos emprestados de origem inglesa. São escassos os trabalhos que se dedicam a mostrar que o empréstimo entre variedades ou registros distintos da mesma língua é possível. Exceção a esses casos é o trabalho de Margarita Correia (2010), que se dedica exclusivamente ao que ela chama de "empréstimo interno", classificado, como vimos anteriormente, por Bloomfield (1961) como "empréstimo dialetal". Essa autora considera que existem dois tipos de elementos emprestados: os externos, "quando a língua de origem da unidade tomada de empréstimo é diferente da língua de acolhimento"<sup>92</sup>, e os internos, "quando a língua de partida e de chegada é a mesma".<sup>93</sup>

---

<sup>89</sup> CARVALHO, 2009, p.49.

<sup>90</sup> CARVALHO, *loc. cit.*

<sup>91</sup> CARVALHO, *loc. cit.*

<sup>92</sup> CORREIA, 2010, p.41.

Deste modo, nosso trabalho de pesquisa e análise se dedicará às unidades lexicais externas. Assim, daqui por diante, sempre que mencionarmos as unidades lexicais emprestadas estaremos nos referindo às que tiveram origem em outros sistemas lingüísticos.

Com o intuito de pesquisar a influência da França na vida social belo-horizontina, iremos buscar e analisar itens lexicais de origem francesa encontrados em jornais que circularam em Belo Horizonte no final do século XIX e início do século XX. Assim sendo, a partir de agora, procuraremos discutir um pouco mais sobre o elemento emprestado externo e seu aspecto sociocultural e também sobre as nuances políticas e ideológicas que subjazem a cada empréstimo.

#### **2.4.1 Os imigrantes**

Os elementos emprestados externos, como vimos, são frutos do contato entre línguas diferentes. Tentaremos, nesta subseção, discorrer sobre alguns aspectos dos contatos entre línguas e explicitar onde e como eles ocorrem.

Parafraseando Couto (2010), há contato entre línguas quando uma comunidade (ou parte dela) e sua respectiva língua se deslocam para o território de outra comunidade. Outro tipo possível de contato se dá quando duas comunidades e suas línguas se encontram em um terceiro território, que não é o de nenhuma delas. Um terceiro tipo se processa quando os deslocamentos são sazonais, ou seja, quando membros de uma comunidade vão ao território de outra língua, retornando ao próprio território logo em seguida. E um último tipo de contato é o contato à distância, às vezes chamado de ausência de contato. "O desenvolvimento dos meios de comunicação fez com que determinadas línguas sofressem influência de outra sem que tenha havido deslocamentos significativos de pessoas em uma direção e na outra. Em alguns casos, essa influência se daria mesmo sem esses deslocamentos".<sup>94</sup>

Dos quatro tipos possíveis de contatos entre línguas, interessa-nos particularmente o contato à distância, uma vez que nosso intuito é o de pesquisar a influência da língua francesa na língua portuguesa. Pensando que esse contato entre línguas ocorre, como já vimos, sem que haja

---

<sup>93</sup> CORREIA, 2010, p.41.

<sup>94</sup> COUTO, acesso 2013, p.108.

deslocamentos de pessoas, interessa-nos saber as condições que facilitam o contato e os fatores que explicam a hegemonia de uma língua como mais concessora de elementos do que a outra.

Quando refletimos sobre as condições que facilitam o contato entre línguas diferentes, pensamos no que nos disse Couto (2010), a respeito do desenvolvimento dos meios de comunicação. De fato, o desenvolvimento da mídia e o fenômeno da globalização, iniciada no século XX e acelerada no XXI, tornaram o contato entre línguas mais intenso e frequente, possibilitando a troca de influências. O contato entre línguas também é favorecido pelo fato de que cada período histórico tem sua língua franca, entendendo língua franca como "uma língua internacional que serviu (e serve) como instrumento auxiliar de comunicação entre pessoas de lugares e culturas (e línguas) diferentes".<sup>95</sup>

Tendo o contato entre línguas sido facilitado pelos meios de comunicação e pela existência de uma língua de contato internacional, pensamos nos fatores que explicam a hegemonia de uma língua como língua franca, exercendo maior influência e concedendo mais elementos por empréstimos do que outra.

A maioria dos trabalhos consultados que versam sobre o fenômeno linguístico do empréstimo tenta relacionar razões extralinguísticas que expliquem a presença de elementos emprestados. De tudo que lemos, podemos perceber que as unidades lexicais emprestadas são consequências tanto do predomínio cultural de um país ou de uma região durante certa época, quanto do seu poder político e econômico que gera um grande desenvolvimento científico e tecnológico. Impossível, entretanto, é dizer até que ponto aspectos culturais, políticos e econômicos agem sozinhos ou estão completamente imbricados. A hegemonia de uma língua como língua franca e língua mais concessora de elementos emprestados é reflexo do poderio cultural, político e econômico de uma nação. A influência e intervenção política, econômica e cultural se traduz em interferência linguística.

Deste modo, parecem-nos claras três razões para a presença de elementos emprestados. Eles são utilizados "no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados na língua estrangeira transferem-se para outra cultura".<sup>96</sup> Elementos estrangeiros também são adotados para nomear novidades culturais, políticas, econômicas como forma de associá-las à ideia de prestígio e de modernidade, e como forma de identificação com o estilo de vida de outra cultura. "O

---

<sup>95</sup> BAGNO, 2004, p.79.

<sup>96</sup> CARVALHO, 2009, p.55.

prestígio é, na verdade, um fator muito citado pelos autores que discutem as causas dos empréstimos".<sup>97</sup> O recurso de associar elementos estrangeiros a ideia de prestígio é muito utilizado pela publicidade para qualificar e exaltar os produtos que anuncia. É também muito utilizado pelas elites que buscam diferenciação social, uma vez que esses elementos são indicativos de refinamento e sofisticação. "Evidencia-se um comportamento coletivo que permite às diversas áreas sociais e econômicas a exploração desse desejo como forma de imposição de determinados produtos, como é o caso da moda".<sup>98</sup> Por fim, elementos estrangeiros também são usados para trazer a um texto cor local ou uma característica própria do país ou região dos quais se fala. Segundo Alves (1988), esses elementos seriam "os nomes próprios estrangeiros, de pessoas, cidades, países ou rios".<sup>99</sup> Com o mesmo intuito de trazer cor local para o texto, elementos emprestados são usados para exprimir uma realidade que não tem correspondência na língua de origem. "Também são estrangeirismos as unidades lexicais estrangeiras que exprimem realidades sem correspondência na língua do emissor ou propositalmente integradas à mensagem com o intuito de imprimir ao texto a cor local do lugar de que se fala".<sup>100</sup>

Assim sendo, seja qual for a razão para a presença de elementos estrangeiros, podemos interpretá-la como uma consequência de mudanças ocorridas na vida em geral que se traduzem em interferências e mudanças linguísticas. Os elementos linguísticos estrangeiros que uma língua adota são retrato dos elementos culturais diversos, que também importou. "Os empréstimos não se constituem em fatos meramente lingüísticos, refletem também e por outro lado, influência cultural e/ou política e/ou econômica".<sup>101</sup> Portanto, vemos a complexidade sociocultural e linguística do uso de unidades lexicais estrangeiras. As unidades, sendo reflexos de processos culturais, políticos e econômicos amplos e complexos, mostram que essa assimilação não é apenas linguística.

---

<sup>97</sup> ALVES, 1988, p.5.

<sup>98</sup> GOIS, acesso 2013, p.5.

<sup>99</sup> ALVES, *op. cit.*, p.3.

<sup>100</sup> ALVES, *loc. cit.*

<sup>101</sup> CARDOSO, 1991, p.156.

## 2.5 *Um estrangeiro em terra estranha*<sup>102</sup>: empréstimos segundo a fase de adoção

Um item lexical estrangeiro quando tomado por empréstimo pelos falantes de uma língua é utilizado em um contexto específico e segundo uma necessidade determinada. Após o momento inicial, seu destino nessa língua é variável e obedece a diferentes fatores. Ele pode nunca mais ser usado, ser usado por algum tempo ou ter uma alta frequência de uso e garantir sua permanência na língua que o acolheu. Ele pode continuar com suas características de origem ou adaptar-se completamente aos padrões linguísticos do outro sistema. Assim, o item lexical passa por várias fases e, de acordo com cada fase, ele recebe uma nomenclatura específica e é percebido de diferentes maneiras na língua receptora.

A primeira grande distinção que se faz entre os itens lexicais leva em conta sua aceitabilidade, o grau de assimilação pelo grupo e sua integração às estruturas da língua receptora. Assim, se eles são bem aceitos, serão assimilados pelo grupo e se integrarão às estruturas da língua que os acolheu e receberão o nome de *empréstimo*. Situações análogas a essas são características próprias do *estrangeirismo*. No entanto, entre essas duas fases existem outras tantas que podem ser consideradas.

Antes de Guilbert (1975), alguns outros linguistas tinham tentado conceituar os itens lexicais estrangeiros de acordo com suas fases<sup>103</sup>, mas esse trabalho pioneiro sobre itens lexicais emprestados é o mais utilizado como base teórica e serviu como pressuposto para muitas pesquisas. A nomenclatura utilizada por Guilbert é a mais explorada pelos linguistas brasileiros especialistas no tema “empréstimo linguístico”. Vejamos como os linguistas brasileiros consideram cada fase pela qual passa um elemento estrangeiro e como ele é denominado.

Carvalho (1984) define como *peregrinismo* o item lexical em seu momento inicial na língua de acolhida, quando ele ainda é sentido como um elemento estranho. Já *empréstimo* denominaria o elemento estrangeiro no seu processo de integração pelo uso corrente entre os falantes. Por sua vez, *xenismo* denomina o item importado que, mesmo sendo muito usado, permanece na grafia original. Já em seu trabalho de 2009, Carvalho abdica do conceito de *peregrinismo* e assume que os elementos estrangeiros podem ser classificados, segundo a fase de adoção, em *estrangeirismo*, *empréstimo* e *xenismo*. Para ela, o *estrangeirismo* seria, então, o item

---

<sup>102</sup> Êxodo 2: 22. O tema do estrangeiro é recorrente no Antigo Testamento, pois Israel conheceu repetidamente o exílio e a dispersão no meio de povos estrangeiros, isto é, a situação da diáspora.

<sup>103</sup> Consultar: ALVES. *Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira*, 1988.

lexical em seu momento inicial na língua de acolhida, sem nenhuma adaptação ao sistema que o acolheu e, por isso, sentido como um elemento totalmente estranho.

Alves (1984; 1988; 1995) se baseia na nomenclatura de Guilbert (1975) para classificar as fases do elemento estrangeiro na língua de acolhida. Ela não lida com o conceito de *xenismo* e tem uma perspectiva diferente para a ideia de *peregrinismo*. Para ela os termos estrangeiros empregados em uma língua podem constituir *estrangeirismos* ou *empréstimos*, sendo que o primeiro exprime uma realidade sem correspondência na língua receptora, sentido como estranho ao sistema, e o segundo constitui-se como elemento já difundido e incorporado ao acervo lexical do idioma, ainda que conserve a ortografia da língua que procede. *Peregrinismo* seria para Alves, "a fase neológica do termo estrangeiro que situa-se entre o estrangeirismo e o empréstimo e corresponde à sua instalação no sistema da língua".<sup>104</sup>

Alves (1988; 1990) considera que o emprego frequente de um item lexical estrangeiro constitui um critério para que a forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical, ou seja, um empréstimo. Carvalho (2009), entretanto, afirma que, se o elemento estrangeiro permanece escrito na sua forma de origem, mesmo sendo frequentemente utilizado, sempre será sentido como externo ao idioma: "um termo estrangeiro perde esta condição quando não é mais percebido como tal. Se ele permanece escrito na sua forma de origem, será sempre sentido como elemento estranho ao sistema linguístico, quanto à sua forma escrita, o seu "visual".<sup>105</sup>

Rodrigues (1992) compartilha com Carvalho (2009) os conceitos de *empréstimo* e *estrangeirismo*. Ela também aceita a possibilidade de um elemento estrangeiro entrar em uma língua e não sofrer qualquer adaptação. Porém, ela não admite o *xenismo*. Segundo ela, "consideramos apenas que o estrangeirismo tem duas fases: a primeira quando ainda não se inseriu na língua, fazendo parte somente da fala; a segunda, quando, já inserido em uma língua, sofre adaptações e passa a *empréstimo* ou não sofre qualquer adaptação e permanece *estrangeirismo*".<sup>106</sup> Para Rodrigues (1992), assim como para Alves (1988; 1990), não há razão para se falar em *xenismo*, pois, mesmo que o item lexical mantenha sua grafia estrangeira, ele geralmente passa por adaptações de certos fonemas, configurando-se, assim, como um *empréstimo*.

---

<sup>104</sup> ALVES, 1984, p.120.

<sup>105</sup> CARVALHO, 2009, p.57.

<sup>106</sup> RODRIGUES, 1992, p.102.

Ainda mais inovadora é a posição assumida por Correia (2010), que não admite sequer os *estrangeirismos*. Segundo ela "não existem na língua estrangeirismos *stricto sensu*, mas apenas empréstimos (adaptados): toda a unidade que ocorre em um sistema linguístico que não o seu de origem é, imediata e necessariamente, alvo de todo um conjunto de adaptações ao sistema que a acolhe".<sup>107</sup> A autora acha uma pretensão considerar que o item lexical estrangeiro se mantenha inalterado na língua de acolhimento. O item lexical, assim quando é empregado em uma outra língua, está sujeito a adaptações em todos os níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

A posição de Correia (2010) nos parece muito coerente. Isso porque uma das primeiras adaptações pela qual um item lexical estrangeiro passa na língua de acolhida é a adaptação fonológica. Segundo Oliveira (2001)<sup>108</sup>, essa adaptação ocorre devido à dificuldade que os falantes possuem de realizar o fonema estrangeiro, sobretudo quando o fonema não faz parte do sistema fonológico da sua língua. Assim sendo, a diferença entre os sistemas fonológicos induz o falante a substituir o fonema estrangeiro por um mais próximo da sua língua, mesmo quando ele tem a intenção de realizar a pronúncia de acordo com a língua de origem. "Como regra geral, os falantes se esforçam para reproduzir com exatidão a pronúncia estrangeira, se eles a escutam e se ela não lhes parece muito rebarbativa, mas os resultados são sempre imperfeitos. Os fonemas familiares da língua materna tendem espontaneamente a substituir os sons não habituais e desagradáveis (...)"<sup>109 110</sup>

A adaptação devido a diferenças entre os sistemas fonológicos, entretanto, não é uma regra geral e não ocorre em todos os casos. Oliveira (2001) afirma que o caso da adaptação fonológica é um caso de variação. O conhecimento do falante da língua fonte e o primeiro contato (auditivo ou visual) com o item lexical são fatores que influenciam na adaptação fonológica. Segundo a autora, se o item entra pela forma oral, a adaptação de fonemas diferentes se fará pelos fonemas os mais próximos possíveis da forma estrangeira, no sistema fonológico da língua de acolhida. No caso da entrada ortográfica, o falante vai produzir o item estrangeiro

---

<sup>107</sup> CORREIA, 2010, p.42.

<sup>108</sup> OLIVEIRA, 2011, p.17.

<sup>109</sup> Tradução nossa. "En règle générale, les emprunteurs s'efforcent de reproduire avec exactitude la prononciation étrangère, s'ils l'ont entendue et si elle ne leur semble pas trop rébarbative, mais les résultats sont souvent imparfaits. Les phonèmes familiers de la langue maternelle tendent spontanément à se substituer à des sons inhabituels et rebutants. [...]"

<sup>110</sup> DEROY. *L'emprunt linguistique*, 1956 apud OLIVEIRA. *Emprunts et adaptations: portugais (Brésil et Portugal) et français*, 2011, p.120.

respeitando a relação grafema/fonema de sua língua nativa, exceto se ele tem um conhecimento da língua da qual se tomou emprestado o item.

Alves (1988) e Bagno (2004) mostram consciência dessa provável adaptação fonológica ao considerarem que, "ao ser empregado num outro sistema linguístico, o termo estrangeiro tende a adaptar-se ao sistema fonológico desse idioma"<sup>111</sup> e que a "pronúncia dessas palavras estrangeiras se faz de acordo com as características fonético-fonológicas da língua de acolhida ou seja, elas são tratadas foneticamente *como se não fossem estrangeiras*".<sup>112</sup>

Percebe-se, com essas considerações, que as tentativas de se realizar uma tipologia dos empréstimos segundo sua fase de adoção nem sempre levam em consideração todas as possibilidades de adaptações dos elementos estrangeiros e que os argumentos utilizados para defender cada posição muitas vezes não se sustentam. Há muitas dificuldades e contradições na determinação do que se configuraria como um *empréstimo*, um *estrangeirismo* ou um *xenismo* pois nem sempre é claro o *status* do elemento estrangeiro.

Para alguns trabalhos, a distinção *empréstimo* e *estrangeirismo* é válida e necessária para demonstrar os elementos já bem adaptados e os que ainda não passaram por todos os processos de adaptação. Essa distinção se torna importante quando a intenção é analisar o comportamento dos itens lexicais na língua. Mas toda generalização deve ser evitada e não se deve valorizar tanto a adaptação ortográfica, pois outras devem ser consideradas.

Para o presente trabalho, consideraremos *empréstimos* os itens lexicais de origem francesa que sofreram todos os tipos possíveis de adaptação à língua portuguesa da época e eram sentidos como parte do seu acervo lexical, ou seja, já figuravam em dicionários. Esses não nos interessam para a análise. Por outro lado, designaremos como *estrangeirismos* os itens lexicais que possivelmente sofreram algumas adaptações ao sistema da língua, mas que permaneceram em sua ortografia de origem. Desses, nos interessam apenas os que ainda não integravam o acervo lexical da língua. Esse critério nos assegura que tais unidades lexicais estavam em seu momento inicial na língua portuguesa, o que se configura como um reflexo direto da influência francesa no momento.

---

<sup>111</sup> ALVES, 1988, p.11.

<sup>112</sup> BAGNO, 2004, p.75.

## 2.6 Filhos legítimos e adotivos: os empréstimos segundo a forma de adoção

Depois do seu momento inicial na língua, o item lexical estrangeiro pode nunca mais ser usado, ser usado por algum tempo ou ter uma alta frequência de uso. Nesse último caso, ele pode permanecer na língua que o acolheu. Zilles (2004) nos lembra que "são os falantes que decidem se os termos permanecem com feição (próxima à) original, ou se desaparecem; e se permanecem, em que medida mantêm, ou não, as propriedades das formas originais".<sup>113</sup>

Alves (1984; 1988) nos apresenta algumas estratégias para identificar se o elemento lexical estrangeiro está se integrando à língua que o acolheu. Ela mostra que Guilbert (1975) "adota três critérios, por meio dos quais essa unidade lexical é considerada em fase de integração em uma língua: morfossintático, semântico e fonológico".<sup>114</sup>

Segundo o critério morfossintático, um item lexical estrangeiro está se integrando à língua receptora, a partir do momento em que ele constitui a base de uma derivação ou de uma composição de acordo com a morfossintaxe da língua. Segundo o critério semântico, um item lexical mostra seu processo de instalação na língua receptora, quando ele adquire novos significados, pois geralmente traz consigo apenas um de sua língua de origem. O último critério estabelece que um elemento lexical começa a fazer parte da língua que o acolheu quando ele se integra fonologicamente. Já discutimos esse critério anteriormente e vimos que são raras as possibilidades de um elemento externo à língua não passar, desde o início, por uma adaptação dos fonemas. Assim, percebe-se que, desde o seu momento inicial ele já estaria se integrando. O que temos que acrescentar agora é que muitas vezes a adaptação fonológica se revela por uma adaptação ortográfica, ou seja, o elemento passa por um apertuguesamento.

Um último critério a ser considerado é o critério de frequência de uso, através do qual o elemento lexical mostra que está se integrando à língua quando ele é muito usado. Posto isto, alguns elementos podem permanecer com as características de sua língua de origem e ainda assim serem considerados como partes integrantes da língua. Alves (1984) afirma que "nem sempre a expressão estrangeira empregada na língua portuguesa adapta-se à sua ortografia e fonologia. Em alguns casos, a forma original permanece".<sup>115</sup> Assim sendo, é a frequência de uso que determina sua aceitabilidade na língua. Depois de consagrado pelo uso, ele entra para o

---

<sup>113</sup> ZILLES, 2004, p.157.

<sup>114</sup> ALVES, 1984, p.120.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p.125.

dicionário. "O dicionário constitui o critério final, segundo o qual a comunidade linguística considera o neologismo integrado ao léxico da língua".<sup>116</sup>

Carvalho (2009) utiliza outra nomenclatura para tratar dos mesmos processos. Segundo a autora, existem três possibilidades de um elemento lexical estrangeiro se integrar à língua receptora. Através do decalque (calque), da adaptação (fonética, morfológica e ortográfica) e através da incorporação (elemento na forma original, apenas com conseqüente adaptação fonética). Ela acrescenta como novidade o fato de um elemento lexical estrangeiro também poder se integrar na língua através do decalque (ou calque). Nesse caso, temos a versão literal do elemento estrangeiro, ou seja, a reprodução de uma estrutura estrangeira com elementos da língua. O falante geralmente não percebe a sua origem estrangeira, pois o calque somente introduz um novo significado.

Uma última diferença entre as considerações de Alves (1984) e de Carvalho (2009) em relação à integração dos elementos lexicais estrangeiros é que a segunda autora não considera o elemento que se integra à língua através do processo de incorporação (elemento na forma original, apenas com conseqüente adaptação fonética) como parte da língua. Como vimos anteriormente, ela o denomina *xenismo* e não o considera como verdadeiro empréstimo da língua. Por se manter na forma original, ele será sempre sentido como estranho ao sistema linguístico.

## **2.7 Precisão ou desejo: os empréstimos segundo sua função, intenção ou necessidade de uso**

Nelly Carvalho (2009) utiliza a função, a intenção ou a necessidade de uso como um critério para classificar os elementos emprestados. Segundo ela, um item lexical estrangeiro tomado por empréstimo pode ser denotativo, ou seja, "tem função referencial e introduz um objeto ou conceito novo em sua cultura, de acordo com a cultura exportadora"<sup>117</sup> e pode ser conotativo, aquele que "tem função expressiva, sendo um recurso estilístico usado como imposição de expressividade".<sup>118</sup>

Como se pode perceber, a principal diferença entre eles é a função que cada um possui. Segundo a autora, o item emprestado com função referencial é o mais frequente, é imposto pela

---

<sup>116</sup> ALVES, 1988, p.13.

<sup>117</sup> CARVALHO, 2009, p.66.

<sup>118</sup> CARVALHO, *loc. cit.*

interpenetração e dominação cultural e introduz um objeto ou conceito novo em sua cultura de acordo com uma cultura dominante. Do outro lado, o elemento emprestado com função expressiva é um recurso estilístico usado como imposição de expressividade ou como busca de cor local por alguns falantes. Segundo a autora, o uso do conotativo "projeta admiração por um modo de vida que o(s) falante(s) toma(m) como modelo. Por isso, pode refletir uma influência sobre uma sociedade ou um indivíduo".<sup>119</sup> Ele depende da moda do momento, pois é resultante de uma influência cultural.

Apesar de parecer clara a postura de Nelly Carvalho em relação aos elementos estrangeiros com função denotativa e conotativa, a diferenciação que ela estabelece entre eles parece-nos um pouco frágil. Primeiramente, porque esses fatores separados por ela estão imbricados e uma cultura dominante ou da moda pode fornecer tanto elementos denotativos quanto conotativos. Também nos parece fluída a diferença que ela estabelece entre interpenetração e dominação cultural de um lado e influência cultural do outro.

O que veremos na subseção seguinte é como alguns autores vão classificar os elementos emprestados em termos de necessidade ou desnecessidade de uso e em termos de identificação, por parte dos falantes, com a cultura que os cedeu.

### **2.7.1 Para que julgá-los?**

Na subseção 2.4.1, tínhamos elencado as razões que explicam a presença de elementos lexicais estrangeiros em uma língua. Veremos, na presente subseção, que a razão pela qual tais elementos são tomados por empréstimo determina a maneira como eles são julgados pelos estudiosos e puristas.

Anteriormente, tínhamos dito que acreditávamos em três razões para a presença de itens lexicais emprestados. Vamos relembrar aqui o que dissemos na ocasião e acrescentar considerações a respeito de como esses itens são classificados, de acordo com a nomenclatura de Carvalho (2009), em relação à função e à intenção de uso, e como eles são julgados, de acordo com os critérios de necessidade ou falta de necessidade, utilizados pela maioria dos autores consultados.

---

<sup>119</sup> CARVALHO, 2009, p.67.

Uma possível razão para a presença de elementos lexicais emprestados se configura quando produtos e conceitos nomeados em outra língua são tomados como empréstimo e trazem consigo sua nomenclatura. Esses elementos têm função referencial e são considerados, geralmente, como necessários, pois trazem conceitos novos, antes inexistentes.

Uma segunda razão que explica a presença de elementos lexicais estrangeiros é o fato de eles serem usados para nomear novidades culturais, políticas, econômicas como forma de associá-las à ideia de prestígio. Nesse caso, o seu uso é considerado uma forma de identificação com o estilo de vida da cultura que cedeu o elemento. Nessas circunstâncias, o elemento emprestado serve a uma função expressiva e, às vezes, designa objetos já denominados na língua que o acolheu. Portanto, são considerados, na maioria dos casos, como desnecessários.

Uma terceira razão para a presença de elementos lexicais estrangeiros se justifica quando eles são utilizados para trazer ao texto cor local ou uma característica própria da cultura ou da região às quais o texto está se referindo. Seriam conotativos, pois possuem função expressiva, mas são considerados necessários, pois exprimem realidades sem correspondência na língua que os acolheu e, por isso, sem nenhuma possibilidade de substituição por um termo vernáculo.

Como se pode perceber, geralmente, os elementos com função referencial são considerados necessários e os outros, com função expressiva, desnecessários. Aprofundando essa questão, percebe-se que o julgamento de valor incide sobre o uso de elementos lexicais estrangeiros que teriam correspondentes na língua que o acolheu, no nosso caso, na língua portuguesa. Todos os elementos que são usados quando supostamente teriam correspondentes em português são vistos com maus olhos por parte de alguns autores consultados e pela maioria dos puristas.

Zanon (2004) é uma das autoras que consideram os elementos com função expressiva, principalmente aqueles que são usados como uma busca de distinção social, como desnecessários. Os elementos que, segundo a autora, conotavam um certo esnobismo social e serviam para caracterizar e reforçar a distinção da elite carioca, respondiam a uma "mínima necessidade".

O inventário das unidades lexicais de origem francesa, contextualizadas nas crônicas da *Fon-Fon!* revela (...) uma grande incidência de "emprunts par pur snobisme" – estrangeirismos que são entendidos como os que respondem à mínima necessidade e, em português, além do apelo esnobe, corroboram a tentativa de aproximação de uma civilização moderna e próspera e de identificação com ela. (ZANON, 2004: 117)

Alguns elementos lexicais estrangeiros utilizados para nomear novidades culturais, políticas e econômicas como forma de associá-las a ideia de prestígio e alguns utilizados como uma forma de identificação com o estilo de vida da cultura que cedeu o elemento, no entanto, recebem alguns defensores. É o caso, principalmente, dos elementos lexicais que são utilizados na publicidade. Vejamos o que Machado (2006) diz a respeito: "Além do uso da denotação – que é indispensável ao ato de nomear –, também a conotação é essencial a esta tarefa da publicidade moderna, uma vez que, no caso dos imóveis anunciados no *corpus*, é necessário torná-los mais atraentes ao leitor destes anúncios".<sup>120</sup>

Garcez ; Zilles (2004) elencam argumentos em favor do uso de anglicismos pela mídia em geral. Os argumentos nos esclarecem o quanto o uso de itens lexicais estrangeiros vai além de uma questão de necessidade ou falta de necessidade: "O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais por ela mediados".<sup>121</sup>

Nossa opinião a respeito do uso de itens lexicais estrangeiros vai ao encontro da opinião expressa por Fiorin (2004). Segundo o autor, do ponto de vista do uso, não há equivalência perfeita entre itens lexicais estrangeiros e vernáculos.

As palavras emprestadas não têm exatamente o mesmo valor que as palavras portuguesas do ponto de vista do uso. (...) É preciso considerar que, se, do ponto de vista do sistema, certas formas estrangeiras têm correspondentes exatos no português, do ponto de vista do uso, a língua não tem formas vernáculos ou emprestadas que sejam correspondentes perfeitos. Assim, o uso de determinadas expressões estrangeiras conota "modernidade", "requinte", etc., conotações que as correspondentes vernáculos não possuem. (FIORIN, 2004: 119-120)

Assim como o autor coloca, as ideias de elegância, de refinamento, de requinte, de modernidade, de aventura, de juventude, são conotações buscadas com o emprego de elementos estrangeiros que nem sempre são encontradas em elementos vernáculos.

Os casos em que itens lexicais estrangeiros são utilizados como forma de identificação com uma cultura estrangeira são vistos, na maioria das vezes, como um uso exagerado e abusivo.

---

<sup>120</sup> MACHADO, 2006, p.105-106.

<sup>121</sup> GARCEZ; ZILLES, 2004, p.22.

Defendemos, neste trabalho, que a língua serve justamente para atender às necessidades dos falantes e são eles que decidem o que é necessário ou não.

Para terminar nossa exposição, acrescentamos a opinião de Alves (1988), em que ela afirma que qualquer que seja a razão da presença de elementos estrangeiros, eles representam um enriquecimento: "qualquer que seja a causa do empréstimo, denotativa ou conotativa, concordamos com a afirmação expressa por Rey-Debove: "Pode-se considerar que o empréstimo em relação à neologia é um enriquecimento da língua".<sup>122</sup>

## **2.8 O francês nosso de cada dia: os galicismos na língua portuguesa**

Atualmente, a língua que mais fortemente influencia a língua portuguesa, em sua vertente brasileira, e a que mais concede itens lexicais emprestados é o inglês norte-americano. No entanto, em um passado não tão distante, a língua francesa também exerceu uma forte influência. Alguns autores, inclusive, afirmam que o francês foi a língua que mais fortemente influenciou o português.

O intuito desta seção é mostrar que grande parte da literatura consultada para a pesquisa destaca o papel grandioso e importante dos galicismos na língua portuguesa. Encontramos também trabalhos que se dedicam exclusivamente ao tema. Outra intenção da seção é mostrar que a influência de origem francesa foi extremamente forte e perdurou por muitos anos. "A língua românica que mais influenciou o léxico português foi o francês, que, em diferentes momentos, transferiu para o português termos ligados à guerra (...), à cultura filosófica e literária (...) e à tecnologia (...)".<sup>123</sup>

Assim como temos assumido até agora, grande parte das mudanças ocorridas na língua são consequências de mudanças ocorridas fora do sistema linguístico. Destarte, ao perpassarmos os olhos sobre a história do Brasil, veremos que sua relação com a França, no que diz respeito a trocas culturais, é muito intensa. É possível mesmo traçar, no eixo do tempo, um caminho longo de influências e trocas culturais. Analisando algumas teorias que tratam dessa relação, é possível mesmo dizer que "(...) a França é o país que mais fortemente influenciou o Brasil. Sua marca se

---

<sup>122</sup> ALVES, 1988, p.8.

<sup>123</sup> ILARI; BASSO, 2006, p.137.

fez sentir nas artes, na cultura, na filosofia, no pensamento republicano e até mesmo na política e no comportamento".<sup>124</sup>

A influência da França e da língua francesa é atestada desde tempos remotos, desde a própria formação do português. A influência "remonta à época de formação do galaico-português. O período da chamada lírica trovadoresca da literatura portuguesa foi amplamente influenciado pelo Provençal".<sup>125</sup> Entretanto, a marca mais forte de tal influência começa a partir do século XVIII até o início do século XX.

A partir do século XVIII, intensificando-se no século XIX e atingindo as primeiras décadas do século XX, o mundo ocidental (e dentro dele o Brasil) tinha a França como modelo de civilização, língua e literatura. Essa forte penetração francesa deixou vestígios no vocabulário da moda (*godê, evasê, chique, tailleur, elegante*), da vida social (*carne, menu, bistrô, restaurante*), da literatura (*mal do século, jogos de espírito*), das artes em geral (*art déco, silhueta, dublê, lilás, matinê*). (CARVALHO, 2009: 67-68).

Mostraremos e evidenciaremos a forte influência francesa sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa, através das pesquisas dos linguistas que consultamos para a realização deste trabalho.

### **2.8.1 Os galicismos na língua portuguesa do século XVIII**

O começo da grande influência da cultura e da língua francesa sobre a sociedade brasileira e o português parece ter acontecido no século XVIII, de acordo com os autores consultados. Segundo Vilela (1982) "por testemunhos da época sabemos que a sociedade elegante do século XVIII e da primeira metade do século XIX se afrancesou, no vestuário, nos costumes, na literatura e na linguagem. No que se referem à linguagem, temos testemunhos muito claros do uso e abuso dos francesismos".<sup>126</sup>

Alves et al. (2004) também dão testemunho da influência francesa dessa época:

A partir do século XVIII, bastante frequentes foram as unidades lexicais de origem francesa, como resultado da influência que a França passou a exercer sobre os costumes

---

<sup>124</sup> Revista História Viva – Edição Especial Temática nº 9, 2006, capa.

<sup>125</sup> COUTO, 2010, p.108.

<sup>126</sup> VILELA, 1982, p.52.

dos brasileiros, particularmente no Rio de Janeiro. Essa relevante influência francesa suscita, como consequência, uma atitude denominada *purista*. (ALVES et al. 2004: 116)

A atitude purista a que Alves et al. (2004) se referem é uma prova de que a influência foi tão forte a ponto de chamar a atenção dos defensores da língua. A reação contra a influência da língua francesa no século XVIII entra para a história da língua portuguesa de forma muito especial, pois é a partir desse momento que todas as tentativas futuras de regulamento da língua receberão o nome de *purista*. É Mário Vilela (1982) quem nos mostra essa reação:

A expressão "norma purista" nada acrescenta à palavra "norma", somente a situa numa determinada época: no século XVIII. Isto é, a ideia dominante, nesta época e em relação à língua, era a de preservar o "antigo e bom uso", a de atender ao "gênio da língua", a de libertar a língua do "refugado francesismo", a de defender a "natural formosura da nossa linguagem". Comumente designa-se a norma vigente ou ideada no século XVIII e na primeira metade do século XIX como "norma purista" e os seus propugnadores como "puristas". (VILELA, 1982: 49).

Pelo que se percebe, no século XVIII, a influência da cultura e da língua francesa foi muito forte. Vejamos a seguir o que os linguistas acrescentam sobre a mesma situação no século seguinte.

### **2.8.2 Os galicismos na língua portuguesa do século XIX**

Encontramos alguns trabalhos que citam e contextualizam a influência de origem francesa com consequentes mudanças na língua portuguesa do século XIX. Carvalho (2009), por exemplo, escreve que "no Brasil do século XIX a sociedade se movia ao ritmo discreto e digno das modas de Paris. Informes sobre moda feminina, cardápios, postais e poesias filtravam a realidade brasileira por lentes importadas da França".<sup>127</sup>

O maior relato dessa influência francesa no século XIX, entretanto, não nos vem de um linguista estudioso do fenômeno do empréstimo linguístico, mas nos vem de um grande autor da literatura brasileira desse século. Aluísio Azevedo (1880) relata em uma crônica que a França era para Portugal e para o Brasil um grande modelo em todas as áreas devido ao seu enorme prestígio. "Nem só o movimento científico, como também o artístico, como o industrial, como o

---

<sup>127</sup> CARVALHO, 2009, p.67-68.

comercial, como enfim o movimento da moda, do *chic*, dos costumes e dos vícios. E aí está a razão porque a França, nem só sobre nós, porém sobre o resto do mundo, exerce um império inquestionável".<sup>128</sup> Assim, segundo ele, sob tamanha influência, a presença de galicismos seria inevitável:

Como não havemos de ter galicismos? Como não havemos de adotar a França como senhora, se é ela quem nos dá os costumes, as lições, a nomenclatura científica, a literatura moderna, o realismo, o teatro, a arte, a política, o cancã e o deboche? Se é ela quem nos ensina a observar o que se passa em torno de nós, quem nos explica o que nós somos, o que são os fenômenos naturais que na história de Portugal se acham explicados pelo milagre. Se ela quem nos diz como devemos andar na rua, viver em casa – comer, beber, dormir e até multiplicar-nos; se é ela quem nos prescreve a moda, quem faz o caráter e os vestidos de nossa mulher e filhas, quem talha os pensamentos e as fardas de nossos ministros de Estado, de nossos conselheiros, se é ela quem destrói as nossas crises políticas e as nossas dispepsias?! Se é ela quem nos dá os tratados de economia política e o xarope La Rose?! (AZEVEDO, 1880: 98)

Como dissemos anteriormente, uma forte influência de uma língua sobre outra, geralmente levanta atitudes reacionárias. Nesse momento, o Dr. Frederico José Correia escreve o *Novo Glossário das Palavras e Frases Viciosas introduzidas no português e de outras que a necessidade reclama* ao qual Aluísio Azevedo responde com uma ferrenha crônica da qual extraímos a citação anterior. Aluísio (1880) acrescenta: “Venham embora o Sr. Dr. Frederico com o seu Glossário, e mais todos os clássicos e puristas com um tratado de bom português debaixo do braço, mas não conseguirão que o Brasil se não ressinta da corrente elétrica de idéias que jorra da França, como um jato de luz, sobre o resto do mundo”.<sup>129</sup>

Se a influência da cultura e da língua francesa sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa pareceu, até agora, extremamente forte, iremos descobrir que, apesar de sua força nos séculos XVIII e XIX, o seu ápice ainda não tinha acontecido. Esse ápice de influências francesas aconteceu somente no século XX. É desse século que trataremos na próxima subseção.

---

<sup>128</sup> AZEVEDO, 1880, p.98.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p.87.

### 2.8.3 Os galicismos na língua portuguesa do século XX

No século XX, principalmente em seus primeiros anos, a influência da cultura e da língua francesa parece ter sido imbatível. Grande parte dos trabalhos que consultamos cita esse período. A influência foi tão forte nessa época que o período ficou conhecido como *Belle Époque*.

A *Belle Époque* é um momento na História cultural do Brasil compreendido entre 1898 e 1914, em que a influência de origem francesa sobre a vida, os hábitos e a língua dos brasileiros, sobretudo da elite, atingiu o seu auge. "A França sempre exerceu um grande fascínio no Brasil, mas nunca, como na *Belle Époque*, ela deixou tantos vestígios de sua influência".<sup>130</sup>

Para observar a influência de origem francesa nesse século, como já dissemos, temos várias referências. Inclusive a presente pesquisa se debruçará sobre o referido período. Citamos como exemplo, o trabalho de Zanon (2005), em que a autora apresenta vários aspectos da influência francesa:

A imitação do comportamento, a transferência dos valores e adoção de um vocabulário que reflete o bom gosto, a cultura e a civilidade da sociedade francesa é, portanto, a confirmação da função espetacular que tinha a França frente às personalidades influentes, cultas e elegantes da sociedade de língua portuguesa, tanto em Portugal, como no Brasil. (ZANON, 2005: 36)

A *Belle Époque*, como era de se esperar, presenciou o surgimento de vários trabalhos com a intenção de proteger a língua portuguesa desse grande influxo de unidades lexicais francesas. De acordo com Fiorin (2004), "No início do século XX, houve (...) uma corrente purista, que estava preocupada com os galicismos, pois o francês era a língua que mais fornecia empréstimos. Havia listas de formas vernáculas para substituir os galicismos, as escolas ensinavam-nas a todos os alunos".<sup>131</sup> Zanon (2005) também fala dessa reação purista. "Vários puristas apontaram os barbarismos invasores e impróprios, além de proporem criações em língua vernácula para nomear novos referentes apresentados pelos empréstimos com a finalidade de substituí-los".<sup>132</sup> Zanon nos traz o exemplo de sete trabalhos que se dedicam a essa atitude reacionária, entre os anos de 1909-1956.

---

<sup>130</sup> ZANON, 2005, p.28.

<sup>131</sup> FIORIN, 2004, p.120-121.

<sup>132</sup> ZANON, *op. cit.*, p.35.

Como a influência da cultura e língua francesa era muito forte e, de certa forma, estava relacionada com a questão da identificação e do esnobismo social, muitos dos galicismos eram vistos como desnecessários. Alguns deles, frutos do modismo, foram usados por algum tempo e depois desapareceram. Grande parte, entretanto, faz parte do dia-a-dia contemporâneo da língua portuguesa sem que sua origem estrangeira seja notada.

Hoje em dia a maioria das unidades lexicais emprestadas para a língua portuguesa, como dissemos anteriormente, vem da língua inglesa. É a influência dos Estados Unidos nas áreas da tecnologia, das ciências, dos esportes, do cinema, da beleza que se reflete nas trocas linguísticas. Mas sem que a forte influência francesa pudesse ser esquecida, a partir do próximo capítulo, mostraremos como conduziremos nossa análise dos itens lexicais franceses.

### **3. COMMENT FAIRE?**

Com o fito de investigar a presença e o alcance da influência francesa em Belo Horizonte, iremos buscar e analisar estrangeirismos franceses presentes em jornais que circularam nesta cidade no final do século XIX e início do século XX. Neste capítulo, tentaremos explicar como a pesquisa será realizada.

Primeiramente, faremos conhecer a razão pela qual a cidade de Belo Horizonte foi escolhida como palco de investigação e a razão da determinação do período entre as datas: 1895-1914. Mais adiante, discorreremos sobre a importância da imprensa nos momentos iniciais da nova capital e no movimento de fixação da população belo-horizontina.

Posteriormente, explicaremos o motivo pelo qual o período inicial compreendido entre 1895-1914 foi segregado em fases. As fases buscam representar o começo, o meio e o fim desse espaço de tempo, uma vez que o *corpus* possui um grande número de publicações periódicas. Pretendemos também esclarecer o processo de seleção dos jornais dentro das três fases. Por fim, mostraremos quais aspectos serão abordados na análise dos estrangeirismos franceses e como ela se processará.

Baseados na análise que será realizada e amparados por trabalhos que tratam da construção de Belo Horizonte e dos simbolismos envolvidos nesse processo, pretendemos discorrer sobre a presença e o alcance da influência francesa no projeto da nova capital. Esperamos contribuir efetivamente com as reflexões e com os trabalhos que visam a revisitar, a refletir, a analisar e a construir uma história da formação de Belo Horizonte e de suas primeiras décadas de existência.

#### **3.1 Belo Horizonte: a cidade desejada**

Como vimos na subseção 2.9.1, o começo da grande influência da língua francesa sobre o português parece ter acontecido no século XVIII. No entanto, os primeiros contatos entre as culturas francesa e brasileira são datados do século XVI. Nos séculos posteriores, a relação de descoberta e de influência entre os dois países só fez aumentar e enriqueceu a ambos. No século XX, com suas exposições universais, a França aviva sua condição de modelo internacional

devido a sua reputação ligada ao cientificismo e ao progresso. Além de suas novidades tecnológicas e revoluções científicas, esse país também se torna referência por sua intensa e rica produção cultural. O Brasil, por sua vez, proclama a República em 1889 e em 1902 consegue estabilidade econômica e organização política para erguer um novo país. Assim sendo, o início desse século é o momento em que a influência francesa no Brasil atinge ampla repercussão: a França se apresentava como um modelo de modernização e progresso e o Brasil buscava intensamente modernizar-se e progredir.

Dentre as cidades brasileiras, o Rio de Janeiro, ex-capital da Colônia, do Império Brasileiro e depois da República, é a cidade que vivenciou mais intensamente a influência francesa. Esse fato fez com que grande parte do acervo cultural do país para ali se destinasse e se desenvolvesse sob o modelo francês. Os vestígios da intensa influência francesa podem ser observados, até hoje, através da paisagem urbana e do patrimônio cultural. O Teatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes e a Biblioteca Nacional, por exemplo, são construções inspiradas em prédios parisienses. Por sua vez, São Paulo também tem na sua arquitetura urbana mostras dessa influência como, por exemplo, o Mercado Municipal, a Pinacoteca do Estado, o Liceu de Artes e Ofícios e o Palácio Campos Elíseos. No entanto, o marco de referência em São Paulo é a criação da USP, onde vários intelectuais franceses desempenharam um papel pioneiro no ensino e na pesquisa em ciências humanas.

Outras cidades e estados brasileiros também são citados quando se trata da influência francesa e da *Belle Époque* dita tropical. Em Pernambuco e na Bahia, antes mesmo do que em São Paulo, essa influência já estava amadurecida. Belém e Manaus também viveram sua *Belle Époque*, grande época de luxo e requinte proporcionada pelo Ciclo da Borracha entre os anos de 1890 e 1920. No período, elas eram consideradas as cidades brasileiras mais desenvolvidas e mais prósperas do mundo. Pelotas, assim como os grandes centros urbanos da época, também buscava "europeizar-se", atribuindo grande importância ao comportamento educado, às boas maneiras, aos hábitos e aos costumes europeus, principalmente franceses. Assim, tendo em vista que a cidade de Belo Horizonte foi criada para ser uma metrópole, cujo projeto almejava inscrevê-la no mundo moderno, a proposta do trabalho é investigar como se deu a influência francesa na nova capital de Minas Gerais.

Belo Horizonte, como já vimos, fora planejada com o propósito de romper com um passado retrógrado que impedia o crescimento e progresso do Estado e iniciar um novo tempo de

modernização e desenvolvimento. Nos dias atuais, a manifestação dessa busca pela modernização pode ser percebida pela herança francesa na arquitetura da cidade. "A Praça da Liberdade, com seu modelo de jardim francês em perspectiva, é um dos grandes destaques. (...) Há ainda o Parque Municipal, o Edifício do Automóvel Clube e o Museu de Artes e Ofícios, que fica na Praça da Estação".<sup>133</sup> Interessa-nos, entretanto, voltar os olhos para o passado de Belo Horizonte e conhecer um pouco mais do momento em que foi fundada a nova capital do Estado de Minas Gerais.

### **3.2 A imprensa belo-horizontina**

A importância da imprensa nos momentos iniciais da nova capital e no movimento de fixação da população belo-horizontina merece ser destacada. Mediante as múltiplas imagens que, segundo Castro (1995), formaram-se de Belo Horizonte como a cidade projetada, a nova capital do Estado de Minas Gerais, a cidade moderna e progressista, a grande possibilidade de emprego e de novas perspectivas, surgiu a necessidade de criação de uma identidade para os diferentes grupos que se configuravam na cidade. Foi preciso criar, igualmente, um meio de manifestação de seus diferentes desejos, visões e interesses e um meio de promoção da sua visibilidade. Destarte, o meio impresso desempenhou, para esses propósitos, uma função muito importante. Ele significava tanto uma maneira de agregar as pessoas dispersas no conjunto urbano, como também uma forma de apresentação de um grupo ou categoria social ao contexto mais amplo da cidade.<sup>134</sup>

Ainda em seus primeiros anos de existência, Belo Horizonte conheceu um número muito grande de jornais. O número extensivo de folhas periódicas, que atendiam aos mais diversos objetivos, explica-se, como vimos, pela função assumida pelo jornal de possibilitar visibilidade e apregoar as diferentes perspectivas dos grupos sociais belo-horizontinos. Segundo Castro (1995)<sup>135</sup>, apesar da precariedade e pouco tempo de vida da maioria dos jornais, sua importância para aquele contexto era inestimável:

---

<sup>133</sup> TERZIAN, 2009.

<sup>134</sup> CASTRO, 1995, p.24.

<sup>135</sup> CASTRO, *loc. cit.*

Eles não seriam apenas fonte de idéias e de imagens, mas uma maneira peculiar de criar laços sociais, agregar interesses, disseminar visões de mundo, possibilitar reconhecimento, construir diferenças e configurar identidades. Daí a multiplicidade de formas, temas, tipos, destinação e objetivos que aparecem nas publicações [...] enfim, uma multiplicidade de formas e de temáticas, a construir imagens distintas da cidade e de seu cotidiano. (CASTRO, 1995:24-25)

A variedade de "formas, temas, tipos, destinação e objetivos" presente nas publicações do período possui valor extraordinário, uma vez que possibilita-nos acesso às diferentes perspectivas presentes naquele espaço-tempo. Assim, os processos de mudança na vida social e as alterações causadas na língua tiveram na imprensa um grande difusor. Iremos considerar a imprensa, neste trabalho, como fonte documental, mas também, como agente histórico que interveio nos processos e nos episódios da vida social daquela comunidade.

### 3.3 A coleção Linhares

A coleção Linhares se configura como uma coletânea realizada pelo colecionador Joaquim Nabuco Linhares. Durante sua vida em Belo Horizonte, Linhares colecionou e catalogou cerca de oitocentas e trinta e nove publicações periódicas (jornais, revistas, boletins, planfets) que circularam em Belo Horizonte entre 1895 e 1954. A coleção pertence hoje ao Acervo de Coleções Especiais da Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais e já se encontra parcialmente digitalizada e disponível no *site*: <http://linhares.eci.ufmg.br/>. As publicações disponíveis virtualmente possuem os títulos começando pelas letras a, b, c, d, e, f, g ou h. As outras ainda não foram digitalizadas.

Além de colecionar um grande número de publicações periódicas, Linhares também elaborou uma resenha para cada uma delas, com anotações sobre suas características, sua periodicidade, sua tiragem, seu formato, sua duração, etc<sup>136</sup>. O Departamento de Comunicação Social da UFMG, por sua vez, sistematizou as informações do Catálogo Joaquim Linhares e produziu um roteiro para sua apreciação. Tal trabalho resultou em uma obra intitulada *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*, uma publicação que reúne o catálogo das

---

<sup>136</sup> SANTOS, 1995, p.7.

publicações colecionadas por Linhares, além de suas resenhas e de um estudo crítico produzido por pesquisadores do referido departamento.

As informações e descrições presentes no *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954* constituíram-se de extrema importância para a realização deste trabalho. O cuidado e a dedicação na catalogação de suas características tornaram facilitada a tarefa de seleção e escolha dos jornais segundo nossa perspectiva de análise. Sem essas informações talvez fosse impossível reconstituir toda a riqueza e vitalidade das publicações periódicas dos primeiros anos da nova capital de Minas Gerais.

### 3.4 Os jornais escolhidos

No período que nos interessa, compreendido entre os anos 1895 a 1914<sup>137</sup>, circularam em Belo Horizonte cerca de duzentas publicações periódicas. Mediante esse grande número, a primeira seleção foi realizada levando-se em consideração a praticidade na execução do trabalho: foram escolhidas, primeiramente, as que já se encontravam digitalizadas e disponibilizadas virtualmente, ou seja, aproximadamente oitenta e sete.

O passo seguinte se deu na direção de conhecer as publicações e distinguir suas principais características, seus objetivos e os domínios aos quais elas pertenciam. Apesar de a coleção possuir tipos diferentes de publicações periódicas, pudemos constatar que os jornais são a grande maioria.

Uma leitura minuciosa do catálogo da coleção nos possibilitou perceber que as oitenta e sete publicações podiam ser divididas entre domínios específicos como política, publicidade, literatura, notícias e interesses de classe. Havia também publicações consideradas de grande importância e repercussão. Nesse último domínio estão as que, segundo Linhares, prestaram relevante serviço a Belo Horizonte em seus momentos iniciais e as que obtiveram grande aceitação e repercussão nos vários grupos sociais.

---

<sup>137</sup> Acatamos e agradecemos a sugestão do membro da banca de qualificação deste trabalho, Professor William Menezes, de que a *Belle Époque* brasileira teria tido uma repercussão maior e possivelmente teria adentrado mais no início do século XX, indo para além do ano de 1914, uma vez que o Brasil não sofreu com o início da Primeira Guerra Mundial. No entanto, o trabalho de ampliar nossa perspectiva de análise será uma preocupação de trabalhos futuros. Por ora, ficaremos com o período determinado, de 1895 até 1914.

Em uma primeira abordagem, selecionamos três jornais de cada domínio. Considerávamos que os diferentes domínios seriam fornecedores de estrangeirismos franceses com características próprias. No entanto, esse primeiro critério de seleção não se atentava aos espaços de tempo, por isso, sozinho, se mostrou insuficiente.

Após a coleta de estrangeirismos nesses quinze primeiros jornais, percebemos que não tínhamos um critério de análise, nem um de comparação. A utilização de apenas um critério de escolha para um número tão grande de jornais foi insuficiente para uma análise comparativa. Assim sendo, concluímos que a divisão em fases seria um segundo critério útil e sistemático para a escolha dos jornais a serem investigados.

### **3.5 As fases**

A escolha dos jornais a serem investigados ficou assim estruturada:

1) O primeiro critério de escolha se baseou na praticidade oferecida pela coleção Linhares disponível virtualmente. Dos duzentos títulos iniciais, passamos a lidar com cerca de oitenta e sete jornais, um número bem menor que o inicial, mas ainda muito grande.

2) O período inicial de investigação, de 1895 a 1914, foi dividido em três fases: primeira, segunda e terceira que correspondem ao início, meio e fim do período. A divisão foi realizada para sistematizar nossa investigação e possibilitar mais segurança nas considerações tecidas. Ela também nos permite a comparação entre a quantidade e as características dos estrangeirismos franceses em jornais do mesmo domínio, mas pertencentes a momentos diferentes, além de permitir o acompanhamento do comportamento linguístico dos estrangeirismos através do tempo. Assim sendo, o período de dezenove anos, compreendido entre 1895 e 1914, ficou assim fragmentado:

1. Primeira fase: 1895-1899
2. Segunda fase: 1903-1907
3. Terceira fase: 1910-1914

3) No interior de cada fase, que compreende o total de cinco anos, procuramos selecionar um jornal pertencente a cada um dos domínios anteriormente mencionados. A intenção era ter seis jornais: um que se dedicasse à política, outro à publicidade, à literatura, às notícias, aos

interesses de classe e um de grande importância/repercussão. No entanto, já na primeira fase, não encontramos nenhum jornal destinado somente à publicidade. Assim sendo, desconsideramos esse domínio e passamos a lidar com cinco jornais para cada fase analisada.

Nas subseções seguintes, conheceremos as peculiaridades de cada fase, os jornais que as compõem e o número de estrangeirismos franceses que foram encontrados em cada jornal e em cada fase.

### **3.5.1 Primeira fase: 1895-1899**

A primeira fase, por nós estabelecida, compreende os anos 1895, 1896, 1897, 1898 e 1899. Nesse período, circularam em Belo Horizonte quatorze jornais dos quais apenas cinco se encontram digitalizados e disponíveis no *site* da coleção Linhares, resultando um total de dezenove exemplares.

Esse número pequeno se deve ao fato da coleção não possuir todos os exemplares que circularam. Tal constatação nos adverte que, o que produziremos a respeito dos estrangeirismos franceses presentes em cada fase e em cada jornal será apenas uma pequena mostra do que realmente foi a influência francesa naquele contexto. Para termos ideia dessa limitação, dos trezentos e cinco exemplares que, segundo o catálogo de Joaquim Linhares, foram produzidos pelo jornal *Bello Horizonte*, um dos jornais da primeira fase, apenas seis estão presentes na coleção.

A seguir, apresentamos a tabela que elaboramos no intuito de facilitar o acesso às informações de cada jornal da primeira fase. A grande parte das informações que integram a tabela foi retirada da obra *Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*.

| <b>Título</b>   | <b>Domínios</b>                            | <b>Período de circulação</b>  | <b>Total de exemplares</b> | <b>Exemplares disponíveis</b> | <b>Exemplares analisados</b> | <b>Número de estrangeirismos franceses</b> |
|-----------------|--|---|----------------------------|-------------------------------|------------------------------|--|
| Bello Horizonte | notícias                                   | 07/09/1895 a<br>31/03/1899  | 305                        | 6                             | 6                            | 100  |
| A Capital       | jornal de grande importância / repercussão | 28/01/1896 a<br>04/08/1898  | 129                        | 5                             | 5                            | 43   |
| Aurora          | literatura                                 | 15/11/1896 a<br>01/08/1897  | 18                         | 2                             | 2                            | 3  |
| Academia        | interesses de classe                       | 13/05/1897 a<br>16/10/1897 (Ouro Preto)<br>13/05/1898 a<br>14/07/1898 (Bello Horizonte) | 13                         | 4                             | 4                            | 7  |
| Diario de Minas | política                                   | 15/11/1898 (prospecto) -<br>01/01/1899 a 1932   | não informado              | 2                             | 2                            | 24   |
| Total           | -  | -   | -                          | 19                            | 19                           | 177  |

Tabela 1: Jornais selecionados – 1895-1899

O número reduzido de exemplares na primeira fase e a ausência de jornais destinados à publicidade limitaram a seleção dos jornais nas fases posteriores. Deste modo, como nossa intenção era manter um padrão de seleção igual para todas as fases, ou seja, o mesmo número de jornais, o mesmo número de exemplares e os mesmos domínios, a seleção nas fases posteriores seguiu as particularidades da primeira, a saber: cinco jornais, dezenove exemplares e cinco domínios.

A situação de poucos exemplares e a falta de um tipo de jornal na primeira fase se configurou, inicialmente, como uma limitação. Diferentemente da primeira fase, as outras duas conheceram um número muito maior de jornais e têm disponível, na coleção, um número superior de exemplares. Deste modo, alguns jornais que escolhemos para análise tinham disponível um número grande de exemplares, mas devido a essa limitação inicial não pudemos aproveitar sua totalidade.

Como se pode perceber pela tabela, os dezenove exemplares disponíveis na coleção foram analisados. Da análise inicial, obtivemos um total de cento e setenta e sete ocorrências de estrangeirismos franceses. Fazendo uma média (número de ocorrências dividido por número de exemplares), percebemos que o jornal que mais forneceu estrangeirismos foi o *Bello Horizonte*, com uma média de 17 ocorrências por exemplar, seguido pelo Diário de Minas (12,5 por exemplar), A Capital (8,6 por exemplar), Academia (1,75 por exemplar) e Aurora (1,5 por exemplar).

Posteriormente à soma dos elementos estrangeiros encontrados, procedemos a um cruzamento de dados na intenção de observar quais deles se repetiram em mais de um jornal. Sua utilização em jornais e contextos diferentes nos propicia a segurança de afirmar que tais elementos eram, de fato, utilizados e não se constituíam apenas como uma questão de estilo do jornal ou do autor. Do total de cento e setenta e sete ocorrências, temos quinze que se repetem, a saber: *abat-jour; bleu; bonnet; bureau-ministre; cognac; étagère; falières; jupe; madame; mademoiselle; mignon; poule; restaurant; rose; salon; toilette*.

Somente os que foram encontrados em mais de um jornal serão analisados.

### **3.5.2 Segunda fase: 1903-1907**

Na segunda fase, como já dissemos, tentamos manter um padrão de seleção igual ao da primeira. Assim sendo, mesmo em meio a um número bem maior de jornais e exemplares disponíveis, selecionamos igualmente cinco jornais e dezenove exemplares.

A título de informação, no período entre 1903 e 1907 circularam em Belo Horizonte aproximadamente sessenta e seis jornais dos quais aproximadamente trinta já se encontram digitalizados. Desse total de trinta jornais foram selecionados cinco, levando-se em consideração os fatores mencionados anteriormente.

Como nessa fase o número de jornais disponíveis era bem superior, outros fatores tiveram que ser levados em consideração no momento da escolha. Desta forma, foram escolhidos aqueles que possuíam um número pequeno de exemplares disponíveis. O jornal *A Folha Pequena* constituiu uma exceção a essa opção, devido à sua importância. Ele possuía um número grande de exemplares e, no entanto, foi selecionado por ter tido uma grande importância para a imprensa

de Belo Horizonte. Segundo Linhares, "*Folha Pequena*, pequena no tamanho, mas grande em suas realizações, foi um dos melhores jornais publicados em Belo Horizonte".<sup>138</sup>

A seguir, apresentamos a tabela com as informações concernentes a cada jornal da segunda fase:

| <b>Título</b>    | <b>Domínios</b>                            | <b>Período de circulação</b>                         | <b>Total de exemplares</b> | <b>Exemplares disponíveis</b> | <b>Exemplares analisados</b> | <b>Número de estrangeirismos franceses</b> |
|------------------|--|--|----------------------------|-------------------------------|------------------------------|--|
| Folha Pequena    | jornal de grande importância / repercussão | 01/01/1904 – n.prospecto<br>12/01/1904 a 01/10/1905  | 503                        | 29                            | 3                            | 23   |
| Belo Horizonte 2 | literatura e notícias                      | 28/11/1905 a 28/01/1906                              | 10                         | 10                            | 4                            | 38   |
| A Flammula       | literatura                                 | 16/05/1907 a 10/07/1907                              | 4                          | 4                             | 4                            | 3  |
| O Confederal     | interesses de classe                       | 02/05/1907 – n. prospecto<br>01/06/1907 a 07/08/1907 | 4 (+ o prospecto)          | 5                             | 5                            | 10   |
| Gazeta 2         | política                                   | 01/08/1907 a 08/07/1908                              | 30                         | 8                             | 3                            | 40   |
| Total            | -  | -  | -                          | 56                            | 19                           | 114  |

Tabela 2: Jornais selecionados – 1903-1907

Observa-se, pela tabela, que do montante total de jornais e exemplares disponíveis, apenas os jornais *Flammula* e *O Confederal* tiveram todos os seus exemplares disponíveis analisados. Por outro lado, os jornais *Folha Pequena* e *A Gazeta* também tiveram todos os seus exemplares analisados em uma primeira abordagem, entretanto, por motivos já explicados outrora, selecionamos somente os três primeiros de cada um para comporem a análise final.

Da análise dos cinco jornais e dezenove exemplares, obtivemos um total de cento e quatorze ocorrências de estrangeirismos franceses, um número bem inferior ao total conseguido na primeira fase (cento e setenta e sete). Percebemos que o jornal que mais forneceu

<sup>138</sup> LINHARES, 1995, p.93.

estrangeirismos foi *A Gazeta*, com uma média de treze ocorrências por exemplar, seguido pelo Bello Horizonte (9,5 por exemplar), Folha pequena (7,6 por exemplar), O Confederal (2 por exemplar) e A Flammula (0,95 por exemplar).

Estabelecendo uma comparação com a primeira fase onde os jornais de grande repercussão e importância e os pertencentes ao domínio das notícias foram os que mais concederam estrangeirismos franceses, temos uma pequena mudança: na segunda fase, o jornal mais concesso de estrangeirismos foi *A Gazeta* que pertence ao domínio da política. Esse fato muito nos surpreendeu, ficando o jornal destinado às notícias com o segundo lugar. As outras posições, terceira, quarta e quinta, permaneceram idênticas nas duas fases.

Posteriormente à soma de todos os estrangeirismos franceses encontrados nos jornais da segunda fase, procedemos, assim como fizemos na primeira fase, a um cruzamento de dados na intenção de observar quais estrangeirismos franceses se repetiriam em mais de um jornal. Do total de cento e quatorze ocorrências, temos oito que se repetem, a saber: *atelier; chic; coupé; gare; grève; paletot; pince-nez; toilette*. Dos oito estrangeirismos franceses o único também presente na primeira fase é *toilette*.

### **3.5.3 Terceira fase: 1910-1914**

Na terceira fase, circularam em Belo Horizonte sessenta e oito jornais dos quais vinte e oito encontram-se digitalizados e disponíveis virtualmente.

Por razões já esclarecidas anteriormente, desse total de vinte e oito jornais apenas cinco serão analisados. Assim como na segunda fase, também aqui o número de jornais disponíveis é considerável.

Logo a seguir, apresentamos a tabela com as informações concernentes a cada jornal da terceira fase:

| <b>Título</b>   | <b>Domínios</b>                            | <b>Período de circulação</b>   | <b>Total de exemplares</b>  | <b>Exemplares disponíveis</b> | <b>Exemplares analisados</b> | <b>Número de estrangeirismos franceses</b> |
|-----------------|--|--|-----------------------------|-------------------------------|------------------------------|--|
| A Cidade        | notícias                                   | 16/12/1909 a 07/09/1910  | 23                          | 12                            | 7                            | 2  |
| O Astro         | política                                   | 27/01/1910 a 21/03/1910<br>24/10/1910 a ?  | + - 6                       | 3                             | 3                            | 9  |
| Estado de Minas | jornal de grande repercussão / importância | 15/11/1911 a 25/04/1912<br>01/05/1912 a 30/12/1912<br>23/05/1913 a 23/10/1913<br>24/10/1913 a 29/01/1915 | 117<br>203<br>não informado | 26<br>(em 1911)               | 3                            | 60   |
| Animus          | literatura                                 | 07/09/1912 a 02/11/1912  | 7                           | 3                             | 3                            | 60   |
| Folha Acadêmica | interesse de classes                       | 28/04/1914 a não informado   | não informado               | 3                             | 3                            | 28   |
| Total           | -  | -  | -                           | 47                            | 19                           | 159  |

Tabela 3: Jornais selecionados – 1910-1914

Através da leitura da tabela, pode-se perceber que dos cinco jornais selecionados, três deles puderam ter todos os seus exemplares disponíveis analisados, são eles: *O Astro*, *Animus* e *Folha Acadêmica*.

Da análise dos dezenove exemplares, obtivemos um total de cento e cinquenta e nove ocorrências de estrangeirismos franceses, um número maior do que a segunda fase (cento e quatorze), mas ainda inferior ao total conseguido na primeira (cento e setenta e sete).

A terceira fase nos mostrou um empate entre um jornal do domínio da literatura *Animus* e um jornal de grande importância/repercussão *Estado de Minas* como os mais concessores de estrangeirismos, ambos com uma média de vinte ocorrências por exemplar. Assim temos, em ordem decrescente, os jornais que forneceram mais e menos estrangeirismos franceses: *Animus* (20 por exemplar) = *Estado de Minas* (20 por exemplar) > *Folha Acadêmica* (9,3 por exemplar) > *O Astro* (3 por exemplar) > *A Cidade* (0,2 por exemplar).

Posteriormente à soma de todos os estrangeirismos franceses encontrados procedemos, assim como fizemos nas duas primeiras, a um cruzamento de dados na intenção de observar os

que se repetiram em mais de um jornal. Do total de cento e cinquenta e nove ocorrências, obtivemos onze que se repetem, a saber: *art nouveau; atelier; chic; corbeille; coupon; élite; gare; mademoiselle; métier; restaurant; terrasse*. A terceira fase teve em comum com a primeira os seguintes estrangeirismos: *mademoiselle e restaurant* e com a segunda os itens *atelier, chic e gare*. Nenhum estrangeirismo francês se repetiu em todas as fases.

### 3.5.4 Todas as fases e todos os jornais: um resumo dos resultados obtidos

Depois de ter procedido às investigações a respeito das peculiaridades de cada fase, dos jornais que as compõem e do número de estrangeirismos franceses encontrados, apresentamos, a seguir, uma tabela contendo o resumo dos resultados obtidos:

| Fases    | Total de ocorrências | Número de estrangeirismos franceses que serão analisados | Estrangeirismos franceses que serão analisados  |
|----------|----------------------|--|---|
| Primeira | 177                  | 15   | <i>abat-jour; bleu; bonnet; bureau-ministre; cognac; étagère; falières; jupe; madame; mademoiselle; mignon; poule; restaurant; rose; salon; toilette.</i> |
| Segunda  | 114                  | 9  | <i>atelier; chic; coupé; divan; gare; grève; paletot; pince-nez; toilette.</i>  |
| Terceira | 159                  | 11   | <i>art nouveau; atelier; chic; corbeille; coupon; élite; gare; mademoiselle; métier; restaurant; terrasse.</i>  |

Tabela 4 - Resumo dos resultados obtidos em todas as fases

Como desde o início nós pretendíamos valorizar os diferentes tipos de domínios como possíveis fornecedores de diferentes estrangeirismos franceses, esse aspecto também foi observado.

Em relação aos domínios dos jornais que mais concederam estrangeirismos, podemos constatar que houve uma grande divergência entre o resultado obtido na última fase, com os que foram obtidos nas primeiras. Se estabelecermos uma comparação entre as fases, verificaremos:

Primeira fase: notícias > política > grande importância/repercussão > interesses de classe > literatura.

Segunda fase: política > notícias > grande importância/repercussão > interesses de classe > literatura.

Terceira fase: literatura = grande importância/repercussão > interesses de classe > política > notícias.

Observa-se que a terceira fase praticamente inverteu a lógica das duas primeiras, pois à medida que os jornais mais dedicados às notícias vinham encabeçando os dados como maiores fornecedores de estrangeirismos, na terceira fase, o jornal que pertencia a esse mesmo domínio não forneceu quase nenhum. Por sua vez, nas duas primeiras fases os jornais pertencentes ao domínio da literatura não tinham fornecido praticamente nenhum estrangeirismo. Entretanto, na última fase, o jornal pertencente a esse mesmo domínio forneceu um número muito expressivo.

Para concluir, podemos dizer que os jornais que se dedicavam mais às notícias tinham a tendência de fornecer mais estrangeirismos franceses, mas tal situação nem sempre ocorria. Por sua vez, os jornais relacionados ao domínio da literatura não traziam muitos estrangeirismos, mas o nosso trabalho apresentou um caso de exceção.

### **3.6 Como proceder? Análise dos estrangeirismos franceses**

Para o presente trabalho, operamos com dois tipos de análise: a que efetuamos nos jornais, através da leitura e recolhimento de estrangeirismos franceses e a que vamos realizar com os estrangeirismos. Os resultados parciais da primeira análise foram expostos nas seções anteriores. A partir de agora, demonstraremos os aspectos que estarão envolvidos no segundo tipo de análise.

A análise dos estrangeirismos começará com a apresentação de suas definições tanto em língua francesa como em língua portuguesa. Ambas serão extraídas de dicionários referentes ao período que estabelecemos anteriormente. A definição em língua francesa será retirada da versão

informatizada da oitava edição do *Dictionnaire de l'Académie Française* (1932-1935)<sup>139</sup>. Por sua vez, a definição em língua portuguesa derivará do *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (1939-1944), dicionário de Laudelino Freire.

O *Dictionnaire de l'Académie Française* é o dicionário oficial da língua francesa e pode ser facilmente encontrado em versão informatizada. Por sua vez, O *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* é uma obra de referência no quadro da lexicografia de língua portuguesa. A edição utilizada para este trabalho encontra-se disponível na Biblioteca de Obras Raras da Universidade Federal de Ouro Preto.

Foram escolhidos um dicionário em língua portuguesa e outro em língua francesa, pois acreditamos que o contraste entre as duas definições nos possibilitará perceber se a unidade lexical estrangeira manteve o(s) sentido(s) que possuía na sua língua de origem. Outro dicionário da língua francesa será utilizado nos casos em que, por ventura, a unidade não figurar no dicionário da Academia. Tal dicionário é a versão numérica do LE PETIT ROBERT. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, 1986. Esse dicionário é um dos mais populares e um dos mais conhecidos da língua francesa.

Para confirmar a entrada do estrangeirismo na língua portuguesa, utilizaremos e apresentaremos as definições encontradas no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009). Esse dicionário contemporâneo será utilizado para o acompanhamento das mudanças de sentido sofridas pelos estrangeirismos. Apesar de não ser um dicionário etimológico, podemos encontrar nele algumas informações a respeito da data de entrada dos estrangeirismos na língua portuguesa. Por se tratar de uma obra que não é referência em etimologia, é preciso ter a ciência de que as informações nele contidas devem ser cuidadosamente consideradas. O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha (1982)<sup>140</sup>, será consultado nos casos em que precisarmos confirmar a etimologia de algum estrangeirismo.

Logo após as definições dos três dicionários, traremos os trechos dos textos onde figuram os estrangeirismos. Os exemplos foram coletados e transcritos da forma mais abrangente possível para que o contexto de utilização ficasse esclarecido.

---

<sup>139</sup> A oitava edição do Dicionário da Academia Francesa está disponível no *site* do Centro Nacional de Pesquisas Textuais e Lexicais (<http://www.cnrtl.fr/>). O *site* foi criado pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica, um organismo público de pesquisa colocado sob a tutela do Ministério Francês de Ensino Superior e de Pesquisa.

<sup>140</sup> CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1982.

A informação subsequente que comporá a análise revela em que jornais cada estrangeirismo foi encontrado. Além disso, descrevemos o contexto de utilização para completar as informações trazidas pelos trechos dos textos. Desta forma, pretendemos ser capazes de dizer se o uso de elementos estrangeiros era bem difundido ou se se restringia apenas a algumas situações.

O próximo aspecto observado será a forma com que os itens lexicais estrangeiros foram grafados nos respectivos jornais. A grafia é um elemento extremamente importante uma vez que através dela é possível observar o grau de adaptação e reconhecimento dos estrangeirismos e sua relação com os emissores e receptores dos jornais.

Outro aspecto que será observado e que tem relação com a integração do elemento emprestado à língua receptora é a sua possível mudança de classe, de gênero ou de número. Deste modo, considerações sobre os aspectos morfológicos de cada estrangeirismo francês serão tecidas e comporão a análise. Aspectos semânticos também serão observados e analisados pois, de acordo com Guilbert (1975)<sup>141</sup>, um elemento mostra seu processo de instalação na língua receptora quando ele adquire novos significados.

Prosseguindo a análise, passaremos a um aspecto que, para nós, servirá mais precisamente para demonstrar em que áreas da vida da população belo-horizontina o uso de estrangeirismos franceses era mais frequente. Estamos nos referindo aos campos lexicais que serão considerados aqui no sentido geral do termo.

Não é nosso objetivo trabalhar segundo a vertente estrutural proposta por Coseriu (1977): “A teoria do campo lexical de Eugenio Coseriu propõe uma análise estrutural do vocabulário, determinando o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas onde os lexemas constituem um sistema de oposições”<sup>142</sup>. Os campos lexicais serão considerados como conceitos ordenadores que associam unidades lexicais que têm seus significados ou parte deles relacionados.<sup>143</sup>

Para finalizar, destacamos a importância da obra de Figueiredo<sup>144</sup> para a verificação da possibilidade de existência de equivalentes dos estrangeirismos franceses na língua portuguesa da

---

<sup>141</sup> GUILBERT, 1975 apud ALVES, 1984, p.120.

<sup>142</sup> ABBADE, 2011, p.1339

<sup>143</sup> A relação dos campos lexicais utilizada pode ser consultada na dissertação de mestrado: FRANCO. *O léxico da Belle Époque na obra de João do Rio*, 2008, p.64-65.

<sup>144</sup> FIGUEIREDO. *Os Estrangeirismos. Resenha e comentário de centenas de vocábulos e locuções estranhas à língua portuguesa*. Vol. 1. 6 ed. e Vol. 2. 4 ed. Livraria Clássica Editora. Lisboa, 1956-57.

época. Essa obra possibilitará igualmente a confirmação do sentido com que alguns eram usados e ajudará a determinar as razões de sua utilização.

Concluindo as etapas da análise, acrescentaremos informações suplementares a respeito dos estrangeirismos, quais sejam: se eles permaneceram na língua, se ganharam mais sentidos ou se se constiuíram apenas em uma moda do momento.

Abordando todos esses aspectos e explorando ao máximo as características dos estrangeirismos franceses, acreditamos que seremos capazes de dizer de que modo a busca de modernidade e progresso em Belo Horizonte, baseada em moldes franceses, afetou a linguagem utilizada pelos jornais. Pretendemos ser capazes de dizer também até que ponto a busca de civilização para a cidade lhe impôs novos hábitos, novas necessidades e novas unidades lexicais.

Sabemos que em algumas cidades brasileiras a influência francesa determinava os modelos da vida social e as referências intelectuais para a elite brasileira, que ao importar valores e hábitos franceses, acreditavam estar adotando paradigmas tidos como a "civilização". Pretendemos ser capazes de dizer como essa situação se desenrolou na nova capital do estado de Minas Gerais.

#### 4. APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* E ANÁLISE DOS DADOS

O nosso *corpus* é composto por quinze jornais que circularam em Belo Horizonte, no final do século XIX e início do século XX. Todos os jornais analisados, como já mencionamos na metodologia, estão presentes na coleção Linhares.

A partir dos quinze jornais escolhidos, analisamos um total de cinquenta e sete exemplares, nos quais encontramos quatrocentos e cinquenta ocorrências de estrangeirismos franceses. Como opção metodológica, das quatrocentas e cinquenta ocorrências, iremos analisar apenas trinta e cinco estrangeirismos franceses. Como já explicamos na metodologia, os trinta e cinco foram escolhidos, pois se repetiram em mais de um jornal.

Neste capítulo, iremos apresentar os jornais escolhidos em cada fase e teceremos considerações a respeito de suas principais características. Iremos também apresentar e analisar, por fases, os trinta e cinco estrangeirismos franceses selecionados.

##### 4.1 Primeira fase: 1895-1899 - apresentação dos jornais

Para relembrar o que dissemos na metodologia, na primeira fase circularam em Belo Horizonte quatorze jornais. Desse total, apenas cinco se encontram digitalizados e disponíveis no *site* da coleção Linhares, resultando um total de dezenove exemplares. Todos os jornais e exemplares disponíveis na coleção foram analisados. Os cinco jornais e dezenove exemplares que a compõem estão explicitados na tabela a seguir:

| Jornal          | N. Exemplares Analisados | Exemplares Analisados  |
|-----------------|--------------------------|--|
| Bello Horizonte | 6                        | 01/12/1895; 26/06/1898; 01/10/1898; 08/01/1899;<br>10/01/1899; 13/02/1899. |
| A Capital       | 5                        | 13/04/1896; 06/05/1897; 12/12/1897; 10/03/1898;<br>04/08/1898.             |
| Aurora          | 2                        | 01/06/1897; 01/07/1897.  |
| Academia        | 4                        | 28/05/1898; 10/06/1898; 30/06/1898; 14/07/1898.                            |
| Diario de Minas | 4                        | 28/05/1898; 10/06/1898; 30/06/1898; 14/07/1898.                            |

Tabela 5: Jornais escolhidos e exemplares analisados da primeira fase

A análise desses e dos demais jornais se baseou na busca de estrangeirismos franceses. Os estrangeirismos encontrados serão analisados posteriormente. Neste momento nos dedicaremos a tecer algumas considerações sobre os jornais. A grande maioria das informações e características aqui relacionadas foram baseadas na obra *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954* (Editora da UFMG, Belo Horizonte: 1995) e na nossa leitura e observação.

Nas subseções que se seguem, tentaremos evidenciar a riqueza dos jornais para este trabalho e qualquer outro que pretenda investigar aspectos do início da capital mineira, sua imprensa, seus aspectos culturais e sociais, seu modo de vida, etc.

#### **4.1.1 Bello Horizonte: 1895-1899**

O primeiro jornal analisado foi o *Bello Horizonte*. Ele circulou na capital de 07/09/1895 a 31/03/1899, resultando trezentos e cinco exemplares. Desse total, apenas seis se encontram disponíveis na coleção Linhares. Acrescente-se, com isso, que tudo o que for dito a respeito das características do jornal e da utilização de unidades lexicais francesas será apenas uma pequena mostra.

O *Bello Horizonte* fundou a imprensa local e participou de uma das melhores fases do jornalismo da capital. Além de ser um jornal dedicado às notícias, tinha também espaço destinado à religião e à literatura. Foi "fundado e dirigido durante quase toda a sua existência, pelo Padre Francisco Martins Dias".<sup>145</sup>

Com a leitura de textos do número treze de 1º de dezembro de 1895, primeiro exemplar que temos à disposição para análise, é possível entender porque o periódico é considerado religioso. É constante a defesa dos valores católicos como primordiais para o país e para o estado.

O jornal iniciou sua circulação quando a cidade de Belo Horizonte era apenas um projeto que começava a ser executado. Sua fundação trouxe boas perspectivas para o lugarejo e foi muito festejada. Segundo Linhares, "com tão notável acontecimento, nova era de progresso e civilização se abria para a pequena localidade, que dois anos depois se engalanava com o título e

---

<sup>145</sup> LINHARES, 1995, p.53.

foros de metrópole".<sup>146</sup> A partir dessa declaração, podemos perceber a importância da imprensa para o projeto da grande metrópole que se pretendia construir.

A leitura dos exemplares do jornal nos possibilita acompanhar o surgimento e o crescimento de Belo Horizonte, os primeiros prédios, as primeiras ruas, as primeiras empresas: "temos visto diversas plantas de predios particulares muito lindas. Com a abertura e terraplanagem das ruas que estão em trabalho, como que se vê surdiu a nova cidade, e pode-se já avaliar da sua beleza".<sup>147</sup> As notícias sobre a venda de lotes e materiais para construção e os anúncios da Comissão Construtora nos mostram o clima de euforia com a construção da nova cidade: "a animação vai crescendo todos os dias e o movimento de visitantes ao arraial é notavel. Diversas casas particulares se estão levantando e muitissimas plantas já foram aprovadas pela secção municipal da Commissão".<sup>148</sup>

A análise dos seis exemplares nos forneceu, além do conhecimento de parte dos momentos iniciais da nova capital do Estado de Minas Gerais, um total de cem ocorrências de estrangeirismos franceses. O *Bello Horizonte* foi o segundo jornal que mais forneceu estrangeirismos, com uma média aproximada de dezessete por exemplar.

#### 4.1.2 A Capital: 1896-1898

O segundo jornal analisado foi *A Capital*, considerado de grande repercussão e importância. Ele circulou em Belo Horizonte entre 28/01/1896 e 04/08/1898, resultando um total de cento e vinte e nove exemplares. Desse conjunto, apenas cinco se encontram disponíveis na coleção Linhares. A análise dos exemplares nos forneceu a quantia de quarenta e três ocorrências de estrangeirismos franceses.

*A Capital* foi o segundo jornal publicado em Belo Horizonte e assim como o seu colega *Bello Horizonte*, circulou na fase de construção da nova capital. Segundo Linhares, "importantíssimos e relevantes serviços prestou esse jornal à nova Capital, no período de sua construção".<sup>149</sup>

---

<sup>146</sup> LINHARES, *loc. cit.*

<sup>147</sup> *Bello Horizonte*, 01/12/1985, N.13: 3

<sup>148</sup> *Bello Horizonte*, 01/12/1985, N.13: 2

<sup>149</sup> LINHARES, 1995, p. 55-56.

A leitura do jornal trouxe-nos, de fato, conhecimento sobre muitos aspectos do início da nova capital mineira, como por exemplo, a irregularidade de alguns serviços como o dos Correios e o da Estação Central e a oferta ou o atraso de serviços prestados pela prefeitura. O jornal trouxe também muitas notas de falecimento, notas sobre quem estava visitando a localidade e sobre quem dela estava partindo, notas sobre o surgimento de jornais em outras cidades mineiras e farto noticiário internacional.

Em relação ao noticiário internacional, damos destaque a um texto que faz referência ao *Affaire Deyfrus*. O texto<sup>150</sup> critica a condenação de Emile Zola<sup>151</sup> e afirma que a França, "livro aberto para ensinamento da humanidade", manchou uma das páginas de sua história com tal condenação. Outro destaque do segmento internacional é um anúncio de viagens circulares entre o Brasil e a Europa para a Exposição Universal de Paris de 1900.<sup>152</sup>

O que mais desperta a atenção no jornal, no entanto, é a constante defesa da República e a crítica aos monarquistas. São comuns textos que engrandecem e destacam a excelência dessa forma de governo, que enaltecem figuras que lutam em prol da sua consolidação e textos que destacam a importância de doutrinar o povo nos princípios da democracia, para que esse esqueça para sempre o antigo regime.

Outra constante n' *A Capital* são textos que enaltecem o Presidente do Estado, o Dr. Silviano Brandão. Um deles traz em detalhes uma homenagem rendida a ele pela bancada mineira na Câmara dos Deputados. O texto descreve em pormenores a festa, os participantes, os discursos que foram proferidos e os elogios ao povo mineiro pela escolha de um ótimo presidente.

Em relação à narrativa da festividade, o que mais nos chamou a atenção, todavia, foi o programa de músicas e o banquete oferecido aos convidados. O programa de músicas executado por uma orquestra era composto, em sua maioria, por músicas francesas. O cardápio veio

---

<sup>150</sup> *A Capital*, 10/03/1898, N.110: 1.

<sup>151</sup> Em novembro de 1897, as evidências da inocência de Dreyfus possibilitaram um segundo julgamento. No entanto, a sentença anterior permaneceu e provocou a indignação de Émile Zola. O escritor expôs o escândalo ao público geral no jornal literário *L'Aurore* numa famosa carta aberta ao Presidente da República intitulada *J'accuse!*, em 13 de Janeiro de 1898. Por essa atitude Zola foi processado e condenado a um ano de prisão e ao pagamento de multa.

<sup>152</sup> *A Capital*, 06/05/1897, N.66: 3.

descrito todo em francês e estava repleto de especialidades francesas. Em resumo, a grande festa em louvor ao Presidente do Estado foi regada a músicas e a comidas francesas.<sup>153</sup>

#### 4.1.3 *Aurora*: 1896-1897

O terceiro jornal analisado foi o *Aurora*. Segundo Linhares "a 15 de novembro do mesmo ano em que saiu *A Capital*, 1896, saiu também *Aurora*, jornal literário, fundado por diversos moços de talento (...). Com *Aurora*, despontou a *aurora* da Imprensa Literária em Belo Horizonte".<sup>154</sup>

O jornal *Aurora* circulou em Belo Horizonte de 15/11/1896 a 01/08/1897, resultando um total de dezoito exemplares. Desses dezoito, apenas dois se encontram disponíveis na coleção Linhares. *Aurora* foi, entre os cinco jornais analisados da primeira fase, aquele que menos concedeu estrangeirismos franceses. Da análise dos dois exemplares que tínhamos à disposição, encontramos apenas três unidades lexicais francesas.

*Aurora* se apresenta com um intuito bem diferente dos dois primeiros jornais analisados. Ele traz, na maioria dos casos, poemas, poesias e textos poéticos com os mais variados temas (saudade, flores, crianças, mulheres, amor). Além da parte literária, ele traz também textos que versam sobre a importância da instrução e textos que homenageiam quem a valoriza.

Outro aspecto a ser considerado em relação ao jornal *Aurora* é a constância de textos sobre eventos religiosos, como por exemplo, missas, coroações a Nossa Senhora, festas de santos e padroeiros. Encontramos também notas de falecimentos, casamentos e aniversários, notas sobre a inauguração de estabelecimentos comerciais e notas sobre a estadia de pessoas na capital. Nenhum anúncio foi encontrado.

Em relação a referências à cultura francesa, foram encontradas três definições para *arte* em francês. Em um texto de crítica a um jornalista que difamou o *Aurora*, o autor o acusa de não saber o significado de *arte* e, por isso, traz algumas definições: duas em português e três de

---

<sup>153</sup> Por se tratarem de contextos muito específicos, os estrangeirismos presentes nesses textos não foram selecionados para compor os dados para análise. No mais, os textos, principalmente os do cardápio, apresentavam muitos problemas de pontuação e de grafia dos elementos estrangeiros.

<sup>154</sup> LINHARES, 1995, p.57.

dicionários franceses. Isso, para nós, se configura como um exemplo de que a produção intelectual francesa era referência para os brasileiros.

Por fim, queríamos retomar o que já dissemos anteriormente sobre a parcialidade das conclusões que neste trabalho serão apresentadas. O *Aurora*, por exemplo, possui um número pequeno de exemplares disponíveis e algumas partes dos exemplares se encontram manchadas ou rasgadas.

#### **4.1.4 Academia: 1897-1898**

O quarto jornal analisado foi o *Academia*. Jornal dos estudantes de direito de Minas, começou sua circulação em Ouro Preto em 13/05/1897 e foi até 16/10/1897. Logo após, transferiu-se para Belo Horizonte, circulando entre 13/05/1898 a 14/07/1898. A transferência foi motivada pela mudança da Faculdade de Direito de Ouro Preto para Belo Horizonte. Segundo Linhares, "*Academia* foi um jornal de franca aceitação nos meios estudantis, por trazer variada matéria, principalmente sobre assuntos de direito".<sup>155</sup>

Através da leitura dos quatro exemplares, percebemos que a maioria dos assuntos versa, assim como afirmou Linhares, sobre Direito. Parte do jornal se dedica a discutir conceitos e a apresentar os autores e suas obras. Nesse sentido, vários autores franceses e seus trabalhos são citados: Port Royal, Pelissier, Augusto Conte, etc.

Nota-se também que tudo o que se refere ao universo dos acadêmicos é intensamente explorado pelo jornal: formaturas, viagens, a falta de diversões, notas sobre o estado de saúde dos estudantes e notas de falecimento. Outra recorrência são textos literários que versam sobre os mais variados assuntos como, por exemplo, o universo de moços apaixonados, suas decepções, esperanças e desesperanças. Encontramos também notas sobre eventos sociais de Belo Horizonte, missas, inaugurações e visitas. Não encontramos nenhum anúncio.

Assim como aconteceu n' *A Capital*, aqui também o *Affaire Deyfrus* é citado. O jornal traz uma nota sobre o fato de Zola ter sido chamado a *Versailles* para responder ao processo. Outra referência à cultura francesa é a lembrança que trazem no número 13 de 14 de julho de 1898 da

---

<sup>155</sup> LINHARES, 1995, p.59.

queda da Bastilha. O *Salon* de Paris de 1900, uma exposição de artes que contará com artistas brasileiros, também é citado.

Durante todo o período que circulou, o jornal originou um total de treze exemplares dos quais tivemos acesso a quatro. Nos quatro, encontramos sete ocorrências de estrangeirismos franceses, um número pequeno assim como o da *Aurora*. Apenas para registro, nesse jornal a situação é bem pior do que a do jornal *Aurora* em relação a partes ilegíveis, manchadas ou rasgadas.

#### 4.1.5 Diário de Minas: 1898

O quinto e último jornal analisado da primeira fase foi o *Diário de Minas*. Seu número prospecto saiu em 15/11/1898, mas sua circulação começou em 01/01/1899. Não sabemos até quando existiu e nem quantos exemplares produziu. No entanto, a coleção disponibiliza exemplares até 1932. Como medida metodológica, optamos por analisar apenas os dois exemplares que se coadunavam com nossa primeira fase, ou seja, o número prospecto de 15/11/1898 e o número 5 de 06/01/1889, onde encontramos um surpreendente total de vinte e quatro ocorrências de estrangeirismos franceses.

O *Diário de Minas* foi um jornal dedicado à política que teve várias fases, algumas delas até mesmo contraditórias: inicialmente fez veemente oposição ao governo, logo depois passou a apoiá-lo categoricamente. Confirma Linhares: "Do *Diário de Minas* só o título foi imutável, pois a orientação sofreu múltiplas e antagônicas transformações, de acordo com as variações da política".<sup>156</sup>

Através da leitura do jornal, percebemos um pouco da sua rica diversidade. Ele trouxe muitos assuntos políticos, evidentemente, mas também era um jornal de grande utilidade pública, pois são várias as notas com essa finalidade: matrículas abertas, inscrições, abertura de concursos, prazos, abertura de processos de licitação, novidades, eventos, inaugurações. Ele se configura como um jornal muito rico de informações.

Além de aspectos relacionados à vida social de Belo Horizonte, a saber: notas de falecimento, notas de casamentos e aniversários, notas sobre o estado de saúde de alguns

---

<sup>156</sup> LINHARES, 1995, p.65.

habitantes, notas sobre idas e vindas de pessoas à capital, além de receitas de bolo, piadas, adivinhações, poemas e poesias, encontramos também muitas notícias sobre outras cidades mineiras como, por exemplo, Carangola, Sabará, Ouro Preto, Diamantina, Barbacena, Juiz de Fora e Uberaba.

O *Diario de Minas* se caracteriza ainda como um jornal pleno de anúncios de vários produtos e serviços, com páginas inteiras dedicadas a esse fim. Segundo Linhares, esta tradicional folha "em todas as fases de sua profícua existência muito elevou e honrou a cultura mineira e as tradições de nossa imprensa".<sup>157</sup>

#### 4.1.6 Primeira fase: apresentação dos estrangeirismos franceses

Após a leitura dos cinco jornais da primeira fase e o recolhimento de estrangeirismos franceses, obtivemos os seguintes resultados, apresentados na tabela a seguir:

| <b>Jornal</b>   | <b>Exemplares analisados</b> | <b>Número de ocorrências de estrangeirismos franceses</b> |
|-----------------|------------------------------|---|
| Bello Horizonte | 6                            | 100   |
| A Capital       | 5                            | 43  |
| Aurora          | 2                            | 3   |
| Academia        | 4                            | 7   |
| Diário de Minas | 2                            | 24  |
| Total           | 19                           | 177   |

Tabela 6: Número de exemplares e ocorrências de estrangeirismos franceses da primeira fase

Posteriormente à soma das ocorrências de estrangeirismos franceses, procedemos a um cruzamento de dados para observar quais se repetiram em mais de um jornal. Sua utilização em jornais e contextos diferentes nos propicia, como mencionamos na metodologia, a segurança de afirmar que tais elementos eram, de fato, utilizados e não se constituíam apenas como eventos específicos ou como uma questão de estilo do jornal ou do autor.

<sup>157</sup> LINHARES, *loc. cit.*

Das cento e setenta e sete ocorrências, temos quinze estrangeirismos franceses que se repetiram e que serão analisados: *abat-jour*; *bleu*; *bonnet*; *bureau-ministre*; *cognac*; *étagère*; *jupe*; *madame*; *mademoiselle*; *mignon*; *poule*; *restaurant*; *rose*; *salon*; *toilette*.

A análise dos estrangeirismos e as conclusões a que chegamos encontram-se nas seções subsequentes.

#### 4.1.7 Primeira fase: análise dos estrangeirismos franceses

Os quinze estrangeirismos franceses a serem analisados serão apresentados em ordem alfabética e através de pequenas fichas, seguidas de informações complementares. Assim como dissemos na metodologia, apresentaremos em primeiro lugar as definições tanto em língua francesa como em língua portuguesa e logo em seguida traremos os exemplos retirados dos jornais onde figuram os estrangeirismos. As fichas são compostas por essas informações.

Prosseguindo a análise, descreveremos os contextos de utilização, na intenção de complementar os exemplos, e acrescentaremos informações a respeito da grafia, da semântica, da morfologia e dos campos lexicais. Tentaremos também verificar a possibilidade de existência de equivalentes dos estrangeirismos franceses na língua portuguesa da época. Para concluir, tentaremos determinar a razão do empréstimo de tais elementos.

Começaremos a análise pelo estrangeirismo *abat-jour*.

##### Ficha 1 – Abat-jour

###### Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):

**ABAT-JOUR.** n. m. Sorte de fenêtre disposée de manière à diriger le jour obliquement de haut en bas. *Les marchands ont des abat-jour dans leurs magasins pour faire paraître leurs marchandises plus belles. Ordinairement les fenêtres des églises sont taillées en abat-jour. Les croisées de cette prison sont garnies d'abat-jour.* Il se dit surtout d'un appareil adapté à une lampe ou à tout autre éclairage pour en rabattre ou en adoucir la lumière. *Des abat-jour.*

**Laudelino Freire (1939-1944):**

**ABAJÛ**, ou **ABAJUR**, s.m Fr. *abat + jour*. Peça de forma variável feita de cartão, metal, vidro fôsko, pano, porcelana, etc., que se põe diante da luz para não ferir a vista, ou dirigir a claridade a determinado ponto. || 2. Espécie de janela praticada obliquamente de forma que a luz chegue quase verticalmente. || 3. Aparelho de pranchas aplicado às janelas das prisões para vedar aos prisioneiros toda comunicação. || Obs: Para substituir êsse galicismo, recomendam-se os seguintes vocábulos: *Abaixa-luz, alparluz, bandeira, guarda-luz, guarda-vista, lucivelo, lucivéu, pantalha, quebra-luz, refletidor, sombreiro, tapa-luz*. (p.15).

**Houaiss (2009):**

abajur *s.m* (1880) 1 *P* peça de forma e material variados (papel, tecido, vidro etc.) que, adaptada a uma lâmpada, permite que a claridade possa ser dirigida para determinada área; quebra-luz, pantalha. (p.3)

"Iluminação Electrica. OLYMPIO DE ASSIS. Com deposito de material electrico, encarrega-se de fazer instalações em casas particulares, para o que tem pessoal habilitadissimo. Grande variedade de tulipas, *abat jours*, rosetas, fios, cordão flexivel de algodão e seda, banquilhas de diferentes systemas, telephones, campainhas electricas, pilhas, etc". (Bello Horizonte, 13/02/1899, N. 268: 3).

"ILLUMINAÇÃO ELECTRICA. Olympio de Assis tem em deposito todo o material necessário para illuminação electrica e grande variedade de abajours para lâmpadas, lustres, arandelas, etc". (A Capital, 04/08/1898, N.129: 3).

"Iluminação electrica. Completo sortimento de material para installações de luz electrica nas casas particulares. Grande variedade de abat-jours para lampadas, campainhas electricas, pilhas, telephones, etc. Deposito em casa de OLYMPIO DE ASSIS, nesta Capital". (Diario de Minas, 15/11/1899, N.Prospecto: 3)

O estrangeirismo *abat-jour* foi encontrado nos jornais *Bello Horizonte*, *A Capital* e *Diário de Minas*. Observa-se que apesar de ter sido usado em três jornais diferentes, ele sempre apareceu na publicidade do mesmo anunciante: a casa de material elétrico. No entanto, apesar de ser o mesmo anunciante, houve uma diferença na grafia: n' *A Capital* ele foi escrito *abajours* e sem marcas; no *Bello Horizonte*, *abat jours* e em itálico e no *Diário de Minas*, *abat-jours* e também sem marcas.

Segundo a definição do *Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935)*, a unidade lexical *abat-jour* possuía dois sentidos na língua francesa: ela fazia referência a um tipo de janela e a um aparelho adaptado a uma lâmpada. Em Freire (1940), ela apareceu com esses dois sentidos

acrescidos de mais um: *aparelho de pranchas aplicado às janelas das prisões*.<sup>158</sup> Nos exemplos, entretanto, a unidade foi utilizada com apenas um sentido: o de um aparelho adaptado a uma lâmpada. Contemporaneamente, ela possui esse mesmo sentido. Concluímos que, mesmo possuindo vários sentidos, apenas um era mais utilizado e foi justamente o que permaneceu na língua, como nos mostra a definição contemporânea de Houaiss (2009). Assim sendo, ele foi classificado, em termos de campos lexicais, como *móveis e adornos de casa*.

Em ambas as línguas, a unidade lexical pertencia à mesma classe gramatical e ao mesmo gênero: substantivo masculino. Em francês o termo não sofria flexão de número, mas em português ele apareceu empregado no plural. Essa observação poderia ser mostra do começo de sua integração à língua portuguesa, se o padrão utilizado para a flexão de número tivesse sido o da língua portuguesa e não o da língua francesa. Observa-se que a flexão do plural foi feita com o acréscimo de *-s*, flexão típica da língua francesa para unidades terminadas em consoante. Mostra de integração seria se o plural tivesse sido feito com o acréscimo de *-es*.

Outra observação latente é a de que na definição de Freire (1940) existiam sugestões de vocábulos para substituir o estrangeirismo. Candido Figueiredo (1956), por sua vez, também aconselhava a substituição do termo por expressões vernaculares: "a verdade, porém, é que não temos necessidade sequer do mascarado estrangeirismo. Em linguagem nossa, temos, para o mesmo uso, *sombreia, quebra-luz, pantalha, bandeira*".<sup>159</sup>

Ao que tudo indica, as razões que justificam o empréstimo da unidade lexical é o fato de um objeto novo estar sendo introduzido naquela realidade. O objeto novo trouxe consigo, da cultura que o emprestou, o seu nome. Para substituir esse nome muitas tentativas foram levantadas e muitas sugestões colocadas à disposição. No entanto, nenhum dos seus correspondentes portugueses foi competente para substituí-lo ou para substituir a cultura que ele representava.

| Ficha 2 – Bleu  |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br/> <b>BLEU, UE.</b> adj. Qui est de la couleur du ciel quand il est pur. <i>Satin bleu. Robe bleue. Avoir les yeux bleus.</i> (...) Il se dit comme nom masculin de la couleur bleue. <i>Bleu céleste. Bleu de ciel. Bleu pâle. Bleu foncé. Bleu clair. Bleu de roi. Bleu mourant. Bleu turquin. Bleu barbeau. Une étoffe d'un beau bleu. Teindre en bleu. Le bleu du</i></p> |

<sup>158</sup> FREIRE, 1940, p.15.

<sup>159</sup> FIGUEIREDO, 1956, p.10.

|  |
|--|
| <i>ciel.</i>   |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e   |
| <b>Houaiss (2009):</b> n/e   |
| <p>"Correio dos salões. Commemorando o feliz aniversario natalicio de sua gentil filha senhorita Nenesta, o sr. desembargador Carlos Ottoni ofereceu trasante-hontem, na sua elegante residencia, uma esplendida <i>soirée</i>, a que compareceu a fina flôr da nossa sociedade (...) O nosso representante tomou nota das seguintes <i>toilettes</i>: Senhoritas, Guiomar Pereira, Coralia e Ordalia Magalhães, <i>toilette blanche</i>; Nenesta Ottoni, Rita Ribeiro e Pequeninina Brant, <i>en bleu</i>; Violeta Mello Franco, Quininha Ottoni e Junqueiras, <i>en rose</i>; Déa Sá, verde e <i>creme</i>; Zezé Salles, rosa e branco; Mercedes Brant, branco e azul; Virginia Pires, branco e fitas pretas; Etelvina Pires, <i>creme e grénat</i>; Naná Ottoni, verde e rosa; Sinhá Ottoni, saia preta e blusa <i>jaune</i>; Olga Campista, <i>toilette blanche et rubans rose</i>; Sinhá Renault, azul e lilás; Nhasinha Brant, saia preta e blusa <i>rose</i>; Roselmira Renault, verde e rosa; Judith Renault, <i>gris et rouge</i>; Cesarina Cerqueira, <i>en rose</i>; Luzia Cerqueira, rosa e branco; Josephina Arnaldo, <i>bleu ciel</i>; Julieta Ribeiro <i>creme e azul</i>. Senhoras: Chiquinha Ottoni, <i>gris</i>; Julieta Campista, azul e <i>creme</i>; Olga Sá, <i>en rose</i>; Magdalena Bello, saia preta e blusa <i>escossezas</i>; Esther Lima, de preto; Dedé Olyntho, saia preta e blusa lilaz; Maria Magalhães, <i>vert foncé et gris</i>; Augusta Pereira, <i>marron et bleu</i>; Maria Matta, azul e <i>pompadour</i>; Aurea Teixeira, saia preta e blusa lilaz; Chiquinha Pires, <i>en vert</i>; Arminda Junqueira, <i>vert et grénat</i>". (Bello Horizonte I, 10/01/1899, N. 240:2)</p> <p>"O dr. Salvador, sempre <i>gentleman</i>, abriu ante-hontem os seus salões, offerecendo uma encantadora <i>soirée</i> dançante que só terminou às três da manhã de hontem (...) As <i>toilettes</i> das senhoritas que o nosso representante nos trouxe... de memória: Aida e Marietta Pinto, <i>en rose</i>; Coralia e Ordalia Magalhães, <i>bleu et rose</i>; Rosinha Sigaud <i>marron e blanc</i>; Ormilla Salles, <i>en blanc</i>; Herenia Lopes, <i>blanc et lilaz</i>; Lilita Germano, blusa <i>escoceza e saia vert-foncé</i>; Augusta Horta, blusa <i>vert et jupe bleue</i>; Annita Franciort, blusa <i>vert e jupe marron</i>; Luiza Guimarães, <i>en blanc</i>; Cacilda Salles, <i>blanc et bleu</i>; Rosalinda e Maria José Moss, blusa branca e <i>jupe noire</i>. Senhoras: Etelvina Pinto, <i>bleu et saumon</i>; Lalita Abreu, blusa <i>gris perle e jupe marron</i>; Rosalinda Moss, <i>en noir</i>; Guilhermina Bacellar, <i>marron et rose</i>; Floriania Germano, <i>gris perle et bleu</i>. (Bello Horizonte I, 13/02/1899, N. 268: 2)</p> <p>"Falando de cousas leves – nada vem tanto <i>a calhar</i> como a mimosa folhinha de desfolhar que vi entrar pelo meu gabinete a dentro um dia desses – enviada pelos Haas. (...) Não é que eu mereça, não, porém o bondoso Haas doeu-se de certo do meu isolamento e mandou-me a folhinha, que me faz uma companhia preciosa... Imaginem os leitores duas deliciosas filhas de Eva, vivendo no delicado colorido de um chromo, uma em <i>toilette rose</i>, outra em <i>toilette bleu</i>, arrepanhando delicadamente a <i>jupe</i> de gaze, na posição graciosa de um minnete tentador, sobre um chão de rosas, ostentando pelo decote indiscreto a lyrial alvura de um collos alabastrino ..." (A Capital, 10/03/1898, N.110:1)</p> |

O estrangeirismo *bleu* foi encontrado em dois jornais: *Bello Horizonte* e *A Capital*. Suas oito ocorrências no jornal *Bello Horizonte* estavam distribuídas em textos de dois números diferentes, textos em que festas e convidados foram apresentados e descritos com detalhes. N' *A Capital*, ele apareceu uma única vez em um texto no qual o autor descrevia um presente que ganhou. O presente era uma folhinha onde se podiam ver duas figuras e o autor, ao descrevê-las, utilizou esse e outros estrangeirismos franceses.

No primeiro texto do jornal *Bello Horizonte*, o estrangeirismo ocorreu três vezes e em todas elas estava marcado com itálico; no segundo texto, as cinco ocorrências apareceram sem nenhuma marca. A falta de marcas, entretanto, não tinha relação com a hipótese da não inovação do termo, pois se configurava em uma decisão do autor. Ele não marcou o *bleu* e nenhum outro estrangeirismo referente às roupas e às cores das roupas descritas. Já no texto d' *A Capital*, *bleu* apareceu em itálico.

Assim como na língua francesa, *bleu* foi utilizado nos exemplos para denotar cor. No entanto, o substantivo *azul* já existia em português e tem outra origem. Segundo o dicionário Houaiss (2009), o substantivo entrou na língua no século XIII e provavelmente veio do árabe ou de uma variação do árabe ou do persa<sup>160</sup>. Na nossa avaliação, cremos que o estrangeirismo foi usado porque o francês estava na moda e simbolizava elegância. Entretanto, o uso da cor azul na sua forma francesa não entrou para a língua.

A classificação do estrangeirismo *bleu* de acordo com o seu campo lexical o enquadra no campo relacionado à cor/nuance.

No que diz respeito à morfologia, *bleu* era um adjetivo que podia funcionar como substantivo masculino. Ambas as funções foram encontradas nos exemplos. O mais interessante, entretanto, é que ele apareceu sete vezes como substantivo e duas como adjetivo. No que se refere à flexão de número, não temos qualquer consideração a tecer, pois em nenhum exemplo *bleu* apareceu no plural.

Uma vez que tínhamos a cor nomeada em português, cremos que o estrangeirismo foi utilizado para trazer ao *azul* a nuance francesa que ele não possuía. Para nós, uma forma de relacionar os trajes das convidadas à ideia de refinamento e sofisticação. Assim sendo, o uso de *bleu* em diferentes textos e por autores diferentes nos mostrou um pouco do conhecimento da língua francesa por aquela comunidade.

---

<sup>160</sup> HOUAISS, 2009, p.235.

A única dúvida que persiste é com relação às intenções do autor do primeiro texto do *Bello Horizonte*, pois ele misturou cores em francês e em português. Assim, o estrangeirismo *bleu* apareceu três vezes e a unidade lexical *azul* apareceu quatro vezes. Seriam as senhoras e senhoritas que tiveram as cores das roupas descritas em português menos merecedoras de prestígio dos que as que foram descritas em francês? Pergunta essa que a distância no tempo não nos permite responder.

| <b>Ficha 3 – Bonnet</b>   |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>BONNET.</b> n. m. Coiffure faite ordinairement de tissu, de tricot ou de peau et dont la forme varie. <i>Bonnet de nuit. Bonnet grec. Bonnet phrygien. Bonnet rouge. Bonnet de police. Les grenadiers avaient de grands bonnets à poil. Un bonnet de tulle. Un bonnet de dentelle. (...)</i></p> <p>Par analogie, il désigne tout ce qui rappelle la forme d'un bonnet. En termes de Zoologie, il se dit du second estomac des ruminants et de diverses variétés de coquillages, telles que <i>Bonnet chinois, Bonnet de Neptune; Bonnet soir</i> se dit d'une variété de fauvette. En termes de Botanique, il se dit de Champignons, tels que <i>Bonnet d'argent, Bonnet de fou, Bonnet de vache</i>. On appelle aussi <i>Bonnet à prête</i> le fusain à cause de la forme de ses fruits.</p> <p>On appelle aussi BONNET l'enveloppe à œillères dont on couvre la tête des chevaux et qui a des étuis pour les oreilles.</p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p><b>BONÉ,</b> s. m. Fr. <i>bonnet</i>. Cobertura de cabeça de homem, sem abas, de copa redonda, e ordinariamente com pala. (p. 1067).</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>boné</b> <i>s.m.</i> (c1608) <b>1</b> VEST cobertura de cabeça, de copa redonda, sem abas e com um pala sobre os olhos; bonete <b>2</b> JOR <i>B infm.</i> vinheta identificadora do assunto ou gênero de determinado texto jornalístico, aplicada ger. num pequeno claro endentado no início da matéria <b>3</b> MORF. ZOO parte superior da cabeça das aves; coroa, vértice ◊ <b>apanhar b.</b> TURFE em páreo, chegar (o cavalo) nos últimos lugares • <b>botar b.</b> <i>fig. B N. B N.E infm.</i> Ser infinel; cornear &lt;<i>anda botando b. no marido</i>&gt; • <b>pedir o b.</b> <i>B infm.</i> despedir-se; afastar-se, desligar-se ◊ ETIM fr. <i>bonnet</i> 'barrete, gorro, carapuça'</p>  |
| <p><b>Antônio Geraldo da Cunha (1982):</b></p> <p><b>boné</b> <i>sm.</i> 'peça do vestuário para a cabeça, de copa redonda e com uma pala sobre os olhos   1871, <i>bonete</i> XVII   Do fr. <i>bonnet</i>.</p>   |
|   |

"Impressões. Os festejos do Carnaval fazem-me evocar um caso, cuja recordação provoca me um sorriso de bonhomia, porque foi para se rematar as festas do carnaval, creio, que em Sabará se levou á scena a *Morgadinha da Rua das Flores*, pequena comedia borracheira em que o autor parodia conhecido drama de Pinheiro Chagas. (...) O Luiz ficava defronte do santuario, isto é, umas sanefas ordinarias disfarçando a miseria de uns sarrafos removidos casualmente do porão do theatro; e tinha um bonet branco, muito catita a cabeça. Assim paramentado, era coisa digna de se ver! Começava elle por estas palavras, proferidas com emphase de pasmo: - «A flor do Santuario... Um gyra-sol! Mas, que lindo gyra-sol!...»"(Bello Horizonte I, 13/02/1899, N.268: 2)

"Alfaiataria Coutinho. PERFEIÇÃO E BARATESA. Tem sempre um grande e variado sortimento de cazemiras, sarjas, brins, e cassinetas. Servindo com promptidão. Tambem faz uniformes para os srs. officiaes da Guarda Nacional – Infantaria e Reserva. Encarrega-se de mandar vir reposteiros e tapetes, bem assim os artigos de sirgueiro, como bonets, botões, etc. Para o Corpo Policial e empregados da estrada de ferro." (A Capital, 06/05/1897, N.66: 3)

"Alfaiataria do Universo. CIVIL, MILITAR E ECLESIASTICA de Luiz Labruina. O abaixo assignado tem a honra de communicar aos seus amigos e freguezes e bem assim ao publico desta capital e do interior, que achasse funcionando uma loja de alfaiataria com um lindo e variado sortimento de fazendas de gosto, tendo sarjas, sarjões, cheviot, casemiras francezas de varias cores, cortes de calças inglezas e colletes de seda, de fustão, de linho branco e de cores, supensorios, bonets de creanças e de senhoras, como também um variado sortimento de gravatas do ultimo gosto, collarinhos, punhos, camisas e boatoaduras." (A Capital, 10/03/1898, N.110: 1)

"SCENA PRIMEIRA. DECURIÃO, PORTEIRO. (Na porta da direita ouve-se grande brulha de passos. Um velho que está encostado, todo embrulhado, á porta da frente, estremece. Aparece um rapaz baixo, vermelho, fardado de blusa e bonet brancos, tendo na mão um jornal". (Aurora, 01/06/1897, N.14: 4)

O estrangeirismo *bonnet* foi encontrado quatro vezes em três jornais: *Bello Horizonte*, *A Capital* e *Aurora*. No primeiro jornal, apareceu em um texto que narrava o caso de uma comédia que não conseguia fazer rir. Ele foi usado para descrever um dos atores. No segundo jornal, *A Capital*, apareceu nos anúncios de duas alfaiatarias: Alfaiataria Coutinho e Alfaiataria do Universo. No terceiro jornal, estava presente em um trecho de uma comédia, na descrição de um dos personagens.

Em todos os quatro casos, *bonnet* foi grafado diferente da sua forma francesa que, como se observa, possuía dois "enes". No que diz respeito às marcas, em nenhum caso o estrangeirismo apareceu marcado. Em relação à morfologia, em ambas as línguas e nos exemplos, *bonnet* foi usado como substantivo masculino e se flexionou em número duas vezes através do acréscimo de

–s. No que concerne ao campo lexical, ele foi classificado como pertencente ao campo do vestuário.

O *Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935)* apresentou basicamente dois sentidos para *bonnet*: o primeiro, algo que se colocava na cabeça para cobri-la ou orná-la, feito de tecido, tricot ou pele, e o segundo, algo destinado à cabeça de cavalos. Observe-se que a primeira acepção é bastante ampla. O dicionário de Laudelino Freire (1940) apresentou apenas uma acepção, bem parecida com a primeira do dicionário francês, mas bem melhor especificada: *cobertura de cabeça de homem, sem abas, de copa redonda, e ordinariamente com pala*<sup>161</sup>. Por sua vez, o Houaiss (2009) apresentou uma primeira acepção quase idêntica àquela apresentada por Laudelino Freire (1940), acrescida de mais dois sentidos.

Não podemos dizer se *bonnet* era usado em português com o mesmo sentido que em francês, pois não temos elementos para tal afirmação. Pelos exemplos não foi possível retomar todos os sentidos. Somente no exemplo: "acha-se funcionando uma loja de alfaiataria com um lindo e variado sortimento de (...) bonets de creanças e de senhoras, como também um variado sortimento de gravatas do ultimo gosto, collarinhos, punhos, camisas e boatoaduras"<sup>162</sup>, foi possível afirmar que não se estava fazendo referência ao boné com pala. Não sabemos se o sentido que empregamos contemporaneamente e que Freire (1940) já registrava, começou a ser empregado nessa época.

O referido estrangeirismo entrou para a língua portuguesa, segundo Houaiss (2009) e Cunha (1982), no século XVII. Ainda segundo os dicionários, após sua primeira adaptação à língua, passou a ser usado com a forma *bonete* e só posteriormente como *boné*, forma que conhecemos contemporaneamente. Pela data dos exemplos, podemos perceber que *bonnet* já figurava na língua há um tempo e que em 1871 já tinha se aportuguesado. Esse fato nos levou a levantar algumas hipóteses e alguns questionamentos: a forma francesa *bonnet* foi retomada devido à forte influência francesa no momento? Ou foi retomada, pois a unidade lexical começa a ganhar outro sentido, mais próximo do que conhecemos hoje? Ou seria um caso relacionado à pronúncia como sugere Figueiredo?

Quando os Franceses nos transmitiram o seu *bonnet*, os nossos antigos mestres escreviam *bonnéte*. Mas, como a última sílaba desta palavra não existe no francês, e como nos aprouve falar à francesa, entrámos de pronunciar *boné*, e assim se pronuncia

---

<sup>161</sup> FREIRE, 1940, p. 1067.

<sup>162</sup> *A Capital*, 10/03/1898, N.110: 1

hoje. O que se não pode é pronunciar de uma maneira e escrever de outra. Em português, tem de escrever-se *boné*, ou, se gostarem de coisa inúteis, *bonné*. (...) *Bonet* ou *bonnet*, em português, é forma inadmissível. (FIGUEIREDO, 1956: 45).

As evidências nos levam a crer que a hipótese da pronúncia é a mais indicada.

Assim sendo, o correspondente em português de *bonnet* seria o próprio estrangeirismo já adaptado graficamente, visto que nessa época ele já pertencia à língua. Tendo em vista que já tínhamos a palavra aportuguesada, utilizá-la em francês nos pareceu um desejo de associação com a língua de origem.

| <b>Ficha 4 – Bureau-ministre</b>  |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>BUREAU.</b> n. m. Meuble à tiroirs et à tablettes où l'on enferme des papiers et sur lequel on écrit. <i>J'ai mis ces papiers dans mon bureau. Je me suis mis à mon bureau pour écrire une lettre.</i> Il se dit aussi, d'une façon générale, d'une table destinée au travail. <i>J'ai mis ces papiers sur mon bureau.</i> (...)</p> <p><b>MINISTRE.</b> n.m. (...) se dit aussi de ceux qui sont chargés d'administrer les affaires d'un État. <i>Il a été ministre de la Justice, de l'Intérieur, de la Guerre, de la Marine, des Finances, des Affaires étrangères.</i> Par apposition, <i>Bureau ministre, papier ministre.</i></p> <p><b>TLFi: Le Trésor de la Langue Française informatisé:</b></p> <p><b>2. -ministre</b>, 2<sup>e</sup> élém. de compos. <b>a) Bureau(-)ministre</b>, (<i>Bureau ministre, Bureau-ministre</i>)subst. masc. Bureau de grande taille à deux séries de tiroirs latéraux. <i>Elle commença ainsi son histoire: Ma première habitation fut sous un bureau ministre, entre les tiroirs qui descendaient jusqu'à terre</i> (BARRÈS, <i>Enn. Lois</i>, 1893, p.140). <i>Un grand bureau-ministre surchargé de paperasses</i> (COURTELINE, <i>Gend. sans pitié</i>, 1899, 1, p.143). <i>Par une fantaisie subite, elle s'étendit sur le parquet, (...). Elle voyait ainsi le dessous d'un bureau ministre, les pieds contournés de ce meuble élégant</i> (GREEN, <i>Malfaiteur</i>, 1955, p.230).</p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b> n/e</p>   |
| <p>"GRANDE EMPORIO DE MOVEIS. Tapeçaria e Colchoaria. A.CASAES &amp; Comp. RUA DA BAHIA, proximo a Camara dos Deputados. Exposição permanente de mobílias de diversos feitos para sala de visitas, guarda-vestidos, guarda-casacas com espelho, lavatorios diversos, camas para solteiros e casados, mesas de cabeceira, guarda louças, etageres, mesas elasticas, Bureau ministre, secretarias, mesas (...)" (Bello Horizonte, 01/10/1898, N. 157: 3)</p> <p>"Grande emporio de moveis. TAPEÇARIA E COLCHOARIA DE A.Casaes &amp; Comp. Rua da Bahia, proximo á Camara dos Deputados. Os proprietarios desta casa participam aos seus numerosos freguezes que continuam a</p>   |

ter sempre em exposição lindas mobílias de jacarandá e à fantasia para sala de visitas, espelhos lindíssimos com molduras douradas, tapetes para sofá e camas gravuras, port-brestos, escarradeiras, guarda-vestidos, guarda-casacas com espelho, lavatorios, comodas, mezas de cabeceira, camas para casados e solteiros, aparelhos de porcelana para lavatorios, guarda-louças, Etageres, mesas elasticas, linda vitrine espelhos ao fundo e vidros grandes, Bureau-ministre, escrivaninhas, secretarias, estantes de ferro para livros (...) biscuits, cortinas para janelas, curtinado para camas (...)" (Diario de Minas, 15/11/1898, N.Prospecto: 1)

"Grande emporio de moveis. TAPEÇARIA E COLCHOARIA DE A.Casaes & Comp. Rua da Bahia, proximo á Camara dos Deputados. Os proprietarios desta casa participam aos seus numerosos freguezes que continuam a ter sempre em exposição lindas mobílias de jacarandá e à fantasia para sala de visitas, espelhos lindíssimos com molduras douradas, tapetes para sofá e camas gravuras, port-brestos, escarradeiras, guarda-vestidos, guarda-casacas com espelho, lavatorios, comodas, mezas de cabeceira, camas para casados e solteiros, aparelhos de porcelana para lavatorios, guarda-louças, étagères, mesas elasticas, linda vitrine espelhos ao fundo e vidros grandes, Bureau-ministre, escrivaninhas, secretarias, estantes de ferro para livros (...)" (Diario de Minas, 06/01/1899, N.5: 3)

O estrangeirismo *bureau ministre* foi encontrado três vezes em dois jornais: *Bello Horizonte* e *Diário de Minas*. Em todos os casos, ele apareceu em publicidades do mesmo anunciante: A. Casaes & Comp., uma casa especializada em móveis domésticos. No jornal *Diario de Minas* ocorreu no mesmo anúncio que se repetiu em dois números.

A unidade lexical não foi encontrada no dicionário da Academia Francesa (1932-1935). Foram feitas várias tentativas: buscamos por *bureau ministre* (com e sem hífen), por *bureau* e só encontramos uma pequena referência quando buscamos por *ministre*. Assim sendo, foi preciso recorrer a outras ferramentas para esclarecer seu sentido. Recorremos ao *Trésor de la Langue Française informatisé*<sup>163</sup>, que nos trouxe, além da definição, uma primeira referência de utilização da unidade datada de 1893, o que nos mostrou um uso também recente na língua francesa.

A definição do *TLFi* pareceu estar sugerindo (pois apresentou as duas formas) que o estrangeirismo podia ser grafado com ou sem hífen. No jornal *Bello Horizonte*, ele apareceu grafado sem o hífen e no *Diário de Minas*, apareceu com hífen. Nos três casos, o estrangeirismo foi escrito com maiúscula.

---

<sup>163</sup> O *Trésor de la Langue Française informatisé* (TLFi) é a versão informatizada do *Trésor de la Langue Française*, um dicionário dos séculos XIX e XX, com 16 volumes e 1 suplemento.

Pensamos inicialmente que a maiúscula tinha sido a escolha dos autores dos textos para marcar os elementos estrangeiros. No entanto, no mesmo texto, no primeiro jornal, outro estrangeirismo não estava marcado. No segundo jornal, no primeiro anúncio, além do *bureau ministre*, foram utilizados outros dois estrangeirismos franceses: um deles estava escrito com maiúscula, mas o outro não. No último anúncio, *bureau ministre* continuava com maiúscula, mas outro estrangeirismo não estava marcado. A falta de padronização na escrita, ao que tudo indica, não nos permitiu tecer conclusões a respeito de marcas dos elementos estrangeiros naquele contexto.

Em francês, *bureau ministre* era um substantivo masculino. Nos exemplos, percebeu-se que ele funcionava como substantivo, mas não temos nenhum elemento para confirmar o gênero. Também não temos elementos suficientes para dizer como funcionava a flexão de número. Nesse caso, como não tivemos *bureau ministre* presente em nenhum dicionário da língua portuguesa, dependemos muito dos exemplos para tecer as considerações necessárias, e, no entanto, eles não foram muitos esclarecedores.

Pela definição do *TLFi*, *bureau ministre* designava uma grande "escrivania" com duas séries de gavetas laterais. Os nossos exemplos não foram claros, mas acreditamos que *bureau ministre* designava o mesmo objeto, tanto em português como em francês. Assim sendo, ele foi classificado no campo lexical referente a móveis e adornos de casa.

O estrangeirismo, ao que tudo indica, não tinha correspondente em português. Em nenhum dos dicionários de língua portuguesa consultados encontramos qualquer referência. Somente no segundo volume de *Os Estrangeirismos* de Cândido Figueiredo (1957), pudemos ter a exata dimensão do tipo de móvel ao qual se referia o estrangeirismo. Segundo o autor, *bureau ministre* "é uma *secretária* mais ou menos cara, sem pernas, com várias gavetas quase até o chão, e geralmente sem resguardos na face superior".<sup>164</sup> Como se pode perceber, *bureau ministre* designava um tipo de *secretaria* (chamada hoje de *escrivania*) que possuía mais gavetas do que as outras e, como o autor mostra, esses tipos de *secretaria* "podem ver-se no gabinete de qualquer ministro". No entanto, o autor não concebia a ideia de dar a esse tipo de *secretária* um nome francês. Ele afirmava que, mesmo existindo variações no objeto, o nome poderia ser *secretaria*:

---

<sup>164</sup> FIGUEIREDO, 1957, p.36.

"Maior ou menor, com mais ou menos gavetas, mais ou menos artisticamente construída, a *secretaria* designa perfeitamente aquele móvel".<sup>165</sup>

Apesar de, segundo a nossa opinião, o estrangeirismo ter sido usado para designar um objeto novo que entrava para aquela cultura, o nome não prevaleceu, talvez porque o objeto também não tenha prevalecido. Parece-nos que o estrangeirismo entrou para a língua, figurou por algum tempo (mas não o suficiente para entrar para um dicionário) e depois deixou de ser usado.

| <b>Ficha 5 – Cognac</b>   |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br/> <b>COGNAC.</b> n. m. Eau-de-vie réputée qui a son centre de production dans la région de Cognac.</p>   |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b><br/>           + COGNAC, s.m. Do fr. O mesmo que conhaque: "Estas angústias eram entremeadas com alguns tragos ardentes de <i>cognac</i>" (Camilo). "O meu amigo bebeu o undécimo calis de <i>cognac</i>, e deu-me as boas noites" (Id.) p.1449<br/>           CONHAQUE, s.m. Fr. <i>Cognac</i>, n. p. Aguardente, composta em Cognac, ou semelhante à que lá se fabrica. (p.1525)</p>  |
| <p><b>Houaiss (2009):</b><br/>           conhaque <i>s.m.</i> (1873) 1 bebida alcoólica obtida pela destilação de vinhos brancos da região de Cognac, na França 1.1 bebida similar produzida em qualquer lugar 2 <i>p.met.</i> uma dose de conhaque &lt;<i>adormeceu depois do quarto c.</i>&gt; O ETIM adp. ao port. do top. <i>Cognac</i>, região da França, acp. 'bebida' (p.523)</p>  |
| <p>"Vinhos do Porto; Villar d'Allem, Lagrima Christo, Dom Vasco, Clarette, Adriano Ramos, Rhum Topaze de Jamaica, Cognacs finos, licores, vermutti Italiano e Francez, Amaro Felsina de Ramazzote, Fernet Branca, Bitter, Amer de Picon, etc, etc. encontra-se no BAZAR SUL AMERICA – Avenida Paraopeba". (Bello Horizonte I, 26/06/1898, N. 147: 3)</p> <p>"CAFÉ E BILHARES. Pinto Valente. O proprietario deste estabelecimento participa a seus amigos e freguezes que recebeu um grande sortimento de Licores, Cognac, Champagne, Vermouth, Vinhos do Porto, Cerveja Guinness's Bavaria, Queijo do Reino, Goyabada de Campos, Manteiga Demagny, Biscoutos Francezes, Presuntos, Arroz do Japão. O que vende por preços baratissimos. Avenida da Liberdade n.3. BELLO HORIZONTE." (A Capital, 06/05/1897, N.66: 3)</p> <p>"O sr. F. Ferraz, negociante aqui residente, recebeu ha dias, vindos de Ouro Preto, diversos volumes de mercadorias. Ao abri-los, notou que em duas caixas de vinho faltavam algumas garrafas que foram substituidas por pedras, e de tal modo que as demais garrafas não se quebraram. Numa caixa de cognac faltavam tambem dous litros e em diversos caixões de velas muitos massos (...) O caso requer sindicancia, afim de que sejam</p> |

<sup>165</sup> FIGUEIREDO, *loc. cit.*

punidos os individuos que abusam do cargo que occupam fazendo taes falcatruas".(A Capital, 04/08/1898, N.129: 1)

O estrangeirismo *cognac* foi encontrado três vezes em dois jornais: *Bello Horizonte* e *A Capital*. No primeiro jornal, aconteceu no anúncio do Bazar Sul América. Já no segundo jornal, no primeiro caso, ocorreu no anúncio do Café e Bilhares Pinto Verde e, no segundo, em um texto que noticiava um furto de bebidas.

Em todos os três casos, o estrangeirismo estava escrito de acordo com sua forma francesa e em nenhum momento apareceu marcado. Em ambas as línguas pertencia à mesma classe e ao mesmo gênero. A flexão em número se deu através do acréscimo de –s.

No dicionário da Academia Francesa (1932-1935), encontramos *cognac* definido como uma bebida fabricada na região de Cognac. No Laudelino Freire (1940) e no Houaiss (2009), além dessa definição, encontramos o estrangeirismo sendo definido como qualquer bebida similar à produzida em tal região. Em Freire (1940), encontramos tanto a forma francesa como a forma aportuguesada.

Através dos exemplos não podemos afirmar se o estrangeirismo designava, naquele contexto, a bebida fabricada na região Cognac ou outra bebida similar. Não temos condições de dizer se ele já tinha adquirido novo sentido. No entanto, o estrangeirismo já figurava na língua há um tempo, pois sua data de entrada, segundo Houaiss (2009), é de 1873. Assim sendo, acreditamos, mas não podemos afirmar, que já nessa época ele tinha evoluído o sentido e designava também qualquer bebida similar. Ele foi classificado no campo lexical referente à culinária/alimentação.

O que se percebeu, pela data de entrada do estrangeirismo na língua e pela falta de marcas em todos os casos, é que ele já era bem usado, bem conhecido e, apesar de haver a possibilidade de existir a forma em português, a forma francesa era mantida.

Há a possibilidade também de pensarmos que as duas formas eram usadas concomitantemente, uma vez que Freire (1940) registrou as duas. Assim sendo, o uso do estrangeirismo se configuraria, inicialmente, como um caso em que um produto novo traz consigo um conceito novo. Mas a manutenção da forma francesa, mesmo depois de algum tempo na língua e mesmo depois de muito usado, revelou-nos uma preferência por tal forma, uma maneira de buscar referências francesas para a bebida.

Segundo Cândido Figueiredo (1957), a forma em português *conhaque* deveria ser adotada, uma vez que não se tinham vocábulos portugueses terminados em *c* e que a expressão já estaria bem vulgarizada, não se configurando como uma novidade. Percebeu-se e confirmou-se, assim, que em alguns casos, mesmo a bebida sendo conhecida e mesmo já existindo o nome português para ela, a forma francesa era mantida.

| <b>Ficha 6 – Étagère</b>  |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br/> <b>ÉTAGÈRE</b> n. f. Meuble à rayons superposés sur lesquels on place divers objets, soit d'ornement, soit d'un usage journalier. <i>Objets d'étagère</i>, Petits objets d'art ou de fantaisie que l'on place sur une étagère.</p>   |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b><br/> + <b>ÉTAGÈRE</b>, s.f. Do <i>fr.</i> Móvel composto de certo número de prateleiras sobrepostas, sôbre as quais se colocam objetos de louça ou baixelas. // 2. Espécie de estante sem portas e com prateleiras, em que se colocam objetos de arte ornamental em aposentos. // 3. Elevação disposta em degraus, onde se arrumam telhas e tijolos. p. 2412</p>  |
| <p><b>Houaiss (2009):</b><br/> <i>étagère</i> (...) [fr.] s.f. 1 CONSTR elevação com degraus onde se arrumam telhas e tijolos 2 MOB espécie de estante de prateleiras abertas e sem portas, às vezes com um gabinete fechado na base, onde se guardam objetos ornamentais ou ainda objetos de ouça ou baixelas; aparador.</p>   |
| <p>GRANDE EMPORIO DE MOVEIS. Tapeçaria e Colchoaria. A.CASAES &amp; Comp. RUA DA BAHIA, proximo a Camara dos Deputados. Exposição permanente de mobílias de diversos feitios para sala de visitas, guarda-vestidos, guarda-casacas com espelho, lavatorios diversos, camas para solteiros e casados, mesas de cabeceira, guarda louças, etageres, mesas elasticas, Bureau ministre, secretarias, mesas (...). (Bello Horizonte I, 01/10/1898, N. 157: 3)</p> <p>"Grande emporio de moveis. TAPEÇARIA E COLCHOARIA DE A.Casaes &amp; Comp. Rua da Bahia, proximo á Camara dos Deputados. Os proprietarios desta casa participam aos seus numerosos freguezes que continuam a ter sempre em exposição lindas mobílias de jacarandá e à fantazia para sala de visitas, espelhos lindissimos com molduras douradas, tapetes para sofá e camas gravuras, port-brestos, escarradeiras, guarda-vestidos, guarda-casacas com espelho, lavatorios, comodas, mezas de cabeceira, camas para casados e solteiros, aparelhos de porcelana para lavatorios, guarda-louças, Etageres, mesas elasticas, linda vitrine espelhos ao fundo e vidros grandes, Bureau-ministre, escrivaninhas, secretarias, estantes de ferro para livros (...) biscuits, cortinas para janelas, curtinado para camas (...)" (Diario de Minas, 15/11/1898, N.Prospecto: 1)</p> <p>"Grande emporio de moveis. TAPEÇARIA E COLCHOARIA DE A.Casaes &amp; Comp. Rua da Bahia, proximo á Camara dos Deputados. Os proprietarios desta casa participam aos seus numerosos freguezes que continuam a</p> |

ter sempre em exposição lindas mobílias de jacarandá e à phantazia para sala de visitas, espelhos lindíssimos com molduras douradas, tapetes para sofá e camas, gravuras, port-brestos, escarradeiras, guarda-vestidos, guarda-casacas com espelho, lavatorios, comodas, mezas de cabeceira, camas para casados e solteiros, aparelhos de porcelana para lavatorios, guarda-louças, étagères, mesas elasticas, linda vitrine espelhos ao fundo e vidros grandes, Bureau-ministre, escrivaninhas, secretarias, estantes de ferro para livros (...)" (Diario de Minas, 06/01/1899, N.5: 3)

O estrangeirismo *étagère* foi encontrado três vezes em dois jornais: *Bello Horizonte* e *Diário de Minas*. Em todos os casos, ele apareceu em publicidades do mesmo anunciante: A. Casaes & Comp., uma casa especializada em móveis domésticos. No jornal *Diario de Minas* ocorreu no mesmo anúncio que se repetiu em dois números.

Ao que tudo indica, o estrangeirismo foi importado com o mesmo sentido que tinha na língua francesa. No entanto, como já dissemos, não podemos sustentar tal afirmação, pois os exemplos não foram esclarecedores e não encontramos definições para o estrangeirismo em dicionários de língua portuguesa. Sabemos somente que o nome *étagère* designava um móvel, por isso foi classificado no campo lexical referente a móveis e adornos de casa.

Em relação à grafia, mais uma vez a falta de padronização na escrita dos estrangeirismos nos impossibilitou uma análise mais contundente. No jornal *Bello Horizonte* e no primeiro anúncio do *Diário de Minas*, o estrangeirismo apareceu sem os seus dois acentos. A grafia só apareceu de acordo com a língua francesa no segundo anúncio do *Diário de Minas*. No que concernem as marcas, no primeiro anúncio do *Diario de Minas* ele apareceu com maiúscula, nos outros dois casos, foi usado sem nenhuma marca.

Pela definição do dicionário da Academia Francesa (1932-1935), verificou-se que *étagère* era um substantivo feminino. Pelos nossos exemplos percebeu-se que ele funcionava como substantivo, mas não tínhamos nenhum elemento que nos indicasse o gênero feminino. A flexão de número se fez pelo acréscimo de –s.

Segundo Figueiredo (1956), para a substituição do estrangeirismo, existia o correspondente português *prateleira*. Segundo o autor, "conforme a aplicação do objeto, também, em vez de *étagère* nos podemos servir da *cantoneira*, da *misula*, do papagaio...".<sup>166</sup> Infelizmente não temos condição de dizer se *prateleira* se configurava como o mesmo móvel designado por *étagère*.

---

<sup>166</sup> FIGUEIREDO, 1956, p.10.

A impossibilidade de uma afirmação categórica na situação anterior nos levou a relativizar as possíveis razões para o empréstimo do estrangeirismo. Se *étagère* designava o mesmo móvel que *prateleira*, temos um caso de uso de elemento estrangeiro como forma de associação a ideia de prestígio. Se as unidades lexicais designavam móveis diferentes com algum aspecto peculiar, seria um caso em que um produto novo traz consigo o nome da cultura de origem.

Acrescentamos, para finalizar, que o estrangeirismo não continuou na língua portuguesa, talvez porque o objeto que designava também não tenha prevalecido, ou porque foi substituído por *prateleira*. Parece-nos que entrou na língua, figurou por algum tempo e depois deixou de ser usado.

| <b>Ficha 7: Jupe</b>  |
|---|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br>JUPE. n. f. La partie de l'habillement des femmes qui descend depuis la ceinture plus ou moins bas, suivant la mode. <i>Jupe longue. Jupe courte. Jupe plissée.</i>   |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e  |
| <b>Houaiss (2009):</b> n/e  |
| "Correio dos Salões. (...) O dr. Salvador, sempre <i>gentleman</i> , abriu ante-hontem os seus salões, offerecendo uma encantadora <i>soirée</i> dançante que só terminou ás tres da manhã de hontem. (...) As toilettes das senhoritas que o nosso representante nos trouxe... de memória: Aida e Marietta Pinto, en rose; Coralia e Ordalia Magalhães, bleu et rose; Rosinha Sigaud marron e blanc; Ormilla Salles, en blanc; Herenia Lopes, blanc et lilaz; Lilita Germano, blusa escoceza e saia vert-foncé; Augusta Horta, blusa vert et jupe bleue; Annita Franciort, blusa vert e jupe marron; Luiza Guimarães, en blanc; Cacilda Salles, blanc et bleu; Rosalinda e Maria José Moss, blusa branca e jupe noire. Senhoras: Etelvina Pinto, bleu et saumon; Lalita Abreu, blusa gris perle e jupe marron; Rosalinda Moss, en noir; Guilhermina Bacellar, marron et rose; Floriania Germano, gris perle et bleu". (Bello Horizonte, 13/02/1899, N. 268: 2) |
| "Falando de cousas leves – nada vem tanto <i>a calhar</i> como a mimosa folhinha de desfolhar que vi entrar pelo meu gabinete a dentro um dia desses – enviada pelos Haas. (...) Não é que eu mereça, não, porém o bondoso Haas doeu-se de certo do meu isolamento e mandou-me a folhinha, que me faz uma companhia preciosa... Imaginem os leitores duas deliciosas filhas de Eva, vivendo no delicado colorido de um chromo, uma em toilette <i>rose</i> , outra em toilette <i>bleu</i> , arrepanhando delicadamente a <i>jupe</i> de gaze, na posição graciosa de um minuet tentador, sobre um chão de rosas, ostentando pelo decote indiscreto a lyrial alvura de um collos alabastrino ..." (A Capital, 10/03/1898, N.110: 1)   |

O estrangeirismo *jupe* foi encontrado cinco vezes em dois jornais: *Bello Horizonte* e *A Capital*. No *Bello Horizonte*, as quatro ocorrências foram distribuídas em um texto em que uma festa e os convidados são apresentados e descritos com detalhes. N' *A Capital*, apareceu uma única vez em um texto no qual o autor descrevia um presente que ganhou.

No primeiro jornal, nenhuma das quatro ocorrências estava marcada. A falta de marcação, entretanto, não tinha relação com a estrangeiridade do termo, pois assim como aconteceu com *bleu*, foi uma decisão do autor. Ele não marcou o *jupe* e nenhum outro estrangeirismo referente às roupas e às cores das roupas descritas. Já no texto d' *A Capital*, *jupe* aparece em itálico.

Sabemos, pela definição, que o estrangeirismo *jupe* era o equivalente em português de *saia*. A unidade lexical *saia* já existia na língua e tinha outra etimologia. Não temos condições, entretanto, de afirmar se o estrangeirismo era usado para substituir *saia* ou se se configurava como uma *saia* de outro modelo, ou se possuía algum aspecto diferente da *saia* em português.

Apesar de não podermos afirmar nada em relação ao sentido de *jupe*, podemos tecer algumas outras considerações. O fato de nenhum dicionário português ter trazido sua definição pode indicar que este foi um estrangeirismo que ficou pouco tempo na língua, mas também pode indicar que *jupe* estava sendo utilizado no lugar de uma unidade lexical que já existia em português, com o mesmo sentido, por isso não permaneceu. Outra indagação é o fato de o autor ter usado o estrangeirismo *jupe* e a unidade lexical portuguesa *saia* no mesmo texto. Isso poderia nos indicar uma diferença entre o sentido das unidades, mas também, uma diferença na descrição de algumas senhoras e senhoritas, de acordo com o prestígio de cada uma.

Na língua francesa, *jupe* era um substantivo feminino. Os exemplos nos confirmam essa mesma característica morfológica na língua portuguesa pela presença do artigo definido no feminino e pela concordância de gênero dos adjetivos. Mais uma vez não temos elementos suficientes para falar da flexão de número, pois *jupe* não apareceu no plural.

O campo lexical do estrangeirismo *jupe* seria o correspondente ao vestuário.

Mais uma vez temos que relativizar as possíveis razões para o empréstimo do estrangeirismo. Se *jupe* designava a mesma peça de roupa que *saia*, temos um caso de uso de elemento estrangeiro como forma de prestígio. No entanto, se as unidades lexicais designavam roupas diferentes com algum aspecto peculiar, seria um caso em que um produto novo traz consigo o nome da cultura de origem.

Nenhum dos usos acima mencionados permaneceu na língua portuguesa: nem o estrangeirismo *jupe* substituindo *saia* e nem *jupe* designando outro tipo de vestimenta.

| <b>Ficha 8: Madame</b>  |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>MADAME.</b> n. f. Titre qu'on ne donnait autrefois qu'aux femmes de qualité et que l'on donne aujourd'hui communément aux femmes mariées, soit en parlant d'elles, soit en leur parlant ou en leur écrivant. <i>Madame la duchesse. Madame la maréchale. Madame une telle.</i> On dit au pluriel <i>Mesdames</i>.</p> <p>En parlant des Reines, on dit seulement <i>La reine</i>, et on ne se sert du titre de <i>Madame</i> qu'en leur parlant ou en leur écrivant. <i>Madame, si Votre Majesté...</i></p> <p><b>MADAME</b> était aussi le Titre qu'on donnait à toutes les filles de maison souveraine, lors même qu'elles n'étaient pas mariées. <i>Madame Élisabeth. Mesdames de France.</i></p> <p>Il se donne également aux Chanoinesses, aux abbesses, etc. <i>Madame l'abbesse de Château-Châlons. Mesdames les chanoinesses de Remiremont. Madame la chanoinesse une telle.</i></p> <p><b>MADAME</b>, employé absolument, désignait autrefois la Fille aînée du roi ou du dauphin, ou la Femme de Monsieur, frère du roi.</p> <p>Quoique le mot de <i>Madame</i> ne doive point recevoir l'article, on dit familièrement <i>Elle fait la madame</i>, Elle se donne des airs.</p> <p><i>Jouer à la madame</i> se dit des petites filles qui s'amuse ensemble à contrefaire les dames, en se faisant des visites, des compliments les unes aux autres. On dit plutôt <i>Jouer à la dame</i>.</p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p>MADAME, s.f. Fr. <i>madame</i>. Senhora.    2. <i>Pop.</i> Espôsa.    3. Montículo, espécie de marco de terra, que se deixa em meio de um escavação, para depois se conhecer a profundidade desta, e que é também designado por <i>dama</i> e <i>testemunha</i>. (p.3257)</p>  |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>madama</b> s.f (sXIII) <b>1</b> <i>infrm.</i> m.q. <i>MADAME</i>. <b>2</b> <i>B cr.</i> Patrulha policial; policia ⊖ ETIM ver em <i>madame</i> ⊖ SIN/VAR ver sinonímia de <i>meretriz</i> ⊖ COL <i>damaísmo, madamismo</i> (p.1213)</p> <p><b>madame</b> s.f (sXIX) <b>1</b> mulher adulta, casada ou solteira; dama, senhora <b>2</b> mulher que pratica o meretrício; meretriz, prostituta <b>3</b> gerente de prostíbulo; alcoviteira, caftina <b>4</b> <i>B infrm.</i> dona de casa; patroa <b>5</b> <i>B infrm.</i> mulher, esposa <b>6</b> <i>MG infrm.</i> mulher costureira <b>7</b> <i>MG infrm.</i> assistente de partos; parteira ⊖ ETIM fr. <i>madame</i> 'senhora' ⊖ SIN/VAR ver sinonímia de <i>meretriz</i> ⊖ COL <i>damísmo, madamismo</i> (p.1213)</p>   |
| <p>"Foi presa em Paris a esposa do pintor Bianchini, o desenhador dos <i>costumes</i> dos theatros da Opera e Opera Comique. A tal consorte, que parece sogra, tem 29 annos e é acusada de tentar envenenar o marido, propinando lhe atropina. Dizem que madame Bianchini não tem o miolo em muito bom estado". (Bello Horizonte I, 10/01/1899, N. 240: 3)</p>  |

"MADAME E MADEMOISELLE FERRAND leccionam frances e piano em casas de familias. Para tratar na rua dos *Aymorés* (chalet do Pinheiro)". (A Capital, 12/12/1897, N.98: 4)

"PIANO E FRANCEZ. Madame e Mademoiselle Fernand leccionam essas materias em casas de familia por preços muito razoaveis". (Diario de Minas, 15/11/1898, N.Prospecto: 3)

O estrangeirismo *madame* foi encontrado em três jornais diferentes: *Bello Horizonte*, *A Capital* e *Diario de Minas*. No *Bello Horizonte*, ocorreu em uma nota sobre um fato acontecido em Paris: a prisão da esposa de um pintor por tentativa de envenenamento. Na *Capital* e no *Diário de Minas*, ocorreu em anúncios de aulas de francês e de piano.

O estrangeirismo foi grafado com maiúscula no anúncio d' *A Capital* e em caixa alta no anúncio do *Diario de Minas*. Por se tratar de uma forma de tratamento e de textos de publicidade, consideramos que tais marcas tinham outros fins, que não os de marcar a estrangeiridade do termo. No jornal *Bello Horizonte*, o estrangeirismo apareceu sem marcas, o que é um fato notável, pois no mesmo texto estava presente outro estrangeirismo que foi marcado com itálico. Há a possibilidade, devido ao exemplo, de concluirmos que *madame* não era sentido como estranho ou como novidade.

Esse sentimento de não novidade foi comprovado pela etimologia da unidade lexical. Na verdade, *madame* fazia parte da língua portuguesa desde o século XIII, mas na época utilizava-se a forma aportuguesada *madama*. No entanto, como estamos vendo, no século XIX a forma francesa é retomada. *Madame* não era um estrangeirismo novo e muito menos era sentido como tal.

O referido estrangeirismo possuía dois sentidos na língua francesa: o de mulher casada e de um título de nobreza. A definição do dicionário da Academia Francesa (1932-1935) indicou que, outrora, mulheres de estirpe também eram chamadas de *madames*. Nos nossos exemplos, *madame* foi utilizado com a acepção de mulher casada.

Por sua vez, o dicionário de Laudelino Freire (1940) trouxe três sentidos para *madame* e dois deles eram novos: além de mulher casada, ele trouxe senhora e montículo, espécie de marco de terra. Já pela definição de Houaiss (2009), podemos perceber que *madame* permaneceu na língua portuguesa e foi usado em épocas diferentes com sentidos bem opostos: senhora e mulher casada, mas também prostituta.

Em ambas as línguas, *madame* era um substantivo feminino. Podemos verificar essa informação através das três definições, como também através dos exemplos pois, em todos os casos, o estrangeirismo veio acompanhando ou fez referência a um nome de mulher. Não temos elementos suficientes para tratar da flexão de número.

Ao classificar o estrangeirismo *madame* de acordo com o seu campo lexical, este foi colocado no campo referente a epítetos e formas de tratamento.

Na língua portuguesa, tínhamos como possibilidade de substituição para o estrangeirismo a forma aportuguesada *madama* e também os vernáculos *senhora ou dama*. Segundo Figueiredo:

Tratando-se até de senhoras francesas, os nossos mestres, como o Filinto, escreviam *madama*; mas realmente, referindo-nos a uma senhora francesa, eu não me escandalizo muito quando, em português, leio *Madame Adam*. Agora, chamar *madame* às nossas mulheres é francesia estreme. O nosso povo já adaptou *madama*, que ele, em linguagem familiar, aplica à mulher casada. Será por isso, por se ter vulgarizado o termo *madama*, que ele já não serve em estilo de esporte? (FIGUEIREDO, 1956:40)

A declaração de Figueiredo nos ajudou a pensar nas possibilidades que explicam a retomada do uso da forma francesa. A distância no tempo não nos permitiu apontar a verdadeira razão. Talvez a constância do contato com a língua, objetos e referências tenha motivado o retorno do estrangeirismo.

| <b>Ficha 9: Mademoiselle</b>   |
|--|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b>   |
| <b>MADemoISELLE.</b> n. f. Titre qu'on donne ordinairement aux jeunes filles, soit en parlant d'elles, soit en leur parlant ou en leur écrivant. On dit au pluriel <i>Mesdemoiselles</i> . C'était aussi le titre qu'on donnait autrefois à Toute femme mariée qui n'était pas noble. Employé absolument, il désignait autrefois la Fille aînée de Monsieur, frère du roi, ou La première princesse du sang, tant qu'elle était fille. |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e   |
| <b>Houaiss (2009):</b> n/e   |
| <b>Antônio Geraldo da Cunha (1982):</b>  |
| <b>madama</b> <i>sf.</i> 'senhora' XIII. Do fr. <i>madame</i> , de <i>ma</i> 'minha' + <i>dame</i> 'senhora', do lat. <i>domina</i> . Do fr. <i>mademoiselle</i> 'senhorita' há farta documentação em textos portugueses do séc. XVII: <i>madamusella</i> 1642, <i>madamoiselle</i> 1644, <i>madamuzella</i> 1648, <i>mademoiselle</i> 1648, <i>madamoçela</i> 1654 etc.   |
| "MADAME E MADEMOISELLE FERRAND leccionam frances e piano em casas de familias. Para tratar na rua dos <i>Aymorés</i> (chalet do Pinheiro)". (A Capital, 12/12/1897, N.98: 4)   |

"PIANO E FRANCEZ. Madame e Mademoiselle Fernand leccionam essas materias em casas de familia por preços muito razoaveis". (Diario de Minas, 15/11/1898, N.Prospecto: 3)

O estrangeirismo *mademoiselle* foi encontrado em dois jornais: *A Capital* e *Diário de Minas*. Em ambos os jornais, ocorreu em anúncios de aulas de francês e de piano. Ele apareceu grafado com maiúscula no anúncio d' *A Capital* e em caixa alta no anúncio do *Diario de Minas*. Por se tratar de uma forma de tratamento e de textos de publicidade, consideramos que tais marcas tinham outros fins que não os de marcar a estrangeiridade do termo.

Assim como o estrangeirismo *madame*, a unidade lexical *mademoiselle* estava presente na língua portuguesa há muito tempo. Segundo Antônio Cunha (1982), o estrangeirismo figurava na língua desde o século XVII e nessa época já havia tentativas de aportuguesamento. A forma francesa deve ter reaparecido no final do século XIX e início do XX devido à forte influência francesa da época. Mas, ao contrário do estrangeirismo *madame* que permaneceu na língua, teve um uso considerável e entrou para os dicionários, *mademoiselle* parece não ter tido o mesmo uso e a mesma importância.

Outro aspecto em comum entre os estrangeirismos é o campo lexical, ambos pertencentes ao que se refere a epítetos e formas de tratamento.

Nos exemplos que recolhemos, *mademoiselle* foi utilizado segundo a primeira acepção presente na definição do dicionário da Academia Francesa (1932-1935): moças não casadas. Através do dicionário, verificou-se também que ele era um substantivo feminino na língua francesa e que manteve essa característica morfológica. Mais uma vez, não temos elementos suficientes para discorrer sobre a flexão de número.

Em relação a possíveis substitutos para o estrangeirismo, a língua portuguesa tinha a unidade lexical *senhorita*, presente na língua desde 1844, segundo Cunha (1982), ou formas aportuguesadas do estrangeirismo utilizadas no século XVII. No entanto, a retomada da forma francesa, nos diz muito sobre o contexto de influência da época.

Os textos de Figueiredo (1956; 1957), que condenam o uso de estrangeirismos, não trouxeram referência a *mademoiselle*. Talvez seja essa mais uma prova do que dissemos anteriormente, isto é, que seu uso não foi tão difundido como o de *madame*.

| <b>Ficha 10: Mignon</b>  |
|--|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>MIGNON, ONNE.</b> adj. Qui, dans son apparence menue, offre de la grâce et de la gentillesse.<br/> <i>Visage mignon. Bouche mignonne. Pied mignon. De mignons petits souliers. (...)</i></p> <p><b>MIGNON</b> s'emploie aussi comme nom et c'est alors un terme d'affection dont on se sert en parlant à un enfant.<br/> <i>Mon mignon. Mon petit mignon. Ma mignonne.</i></p> <p><b>MIGNON</b>, nom masculin, signifie encore, familièrement, favori. Il se prend en mauvaise part. <i>Les mignons d'Henri III.</i></p>   |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p>MINHÃO, s.m. Fr. <i>mignon</i>. Ant. Menino querido. (p.3437)</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>mignon</b> (...) [fr.] <i>adj.</i> <b>1</b> elegante, harmonioso, de tamanho pequeno e ao mesmo tempo delicado ■ <i>apos.s.m.</i><br/> <b>GRÁF 2</b> diz-se de ou caráter tipográfico de sete pontos Didot Ø SIN/VAR gentil, charmoso, gracioso, bonito (p.1289)</p>   |
| <p>"Falando de cousas leves – nada vem tanto <i>a calhar</i> como a mimosa folhinha de desfolhar que vi entrar pelo meu gabinete a dentro um dia desses – enviada pelos Haas. (...) Não é que eu mereça, não, porém o bondoso Haas doeu-se de certo do meu isolamento e mandou-me a folhinha, que me faz uma companhia preciosa... Imaginem os leitores duas deliciosas filhas de Eva, vivendo no delicado colorido de um chromo, uma em toilette <i>rose</i>, outra em toilette <i>bleu</i>, arrepanhando delicadamente a <i>jupe</i> de gaze, na posição graciosa de um minuete tentador, sobre um chão de rosas, ostentando pelo decote indiscreto a lyrial alvura de um collos alabastrino (...) Obrigado Haas! Muito obrigado! Olha - não há um só dia em que não me lembre de ti, porque, cada vez que tiro o numero <i>mignon</i> da folhinha, penso contente: - O Haas, porque é muito amavel e muito barateiro, vende hoje mais cinco contos de réis e falta menos um dia para eu receber outra folhinha tão bonita e dada de tão boa vontade como esta... PIERROT". (A Capital, 10/03/1898, N.110: 1)</p> <p>"Elogio Mutuo. A <i>Via-Lactea</i>, revista <i>mignonne</i> da Capital Federal, terçou contra o «elogio mutuo» que por alli grassa, formando uma <i>panellinha</i> de privilegiados, fóra da qual não ha salvação". (Aurora, 01/07/1897, N.16: 3)</p> |

O estrangeirismo *mignon* foi encontrado em dois jornais: *A Capital* e *Aurora*. N' *A Capital*, apareceu em um texto no qual o autor descrevia um presente que ganhou e ao elogiar o presente, utilizou o estrangeirismo. Na *Aurora*, o contexto de utilização não ficou totalmente claro, mas ele foi utilizado para elogiar (ou elogiar criticamente) uma revista.

Segundo o dicionário da Academia Francesa (1932-1935), *mignon* era um adjetivo que significava de aparência pequena, gracioso, gentil. Como substantivo, designava um termo de afeição usado para crianças e também podia significar preferido. O dicionário de Laudelino

Freire (1940) apresentou sua forma aportuguesada com um sentido: menino querido. Por sua vez, Houaiss (2009) registrou um sentido parecido com a primeira definição do Dicionário da Academia e trouxe um sentido novo relacionado à tipografia.

Nos exemplos, *mignon* foi utilizado apenas como adjetivo. E parece que esse era o seu uso mais frequente, tanto que permaneceu na língua como tal. Apesar de Laudelino Freire (1940) tê-lo registrado como substantivo, acreditamos que foi um uso temporário, sem muita importância.

Em ambos os exemplos, o estrangeirismo se flexionou de acordo com o gênero do substantivo a que se referia: *revista mignonne* e *o numero mignon da folhinha*. Não temos elementos para discorrer sobre a flexão de número. Em relação à grafia, em todos os casos ele apareceu escrito em itálico.

É interessante notar que *mignon* figura no dicionário contemporâneo em sua forma original, ou seja, não se adaptou graficamente à língua portuguesa. Ele é muito conhecido pelos falantes da língua como um adjetivo que caracteriza *filet*. Não conseguimos informações de quando esse uso começou. Também não encontramos a definição de *filet mignon* na oitava edição do jornal da Academia, somente na nona edição de 1992. Segundo a definição do dicionário:

"**FILET** n.m. XIIe siècle. Diminutif de *fil*. (...)

**III. BOUCHERIE.** Morceau de chair de forme allongée qu'on prélève sur certains animaux. *Filet de boeuf, de porc, de veau, d'agneau. Filet de sanglier, de chevreuil. Faux-filet, Contre-filet, voir ces mots. Filet mignon*, petite pièce de viande détaillée à la pointe du filet du boeuf (designe parfois le filet de veau, de porc, etc.). ■ Par anal. *Filet de volaille*, qu'on prévèle sur la poitrine d'une volaille, au-dessous des ailes. *Filet de poisson*, morceau de chair plat et de forme allongée, qu'on détache de l'arête dorsale. *Filet de sole. Des filets de harengs marines*".<sup>167</sup>

O estrangeirismo *mignon*, enquanto qualificador de *filet*, aconteceu em dois textos, um no jornal *A Capital* e outro na *Folha Pequena*. Em ambos os textos, festas estavam sendo descritas com detalhes e o cardápio servido aos convidados estava todo em francês. Por uma decisão metodológica, os estrangeirismos franceses presentes nesses textos não entraram como dados para a análise.

Gostaríamos de registrar que *mignon*, enquanto adjetivo, era muito comum e muito usado. Foi encontrado em vários momentos da nossa leitura de outros jornais que não foram escolhidos

---

<sup>167</sup> *Dictionnaire de l'Académie française*. 9ème édition. Version informatisée. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/academie.htm>>. Acesso: 18 dez 2012.

para compor o *corpus*. Em relação ao campo lexical, não conseguimos classificá-lo. Talvez o fato de ser um adjetivo impeça tal classificação. Para substituí-lo, no sentido em que era utilizado, teríamos possibilidades de correspondentes em português, mas talvez o seu uso fosse uma questão de moda.

| <b>Ficha 11: Poule</b>  |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>POULE</b> n.f Oiseau domestique, la femelle du coq. <i>Poule huppée. Poule pattue. Une poule qui pond. Une poule qui couve. Mettre les poules couver. Une poule qui glousse, qui appelle ses petits. La poule et les poussins. Œufs de poule. Mettre une poule au pot. Une poule au riz. Une poule de Caux. (...)</i></p> <p><b>POULE</b> se dit, par extension, des Femelles d'autres espèces de volatiles. <i>Poule faisane. Poule de Barbárie</i>, Nom vulgaire de la pintade.</p> <p><i>Poule d'Inde</i>, Femelle d'un coq d'Inde, appelée autrement <i>Dinde</i>. Voyez <u>DINDE</u>.</p> <p><i>Poule d'eau</i>, Espèce d'oiseau aquatique. <i>Il y a beaucoup de poules d'eau sur cet étang.</i></p> <p><b>POULE</b> se dit, en termes de Jeu, de la Quantité d'argent ou de jetons qui résulte de la mise de chacun des joueurs et qui appartient à celui qui gagne le coup. <i>La poule est grosse., Mettre à la poule. Gagner la poule. Faire une poule</i>, Faire une partie où la mise totale appartient à celui qui a gagné successivement tous les autres.</p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p>POULA, s.f. Aposta sobre o resultado de um páreo de corrida de cavalos. (p.4083)</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>pule</b> s.f. (1958) TURFE <b>B 1</b> bilhete de aposta; boleto <b>2</b> documento ao portador que registra a aposta que fez nos páreos da programação <b>3</b> valor provável de rateio apregoado no totallizador; cotação <b>4</b> rateio, prêmio O USO a 1ª acp. está em obsolência, com o advento da informatização dos hipódromos O ETIM fr. <i>poule</i> 'valor, apostado em um jogo, que será dado ao vencedor', prov. do fr. <i>poule</i> 'galinha', com desenvolvimento semântico obsc. O HOM <i>pule</i> (fl.pular) (p.1576)</p>  |
| <p>"VELO CLUB. Com diminuta concorrência realizou-se ante-hontem mais uma corrida á noite do Velo Club. Houve cinco pareos. Foram vencedores: 1º pareo. Nilo, poule simples, 3\$200; duplas, Nilo e Gaúcho, 12\$800. 2º pareo: Federalista, poule ... 4\$500; Lobo, 6\$700 (...)" (Bello Horizonte I, 01/10/1898, N. 157: 2)</p> <p>"Informaram-nos que alguns rapazes amadores do cyclismo pretendem realizar uma corrida [...] gymanasio do Parque. [...] apenas uma diversão, sem <i>poules</i> [...]"(Diario de Minas, 06/01/1899, N.5: 2)</p>  |

O estrangeirismo *poule* foi encontrado três vezes em dois jornais: *Bello Horizonte* e *Diário de Minas*. No jornal *Bello Horizonte*, ele apareceu em uma nota sobre uma corrida no velo-club. Ao dar o resultado da disputa, o autor utilizou-o duas vezes. No *Diário de Minas*,

encontramos o estrangeirismo em um texto muito apagado e manchado, com o contexto quase impossível de ser recuperado. Pelo pouco que conseguimos ler, tratava-se de uma nota sobre a realização de uma corrida de ciclismo cujo objetivo era somente diversão, sem a realização de apostas.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou três definições para *poule*: ave, fêmea de outras aves e aposta (tanto a aposta quanto o prêmio). Em Freire (1940), a unidade foi apresentada com apenas um sentido: o de aposta sobre um páreo de cavalos. Houaiss (2009) apresentou vários sentidos, todos eles relacionados a apostas. Segundo esse dicionário, a unidade podia designar: o bilhete da aposta, o documento da aposta, o valor para rateio e o prêmio.

Em ambos os exemplos, *poule* foi utilizado no sentido de apostas. Os outros sentidos não foram encontrados. Observe-se que Laudelino Freire (1940) reduziu o uso de *poule* a uma aposta sobre páreo de cavalos, diferentemente dos exemplos que se referem a corridas de bicicletas. Note-se também que a forma francesa foi aportuguesada de formas diferentes em Freire (1940) e em Houaiss (2009).

*Poule* era um substantivo feminino na língua francesa. Os exemplos nos mostram que também em português ele era um substantivo, porém sem pistas sobre o gênero. No entanto, as definições dos dicionários de Freire (1940) e de Houaiss (2009) mostraram que na língua portuguesa o estrangeirismo era do gênero feminino. A flexão em número se deu com o acréscimo de -s.

Observe-se que até agora nenhuma unidade lexical tinha apresentado sentidos tão distantes uns dos outros como *poule*. Na língua francesa, ela podia ser usada para designar uma galinha ou uma aposta. No entanto, na língua portuguesa o estrangeirismo foi usado com apenas um sentido, por isso podemos classificá-lo, de acordo com o seu campo lexical, em esporte/lazer.

Em relação à grafia, ele apareceu sem marcas nas duas vezes que ocorreu no jornal *Bello Horizonte* e, em itálico, no *Diário de Minas*. Configura-se como um estrangeirismo que, ao que tudo indica, permaneceu sendo usado, o que pode ser observado pela sua presença no dicionário de Freire (1940) e depois em Houaiss (2009).

Ao discorrer sobre as razões que explicam o empréstimo do estrangeirismo, podemos dizer que se tratava de um conceito novo que entrou na língua com o seu respectivo nome. Figueiredo (1957) sugeriu uma forma portuguesa para substituí-lo. No entanto, essa forma contemplava o sentido de prêmio e não o de aposta, como foi visto nos exemplos: “-«Naquela

noite, foi ele o jogador que ganhou a *poule*.» Isto, traduzindo em vulgar, significa que o jogador levantou o *bolo*, o conjunto das entradas”<sup>168</sup>.

| <b>Ficha 12: Restaurant</b>   |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>RESTAURANT, ANTE.</b> adj. Qui restaure, qui répare les forces. <i>Aliment restaurant. Liqueur restaurante.</i> Il s'emploie surtout comme nom masculin et désigne l'établissement d'un restaurateur. <i>On vient d'ouvrir un nouveau restaurant aux Champs-Élysées.</i></p> <p><b>RESTAURATEUR, TRICE.</b> n. Celui, celle qui répare, qui rétablit. Il ne se dit guère, au propre, qu'en parlant des Villes et des monuments publics. <i>Cette ville avait été ruinée, ce prince l'a rétablie, il en a été le restaurateur.</i> Il s'emploie plus ordinairement au figuré. <i>Ce prince est le restaurateur des lettres, des arts. Ce religieux fut le restaurateur de l'ancienne discipline dans son ordre. Restaurateur de la liberté, du commerce, des lois. On la regarde comme la restauratrice, ou plutôt comme la seconde fondatrice de cette maison.</i> Il se dit aussi de celui qui tient un restaurant. <i>Aller dîner chez le restaurateur. On dîne chez ce restaurateur à prix fixe ou à la carte.</i></p>   |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p>RESTAURANTE, adj. Lat. <i>Restaurans, antis.</i> Que restaura.</p> <p>RESTAURANTE, s.m. Aquilo que restaura.</p> <p>RESTAURANTE, s.m. Fr. <i>restaurant.</i> Estabelecimento onde se preparam e vendem comidas; casa de pasto. (p.4433).</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>restaurant</b> s.m. (1845-1890) 1 estabelecimento que se dedica ao negócio de servir refeições; salão ou aposento onde são servidas as refeições 2 lugar em que se tomam refeições em comum; refeitório O ETIM fr. <i>restaurant</i> 'aquilo que repara as forças, alimento ou remédio fortificante', 'estabelecimento público para restabelecer as forças pela alimentação', part.pres. de <i>restaurer</i> 'renovar as forças pela alimentação' (p.1655)</p> <p>"Diabos de luneta. Começamos esta notícia por um bravo! aos rapazes que formam o club <i>Diabos de luneta</i>, (...) O que elles fizeram ante-hontem foi muito e foi esplendido: não vae aqui optimismo de quem quer engrossar Bello Horizonte só para encabular Juiz de Fora ou a velha Villa Rica. Zé povo, que viu e que applaudiu o prestito, sabe perfeitamente que estamos dizendo a verdade. Um bravo aos <i>Diabos!</i> Brilharam, scintillaram e mostram que aqui nem tudo é cypreste ou tristura lamartineana: ha espirito, mocidade e entusiasmo, apezar da falta de <i>herva</i>. A's 4 horas mais ou menos sahiu o prestito, o qual se compunha de 14 carros. Rompiam a marcha dois clarins, a cavallo, cujo toque nitido alvoroçou logo o zé povinho, seguindo-se a directoria do club, montada a alta escola: o presidente, dr. Salvador, ia <i>gauté de noir</i>, cartola e paletot preto: todos traziam no braço direito o</p> |

<sup>168</sup> FIGUEIREDO, 1956, p.125.

distinctivo do club - um laço de fitas preta e vermelha (...) Muitas casas embandeiraram: entre outras o Restaurant do Congresso, a livraria Riant, as casas dos drs. Salvador e Trompowsky." (*Bello Horizonte* I, 13/02/1899, N. 268: 1)

"Restaurant Central em GENERAL CARNEIRO, HOTEL ALLIANÇA, em SABARA. Vidal & Gomes chamam a atenção dos srs. viajantes para esses dous estabelecimentos, onde encontrarão as famílias e os demais hospedes todas as commodidades, promptidão e asseio – tudo por preços modicos. Vendem generos de toda especie e são despachantes na E. F. Central em GENERAL CARNEIRO". (*A Capital*, 13/04/1896, N.11: 4)

"MEZAS DE COSINHA, para açougues, restaurants, cafés etc. de pedra marmorizada – na Predial." (*A Capital*, 06/05/1897, N.66: 2)

"Restaurant Victoria. Proprietario-gerente EVERARDO ANGHINETTI. Rua do Espirito Santo – Minas". (*Diario de Minas*, 06/01/1899, N.5: 2)

O estrangeirismo *restaurant* foi encontrado quatro vezes em três jornais: *Bello Horizonte*, *A Capital* e *Diário de Minas*. No *Bello Horizonte*, ocorreu em uma nota sobre o carnaval. No jornal *A Capital* apareceu em dois anúncios: o primeiro anúncio sobre um *restaurant* em General Carneiro e, o segundo, sobre móveis para estabelecimentos comerciais. No *Diário de Minas*, aconteceu em um anúncio de um *restaurant* especializado em comida brasileira, francesa e italiana. Em dois casos, no do *Bello Horizonte* e no d' *A Capital*, o estrangeirismo apareceu grafado com letra maiúscula que foi usada, no primeiro jornal, para marcar o nome de um estabelecimento comercial e, no segundo, no início de frase. As outras ocorrências apareceram sem marcas.

Na língua francesa, o termo tinha mais de uma acepção. Como adjetivo, significava aquilo que restaura, que restabelece as forças e, como substantivo, o estabelecimento de um *restaurateur*. Assim sendo, foi preciso procurar a definição de *restaurateur*. Em primeiro lugar, *restaurateur* é aquele que repara, concerta. Em segundo lugar, é aquele que restaura, repara no sentido figurado: restaura a liberdade, a lei e, por último, aquele que tem um *restaurant*. Somente pudemos estabelecer o sentido de *restaurant* relacionado à alimentação com os exemplos trazidos

por essa última acepção: "Il se dit aussi de celui qui tient un restaurant. *Aller dîner chez le restaurateur. On dîne chez ce restaurateur à prix fixe ou à la carte.*"<sup>169</sup>

Laudelino Freire (1940), por sua vez, trouxe definições parecidas às que encontramos no dicionário da Academia. No entanto, ele indicou apenas, como origem francesa, aquela em que *restaurant* significava estabelecimento. Para a primeira acepção, na qual o estrangeirismo foi usado como adjetivo, ele indicou origem latina e, para a segunda, como substantivo, ele não trouxe a origem. Os dois últimos sentidos não apareceram na definição contemporânea de Houaiss (2009). Nesse dicionário, *restaurant* é um lugar em que se servem refeições e o lugar onde se fazem as refeições.

Em todos os exemplos, encontramos *restaurant* sendo utilizado apenas como substantivo masculino, no sentido de estabelecimento comercial onde se servem refeições. Os outros sentidos não foram explorados. Assim sendo, sua classificação, tendo em vista o campo lexical, é estabelecimento comercial.

É interessante notar que, apesar do uso constante de *restaurant* (muitos outros exemplos foram encontrados em jornais que não entraram para análise), encontramos também a forma aportuguesada sendo usada. Trouxemos um caso retirado d'A *Capital*, jornal que inclusive nos concedeu dois casos de *restaurant*:

MAISON MODERNE. Restaurante, café e lunche room. Manoel José da Silva Lima – Bebidas finas dos melhores fabricantes, chocolate, gemadas e mingáus a qualquer hora. Especial café moido. Aceita-se pensionistas por modicos preços. *Avenida do Amazonas* – Capital de Minas. (A *Capital*, 06/05/1897, N.66: 3)

Dessa forma, chegamos a dois entendimentos. A forma portuguesa já existia na época e era também usada e o uso da forma francesa foi uma questão de escolha do jornal ou do autor do texto, escolha motivada pela influência do momento. Não foi uma questão, como se podia pensar, de uma palavra que existia na língua há um tempo e depois foi retomada devido à influência francesa da época, uma vez que o estrangeirismo *restaurant*, enquanto estabelecimento comercial, tinha entrada recente na língua, entre os anos 1845 e 1890 e se aportuguesou justamente por ser muito usado.

---

<sup>169</sup> *Dictionnaire de l'Académie française*. 8ème édition. Version informatisée. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie.htm>. Acesso: 18 dez 2012.

A ausência de marcas em todos os casos nos mostrou que, apesar da entrada recente na língua, *restaurant* era um estrangeirismo muito usado, muito comum. Segundo Figueiredo (1956), "(...) quem escreve nas gazetas e nos livros tem obrigação de não falar francês onde se deve falar português. Embora neologismo, a forma portuguesa de *restaurant* é *restaurante*".<sup>170</sup>

Para finalizar, acrescentamos que o estrangeirismo permaneceu na língua, entrou para os dicionários e é extremamente utilizado contemporaneamente. Integrou-se tão bem à língua portuguesa que, por vezes, nem reconhecemos sua origem estrangeira.

| <b>Ficha 13: Rose</b>  |
|--|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p>(1) <b>ROSE.</b> n. f. Fleur odoriférante qui croît sur un arbuste épineux et dont la sorte la plus courante est d'un rouge très pâle. <i>Rose simple</i>, ou <i>Rose sauvage</i>, ou <i>Rose d'églantier</i>. <i>Rose double</i>. <i>Rose des quatre saisons</i>. <i>Rose du Bengale</i>. <i>Rose panachée</i>. <i>Rose veloutée</i>. <i>Rose blanche</i>. <i>Rose jaune</i>. <i>Rose thé</i>. <i>Rose rouge</i>. <i>Rose mousseuse</i>. <i>Rose pompon</i>. <i>Bouton de rose</i>. <i>Rose épanouie</i>. <i>Rose lande</i>. <i>Essence de roses</i>. <i>Confiture de roses</i>. <i>Un sachet de roses</i>.<br/> <i>Eau de rose</i>, Liquide que l'on obtient par la distillation des roses. (...)</p> <p>(2) <b>ROSE.</b> adj. des deux genres. Qui est de la couleur de la rose, c'est-à-dire d'un rouge très pâle. <i>Du ruban rose</i>. <i>Du taffetas rose</i>. <i>Une robe rose</i>. <i>Des écharpes roses</i>.</p> <p><b>ROSE</b> s'emploie comme nom masculin pour désigner cette couleur. <i>Cette robe est d'un joli rose</i>. <i>Le rose plaît à l'œil</i>.</p>   |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p><b>ROSA</b>, s.f. Lat. <i>rosa</i>. Bot. Flor geralmente odorífera e de variadas côres, produzida pela roseira. // 2. Ornato com a forma dessa flor. // Côr semelhante à da rosa comum, que é um vermelho desmaiado. // 4. Círculo mais ou menos avermelhado em cada uma das faces; côr rosada na face. // 5. Poét. Pessoa jovem, viçosa e de côres rosadas. // 6. Poét. Mulher formosa. // 7. Arquit. Pequeno ornato de fôlhas de forma circular, colocado nos forros do teto, das cornijas, ou no meio do ábaco do capitel coríntio. // 8. Vidraça circular com caixilhos de vidros diferentemente corados e que serve para aformoseamento nas paredes das igrejas e mormente das góticas. // 9. Nódoa amarelada ou azulada que o aço apresenta algumas vêzes na sua fratura. // 10. Diamante talhado por cima em facêtas e chato por baixo. // 11. Encardern. Peça de latão ornada de lavôres, que serve para dourar os livros. // 12. Bot. Nome de vários arbustos de famílias diversas. // 13. Mús. Bôca circular e ornamentada no tampo dos instrumentos de cordas de dedilhar.</p> <p>Rosa, adj. Que tem a côr da rosa comum; vermelho pálido.</p> <p>Rosa, s.m. Côr vermelho-clara.</p> <p>(...) p. 4502 – 4503</p> |

<sup>170</sup> FIGUEIREDO, 1956, p.51.

**Houaiss (2009):**

**rosa** *s.f* (sXIII) 1 flor da roseira 2 ANGIOS design. comum aos arbustos do gên. *Rosa*, da fam. das rosáceas, que reúne cerca de 150 spp.; por vezes escandentes, ger.com espinhos e flores solitárias ou em panículas, e aquênios em receptáculos carnosos [Nativas de regiões temperadas do hemisfério norte e de áreas tropicais montanhosas, são mundialmente cultivadas, com milhares de híbridos e variedades, como ornamentais e para o comércio de flores, para extração de óleos essenciais u. em perfumes, por propriedades medicinais etc.] 3 ANGIOS m.q. **ROSEIRA** 4 tonalidade rosada das faces 5 m.q. ROSÁCEA (estrutura, GEOM, MÚS) 6 *fig* mulher bela, formosa 7 ENC peça de latão, ornada de labores, que serve para dourar os livros ♦ *s.m* 8 cor vermelho-clara, à semelhança da flor de algumas roseiras; cor-de-rosa ■ *rosas s.f.pl.* 9 estado de satisfação do corpo e/ou do espírito; bem-aventurança, dita, ventura <*nem tudo são r.*> ■ *adj.2g.2n* 10 cor-de-rosa 11 diz-se dessa cor (...) ETIM lat. *rōsa,ae* 'rosa'. (...) p.1679

"PHARMACIA S. JOSE'. Avenida Amazonas. Cidade de MINAS. DIRIGIDA PELO PHARMACEUTICO JOÃO LUCIO BRANDÃO. Ella andava dyspeptica, franzina / Clorotica, nervosa, aborrecida... / terrível pezadello era-lhe a vida / hontem florida e emtanto agora em ruína / (...) Mas curou-se! e que cura milagrosa! / o doutor fel-a usar a Somatose / e ella pôde ir dançar no «Club Rose». A Somatose é realmente um extraordinario preparado; combate e vence ptystica, a dyapepsia, o rachitismo etc." (Bello Horizonte, 08/01/1899, N.239: 4)

"Correio dos salões. Commemorando o feliz anniversario natalicio de sua gentil filha senhorita Nenesta, o sr. Desembargador Carlos Ottoni offereceu trasante-hontem, na sua elegante residencia, uma esplendida *soirée*, a que compareceu a fina flor da nossa sociedade. (...) O nosso representante tomou nota das seguintes *toilettes*: Senhoritas, Guiomar Pereira, Coralia e Ordalia Magalhães, *toilette blanche*; Nenesta Ottoni, Rita Ribeiro e Pequeninna Brant, *en bleu*; Violeta Mello Franco, Quininha Ottoni e Junqueiras, *en rose*; Déa Sá, verde e *creme*; Zezé Salles, rosa e branco; Mercedes Brant, branco e azul; Virginia Pires, branco e fitas pretas; Etelvina Pires, *creme* e *grénat*; Naná Ottoni, verde e rosa; Sinhá Ottoni, saia preta e blusa *jaune*; Olga Campista, *toilette blanche et rubans rose*; Sinhá Renault, azul e lilás; Nhasinha Brant, saia preta e blusa *rose*; Roselmira Renault, verde e rosa; Judith Renault, *gris et rouge*; Cesarina Cerqueira, *en rose*; Luzia Cerqueira, rosa e branco; Josephina Arnaldo, *bleu ciel*; Julieta Ribeiro *creme* e azul. Senhoras: Chiquinha Ottoni, *gris*; Julieta Campista, azul e *creme*; Olga Sá, *en rose*; Magdalena Bello, saia preta e blusa *escossezas*; Esther Lima, de preto; Dedé Olyntho, saia preta e blusa lilaz; Maria Magalhães, *vert foncé et gris*; Augusta Pereira, *marron et bleu*; Maria Matta, azul e *pompadour*; Aurea Teixeira, saia preta e blusa lilaz; Chiquinha Pires, *en vert*; Arminda Junqueira, *vert et grénat*". (Bello Horizonte I, 10/01/1899, N. 240:2)

"Correio dos Salões. (...) O dr. Salvador, sempre *gentleman*, abriu ante-hontem os seus salões, offerecendo uma encantadora *soirée* dançante que só terminou ás tres da manhã de hontem. (...) As *toilettes* das senhoritas que o nosso representante nos trouxe... de memória: Aida e Marietta Pinto, *en rose*; Coralia e Ordalia Magalhães, *bleu et rose*; Rosinha Sigaud *marron et blanc*; Ormillia Salles, *en blanc*; Herenia Lopes, *blanc et lilaz*; Lilita Germano, blusa *escoceza* e saia *vert-foncé*; Augusta Horta, blusa *vert et jupe bleue*; Annita Franciort, blusa *vert* e *jupe*

marron; Luiza Guimarães, en blanc; Cacilda Salles, blanc et bleu; Rosalinda e Maria José Moss, blusa branca e jupe noire. Senhoras: Etelvina Pinto, bleu et saumon; Lalita Abreu, blusa gris perle e jupe marron; Rosalinda Moss, en noir; Guilhermina Bacellar, marron et rose; Floriana Germano, gris perle et bleu". (Bello Horizonte I, 13/02/1899, N. 268: 2)

"Falando de cousas leves – nada vem tanto *a calhar* como a mimosa folhinha de desfolhar que vi entrar pelo meu gabinete a dentro um dia desses – enviada pelos Haas. (...) Não é que eu mereça, não, porém o bondoso Haas doeu-se de certo do meu isolamento e mandou-me a folhinha, que me faz uma companhia preciosa... Imaginem os leitores duas deliciosas filhas de Eva, vivendo no delicado colorido de um chromo, uma em toilette *rose*, outra em toilette *bleu*, arrepanhando delicadamente a *jupe* de gaze, na posição graciosa de um minuette tentador, sobre um chão de rosas, ostentando pelo decote indiscreto a lyrical alvura de um collos alabastrino ...". (A Capital, 10/03/1898, N.110: 1)

O estrangeirismo *rose* foi encontrado doze vezes, em dois jornais. No *Bello Horizonte*, apareceu em um anúncio que se repetiu em três números diferentes. O anúncio era de uma farmácia que fazia referência a um clube, o Club Rose. As outras oito ocorrências estavam distribuídas em textos de dois números, textos em que festas e convidados foram apresentados e descritos com detalhes. N' *A Capital*, apareceu uma única vez em um texto no qual o autor descrevia um presente que ganhou.

Nos anúncios da farmácia, a expressão Club Rose apareceu entre aspas, pois se tratava de um nome próprio. No primeiro texto sobre a festa no *Bello Horizonte*, nas três vezes em que apareceu na expressão *en rose* e na vez que ele apareceu ligado a um substantivo francês, estava grafado em itálico. Mas quando foi usado como qualificador de *blusa*, apareceu sem marcas. No segundo texto do *Bello Horizonte*, o autor não marca nem o *rose* e nenhum outro estrangeirismo referente às roupas e às cores das roupas descritas. N' *A Capital*, apareceu marcado com itálico.

Segundo o dicionário da Academia Francesa (1932-1935), *rose* tinha três acepções: a de substantivo, indicando uma flor e as de adjetivo e substantivo denotando cor. Nos exemplos *rose* se apresentou apenas com uma das acepções, aquela que se refere à cor. O uso do estrangeirismo para se referir a uma flor não foi encontrado. Assim, a classificação do estrangeirismo *rose* de acordo com o seu campo lexical o enquadra no campo relacionado à cor/nuance.

O substantivo e o adjetivo *rosa* já existiam em português e tinham origem latina. Na nossa avaliação, cremos que o estrangeirismo foi usado porque o francês estava na moda e simbolizava elegância. Entretanto, o uso da cor *rosa* na sua forma francesa não entrou para a língua.

No que diz respeito à morfologia, *rose* era antes de tudo um substantivo feminino que designava uma flor. Como cor, ele era um adjetivo que podia ser usado como substantivo, nesse caso do gênero masculino. Tais funções foram encontradas nos nossos exemplos, com um número igual de ocorrências: seis vezes como substantivo e seis como adjetivo. Não temos elementos para discorrer sobre a flexão de número, pois no único caso em que ele deveria se flexionar, a flexão não foi realizada. Tal fato ocorreu no segundo texto do jornal *Bello Horizonte* com o sintagma: *rubans rose*.

Uma vez que tínhamos a cor já nomeada em português, cremos que o estrangeirismo foi utilizado para trazer ao *rosa* a nuance francesa que ele não possuía. Para nós, uma tentativa de relacionar os trajes das convidadas à ideia de refinamento e de sofisticação. Assim sendo, o uso de *rose* em diferentes textos e por autores diferentes mostrou-nos um pouco do conhecimento e do uso da língua francesa por aquela comunidade.

Assim como quando analisamos os estrangeirismos *bleu* e *jupe*, a dúvida que persiste é com relação às intenções do autor do primeiro texto do *Bello Horizonte*. Nesse texto, o autor misturou cores em francês e em português. Desse modo, *rose* apareceu cinco vezes e a unidade lexical *rosa* apareceu quatro vezes.

#### Ficha 14: Salon

##### Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):

**SALON.** n. m. Pièce, dans un appartement, dans une maison, qui est ordinairement plus grande et plus ornée que les autres, et qui sert à recevoir les visites. *Il y a dans cet appartement deux salons, un grand et un petit. Salon de musique. Salon d'hiver. Salon d'été.*

Il s'emploie figurément, surtout au pluriel, pour désigner la Bonne compagnie, les gens du monde. *Il a lu son ouvrage dans tous les salons. On débite cette nouvelle dans les salons. Un poète de salon. Il faut se défier des succès de salons. Fréquenter les salons.*

Il désigne aussi le lieu où se fait l'exposition annuelle des ouvrages de peinture, sculpture, gravure, etc., des artistes vivants; elle se faisait autrefois tous les deux ans dans les salles du Louvre.

Il désigne, par extension, l'Exposition même. *Il a exposé ce tableau au dernier salon. Le salon de telle année. L'ouverture, la clôture du salon.*

Il se dit aussi des Comptes rendus de l'exposition. *Les salons de Diderot. Ce critique fait le salon dans tel journal.*

Il désigne encore toutes sortes d'expositions périodiques, ordinairement annuelles. *Le Salon de l'automobile. Le Salon de l'aviation.*

**Laudelino Freire (1939-1944):**

**SALÃO**, s.m. De *sala*. Sala grande em que se recebe, onde se dão bailes, onde se dão concertos. // 2. Companhia de pessoas de sociedade. // 3. Edifício em que periodicamente se expõem obras de artistas vivos. // 4. Exposição anual de obras de artistas vivos. p. 4546

**Houaiss (2009):**

**salão** s.m (1672-1693) 1 sala grande, esp. a que se destina à recepção de visitas, bailes e outras grandes reuniões 2 casa comercial em que os clientes usufruem serviços especializados <s.de bilhar><s.de barbeiro> 3 exposição periódica de obras de arte, de livros, de novos produtos etc. <s.de novos artistas> <s. da gastronomia> 4. fig. reunião de pessoas de sociedade, artistas, intelectuais, políticos etc. <promove o s. mais animado da cidade> ♦ **s. de beleza** aquele especializado em tratamentos cosméticos e higiênicos. ○ ETIM *sala* + *ão*. p. 1696

**Antônio Geraldo da Cunha (1982):**

**salão**<sup>1</sup> → SALA (p.699)

**sala** s.f. 'o compartimento principal duma casa, dum apartamento etc' XVI. Do fr. *salle*, deriv. do frâncico *sal* |

**salão**<sup>1</sup> 1813. Do fr. *salon*, deriv. do it. *salone* | **salETA** 1844. (p.699)

"O *Salon* de Paris abriu-se em 1º de maio, sendo o Brazil dignamente representado pela Condessa de [...] que expoz um bello quadro *Soror Thereza*; pelo sr. Alvim Corrêa, *Cerco de Pariz*; pelo Sr. Belmiro Almeida, *Um velho [...]*; Elisêo Vesconti, *S. Sebastião*; e pelo Sr. Paulo Weingather, *O [...]* (Academia, 10/06/1898, N.11: 4)

"Salon Parisien - THEODORO LABARRÉRE – Completo sortimento de perfumarias finas. *Perto do Grande Hotel. BELLO HORIZONTE*". (Diario de Minas, 06/01/1899, N.5: 3)

O estrangeirismo *salon* foi encontrado em dois jornais: *Academia* e *Diário de Minas*. Na *Academia* ele foi empregado em uma nota sobre um evento de artes onde compareceram alguns artistas brasileiros, qual seja, o *Salon* de Paris. No *Diário de Minas*, apareceu em um anúncio de um *salon* onde se podia encontrar completo sortimento de perfumarias finas.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou várias acepções para o termo *salon*. No primeiro jornal, *salon* foi usado de acordo com a quarta acepção apresentada pelo dicionário, ou seja, *salon* como a exposição em si. No segundo jornal, *salon* foi empregado com um sentido diferente, não contemplado pelo dicionário da Academia. *Salon* foi utilizado para denotar o local de trabalho do barbeiro, local onde se cortavam cabelos. Sua forma aportuguesada já estava presente na língua desde 1813 e o novo sentido já vinha sendo usado também. Assim, temos um caso em que a forma francesa de uma palavra foi retomada por uma questão de prestígio e de associação com a língua e a cultura francesas.

Observa-se que o anunciante utilizou a forma francesa e a aportuguesada no mesmo jornal. No número prospecto de 15/11/1899, o dono do *salon* estava procurando barbeiros e fez seu anúncio com o nome do *salon* em português: "Precisa-se de um bom oficial de barbeiro no «Salão Parizense» à rua da Bahia. Trata-se com o próprio Theodoro Labarére".<sup>171</sup> Atente-se que a forma francesa foi utilizada na publicidade do *salon* e a forma portuguesa foi usada em um anúncio que não tinha o objetivo de promover o *salão*. Talvez fosse essa a intenção na diferença do uso das formas.

No que diz respeito a esse caso, a classificação de acordo com os campos lexicais precisa ser relativizada. O primeiro sentido fica como estrangeirismo não classificado e o segundo como estabelecimento comercial.

No jornal *Academia*, *salon* apareceu em itálico e no *Diário de Minas*, sem marcas. Em ambos os exemplos, assim como sugere a definição da Academia, a unidade foi usada como substantivo masculino. Não temos dados suficientes para discorrer sobre a flexão de número.

Para o primeiro sentido, pareceu-nos um caso de busca de cor local, já que o evento foi em Paris. O segundo sentido se configurou como um típico caso de prestígio em que o elemento estrangeiro serviu a uma identificação com a cultura que o concedeu.

| <b>Ficha 15: Toilette</b>  |
|--|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>TOILETTE.</b> n. f. Meuble garni de ce qui sert pour se laver, se coiffer, se parer. <i>Le miroir d'une toilette. Garniture de toilette, Ensemble des objets qu'on place sur une toilette.</i></p> <p><b>TOILETTE</b> se dit encore de l'Action de se laver, de se coiffer, de se parer, de s'habiller. <i>Une toilette soignée. Faire sa toilette. Être longtemps à sa toilette. Nécessaire de toilette, Sorte de trousse, de mallette qui contient tous les objets nécessaires à la toilette. Cabinet de toilette, Petite pièce où l'on fait sa toilette.</i></p> <p>Fig., <i>Faire la toilette d'un texte, Le revoir et y apporter les dernières corrections de détail.</i></p> <p><b>TOILETTE</b> se dit aussi de l'Ensemble des vêtements, des ajustements qui servent à une femme à se parer. <i>Elle dépense beaucoup pour sa toilette. Elle aime la toilette. Elle est en grande toilette. Toilette de bal.</i></p> <p><i>Revendeuse à la toilette, marchande à la toilette, Femme qui revend des vêtements, des parures, etc.</i></p> <p><b>TOILETTE</b> se dit aussi d'un Morceau de toile dont les marchands d'étoffes, les tailleurs, les libraires, etc., enveloppent les marchandises pour les livrer.</p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p>TOILETTE, s.f. Do <i>fr.</i> Trajo, vestimenta.    2. Ato ou maneira de vestir-se, de se lavar, pentear, etc.    3.</p>   |

<sup>171</sup> Diário de Minas, 15/11/1899, N.Prospecto: 3

Toucador. || 4. Gabinete de vestir. (FREIRE, 1940: 4722)

**Houaiss (2009):**

**toalete** *s.f.* (1881) **1** ato de se lavar, pentear, maquilar, vestir etc. (para deitar-se, sair, aparecer em determinadas cerimônias etc.) <disse que ia fazer a t. antes que ele chegasse> **2** traje, vestuário, esp. feminino <compareceu com uma t. de luxo> **3** CIR em certas intervenções, raspagem dos pelos da(s) parte(s) do corpo a ser(em) operada(s) ◊ *s.m.* **4** gabinete de vestir **5** aposento sanitário; banheiro, latrina **6** pequeno móvel para objetos de toucador ◊ ETIM fr. *toilette* 'pequena peça de tecido' ◊ SIN/VAR ver sinonímia de *latrina* (p.1850)

"Correio dos salões. Commemorando o feliz anniversario natalicio de sua gentil filha senhorita Nenesta, o sr. Desembargador Carlos Ottoni offereceu trasante-hontem, na sua elegante residencia, uma esplendida *soirée*, a que compareceu a fina flor da nossa sociedade. (...) O nosso representante tomou nota das seguintes *toilettes*: Senhoritas, Guiomar Pereira, Coralia e Ordalia Magalhães, *toilette blanche*; Nenesta Ottoni, Rita Ribeiro e Pequeninna Brant, *en bleu*; Violeta Mello Franco, Quininha Ottoni e Junqueiras, *en rose*; Déa Sá, verde e *creme*; Zezé Salles, rosa e branco; Mercedes Brant, branco e azul; Virginia Pires, branco e fitas pretas; Etelevina Pires, creme e *grénat*; Naná Ottoni, verde e rosa; Sinhá Ottoni, saia preta e blusa *jaune*; Olga Campista, *toilette blanche et rubans rose*; Sinhá Renault, azul e lilás (...)" (Bello Horizonte I, 10/01/1899, N. 240:2)

"Correio dos Salões. (...) O dr. Salvador, sempre *gentleman*, abriu ante-hontem os seus salões, offerecendo uma encantadora *soirée* dançante que só terminou ás tres da manhã de hontem. (...) As *toilettes* das senhoritas que o nosso representante nos trouxe... de memória: Aida e Marietta Pinto, en rose; Coralia e Ordalia Magalhães, *bleu et rose*; Rosinha Sigaud marron e blanc; Ormilla Salles, en blanc; (...)"(Bello Horizonte I, 13/02/1899, N. 268: 2)

"Falando de cousas leves – nada vem tanto *a calhar* como a mimosa folhinha de desfolhar que vi entrar pelo meu gabinete a dentro um dia desses – enviada pelos Haas. (...) Não é que eu mereça, não, porém o bondoso Haas doeu-se de certo do meu isolamento e mandou-me a folhinha, que me faz uma companhia preciosa... Imaginem os leitores duas deliciosas filhas de Eva, vivendo no delicado colorido de um chromo, uma em *toilette rose*, outra em *toilette bleu*, arrepanhando delicadamente a *jupe* de gaze, na posição graciosa de um minuette tentador, sobre um chão de rosas, ostentando pelo decote indiscreto a lyrial alvura de um collos alabastrino ...". (A Capital, 10/03/1898, N.110: 1)

"Teve logar no dia 25 do concorrente, ás 4 horas da tarde, a inauguração do Velo-Club ha pouco fundado. No local destinado pela prefeitura para as corridas, a directoria armou com graça e simplicidade as archibancadas que estavam occupadas por grande numero de familias, onde causavam agradabilissima impressão as cores variadas de elegantes *toilettes*". (A Capital, 04/08/1898, N.129: 1)

O estrangeirismo *toilette* apareceu em dois jornais: *Bello Horizonte* e *A Capital*. No *Bello Horizonte*, as quatro ocorrências estavam distribuídas em textos de dois números diferentes,

textos em que festas e convidados foram apresentados e descritos com detalhes. N' *A Capital*, as duas primeiras ocorrências aconteceram em um texto no qual o autor descrevia um presente que ganhou. A outra ocorrência estava presente em uma nota sobre inauguração do Velo-Club, onde se podiam ver elegantes *toilettes*.

No primeiro texto do *Bello Horizonte*, o estrangeirismo apareceu grafado de três modos distintos: duas vezes em itálico e uma vez sem marcas. No segundo texto, *toilette* apareceu sem marcas, mas como sabemos, o autor do texto não marcou nenhum estrangeirismo referente às roupas e às cores das roupas descritas. No primeiro texto d' *A Capital*, o estrangeirismo não apareceu marcado, fato relevante, pois os outros estrangeirismos que o acompanham *bleu* e *rose* estavam em itálico. No segundo texto, *toilette* apareceu em itálico e sem um *t* na grafia.

No dicionário da Academia Francesa (1932-1935) podemos encontrar quatro acepções para *toilette*: 1) móvel para se arrumar 2) a ação de se arrumar 3) o traje, a vestimenta 4) pacote para compras. A definição trazida por Freire (1940) foi bem parecida e também possuía quatro acepções: 1) o traje, a vestimenta 2) a ação de se arrumar 3) móvel para se arrumar 4) lugar para se arrumar. Por sua vez, a definição encontrada em Houaiss (2009) foi ao encontro das duas primeiras. Ele trouxe as quatro primeiras acepções de Freire e acresceu mais duas: raspar pelos para operação, e banheiro, aposento sanitário, sentido muito usado contemporaneamente. Percebe-se que o estrangeirismo permaneceu na língua, aportuguesou-se e ganhou novos sentidos.

De todas as acepções possíveis para *toilette* apresentadas pelo dicionário da Academia, nos exemplos o estrangeirismo foi empregado com apenas um sentido: o de traje, vestimenta. Pareceu-nos que esse era realmente o sentido mais usado, tanto que posteriormente ele foi registrado por Freire (1940) como a primeira acepção para o estrangeirismo. Assim sendo, foi classificado no campo lexical do vestuário.

Em todos os três dicionários e nos nossos exemplos, *toilette* foi usado como um substantivo feminino. O autor d' *A Capital*, entretanto, para que se esqueceu do caráter da concordância de gênero quando escreveu: *toilette bleu*. O autor do *Bello Horizonte*, entretanto, não se esqueceu da concordância: "O nosso representante tomou nota das seguintes *toilettes*:

Senhoritas, Guiomar Pereira, Coralia e Ordalia Magalhães, *toilette blanche* (...).<sup>172</sup>A flexão de número se deu com o acréscimo de –s.

O estrangeirismo *toilette* se configurava, para a língua portuguesa da época, como um termo novo que tinha entrada na língua registrada em 1881, segundo Houaiss (2009). Assim, cremos que a presença do estrangeirismo se explica pelo fato de um conceito novo em uma cultura sempre trazer consigo o nome que o denomina. Parece que para a ação de se arrumar, para o móvel e para o lugar de se arrumar, não tínhamos correspondentes em português, mas para o sentido de vestuário, tínhamos as unidades "traje" e "vestimenta".

O estrangeirismo, apesar de novo, era extremamente utilizado. Além dos exemplos que registramos, foi encontrado em uso em outros contextos e em outros jornais que não entraram para a análise.

#### **4.1.8 Considerações a respeito da primeira fase**

Após a análise dos quinze estrangeirismos franceses, um balanço geral se faz necessário. A primeira observação a ser feita é com relação ao jornal que mais forneceu estrangeirismos para análise. Dos quinze encontrados, apenas três deles *mademoiselle*, *mignon* e *salon* não ocorreram no *Bello Horizonte*. É preciso observar também que a soma dos usos dos quinze estrangeirismos nos dá um total de sessenta e cinco ocorrências. Desse total, trinta e seis (55%) aconteceram no *Bello Horizonte*.

Os contextos em que os quinze estrangeirismos franceses ocorreram são diversos. No entanto, observa-se uma tendência de uso de estrangeirismos franceses em anúncios publicitários e na descrição de pessoas. Das sessenta e cinco ocorrências, trinta e duas (49%) foram utilizadas para descrever pessoas, suas roupas e seus acessórios. As descrições apareceram em notas sobre festas, notas sobre inaugurações, em um texto sobre uma comédia que não conseguia fazer rir, na cena de uma peça e no elogio de um presente recebido.

O segundo contexto mais encontrado foi o de anúncios. Das sessenta e cinco ocorrências, vinte e quatro (37%) foram encontradas em algum anúncio. Os anúncios ofereciam os mais variados produtos e serviços: material elétrico, roupas sob medida, móveis domésticos e para

---

<sup>172</sup> *Bello Horizonte* I, 10/01/1899, N. 240:2.

estabelecimentos comerciais, gêneros alimentícios e bebidas, aulas de piano e francês, restaurantes e salão de perfumarias e de barbeiro.

As outras ocorrências se dividem em: uma nota sobre o roubo de mercadorias, duas notas sobre eventos ocorridos em Paris, duas notas sobre corrida de bicicletas, uma nota sobre eventos do carnaval e dois textos de elogios a uma revista e ao número de uma folhinha.

No que se refere à forma como os estrangeirismos foram grafados, o que se percebe é uma falta de critério e de padronização no tratamento desses elementos e a predominância de escolhas particulares e pessoais. Para esclarecer a questão, observemos um trecho onde o estrangeirismo *toilette* ora aparece em itálico e ora aparece sem marcas: "O nosso representante tomou nota das seguintes *toilettes*: Senhoritas, Guiomar Pereira, Coralia e Ordalia Magalhães, *toilette blanche*; Nenesta Ottoni, Rita Ribeiro e Pequenina Brant, *en bleu*; (...) Sinhá Ottoni, saia preta e blusa *jaune*; Olga Campista, *toilette blanche et rubans rose*".<sup>173</sup>

No exemplo anterior e em outros que encontramos, percebe-se, ao que tudo indica, que o tratamento dos elementos estrangeiros era determinado, como já dissemos, pelas escolhas dos autores dos textos. Tal conclusão esclarece o motivo pelo qual encontramos, em um mesmo jornal, grafias diferentes e marcas diferentes para um mesmo estrangeirismo. No entanto, não podemos nos esquecer que atitudes individuais podem representar o pensamento coletivo.

Alguns estrangeirismos, entretanto, mantiveram um padrão de grafia: *bonnet*, *cognac*, *madame*, *mademoiselle* e *restaurant*. Em todas as ocorrências, eles apareceram sem marcas. Essa constante nos leva a crer que, possivelmente, todos os cinco já eram bem conhecidos ou bem usados por aquela comunidade. Por esse motivo, reconhecemos que, apesar da falta de critério e padronização no tratamento dos elementos, a forma como eram grafados nos serviu como pista e como informação complementar no momento de estabelecer considerações sobre a frequência e o conhecimento, por parte dos redatores e leitores, daqueles estrangeirismos franceses.

No que diz respeito à semântica, percebe-se que todos os quinze foram usados com pelo menos uma das acepções propostas pelas definições do dicionário da Academia Francesa. Em relação à inovação de sentido, apenas *salon*, em um dos dois casos em que apareceu, mostrou um sentido diferente dos que estavam previstos no dicionário da Academia. Para outros dois, *bonnet* e *cognac*, tivemos o pressentimento de que estariam trazendo novos sentidos, mas não tínhamos exemplos e nem evidências suficientes que comprovassem o palpite.

---

<sup>173</sup> Bello Horizonte I, 10/01/1899, N. 240:2

Para finalizar as considerações acerca da semântica dos elementos estrangeiros, três reflexões se fazem pertinentes: 1) a maioria dos estrangeirismos possuía vários sentidos na língua francesa e foram usados nos exemplos com apenas um deles; 2) alguns deles permaneceram na língua portuguesa e evoluíram para sentidos diferentes daqueles inicialmente propostos e 3) estrangeirismos como *bonnet*, *mademoiselle* e *madame* que já tinham entrado na língua portuguesa há muito tempo, já tinham se aportuguesado ou possuíam correspondentes na língua, retomaram a forma estrangeira, cremos, em razão da forte influência francesa na época.

Outro aspecto que consideramos para a análise foi a morfologia. Percebemos que a classe predominante entre elementos tomados por empréstimo é a dos substantivos. Dentre as sessenta e cinco ocorrências de estrangeirismos franceses, encontramos apenas dez usos como adjetivos, ou seja, aproximadamente 15% das ocorrências. Em relação ao gênero, os estrangeirismos analisados seguiram o mesmo gênero da língua francesa. A flexão de número foi a mais difícil de ser avaliada, pois os exemplos eram escassos.

Como parte da análise, também tentamos estabelecer os campos lexicais a que pertencia cada um dos estrangeirismos. Dos quarenta e dois campos<sup>174</sup> que utilizamos como referência, oito foram encontrados no nosso trabalho. Foram os oito que nos demonstraram em que áreas da vida da população belo-horizontina o uso de elementos franceses era mais frequente.

A nossa análise se baseou em quinze estrangeirismos, mas como um deles *salon* foi encontrado com mais de um sentido, foi preciso encontrar mais um campo lexical. Dessa forma, os dezesseis sentidos encontrados ficaram assim distribuídos: três ocorrências para móveis e adornos da casa e também para vestuário; duas para cor/nuance, para epítetos e formas de tratamento, para estabelecimento comercial e para estrangeirismo não classificado; uma ocorrência para culinária/alimentação e uma para esporte/lazer.

Assim como assumimos no capítulo teórico, nós acreditamos que, do ponto de vista do uso, não há equivalência perfeita entre itens estrangeiros e vernáculos. No entanto, a verificação de possíveis equivalentes dos estrangeirismos franceses na língua foi importante, pois serviu como uma indicação a mais a respeito da sua entrada recente ou não na língua. Assim sendo, descobrimos que a maioria deles já possuía correspondentes na língua portuguesa. Os correspondentes se configuravam tanto como formas portuguesas equivalentes ou como formas francesas já aportuguesadas. Apenas para três estrangeirismos não conseguimos determinar se

---

<sup>174</sup> FRANCO, 2008, p.64-65.

possuíam ou não correspondentes ou se já eram aportuguesados: *bureau ministre, cognac e poule*. Isso se deu pela falta de mais exemplos e informações.

Na tentativa de estabelecer e explicar as razões pelas quais os estrangeirismos franceses foram tomados por empréstimo, descobrimos que a maioria deles foram utilizados como forma de identificação com a cultura francesa. Grande parte desses já possuía correspondentes em português ou já tinha se aportuguesado e a forma francesa foi retomada. Outra parte dos estrangeirismos foi usada para nomear objetos ou conceitos novos que se transferiram para essa nova cultura e apenas um foi utilizado para trazer ao texto cor local.

#### 4.2 Segunda fase: 1903-1907 - apresentação dos jornais

No período entre 1903 e 1907 circularam em Belo Horizonte, aproximadamente, sessenta e seis jornais dos quais apenas trinta se encontram digitalizados. Dos trinta jornais, cinco foram selecionados para análise. Essa escolha de cinco jornais obedeceu, como já dissemos na metodologia, a nossa tentativa de manter um padrão de seleção igual ao da primeira fase.

Assim sendo, mesmo em meio a um número bem maior de jornais e exemplares disponíveis, selecionamos igualmente cinco jornais e dezenove exemplares. Os jornais escolhidos e os exemplares analisados estão explicitados na tabela a seguir:

| Jornal            | N. Exemplares Analisados | Exemplares Analisados                                       |
|-------------------|--------------------------|---|
| Folha Pequena     | 3                        | 01/01/1904; 12/01/1904;13/01/1904.                          |
| Bello Horizonte 2 | 4                        | 28/11/1905; 03/12/1905; 10/12/1905; 17/12/1905.             |
| A Flamulla        | 4                        | 16/05/1907; 30/05/1907; 21/06/1907; 10/07/1907.             |
| O Confederal      | 5                        | 02/05/1907; 01/06/ 1907; 01/07/1907; 15/071907; 07/08/1907. |
| Gazeta            | 3                        | 01/08/1907; 15/08/1907; 06/09/1907.                         |

Tabela 7: Jornais escolhidos e exemplares analisados da segunda fase

Nas subseções que seguem, tentaremos evidenciar a riqueza dos jornais e suas principais características. Algumas das informações e características aqui relacionadas foram baseadas na

obra *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954* (Editora da UFMG, Belo Horizonte:1995). A maioria delas, entretanto, é fruto da nossa leitura e da nossa observação.

#### 4.2.1 Folha Pequena: 1904-1905

O primeiro jornal analisado foi o *Folha Pequena*. Considerado de grande repercussão e importância, ele circulou em Belo Horizonte entre 12 de janeiro de 1904 e 01 de outubro de 1905, mas seu número prospecto saiu no dia 01 de janeiro de 1904. Durante sua existência, produziu um total de quinhentos e três exemplares dos quais vinte e nove encontram-se disponibilizados virtualmente.

A análise dos vinte e nove exemplares concedeu-nos um total de cento e sessenta e nove elementos estrangeiros, mas, por uma decisão metodológica discutida anteriormente, decidimos considerar apenas os três primeiros exemplares que nos concederam vinte e três estrangeirismos franceses.

Esse jornal foi descrito por Linhares (1995) com muitos elogios. Segundo o colecionador, "*Folha Pequena*, pequena no tamanho, mas grande em suas realizações, foi um dos melhores jornais publicados em Belo Horizonte".<sup>175</sup>

O jornal parece ter tido a intenção de colocar Belo Horizonte e Minas em ligação com outros centros, pois além de trazer comentários sobre fatos ocorridos na cidade, traz também notícias da capital Federal e de diversas outras cidades mineiras como Barbacena, Juiz de Fora, Ouro Preto, Sete Lagoas, etc. Através de uma seção chamada *Telegrammas*, podemos ter acesso a notas sobre mortes, missas, aparecimento de novos jornais e muitos outros eventos ocorridos nessas localidades.

É possível que Linhares (1995) tenha dito que o *Folha Pequena* foi um dos melhores jornais publicados em Belo Horizonte pelo fato dele trazer para suas colunas o maior número de informações possíveis para a população. Damos destaque a um texto chamado *Banquete* em que uma grande festa é comentada e descrita. A festa foi realizada para comemorar o aparecimento do trabalho *Historia Antiga de Minas Gerais* do Dr. Diogo de Vasconcelos. A cerimônia foi finamente organizada e prestigiada com a presença de ilustres personalidades das Letras e das

---

<sup>175</sup> LINHARES, 1995, p. 93.

Ciências que se reuniram no Grande Hotel para um suntuoso banquete. O menu foi apresentado todo em francês, desde as entradas e os pratos principais até as sobremesas e as bebidas. No entanto, assim como fizemos com o jornal *A Capital*, os estrangeirismos presentes nesse texto não foram selecionados para compor os dados da análise.

Até o momento, de todos os jornais que tivemos acesso, *Follha Pequena* se configurou como o mais crítico em relação ao tédio, que segundo seus textos, pairava sobre Belo Horizonte. Nele encontramos muitos textos que citam e criticam a vida parada e a monotonia das noites na capital. Em um deles, o autor relembra a época em que Belo Horizonte tinha uma vida mais elegante, mais agitada. Pela leitura dos textos, a nova capital de Minas pareceu-nos uma cidade muito conservadora.

#### **4.2.2 Bello Horizonte 2: 1905-1906**

Outro jornal analisado foi o *Bello Horizonte*, segundo jornal com esse nome presente na nossa análise. Considerado como pertencente ao domínio das notícias e da literatura, circulou em Belo Horizonte por dois meses, de 28 de novembro de 1905 a 28 de janeiro de 1906, resultando um total de dez exemplares. Todos os exemplares foram analisados. No entanto, por uma decisão metodológica, decidimos trazer para compor essa análise apenas os quatro primeiros, que nos deram trinta e oito ocorrências de estrangeirismos. Por uma questão de diferenciação, colocaremos o algarismo 2 para acompanhar o nome do jornal.

Como era costume na prática jornalística daquele período, temos no primeiro número do jornal a apresentação de seus objetivos e de seu programa. No texto de apresentação, discute-se a importância da imprensa e afirma-se que "a vida material e intelectual de uma sociedade, pôde-se dizer está synthetisada em um jornal".<sup>176</sup> Tal afirmação justifica bem a nossa decisão de trabalhar com jornais para investigar a influência francesa em Belo Horizonte.

O texto prossegue discorrendo sobre o papel da imprensa e dos propósitos do *Bello Horizonte*. Ao prenciar que o jornal tem o objetivo de "procurar impulsionar a nossa cidade,

---

<sup>176</sup> Bello Horizonte 2, 28/11/1905, N.1: 1.

quer intellectualmente, quer materialmente, pelos meios lícitos que estiverem a nosso dispor"<sup>177</sup>, o jornal nos oferece argumentos para justificar a sua presença na análise.

Com a leitura do jornal, encontramos muitas notícias sobre palestras, espetáculos e eventos em geral; encontramos também notícias sobre a visita de pessoas à capital, sobre o policiamento da cidade e sobre a cidade do Rio de Janeiro. Esse conjunto de informações confirma o que disse Linhares (1995): "*Bello Horizonte* era bem-feito e muito noticioso".<sup>178</sup>

Além de farto noticiário, encontramos muitos anúncios de variados produtos e serviços. Também encontramos seções dedicadas à literatura, com poesias de Augusto de Lima e Abílio Barreto. Outra característica marcante do jornal é a presteza de dar voz aos moradores para reclamarem problemas e reivindicarem soluções. E além de lhes dar esse espaço, o próprio jornal se posicionava em prol dos problemas e intercedia pelo povo da capital.

#### **4.2.3 A Flammula: 1907**

O terceiro jornal analisado foi *A Flammula*. Ele circulou em Belo Horizonte por aproximadamente dois meses, de 16 de maio de 1907 a 10 de julho de 1907, resultando um total de quatro exemplares. Todos os exemplares que circularam estão disponíveis na coleção Linhares e foram analisados. Os quatro exemplares nos forneceram apenas três estrangeirismos, o menor número encontrado entre os cinco jornais da segunda fase.

No primeiro exemplar, o jornal esclarece que tem como objetivo a defesa do interesse público. A voz do jornal em defesa do povo é mais uma que se junta a tantas outras. O jornal acrescenta ainda que se coloca em defesa especialmente dos moradores dos Funcionários, pois, segundo o texto, o bairro não tem sido cuidado como parte integrante da capital mineira.

Muitos textos do jornal se dirigem diretamente ao prefeito e à prefeitura para cobrar reformas e serviços e para pedir melhoramentos como pontes, instalações e iluminação pública. Em uma seção chamada *Salpicos*, com um tom bem irônico, o jornal faz críticas severas a alguns aspectos da capital como o calçamento, a luz elétrica e a velocidade dos bondes. Como se pode

---

<sup>177</sup> Bello Horizonte 2, 28/11/1905, N.1: 1.

<sup>178</sup> LINHARES, 1995, p. 105.

verificar, as reclamações não se dirigem apenas aos órgãos públicos, a prestação de serviços por empresas privadas também é criticada.

O jornal não se auto-denomina literário, é Linhares (1995) que nos traz tal informação ao final da descrição do jornal: "Jornal pequeno, mas muito bem-feito (...) Literatura e variedades."<sup>179</sup> A parte destinada à literatura é representada pelos vários textos poéticos que encontramos nos exemplares. Os textos geralmente são narrados em primeira pessoa e trazem como pano de fundo situações diversas como uma declaração de amor, uma noite de diversões entre amigos seresteiros, lembranças da infância e muitas outras. A parte dedicada a variedades traz informações sobre acontecimentos na capital, como o sucesso de uma companhia de teatro, a inauguração de estabelecimentos comerciais e o aparecimento de outros jornais. O jornal apresenta também como forma de *Passa Tempo* algumas adivinhações e anedotas.

#### **4.2.4 O Confederal: 1907**

O quarto jornal analisado foi *O Confederal*, órgão do Centro Confederativo dos Operários do Estado de Minas. Seu número prospecto saiu no dia 02 de maio de 1907 e sua circulação regular se deu entre os dias 01 de junho de 1907 e 07 de agosto de 1907. Produziu um total de cinco exemplares, que estão disponíveis no *site* da coleção Linhares. Todos eles foram analisados e nos proferiram dez ocorrências de estrangeirismos franceses.

Como se pode perceber, *O Confederal* é um jornal destinado aos interesses de classe. O jornal, segundo Linhares (1995), "apesar dos poucos números publicados (...) muito fez em prol da classe".<sup>180</sup> No seu artigo de apresentação intitulado "Na liça", o jornal apresenta seu lema: união, desinteresse e trabalho. O intuito do jornal é fortalecer a luta pelos direitos e valorizar o operariado.

Ao se caracterizar como defensor das classes trabalhadoras do Estado, o jornal apresenta vários textos em que a causa operária é o tema central. Além de textos produzidos pelo próprio jornal, há comentários e transcrições de textos de outros órgãos que também tratam da defesa dos operários.

---

<sup>179</sup> LINHARES, 1995, p. 118.

<sup>180</sup> *Ibidem*, p.119.

Além de textos teóricos sobre o assunto, vários informativos sobre congressos, resoluções e discussões também são apresentados. Duas de suas reivindicações principais são: uma lei para controlar o trabalho de crianças em fábricas e em minas e uma lei geral para a regulamentação das condições de trabalho. O jornal também preza para que a luta pelos direitos seja dentro da lei e que as reivindicações sejam pacíficas e baseadas em muita reflexão.

Outra constante no jornal é a defesa e a valorização da instrução na luta operária. Os textos dedicados a esse fim mostram o grande número de analfabetos em Minas e o grande número de crianças que trabalham, pois os pais não são cientes da importância da instrução. Os textos concluem que é preciso difundir a instrução nas oficinas e fábricas e mover uma campanha exterminadora do analfabetismo.

O jornal se dedica quase exclusivamente à questão operária. Somente a partir do número dois é que começamos a encontrar alguns anúncios variados e que apresentam produtos e serviços como roupas, máquinas, alimentos, hotéis e estabelecimentos comerciais de Belo Horizonte e de outras cidades.

#### **4.2.5 A Gazeta: 1907-1908**

O último jornal analisado da segunda fase foi A *Gazeta* que circulou em Belo Horizonte de 01 de agosto de 1907 a 08 de julho de 1908. Durante sua existência produziu trinta exemplares, dos quais oito estão presentes na coleção Linhares. Todos os oito foram lidos e analisados, mas incluímos no trabalho apenas três. Surpreendentemente, os três exemplares nos forneceram quarenta ocorrências de estrangeirismos franceses.

Não fosse o fato de Linhares (1995) ter-nos dito que o jornal se dedicava à política, não teríamos chegado a tal conclusão somente pela leitura do mesmo. O jornal é muito rico de informações e não percebemos, em nenhum momento, pelo menos nos exemplares que tivemos acesso, um espaço dedicado a assuntos políticos. Mas segundo Linhares (1995) "era jornal político, apoiando o governo do Presidente João Pinheiro. Muito noticioso e de texto variado".<sup>181</sup>

A *Gazeta*, até o momento, foi o único jornal que nos apresentou um texto todo escrito em francês. No número 7 de 28 de setembro de 1907, temos um texto sobre a chegada de um grande

---

<sup>181</sup> LINHARES, 1995, p. 120.

homem do Estado francês a Belo Horizonte. O texto foi escrito por André Blok, um francês, que levanta a questão de como Belo Horizonte vai receber esse homem tão importante. O texto ocupa uma coluna e meia da primeira página.

Além do texto escrito em francês, encontramos no jornal muitas notas sobre acontecimentos em Belo Horizonte, como a fundação de fábricas, a inauguração de estabelecimentos comerciais, a presença de pessoas e artistas na capital e a partida de algumas pessoas para outras cidades. Encontramos também avisos sobre a exposição de obras de arte, sobre novos livros, sobre a data do encontro da sociedade literária, sobre uma festa dos alunos da Faculdade de Direito e sobre espetáculos no Theatro Paris.

#### 4.2.6 Segunda fase: apresentação dos estrangeirismos franceses

Após a leitura, análise e recolhimento de elementos franceses nos cinco jornais da segunda fase, obtivemos o seguinte resultado em relação à oferta de estrangeirismos em cada jornal:

| Jornal            | Exemplares analisados | Número de ocorrências de estrangeirismos |
|-------------------|-----------------------|--|
| Folha Pequena     | 3                     | 23                                       |
| Bello Horizonte 2 | 4                     | 38                                       |
| A Flammula        | 4                     | 3  |
| O Confederal      | 5                     | 10                                       |
| A Gazeta          | 3                     | 40                                       |

Tabela 8: Número de exemplares e ocorrências de estrangeirismos franceses da segunda fase

Assim sendo, obtivemos um total de cento e quatorze ocorrências de estrangeirismos franceses. Posteriormente à soma das ocorrências, procedemos, assim como fizemos na primeira fase, a um cruzamento de dados para observar quais deles se repetiriam em mais de um jornal. Do total de cento e quatorze ocorrências, temos oito que se repetem, a saber: *atelier*, *chic*, *coupé*, *gare*, *grève*, *paletot*, *pince-nez* e *toilette*.

Dos estrangeirismos franceses, o único também presente na primeira fase é *toilette*.

A análise dos estrangeirismos e as conclusões a que chegamos após a análise encontram-se nas seções subsequentes.

#### 4.2.7 Segunda fase: análise dos estrangeirismos franceses

A apresentação / análise dos oito estrangeirismos franceses seguirá o modelo adotado para a primeira fase. Começaremos a análise pelo estrangeirismo *atelier*.

| Ficha 1 – Atelier   |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>ATELIER.</b> n. m. Lieu où se fait un travail manuel. <i>Atelier de menuisier, de charpentier. Il s'était fait, dans son appartement, un atelier de serrurier. Les ateliers d'un arsenal, d'une fabrique, d'une imprimerie, etc. Aller à l'atelier. Quitter un atelier. Quitter l'atelier.</i></p> <p>Il se dit aussi du lieu où travaille un artiste. <i>L'atelier d'un peintre, d'un sculpteur. Atelier de charité.</i> Lieu où l'on fait travailler des pauvres qui manquent d'ouvrage. On dit plutôt dans ce sens OUVROIR.</p> <p>Par extension, il désigne ceux qui travaillent dans un atelier. <i>Atelier nombreux. Chef d'atelier. C'est un homme qui fait bien aller un atelier, qui conduit bien un atelier. Tout l'atelier regrette son départ.</i></p> <p>Il se dit particulièrement d'une réunion d'élèves travaillant sous un même maître, dans un atelier de peinture ou de sculpture. <i>L'atelier de tel maître est le plus nombreux, le plus réputé. La rivalité d'atelier produit l'émulation. C'est un propos d'atelier, une farce d'atelier.</i></p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>ateliê</b> s.m. (sXX) <b>1</b> local onde artesãos ou operários trabalham em conjunto, numa mesma obra ou para um mesmo indivíduo; oficina &lt;a. de costura&gt;. <b>2</b> local preparado para a execução de trabalho de arte, fotografia etc; estúdio &lt;montou seu a. de pintura em Ipanema&gt;. <b>3</b> p.ext. grupo de artistas, assistentes e aprendizes que trabalham sob a direção de um mestre artista ou artesão &lt;o a. dos della Robbia&gt; &lt;o a. de Rembrandt&gt; ◊ ETIM fr. <i>atelier</i> 'lugar onde um artista trabalha (a madeira)'. (p.212)</p> <p><i>atelier</i> // [fr.] s.m. (1899) ver <i>Ateliê</i>. (p.212)</p>  |
| <p>"A CAPITAL. Especialidade em calçados, chapéus de sol e de cabeça, modas e todos os artigos para homens, senhoras e crianças. Raul Mendes. Alfaiataria sem competidor. Rivalizando com as melhores do Rio de Janeiro. Tendo introduzido importantes melhoramentos no meu estabelecimento, denominado A CAPITAL, à rua da Bahia, esquina da Avenida Paraopeba, em frente ao Grande Hotel, como sejam: um habil contra-mestre com longa prática de diversos <i>ateliers</i> não só da Europa como do Rio de Janeiro, acha-se habilitado a satisfazer a mais meticulosa</p>   |

exigencia de sua arte, desde o mais simples paletot, á mais fina e elegante casaca; para o que disponho de todas as qualidades, do mais requintado gosto, em padrões completamente modernos; annexei á officina uma secção de roupas feitas, não só de casemira como de brins e roupas brancas, que vendo por preços de admiração. A roupa feita é cortada pelos melhores e mais elegantes figurinos". (Folha Pequena, 12/01/1904, N.1: 5)

"Salão High-Life. Francisco Allevato. Este importante ATELIER acaba de receber um completo sortimento de perfumarias, que vende pelos preços mais reduzidos. LUXUOSO SALÃO de cabellereiro e barbeiro, é o preferido pela alta sociedade bello horizontina. O proprietario acaba de fazel-o passar por uma completa reforma, tendo contractado mais um perito official. Avenida Paraopeba – em frente ao Grande Hotel." (Bello Horizonte, 28/11/1905, N.1 : 3)

"Chamamos a attenção do publico para o bello quadro exposto na vitrina do *atelier* do eximio artista sr. Olindo Belém, contendo a photographia do interessante filhinho do distincto medico dr. Modesto Lins. E' uma obra prima". (A Gazeta, 01/08/1907, N.1: 1)

"Tivemos a immensa satisfacção de ver, ontem, no «atelier» do eximio pintor Corrêa e Castro, o estandarte que o mesmo está confeccionando para o 1º grupo escolar desta Capital". (A Gazeta, 06/09/1907, N.5: 1)

O estrangeirismo *atelier* foi encontrado sete vezes em três jornais: *Folha Pequena*, *Bello Horizonte 2* e *A Gazeta*. Na *Folha Pequena*, apareceu no anúncio de uma alfaiataria. No *Bello Horizonte* estava presente no anúncio de um salão de cabeleireiro. Esse mesmo anúncio se repetiu nos quatro exemplares analisados. N' *A Gazeta*, foi encontrado em dois exemplares: no primeiro, em uma nota que chamava a atenção do público para um belo quadro exposto na vitrine de um *atelier*; no segundo, em uma nota sobre a passagem do autor do texto no *atelier* de um artista. Em todas as sete vezes que foi encontrado, o estrangeirismo estava grafado com alguma marca: duas vezes em itálico, quatro vezes em caixa alta e uma vez entre aspas.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou três definições para a unidade lexical *atelier*. Primeiramente, era o local onde se realizavam trabalhos manuais; era também o local onde trabalhava um artista e, por extensão, quem trabalhava no local. Por fim, *atelier* designava uma reunião de alunos trabalhando com o mesmo mestre. O dicionário de Laudelino Freire (1940) não trouxe o estrangeirismo e o Houaiss (2009), por sua vez, apresentou três acepções para o estrangeirismo, todas elas previstas pelo dicionário da Academia Francesa.

Nos exemplos, todas as quatro ocorrências foram usadas com um dos sentidos apresentados pelo dicionário da Academia Francesa, ou seja, o local onde trabalha um artista. Os

*ateliers* que nos apareceram como exemplo foram: um *atelier* de alfaiataria, outro de barbeiro e cabeleireiro, um de fotografia e o outro de pintura. Assim sendo, classificamos o estrangeirismo, em relação ao campo lexical, como local de trabalho.

No que diz respeito à morfologia, em ambas as línguas o estrangeirismo se configurou como um substantivo masculino. Não temos dados suficientes para tecer considerações a respeito da flexão de número.

Como podemos perceber, *atelier* é um estrangeirismo que entrou para a língua portuguesa, se adaptou aos seus padrões e é muito usado contemporaneamente com o mesmo sentido inicial, em alguns casos, ainda com a forma francesa. No entanto, na época, Cândido Figueiredo (1956) não via razão para seu uso. O autor disse que não compreendia "por que carga de água é que havemos de chamar *atelier*, como em Paris, às oficinas portuguesas de pintores, modistas, etc. (...) É razão de cabo de esquadra, mas há tolices que pegam como visco".<sup>182</sup> No entanto, na continuação do texto, ele admite que o uso do *atelier* estava associado a ideia de prestígio e de modernidade, ideia essa que *oficina* não possuía. O autor coloca: "*Oficina* é termo português, mas está muito visto. Para ferreiros e rolheiros inda servirá; mas para os fabricantes de espartilhos, para modistas, pintores, etc., *oficina* seria um plebeísmo pouco limpo".<sup>183</sup>

Com essa última declaração de Figueiredo (1956), achamos que ficam claras as razões que justificam o empréstimo do estrangeirismo. Percebemos, pela sua data de entrada na língua e pelas quatro ocorrências marcadas com traços diferenciadores, que era um estrangeirismo de uso recente, que estava sendo introduzido na língua naquele período.

| <b>Ficha 2 – Chic</b>  |
|--|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br/> <b>CHIC.</b> n. m. Mot familier employé surtout dans certaines locutions. <i>Avoir du chic</i>, Avoir un air d'élégance un peu hardie. Dans la langue des artistes, <i>Faire de chic</i>, Travailler sans modèle.<br/>           Il s'emploie aussi comme adjectif invariable. <i>Une toilette chic</i>, Qui est élégante.<br/>           Il signifie même, dans cet emploi, qui est digne de sympathie par son caractère, sa manière d'agir. <i>C'est un chic bonhomme!</i> Il est familier.</p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b><br/> <b>CHIQUE</b>, adj. Fr. <i>chic</i>. Esmerado, apurado, de bom gosto.    2. Elegante, bonito, catita. (p.1377)</p>  |

<sup>182</sup> FIGUEIREDO, *Os Estrangeirismos*. Resenha e comentário de centenas de vocábulos e locuções estranhas à língua portuguesa, 1956, p. 13.

<sup>183</sup> *Ibidem*, p.14.

**CHIQUE**, s.m. Elegância. (p.1377)

**Houaiss (2009):**

**chique** *adj.2g.* (1871) **1** que se veste com apuro e bom gosto e se destaca pela elegância e ausência de afetação <mulher c.> **2** *p.ext.* que se caracteriza pelo requinte <reunião c.> ◊ ETIM fr. *chic* 'ar desembaraçado, desembaraço, finura, elegância' ◊ SIN/VAR ver sinonímia de *elegante* e antonímia de *cafona, tosco* ◊ ANT ver antonímia de *elegante* e sinonímia de *cafona, tosco* (p.455).

"Fomos vêr hontem as novidades que a Casa Claudiano esta recebendo para o anno novo. Tudo chic e *tout à fait parisien*, mas o que mais tenta são os preços baratissimos por que alli se vendem tão bello artigos de moda". (Folha Pequena, 01/01/ 1904, N. Prospecto: 2).

"BONITO! Quinta-feira passada deu-se na porta do circo de cavallinhos uma cousa *chic*. Um dos muitos empregados na delegacia da 2.e não satisfeito de poder entrar a *meia cara* ainda quis introduzir um particular sob o pretexto de ser *empregado* na secretaria de Policia. O porteiro não o consentindo, travou-se uma discussão. Bonito foi o resto! Outros intervieram e foi uma barulhada, *policia* a discutir, ameaças de *quebra-cara*, etc. *Os mantedores da ordem!!*" (Bello Horizonte 2, 17/12/1905, N.4 : 3)

"EMPREZA GOMES LOUREIRO. Brevemente entrará a funcionar esta grandioza empresa, cujo objectivo é a exploração do Parque de Bello Horizonte, tornando-o um centro *chic* de attracção popular". (A Gazeta, 06/09/1907, N.5: 1)

O estrangeirismo *chic* foi encontrado em três jornais: *Folha Pequena*, *Bello Horizonte* e *A Gazeta*. Na *Folha Pequena*, foi encontrado no anúncio de uma casa de moda. No *Bello Horizonte*, foi utilizado para qualificar ironicamente a atitude de policiais e n' *A Gazeta* apareceu em uma nota sobre uma empresa que ia explorar o Parque de Bello Horizonte e o tornar um centro *chic* de atração popular. Das três vezes em que apareceu, apenas em uma não estava marcado com itálico.

No dicionário da Academia Francesa (1932-1935) encontramos três acepções para a unidade lexical *chic*. Ela podia ser usada como substantivo masculino em certas locuções como por exemplo, *avoir du chic*, que significava ter um ar de elegância. Podia ser utilizada também como um adjetivo invariável e nesse caso significava elegante. E, por último, ainda como um adjetivo invariável, podia significar quem era digno de simpatia por seu caráter, sua maneira de agir.

Nos exemplos, em todas as ocorrências, o estrangeirismo foi utilizado como adjetivo, com o mesmo sentido que sugeriu a segunda acepção do dicionário da Academia. Assim sendo, foi

classificado no campo lexical referente a luxo/requinte. Percebeu-se pelos sintagmas *tudo chic*, *cousa chic* e *centro chic* que, assim como na língua francesa, ele foi usado como um adjetivo invariável no gênero. Não temos elementos para discorrer sobre a flexão de número.

Laudelino Freire (1940) trouxe a forma aportuguesada do estrangeirismo e registrou, para ela, duas entradas. Na primeira, ele apresentou o estrangeirismo como um adjetivo que podia significar apurado, de bom gosto e também elegante, bonito. Na outra entrada, trouxe o estrangeirismo como um substantivo que denotava elegância. Percebeu-se que as acepções trazidas por Freire estavam em sintonia com as que foram apresentadas pelo dicionário da Academia. Houaiss (2009) trouxe a unidade lexical somente como substantivo, apenas com duas acepções possíveis: 1) que se vestia com apuro e bom gosto e se destacava pela elegância; 2) por extensão, que se caracterizava pelo requinte.

Figueiredo (1957) confirmou o uso já estabelecido do estrangeirismo ao dizer que "em nossa linguagem familiar, tem variadas aplicações. Até é possível que já seja tarde para se devolver o termo à terra que lhe deu o ser. Sendo assim, poderíamos resignar-nos, dando-lhe feição portuguesa – *chique*".<sup>184</sup> No entanto, ele não se conformava com o uso da forma francesa e além de sugerir a adaptação gráfica, também sugeriu correspondentes em português: "mas tente-se ainda expungir-lo da nossa linguagem, como importação suspeita e inútil. Para o substituir, na linguagem familiar em que se emprega, temos mais de um recurso: *elegante*, *catita*, *vistoso*, *apurado*..., e a forma substantiva *elegância*, *catitismo*, *apuro*, *garradice*, etc".<sup>185</sup>

Segundo a definição de Houaiss (2009), o estrangeirismo teve sua entrada registrada na língua portuguesa no ano de 1871. Ainda assim, quando foi empregado nos nossos exemplos, após trinta e seis anos de presença na língua, foi utilizado com a forma francesa e foi marcado com traços diferenciadores. Figueiredo (1957), por sua vez, nos mostrou que existia a forma portuguesa e outros correspondentes. Assim sendo, acreditamos que a retomada da escrita estrangeira se deu pela forte presença da cultura e da língua francesa na época.

Para finalizar, apenas gostaríamos de acrescentar que o estrangeirismo era muito usado nessa e nas outras fases e ainda hoje continua como um elemento estrangeiro muito frequente, apesar de nem sempre identificarmos sua origem estrangeira.

---

<sup>184</sup> FIGUEIREDO, 1957, p. 49.

<sup>185</sup> FIGUEIREDO, *loc. cit.*

### Ficha 3 – Coupé

#### Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):

**COUPÉ.** n. m. Action de couper. Il se dit, en termes d'escrime, de l'action de faire passer l'épée par-dessus la pointe de celle de l'adversaire et, en termes de danse, du mouvement de celui qui se jette sur un pied et passe l'autre devant ou derrière.

Il signifie aussi ce qui est coupé et se disait autrefois de la partie antérieure d'une diligence: il se dit aujourd'hui de la partie d'un wagon qui n'a pas de vis-à-vis.

Il se dit aussi d'une voiture fermée à quatre roues et généralement à deux places.

#### Laudelino Freire (1939-1944):

+ **COUPÉ,** s.m. Do *fr.* O mesmo que *cupê*: "O *coupé* relentou a marcha num atravancamento de carroças" (C. Neto). p.1621

**CUPÉ,** s.m. Fr. *coupé*. Carruagem fechada, de quatro rodas e geralmente de dois lugares. p. 1671

#### Houaiss (2009):

*coupé* (...) [fr.] s.m (1899) ver *CUPÊ*

**cupê** s.m. 1 *ant.* antiga carruagem fechada de tração animal, de duas portas e ger. dois lugares, com o cocheiro num banco à frente 2 *p.ext. obsl.* automóvel de passeio ou carro esporte, de duas portas ○ ETIM red. do fr. *carrosse coupé* 'carruagem cortada, encurtada' p. 585

“14 DE NOVEMBRO. POR UM ALFERES ALUMNO. *Continuação:* Em palacio. A's 7 horas da noite entrou o marechal Argollo. Seriam 8 da noite quando se notou no palacio do governo extraordinario reboliço (...) Momentos após, chegou em um coupé, acompanhado do sr. Anisio Abreu, o ministro do Interior. O carro era escoltado por um piquete de 10 praças do regimento policial”. (Bello Horizonte, 10/12/1905, N.3: 2)

“SALPICOS... HONROSA VISITA. Em comboio especial, posto á sua disposição pelo governo geral, chegou antehontem a esta capital S. Ex. Fu-Sa-Ká, embaixador da China no Brasil, acompanhado de seu secretario Fu-Sa-Lá. (...) O coupé de S. Ex. foi escoltado por um esquadrão de lanceiros”. (A Flammula, 21/06/1907, N.3: 3)

“Um *coupé* com o noivo e a noiva, outro com o padrinho e a madrinha, e convidados, constituem a comitiva de um casamento. Então, alli vem um casamento? Quem é? que não é? E' X que volta da igreja, trazendo consigo a felicidade, isto é, A”. (A Gazeta, 01/08/1907, N.1: 3)

O estrangeirismo *coupé* foi encontrado em três jornais: *Bello Horizonte 2*, *A Flammula* e *A Gazeta*. No *Bello Horizonte 2*, ele ocorreu na narrativa de um acontecimento no palácio do governo. N' *A Flammula*, apareceu em uma crônica cheia de ironias, utilizada para falar da chegada (não sabemos se fato real) do embaixador da China no Brasil. N' *A Gazeta*, foi encontrado em um texto que discorria sobre o casamento e suas consequências. De todas as três

ocorrências, apenas na última, o estrangeirismo foi marcado com itálico. Nas outras duas apareceu sem marcas.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou três acepções para a unidade lexical *coupé*. As duas primeiras estavam relacionadas literalmente ou metaforicamente ao verbo *couper* (cortar, em português) e a terceira acepção apresentou *coupé* como um substantivo masculino, que designava um tipo de carro de quatro rodas e dois lugares. É justamente esse sentido que é empregado nas três vezes em que ele ocorreu nos jornais citados. Por essa razão, foi classificado no campo lexical referente a meios de circulação, de transporte e seus equipamentos.

Em relação à possibilidade de equivalentes em português, Figueiredo (1957) sugeriu apenas a forma aportuguesada: "realmente, se o termo é preciso e ele se vai vulgarizando, nada há já que justifique o mantermos-lhe a forma francesa *coupé*, que, aportuguesada, é *cupê* ou *cupe*".<sup>186</sup> Disso concluiu-se que não existia um correspondente em português, pois não existia o respectivo objeto na cultura brasileira/portuguesa. Trata-se de um caso em que um objeto novo trouxe o seu respectivo nome da língua de origem.

Segundo o dicionário etimológico de Antonio Cunha (1982), o estrangeirismo entrou para língua em 1899, uma entrada recente para a época que estamos estudando. Ele entrou na língua, aportuguesou-se e figura no dicionário com o mesmo sentido usado nos exemplos. Através de uma busca na *web*, descobrimos que o estrangeirismo é ainda muito utilizado na descrição de vários carros modernos. Atualmente é um termo que se refere à carroceria dos veículos. Ele é usado quando os automóveis possuem capota fixa e duas portas e são, geralmente, destinados a dois ocupantes.

| Ficha 4 – Gare   |
|--|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br><b>GARE.</b> n. f. Bâtiment ou ensemble de bâtiments établis aux stations des lignes de chemin de fer. <i>Gare de marchandises. Gare des voyageurs. La gare de l'Est. La gare du Nord. Les quais de la gare. Le train entre en gare. Les employés de la gare. Chef de gare.</i><br><i>Gare militaire</i> , Celle qui est réservée pour l'embarquement et le débarquement des troupes en cas de guerre. |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b><br>GARE, s.f. Fr. <i>gare</i> . Parte das estações de caminhos de ferro, onde embarcam ou desembarcam passageiros e   |

<sup>186</sup> FIGUEIREDO, 1957, p. 61.

mercadorias; embarcadero, cais. (p.2689)

**Houaiss (2009):**

**gare** *s.f.* (1873) estação da estrada de ferro. O ETIM fr. *gare* 'id.' (p.954)

"Seguiu terça-feira passada em trem especial, para a cidade de Formiga o sr. dr. Francisco Antonio de Salles, presidente do Estado. A *gare* da estação por ocasião do embarque de s. exc., se achava bastante concorrida. Entre outras pessoas podemos notar: os srs. drs. Antonio Carlos, Arthur Ribeiro, Mello Franco, Augusto de Lima e outras pessoas, academicos, preparatorianos, etc." (*Bello Horizonte* 2, 10/12/1905, N.3: 3)

"Dr. Estevam Lobo. Vindo do Rio, chegou ha dias, a esta cidade o illustre homem cujo nome, por todos os bons cidadãos admirado, encima estas linhas. Eram sete horas da noite quando se divulgou pela Capital a nova de sua chegada; mesmo assim, foram impressos boletins e profusamente espalhados pela cidade, convidando o povo e a classe academica para comparecerem à *gare* (...) Respondeu o dr. Estevam Lobo em um discurso brilhante e breve, agradecendo aos manifestantes. Entre os srs. drs. Bias Fortes e Affonso Penna Junior, seguiu da *gare* o illustre manifestado com destino ao Grande Hotel, acompanhado de enorme massa popular que era incançavel em victorial-o". (*A Gazeta*, 01/08/1907, N.1: 2)

O estrangeirismo *gare* foi encontrado três vezes em dois jornais: *Bello Horizonte* 2 e *A Gazeta*. No *Bello Horizonte* 2, foi utilizado em uma nota sobre a ida do Presidente do Estado para a cidade de Formiga. N' *A Gazeta*, aconteceu duas vezes em um texto que tratava da chegada de uma ilustre personalidade à Belo Horizonte. Em todas as três ocorrências, o estrangeirismo apareceu marcado com itálico. Tanto na língua francesa como na portuguesa, *gare* era um substantivo feminino. Não temos exemplos suficientes para discorrer sobre sua flexão de número.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou *gare* como o prédio ou o conjunto de prédios estabelecidos nas estações das linhas de caminho de ferro. No entanto, não apontou a função desse(s) prédio(s). Laudelino Freire (1940), por sua vez, trouxe uma definição parecida com a do dicionário da Academia, mas melhor especificada. Através dela pudemos descobrir que essa parte ou esse prédio, nas estações de caminhos de ferro, servia para o embarque e o desembarque de pessoas ou mercadorias. Houaiss (2009) também não especificou a função da *gare* e a apresentou como sinônimo de *estação*.

O sentido com que *gare* foi utilizado nos exemplos vai ao encontro da acepção que foi apresentada pelo dicionário da Academia. Portanto, foi classificado no campo lexical que diz respeito a espaço público.

Segundo Houaiss (2009), o estrangeirismo entrou para a língua em 1873, ou seja, quando foi utilizado nos exemplos, já figurava na língua há trinta e quatro anos e, no entanto, apareceu marcado em todas as três ocorrências. Essa configuração do estrangeirismo como parte estranha à língua, talvez se devesse ao fato de que a novidade não era somente a unidade lexical, mas também o referente.

Figueiredo (1957) sugeriu substitutos em português para o referido estrangeirismo, mas assume que o uso de *gare* era extremamente difundido em Portugal. "Um deles, por exemplo, é *cais*, que felizmente tenho visto empregado muitas vezes na linguagem corrente; e outro é *embarcadero*, visto que aos comboios se aplica o *embarque* e o *desembarque* de passageiros e mercadorias. Por que não havemos de dispensar a *gare*?".<sup>187</sup> Assim sendo, o autor nos mostrou que a novidade se configurava na forma de designar e, não, no referente em si. A partir dessa descoberta, entendemos que o conceito já existia e foi nomeado com um elemento estrangeiro por força da influência da cultura francesa.

O referido estrangeirismo foi encontrado constantemente em outras análises que não constam no trabalho. A experiência nos deu mostras de que ele era muito usado também no português do Brasil e de que não tinha um correspondente capaz de substituir a referência francesa atribuída a seu uso. O estrangeirismo, posteriormente, entrou para a língua com a grafia francesa.

| Ficha 5 – Grève   |
|---|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br><b>GRÈVE.</b> n. f. Lieu uni et plat, couvert de gravier, de sable, le long de la mer ou d'une grande rivière. <i>Les vagues se déploient sur la grève. La grève était couverte de débris.</i><br>Absolument, <i>La Grève</i> , Place publique de Paris, située sur le bord de la Seine, devant l'Hôtel de Ville, où l'on faisait autrefois les exécutions et où se réunissaient les ouvriers sans travail en attendant d'être embauchés. <i>Le coupable fut décapité en Grève, en place de Grève.</i> Par extension, il signifie aujourd'hui Entente, accord des ouvriers d'un atelier, d'une profession, pour cesser leur travail jusqu'à ce qu'ils aient obtenu une augmentation de salaire ou certains autres avantages. <i>Le droit de grève. Faire grève. Se mettre en grève. Faits de grève. Grève perlée.</i> |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b><br><b>GREVE,</b> s.f. Fr. <i>grève</i> . Coalização de operários que exigem uma alteração nos seus salários ou nas horas de trabalho e que se eximem a êste enquanto se lhes não satisfazem as suas pretensões.    2. Ajuntamento de individuos que se   |

<sup>187</sup> FIGUEIREDO, 1957, p. 87.

|   |
|---|
| eximem ao cumprimento de certa obrigação ou dever." (p.2776)  |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p>greve <i>s.f.</i> (1873) POL 1 cessação voluntária e coletiva do trabalho, decidida por assalariados para obtenção de benefícios materiais e/ou sociais, ou para garantir as conquistas adquiridas e ameaçadas de supressão 2 <i>p.ext.</i> cessação temporária e coletiva de quaisquer atividades, remuneradas ou não, em protesto contra determinado ato ou situação; parede &lt;<i>g. de estudantes</i>&gt; (...) O ETIM fr. <i>grève</i> 'ponto de reunião dos trabalhadores desempregados ou descontentes, abstenção deliberada do trabalho' (p.989</p>   |
| <p>"TELEGRAMMAS. Rio, 31. A grève dos marítimos continua a receber adesões, sem conflictos." (Folha Pequena, 01/01/1904, N. Prospecto: 1)</p>   |
| <p>"TELEGRAMMAS. Rio, 12. Está terminada a grève dos cocheiros." (Folha Pequena, 13/01/1904, N.2: 1)</p>  |
| <p>"« Bem pouco se preocupavam as chamadas «classes dirigentes» com as «classes trabalhadoras», que aquellas fingidamente proclamavam no gozo da felicidade mais perfeita ! Havia muito que fazer ; ninguém estava sem trabalho ; a vida se ia tornando menos dura para os pobres. Era a lenda ! De repente rebenta a primeira grève". (O Confederal, 02/05/1907, N. Prospecto: 1)</p>  |
| <p>"Instrução Operaria. Bem haja o «Centro Confederativo dos Operarios do Estado de Minas» na rota que deliberou seguir para a conquista de seus ideaes e defesa dos interesses do proletariado (...) Não pregam a negação do direito de propriedade, não são utopistas do nivelamento social, nem se erigem contra o principio de auctoridade, exigindo revoluções cruentas ou grèves perniciosas (...) A classe operaria, enveredando por essa trilha, satisfará seus anhelos, sem correr o risco de mais piorar a condição presente com o levantes reaccionarios e as grèves, - prejudicialissimas para o meio social, é verdade, mas que os envolvem, também, nas roscas candentes da miseria, com a perda do trabalho". (O Confederal, 01/06/1907, N.1: 1)</p> |
| <p>"A QUESTÃO OPERARIA (...) Essa questão é muito mais seria do que o contemporaneo suppõe, e ella não se verifica pela vontade dos demagogos ou pela exploração dos <i>meneurs</i> de grèves, mas em obediencia a uma lei fatal da historia, que o seu grande philosopho desconhece ou se esforça por desconhecer". (O Confederal, 01/07/1907, N.2: 1)</p>   |

O estrangeirismo *grève* foi encontrado seis vezes em dois jornais: *Folha Pequena* e *O Confederal*. Na *Folha Pequena* foi utilizado em situações bem parecidas. Aconteceu em telegramas vindos do Rio de Janeiro que informavam sobre o andamento da *grève* dos marítimos e sobre o término da *grève* dos cocheiros. N' *O Confederal*, as quatro ocorrências do estrangeirismo se deram em textos que versavam sobre a defesa dos interesses do operariado. Acrescenta-se que, em nenhuma das seis ocorrências, o estrangeirismo foi marcado.

Os dois jornais onde o estrangeirismo *grève* foi encontrado discordaram sobre o tipo de acento utilizado. Na *Folha Pequena*, nos dois casos, temos *grève* com o acento grave, assim como a forma francesa e, n' *O Confederal*, temos *grève* escrito com acento agudo.

Em ambos os jornais e em ambas as línguas, o estrangeirismo era um substantivo masculino e a flexão de número se realizou com o acréscimo de *-s*.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou três acepções para o referido item lexical. Primeiramente *grève* foi apresentado como um lugar coberto de cascalho ou areia ao longo do mar ou de um grande rio. Em segundo lugar, apareceu como a praça pública de Paris onde se reuniam os operários sem trabalho, esperando por emprego. Em terceiro lugar, e por extensão, *grève* passou a designar o acordo entre os operários de parar o trabalho até suas reivindicações serem atendidas. Nos exemplos, o estrangeirismo foi utilizado com o sentido apresentado na terceira acepção.

A terceira acepção apresentada pelo dicionário da Academia foi retomada por Freire (1940) e acrescida de mais uma, pois *grève*, em Freire, podia designar também o grupo de indivíduos que não cumprem com a obrigação ou dever. Houaiss (2009) também retomou a terceira acepção e acrescentou mais outra. *Grève* passou a designar, por extensão, a cessação temporária e coletiva de quaisquer atividades, remuneradas ou não, em protesto contra determinado ato ou situação. Não conseguimos classificá-lo de acordo com o campo lexical.

Segundo o dicionário Houaiss (2009), o estrangeirismo entrou para a língua em 1873, ou seja, quando foi utilizado nos exemplos, já figurava na língua há algum tempo. No entanto, o que percebemos foi que a unidade lexical era nova, mas o conceito não. Já se faziam *grèves* antes mesmo de haver o estrangeirismo. No entanto, esse nome veio com muita força para substituir a locução *fazer parede*. Além disso, ele teve uma relação direta com o movimento social acontecido na França. Até mesmo Figueiredo (1956) reconheceu a força do estrangeirismo em razão da força da cultura francesa. O autor, assumiu, por isso, que seu uso estava desculpado:

Aqui temos nós um galicismo que já agora dificilmente se extirpará. A *greve* entrou já, não só na linguagem dos publicistas, mas até na linguagem popular. O velho português tinha expressão correspondente a *fazer greve*: era *fazer parede*, que ainda se emprega, especialmente entre alguns alunos de algumas escolas, quando resolvem faltar colectivamente ás aulas. Mas seria talvez inútil aconselhar a corticeiros, calceteiros, cocheiros de praça, etc., etc., etc., que em vez de *fazer greve*, fizessem *parede*... É possível que nem percebessem o conselho. Que, hoje em dia, até os corticeiros percebem melhor o francês que o português. Entretanto, fique registado que a *greve* foi uma importação escusada. (FIGUEIREDO, 1956: 35-36)

Assim sendo, temos o caso em que o conceito já existia e foi nomeado com um elemento estrangeiro por força da influência de uma cultura.

O referido estrangeirismo entrou para a língua, perdeu o acento grave e é utilizado contemporaneamente com o mesmo sentido que inicialmente era usado. No entanto, esse sentido se estendeu, como nos mostra Houaiss (2009) e hoje qualquer "cessação temporária e coletiva de quaisquer atividades, remuneradas ou não, em protesto contra determinado ato ou situação"<sup>188</sup> é também chamada de *greve*. Pode-se fazer *greve* de sexo, de fome, etc.

| <b>Ficha 6 – Paletot</b>   |
|--|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br/> <b>PALETOT.</b> n. m. Vêtement qui se porte par-dessus les autres vêtements.</p>  |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b><br/> <b>PALETÓ</b> s.m. Fr. <i>paletot</i>. Casaco largo, que se veste por cima de outro, ou por cima da casaca; sobretudo. (p. 3775)</p>  |
| <p><b>Houaiss (2009):</b><br/> <b>paletó</b> s.m. (sXIX) VEST B 1 casaco com bolsos externos, cujo comprimento alcança os quadris, ger. us. sobre outra peça de vestuário 2 qualquer peça de vestuário análoga &lt;p. de pijama&gt; * <b>p. de madeira</b> B infrm. caixão de defunto; envelope de madeira, pijama de mandeira, paletó de pinho. (...) O ETIM fr. <i>paletot</i> 'jaqueta de camponês', prov. do ing. Médio <i>paltok</i> 'tipo de jaqueta' O SIN/VAR paletô. (p.1416)</p>   |
| <p>"A CAPITAL. Especialidade em calçados, chapéus de sol e de cabeça, modas e todos os artigos para homens, senhoras e crianças. Raul Mendes. Alfaiataria sem competidor. Rivalisando com as melhores do Rio de Janeiro. Tendo introduzido importantes melhoramentos no meu estabelecimento, denominado A CAPITAL, à rua da Bahia, esquina da Avenida Paraopeba, em frente ao Grande Hotel, como sejam: um habil contra-mestre com longa pratica de diversos <i>ateliers</i> não só da Europa como do Rio de Janeiro, acha-se habilitado a satisfazer a mais meticulosa exigencia de sua arte, desde o mais simples paletot, á mais fina e elegante casaca; para o que disponho de todas as qualidades, do mais requintado gosto, em padrões completamente modernos; anexeí á officina uma secção de roupas feitas, não só de casemira como de brins e roupas brancas, que vendo por preços de admiração. A roupa feita é cortada pelos melhores e mais elegantes figurinos". (Folha Pequena, 12/01/1904, N.1:5)</p> |
| <p>"Paginas. Meia noite. Como me sinto hoje cansado, e melancolico, arrebatado por umas manifestações doloridas que me desviam das cousas que vão pelo mundo! Nem o meu fatigante mas bondoso trabalho conseguiu, como em outros dias, desatar esse nó terrivel, que apenas dá passagem aos lamentos surdos, partido das sensibilidades do coração. Nem a mimosa flor que Ella me deu, agora tão clara e perfumada, a dar beijos no meu sovado paletot, faz desviar o errante pensamento, da estrada sombria, aberta ainda mais pelos tristes sumores notivagos. Tudo me parece</p>  |

<sup>188</sup> Houaiss, 2009, p.989.

triste, tão triste como a placidez do céu. (...) Abílio Barreto." (Bello Horizonte II, 10/12/1905, N.3: 1)

O estrangeirismo *paletot* foi encontrado em dois jornais: *Folha Pequena* e *Bello Horizonte 2*. No primeiro jornal, foi utilizado no anúncio de uma casa de modas. No segundo, em uma narrativa poética de autoria de Abílio Barreto. Em nenhuma das duas ocorrências o estrangeirismo apareceu marcado.

A única acepção presente no dicionário da Academia Francesa (1932-1935) nos propiciou apenas uma vaga ideia do que seria um *paletot*. A unidade lexical foi apresentada como uma roupa que se veste por cima de outras roupas, sem nenhuma especificidade. Laudelino Freire (1940) trouxe uma acepção bem mais detalhada, mas ainda um pouco vaga, que diferenciava *paletot* de outras peças que podiam ser vestidas por cima de outras roupas. Somente com a definição de Houaiss (2009), o sentido de *paletot* ficou evidente e especificado. A definição trouxe detalhes sobre os bolsos e sobre o comprimento. Por sua vez, nos exemplos, ao que tudo indica, o estrangeirismo foi utilizado com o mesmo sentido proposto pelo dicionário da Academia, por isso ele foi classificado no campo lexical relacionado a vestuário.

Pudemos perceber, pelas definições e pelos exemplos, que em ambas as línguas, o estrangeirismo era um substantivo masculino. No entanto, não possuímos dados suficientes para falar sobre a flexão de número.

Figueiredo (1957) citou o estrangeirismo em sua obra e trouxe um novo sentido que não tínhamos encontrado ainda. Segundo o autor:

Os pescadores da Mancha usam um casaco largo, sem mangas, a que os Franceses chamam *paletot*. O termo designa também a vestimenta de mangas, que se usa geralmente sobre casaco ou fraque, e que nós chamamos de *sobretudo*.[...] Entre nós, alfaiates e galiciparlas dizem e escrevem *paletot*, menos aplicado a um *sobretudo*, que a um jaquetão comprido. Se o *sobretudo* não lhes serve para esta espécie [...] imitem ao menos os Espanhóis, e escrevam *paletó*. Neologismo embora, é forma portuguesa. (FIGUEIREDO, 1956: 111).

Conforme o dicionário Houaiss (2009), o referido estrangeirismo entrou na língua no século XIX. No entanto, nos exemplos, o estrangeirismo foi encontrado ainda escrito com a forma francesa. Acreditamos que dois podem ser os motivos que justificam esse uso. Primeiramente, a preferência pela forma francesa. Existem elementos estrangeiros que entram na

língua e apesar de bem aceitos mantêm a forma estrangeira. E em segundo lugar, a forma francesa foi retomada devido a esse período de forte influência cultural.

Assim sendo, duas razões explicam o empréstimo do estrangeirismo. Sua entrada se justifica pelo fato de denominar um objeto novo, que trouxe consigo o nome da língua de origem e o resgate da forma francesa deu mostras de um desejo de associação direta com outra cultura.

O estrangeirismo permaneceu na língua, aportuguesou-se e passou a figurar em dicionários. Atualmente, por extensão de sentido, *paletó* designa qualquer peça de vestuário análoga e pode, metaforicamente, designar o caixão de defunto. Houaiss (2009) não mencionou, mas o estrangeirismo pode também ser utilizado em algumas construções do tipo: *abotoar o paletó* e *vestir o paletó de madeira*, que significam *morrer*.

| <b>Ficha 7 – Pince-nez</b>   |
|--|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br><b>PINCE-NEZ.</b> n.m. Binocle à ressort qui se fixe sur le nez.   |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e   |
| <b>Houaiss (2009):</b><br><b>pincenê</b> <i>s.m.</i> (sXX) óculos sem haste que se prende ao nariz por meio de uma mola ☉ ETIM fr. <i>pince-nez</i> 'id' ☉ SIN/VAR pencenê, pencinê (p.1492)   |
| SABBATINAS. Muita gente ha de lembra-se, por certo, de uns formosos versos que, vae para 4 annos, costumavam apparecer no <i>Bello Horizonte</i> , o jornalzinho travesso que durante algum tempo Azevedo Junior manteve, malicioso e leve, alfinetando a uns e a outros, alacrememente vibrando na nossa sociedade burgueza e pacata. (...) A esse tempo desabrochava a vida intellectual de Bello Horizonte, traduzindo-se em estréas de <i>novos</i> na prosa e no verso, e na alegria ruidosa das salas com a fundação de <i>clubs</i> sob a invocação de Terpsycore. Datam de então, o <i>Violetas</i> e o <i>Rose</i> de saudosa memoria, e o <i>Diabo de Luneta</i> que, <i>clopint clopant</i> , vae vivendo ainda, porque... hyberna-se durante todo o anno e só nos tres dias de Momo põe a cabecinha de fóra e dá um ar de sua graça. (...) Fundou-se o <i>cabaret do Ganso Podre</i> , sob a presidencia do Lucio, <i>mignon</i> e taciturno, de <i>pince-nez</i> escuro, intercalando a cada passo a sua phrase-divisa: «A vida não vale uma canceira.»" (Folha Pequena, 01/01/1904, N. Prospecto: 3) |
| "Perdeu-se. Gratifica-se a pessoa que encontrar e trazer a esta redacção um pince-nez de ouro, perdido, nesta capital no dia 31 de dezembro findo". (Folha Pequena, 12/01/1904, N.1: 2)  |
| “JOALHERIA E RELOJOARIA Luiz Balena. Casa fundada em 1897. Variado sortimento de joias com e sem pedras finas (...) Vasto sortimento de oculos e pince-nez (CHRISTAL BRAZIL) de todos os grãos e faz qualquer concertos nos mesmos. Preparam-se óculos e pice-nez de accordo com a indicação de oculistas”.(A Gazeta, 01/08/1907, N.1:4)   |

O estrangeirismo *pince-nez* foi encontrado nove vezes em dois jornais: *Folha Pequena* e *A Gazeta*. Na *Folha Pequena*, o estrangeirismo foi utilizado três vezes: uma vez ocorreu em um texto sobre a época em que Belo Horizonte tinha uma vida mais agitada (o estrangeirismo foi usado para descrever o presidente de um *cabaret*) e, na segunda vez, foi usado em um anúncio de achados e perdidos que se repetiu no exemplar posterior. N' *A Gazeta*, o estrangeirismo ocorreu duas vezes no mesmo anúncio de uma relojoaria que se repetiu em outros três exemplares.

Observa-se que, das nove vezes em que foi utilizado, em apenas uma está marcado com itálico. Note-se também que na segunda vez em que aparece n' *A Gazeta* ocorreu um erro de digitação: o autor escreveu *pice-nez*.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou apenas uma acepção para a unidade lexical: substantivo masculino designando um tipo de óculos leve, sem hastes, que se fixa ao nariz pela pressão de uma mola. Note-se que essa mesma acepção estava presente em Houaiss (2009) e nos nossos exemplos. Por essa razão, foi classificado como pertencente ao campo lexical referente à *necessidade humana*. No entanto, como era um objeto que podia ter cores diversas e feito de diversos materiais, acrescentamos *adorno/ ornamento pessoal* como um dos campos lexicais possíveis para o estrangeirismo.

Segundo Houaiss (2009), o estrangeirismo tinha uma entrada recente na língua datada do século XX. Assim sendo, acreditamos que ele ainda não possuía nenhum correspondente em português. No entanto, Figueiredo (1957) nos mostrou que no português de Portugal havia a possibilidade de substitutos: "segundo me parece, só no Brasil é que se emprega, ou se empregou, o *pince-nez*, que o falecido Castro Lopes tentou substituir por *nasóculo*. (...) Em Portugal, o *pince-nez* chama-se *luneta*, ou melhor, *lunetas*; e não me parece que o Brasil perdesse qualquer coisa, se adoptasse o vocábulo português".<sup>189</sup>

Apesar de sua entrada recente, ele foi marcado com itálico uma única vez. A falta de marcação nos outros casos pode indicar-nos que, apesar de sua entrada recente, era um estrangeirismo muito usado e conhecido.

Entendemos que a presença do estrangeirismo na língua se deveu ao fato de ele se referir a um objeto novo naquele contexto e ter trazido consigo a denominação de sua língua de origem.

---

<sup>189</sup> FIGUEIREDO, 1957, p. 119.

Percebe-se que ele permaneceu na língua e se aportuguesou. No entanto, contemporaneamente, não é muito usado uma vez que o objeto por ele denominado também não é.

| <b>Ficha 8 – Toilette</b>  |
|--|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>TOILETTE.</b> n. f. Meuble garni de ce qui sert pour se laver, se coiffer, se parer. <i>Le miroir d'une toilette. Garniture de toilette,</i> Ensemble des objets qu'on place sur une toilette.</p> <p><b>TOILETTE</b> se dit encore de l'Action de se laver, de se coiffer, de se parer, de s'habiller. <i>Une toilette soignée. Faire sa toilette. Être longtemps à sa toilette. Nécessaire de toilette,</i> Sorte de trousse, de mallette qui contient tous les objets nécessaires à la toilette. <i>Cabinet de toilette,</i> Petite pièce où l'on fait sa toilette.</p> <p>Fig., <i>Faire la toilette d'un texte,</i> Le revoir et y apporter les dernières corrections de détail.</p> <p><b>TOILETTE</b> se dit aussi de l'Ensemble des vêtements, des ajustements qui servent à une femme à se parer. <i>Elle dépense beaucoup pour sa toilette. Elle aime la toilette. Elle est en grande toilette.</i></p> <p><i>Revendeuse à la toilette, marchande à la toilette,</i> Femme qui vend des vêtements, des parures, etc.</p> <p><b>TOILETTE</b> se dit aussi d'un Morceau de toile dont les marchands d'étoffes, les tailleurs, les libraires, etc., enveloppent les marchandises pour les livrer.</p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p>TOILETTE, s.f. Do fr. Trajo, vestimenta.    2. Ato ou maneira de vestir-se, de se lavar, pentear, etc.    3. Toucador.    4. Gabinete de vestir. (FREIRE, 1940: 4722)</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>toalete</b> s.f. (1881) <b>1</b> ato de se lavar, pentear, maquilar, vestir etc. (para deitar-se, sair, aparecer em determinadas cerimônias etc.) &lt;disse que ia fazer a t. antes que ele chegasse&gt; <b>2</b> traje, vestuário, esp. feminino &lt;compareceu com uma t. de luxo&gt; <b>3</b> CIR em certas intervenções, raspagem dos pelos da(s) parte(s) do corpo a ser(em) operada(s) ◊ s.m. <b>4</b> gabinete de vestir <b>5</b> aposento sanitário; banheiro, latrina <b>6</b> pequeno móvel para objetos de toucador ◊ ETIM fr. <i>toilette</i> 'pequena peça de tecido' ◊ SIN/VAR ver sinonímia de <i>latrina</i> (p.1850)</p>  |
| <p>"Au Bon Marché. Novo estabelecimento, montado a capricho, com sortimento de fazendas, armarinho, modas, confecções, calçado, chapéus, etc. É a única casa que recebe semanalmente, do Rio de Janeiro, todas as novidades, e incontestavelmente a que mais vantagens oferece ao publico pelos excepcionaes preços que faz nas mercadorias. As Exmas. Famílias encontram no AU BOM MARCHÉ o que há de mais moderno em tecidos, alta novidade, e bem assim variadissima collecção de enfeites para vestidos. Ricos objetos para presentes, finissimas perfumarias e aguas para toilette, dos fabricantes mais afamados". (Bello Horizonte, 28/11/1905, N.1: 4)</p> <p>“CLUB BELLO HORIZONTE. Revestiu-se de toda pompa o festival realizado, na semana passada, no Club Bello Horizonte. A’s 8 ½ da noite era incessante o movimento ruidoso dos carros pelas ruas da cidade, em demanda do Club, conduzindo distinctas senhoras e senhoritas em cujos labios transpareciam sorrisos alegres, joviaes, vestindo lindas e vaporosas <i>toilettes</i> que nos deslumbravam”. (A Gazeta, 06/09/1907, N.5: 2)</p>  |

O estrangeirismo *toilette* apareceu em dois jornais: *Bello Horizonte 2* e *A Gazeta*. No *Bello Horizonte 2*, foi utilizado no anúncio de uma casa de modas. N' *A Gazeta*, aconteceu na descrição de um festival no Club Bello Horizonte. O primeiro jornal apresentou o estrangeirismo sem marcas e faltando um *t* na grafia (isso já tinha acontecido no jornal *A Capital* da primeira fase). No segundo, ele apareceu marcado com itálico.

No dicionário da Academia Francesa (1932-1935) encontramos quatro acepções para *toilette*: 1) móvel para se arrumar 2) a ação de se arrumar 3) o traje, a vestimenta 4) pacote para compras. A definição trazida por Freire (1940) foi bem parecida e também possuía quatro acepções: 1) o traje, a vestimenta 2) a ação de se arrumar 3) móvel para se arrumar 4) lugar para se arrumar. Por sua vez, a definição encontrada em Houaiss (2009) retomou as quatro primeiras acepções de Freire (1940) e acresceu mais duas: raspar pelos para operação e o banheiro ou aposento sanitário, sentido muito usado contemporaneamente. Percebeu-se, assim, que o estrangeirismo permaneceu na língua, aportuguesou-se e ganhou novos sentidos.

Das quatro acepções possíveis para *toilette* apresentadas pelo dicionário da Academia, nos nossos exemplos, o estrangeirismo foi empregado com duas. Diferente da primeira fase, em que ele foi empregado com apenas um sentido, na segunda fase, além de traje e vestimenta, ele foi utilizado como o ato de se arrumar, lavar, vestir, etc. Assim sendo, foi classificado no campo lexical do vestuário, mas também como adorno/ ornamento pessoal.

Em todos os três dicionários, *toilette* apareceu como um substantivo feminino, mas os exemplos não trouxeram indícios dessa característica morfológica. A flexão de número se deu com o acréscimo de *-s*.

O estrangeirismo *toilette* se configurava para a língua portuguesa da época como um novo termo. A unidade lexical tinha entrada na língua registrada em 1881, segundo Houaiss (2009). Assim sendo, cremos que a presença do estrangeirismo se explica pelo fato de um conceito novo em uma cultura sempre trazer consigo o nome que o denomina. Parece que para o estrangeirismo empregado como a ação de se arrumar, o móvel e o lugar de se arrumar, não tínhamos o correspondente em português, mas para o sentido de vestuário tínhamos *traje* e *vestimenta*.

É importante mencionar que, o estrangeirismo, apesar de novo, era extremamente utilizado. Além dos exemplos que registramos, foi encontrado em outros contextos e em outros jornais que não foram considerados.

#### 4.2.8 Considerações a respeito da segunda fase

Começaremos as nossas considerações fazendo uma comparação entre as ocorrências de estrangeirismos franceses nas duas fases analisadas. O que se observa de mais relevante é a queda significativa no número de ocorrências. Aceitamos a queda como dado de análise, mas gostaríamos de acrescentar que as decisões metodológicas podem ter relações causais com o evento.

Através da observação dos oito estrangeirismos e fazendo uma somatória de suas repetições, de suas utilizações em mais de um jornal e em mais de um exemplar, chegamos a um total de trinta e cinco ocorrências. Essas ocorrências encontram-se assim distribuídas nos jornais: *A Gazeta* (13), *Bello Horizonte 2* (9), *Folha Pequena* (8), *O Confederal* (4), *A Flamulla* (1). A divisão por jornais nos confirma, mais uma vez, o jornal *A Gazeta* como o maior concesso de estrangeirismos franceses.

No que diz respeito aos contextos de utilização, podemos tentar estabelecer um padrão dividindo os estrangeirismos franceses entre os que ocorreram em anúncios e os que foram utilizados em textos em geral. Das trinta e cinco ocorrências, dezesseis delas, ou seja, quase a metade, foram encontradas em anúncios dos seguintes produtos e serviços: alfaiatarias, salões de cabeleireiro, casas de moda, relojarias e achados e perdidos.

As outras dezenove ocorrências foram encontradas nos seguintes contextos: textos para chamar a atenção do público para obras de artistas; notas para chamar atenção de atitudes indevidas, como as de policiais, por exemplo; notas sobre melhoramentos em Belo Horizonte, como um centro de atração popular; um texto sobre a época em que Belo Horizonte tinha uma vida mais agitada; textos sobre a chegada e a partida de pessoas importantes da capital, como o Presidente do Estado, um embaixador e uma ilustre personalidade; dois telegramas vindos do Rio de Janeiro que informavam sobre o andamento e o término de *grèves*. E, por fim, textos sobre acontecimentos na cidade, uma narrativa poética, textos sobre a causa operária e um texto que discorria sobre o casamento e suas consequências.

No que concerne à forma com que os elementos estrangeiros foram grafados, o que se percebe, mais uma vez, é a falta de padronização. Foi muito comum encontrar casos em que o mesmo estrangeirismo foi encontrado ora com itálico ora sem marcas. A falta de padronização, no entanto, foi bem menor do que na primeira fase, pois aqui metade dos estrangeirismos seguiu

um padrão. São eles: *atelier*, *gare*, *grève* e *paletot*. O estrangeirismo *gare* foi marcado em todas as ocorrências com itálico enquanto *paletot* não apresentou nenhuma marca. O estrangeirismo *atelier* também apareceu marcado em todas as ocorrências, mas essas marcas variaram de jornal para jornal ou até mesmo dentro do mesmo jornal. Por sua vez, *grève* apareceu sem marcas em todos os casos, mas houve uma divergência de um jornal para o outro na escolha entre o acento agudo e o grave na sua grafia.

No que se refere à semântica, o que se percebe é que nenhum dos estrangeirismos inovou em relação aos sentidos disponíveis na língua francesa. Metade deles possuía vários sentidos nessa língua e foram utilizados com apenas um deles em português. São eles: *atelier*, *chic*, *coupé* e *grève*. Outros três estrangeirismos *gare*, *paletot* e *pince-nez* possuíam apenas um sentido na língua francesa e esse foi empregado nos exemplos que coletamos. O estrangeirismo *toilette* nos surpreendeu nessa segunda fase, pois ele foi utilizado com dois sentidos.

Outros aspectos da análise que se mostraram diferentes dos relacionados na primeira fase foram os campos lexicais. Temos como coincidência apenas *vestuário* e *estrangeirismo não classificado*. Os dez sentidos encontrados nos estrangeirismos franceses da segunda fase ficaram assim distribuídos entre os campos: *vestuário* (2); *adorno/ornamento pessoal* (2); *local de trabalho* (1); *luxo/requinte* (1); *meios de circulação, de transporte e seus equipamentos* (1); *espaço público* (1); *estrangeirismo não classificado* (1) e *necessidade humana* (1). O estrangeirismo *toilette* foi classificado em campos lexicais diferentes, uma vez que possuía sentidos diferentes e o estrangeirismo *pince-nez*, por ser um tipo de óculos, foi classificado como pertencente ao campo lexical de *necessidade humana*, mas também como um objeto relacionado a *adorno/ornamento pessoal*.

Quanto à morfologia, mais uma vez temos a predominância dos substantivos. Dos oito estrangeirismos, apenas um, *chic*, funcionou como adjetivo. Assim como ocorreu na primeira fase, não temos elementos e nem exemplos suficientes para tecer considerações a respeito da flexão de número.

No tocante à possibilidade dos estrangeirismos franceses terem correspondentes em português (apesar de acreditarmos que do ponto de vista do uso não existem correspondentes exatos) quatro deles apresentaram essa condição. Para substituir *atelier*, *chic*, *grève*, *toilette* (no sentido de vestimenta) foram-nos sugeridas as formas portuguesas *oficina*, *elegante/catita*, *fazer parede*, *traje*. Para os estrangeirismos *paletot* e *chic*, levantamos a hipótese de já possuírem uma

forma aportuguesada. Para os restantes *coupé*, *gare*, *pince-nez* e *toilette* (no sentido de se arrumar, se embelezar), não havia unidades lexicais capazes de substituí-los.

Tendo como base os dados sobre a possibilidade ou não da existência de correspondentes em português e a observação do comportamento dos estrangeirismos franceses, tecemos algumas considerações a respeito das razões que explicam o seu empréstimo. Para os que possuíam correspondentes em português, *atelier*, *chic*, *gréve* e *toilette*, percebemos que o seu uso era uma tentativa de associação com ideias de prestígio e de modernidade e uma forma de fazer referência direta à cultura francesa. *Coupé*, *paletot* e *pince-nez* foram usados, pois designavam objetos novos que trouxeram consigo o nome francês. Outros estrangeirismos como *gare* e *toilette* (no sentido de se arrumar) configuravam-se como conceitos novos que também trouxeram o seu nome francês.

Para finalizar, observamos que todos os estrangeirismos franceses utilizados naquele contexto permaneceram na língua. A maioria se aportuguesou graficamente, exceto *gare*, e alguns deles ainda continuam atualmente sendo usados com a grafia francesa: *atelier* e *toilette*. Outros, apesar de pertecerem ao idioma, não são mais tão usados, como é o caso de *pince-nez*.

### **4.3 Terceira fase: 1910-1914 - apresentação dos jornais**

A terceira e última fase compreende os anos de 1910 a 1914. No período, circularam em Belo Horizonte sessenta e oito jornais dos quais cerca de vinte e oito encontram-se digitalizados e disponíveis virtualmente. Os jornais disponíveis passaram por um processo de seleção do qual conseguimos escolher um jornal pertencente a cada um dos domínios anteriormente citados. O processo de seleção foi necessário para que pudéssemos respeitar o mesmo número de jornais e o mesmo número de exemplares para todas as fases.

Os cinco jornais e os dezenove exemplares que foram escolhidos para compor a terceira fase estão demonstrados na tabela a seguir:

| Jornal          | N. Exemplares Analisados | Exemplares Analisados  |
|-----------------|--------------------------|--|
| A Cidade        | 7                        | 16/12/1909; 10/01/1910;17/01/1910;<br>31/01/1910; 14/02/1910 ; 25/02/1910;<br>20/03/1910 |
| O Astro         | 3                        | 27/01/1910; 21/03/1910; 02/11/1910   |
| Estado de Minas | 3                        | 15/11/1911; 17/11/1911; 18/11/1911   |
| Animus          | 3                        | 07/09/1912; 22/09/1912; 17/10/1912   |
| Folha Academica | 3                        | 28/04/1914; 09/05/1914; 18/07/1914   |

Tabela 9: Jornais escolhidos e exemplares analisados da terceira fase

Nas subseções que seguem, tentaremos evidenciar a riqueza dos jornais para este trabalho e tentaremos também demonstrar suas principais características e seus principais interesses. Os estrangeirismos franceses encontrados serão analisados posteriormente.

#### 4.3.1 A Cidade: 1909-1910

O primeiro jornal analisado foi *A Cidade*. Considerado um "jornal muito noticioso"<sup>190</sup>, circulou em Belo Horizonte no período de 16 de dezembro de 1909 a 07 de setembro de 1910. Durante seu período de existência, foram produzidos vinte e três exemplares, dos quais doze estão presentes na coleção Linhares.

Os doze exemplares foram analisados. No entanto, utilizaremos apenas o resultado obtido com a análise dos sete primeiros. A soma do total de ocorrências de estrangeirismos franceses no jornal muito nos surpreendeu, pois os jornais pertencentes ao domínio das notícias analisados até agora tinham fornecido um número considerável de estrangeirismos e *A Cidade*, ao contrário, forneceu-nos apenas duas ocorrências.

No primeiro número do jornal encontramos sua apresentação. Segundo o texto, um dos principais propósitos do jornal é falar sempre a verdade e agir com neutralidade. O jornal se autodenomina independente, científico, literário e noticioso.

<sup>190</sup> LINHARES, 1995, p.132.

Encontramos n' *A Cidade* textos com os mais variados temas e escopos. Assim como em outros jornais analisados, são comuns notas de aniversários e comemorações, notas sobre a circulação de pessoas, falecimentos, aparecimentos e/ou fechamentos de jornais. Ademais, encontramos notas sobre a programação do cinema, sobre a inauguração da guarda civil da capital, sobre a abertura de um curso para ensinar esperanto, além de poesias e sonetos.

Uma constante no jornal são textos onde serviços são reclamados e denúncias são feitas. Nesse sentido, encontramos a solicitação de melhorias no serviço da entrega postal nas residências e reivindicações ao chefe de polícia para que as retretas da banda voltem a ser no horário antigo. Um segmento para noticiário internacional também foi encontrado.

Por fim, *A Cidade* trouxe grande número de anúncios. Além de uma seção chamada *Indicador* onde se podiam encontrar nomes e endereços de médicos, advogados, dentistas e cirurgiões, várias páginas do jornal traziam anúncios de diversos produtos e serviços.

#### **4.3.2 O Astro: 1910**

O segundo jornal analisado da terceira fase foi *O Astro*. O jornal circulou em Belo Horizonte por pouco tempo, de 27 de janeiro de 1910 a 21 de março do mesmo ano. Quando sua publicação foi interrompida, contavam-se seis números. Segundo Linhares (1995), depois dessa interrupção, o jornal retomou sua publicação no dia 24 de outubro, mas o autor não soube precisar a data de seu fim. A coleção Linhares, no entanto, possui três exemplares. Todos eles foram analisados e nos forneceram nove ocorrências de estrangeirismos franceses.

Segundo Linhares (1995), o jornal *O Astro* era um "órgão republicano. Partidário, em política, do candidato oficial à Presidência da República, indicado na convenção de maio de 1909".<sup>191</sup> Essa característica apontada por Linhares é confirmada pelo jornal no seu número de apresentação: "desde já asseguramos ao publico que definitivamente o nosso periódico será um dos innumeraveis defensores das sympathicas candidaturas da magna Convenção de Maio. Eis ahi o nosso programma".<sup>192</sup>

---

<sup>191</sup> LINHARES, 1995, p.132-133.

<sup>192</sup> *O Astro*, 27/01/1910, N.1: 1

O jornal apoiava a candidatura do republicano Marechal Hermes da Fonseca e era contrário ao candidato civilista Ruy Barbosa. Assim sendo, os números que antecedem as eleições estão repletos de críticas severas aos civilistas e de elogios e exaltação aos republicanos. No entanto, o que mais nos chamou a atenção nesse jornal predominantemente político foi o espaço destinado à programação do cinema, a promoção de um concurso da moça mais bonita de Belo Horizonte e o fato de o mesmo não possuir anúncios.

Além de notícias sobre Belo Horizonte, o jornal trazia também fatos de outras cidades, como o surgimento de jornais e a instalação de luz elétrica. Como noticiário internacional, temos comentários sobre o tratado Brasil-Peru e sobre o apoio dos EUA e da Itália à Argentina em caso de conflito com o Brasil.

Para finalizar, gostaríamos de citar que no número 6, de 21 de março de 1910, o tema central foi a eleição dos republicanos Marechal Hermes da Fonseca e Wenceslau Braz para a presidência e a vice-presidência da República. O número inteiro é dedicado a falar da vitória, das comemorações, da festa que foi realizada, dos discursos, da chegada à capital dos vencedores e da contagem de votos.

#### **4.3.3 Estado de Minas: 1911 - 1915**

O *Estado de Minas* foi o terceiro jornal analisado. Considerado de grande repercussão e importância, começou sua circulação em Belo Horizonte em 15 de novembro de 1911 e teve várias fases. As fases se originaram a partir de pequenas interrupções na sua publicação ou de trocas do diretor-redator. Segundo Linhares (1995), o *Estado de Minas* circulou até 29 de janeiro de 1915, resultando um total de 777 exemplares.

A capital mineira conheceu de 1906 a 1928 quatro jornais cujos títulos variavam entre *O Estado de Minas* ou *Estado de Minas*. Pela proximidade na nomenclatura, os exemplares disponíveis dos quatro jornais se encontram totalmente misturados na coleção Linhares, impossibilitando-nos precisar o número exato de exemplares de cada um. No entanto, independente da quantidade total, traremos para a análise apenas os três primeiros exemplares onde encontramos sessenta ocorrências de estrangeirismos franceses.

O jornal, no primeiro exemplar, faz sua apresentação e traz uma epígrafe de Victor Hugo que coloca em evidência o papel da imprensa: "La presse est la force parce qu'elle est l'intelligence".<sup>193</sup> Além do mais, o objetivo do jornal era lutar "tanto quanto possível, pela prosperidade e progresso do nosso Estado, pela educação científica, moral e artística do povo".<sup>194</sup>

Além da luta pela prosperidade e pelo progresso do Estado, uma característica marcante do jornal era a sua composição. Composto, em sua maioria, de pequenas notas que versavam, principalmente, sobre o dia-a-dia da cidade e dos seus moradores, quase não trouxe textos longos. Aspectos envolvidos com a imprensa local também tiveram seu espaço. Encontramos notas sobre a visita de pessoas à redação do jornal e sobre a contratação ou a demissão de jornalistas em determinados jornais.

Outro elemento importante relacionado ao dia-a-dia da cidade e de seus moradores que também encontrou âmbito privilegiado dentro do jornal foi a publicidade. Em folhas dedicadas inteiramente a anúncios e em outros espaços espalhados no corpo do jornal, encontramos uma multiplicidade de produtos e serviços sendo oferecidos.

Ainda no que diz respeito ao cotidiano dos moradores, foram encontrados espaços dedicados à *vox populi*. Nesses espaços, encontramos denúncias e reclamações de alguns aspectos relacionados ao bem estar da população. A principal denúncia que encontramos está relacionada à grande quantidade de pó nas ruas e a falta de água. Em dois textos, a população reclama do problema e o jornal sugere uma solução paliativa.

Por fim, gostaríamos de acrescentar uma característica do *Estado de Minas* que muito nos impressionou: o detalhamento presente em algumas notas e a revelação de algumas informações que de antemão não interessariam ao público geral. Como exemplo, uma nota sobre a frequência na biblioteca com o número exato de pessoas visitantes e o nome das obras consultadas. Em outra, sobre o atraso dos trens, encontramos descritos os trens que atrasaram e o quanto atrasaram. Encontramos também uma nota sobre a lotação dos bondes e a renda que a empresa administradora obteve.

---

<sup>193</sup> A imprensa é a força porque ela é a inteligência. *Estado de Minas*, 15/11/1911, N.1 : 1. Tradução nossa.

<sup>194</sup> *Estado de Minas*, 15/11/1911, N.1 : 1.

#### 4.3.4 Animus: 1912

O quarto jornal analisado foi o *Animus*. Trata-se de um jornal dedicado à literatura que circulou em Belo Horizonte em um curto período, de 07 de setembro de 1912 até 02 de novembro do mesmo ano, resultando sete exemplares. Desses sete, três estão disponíveis na coleção Linhares. Todos os exemplares foram analisados e nos forneceram um surpreendente número de sessenta ocorrências de estrangeirismos franceses. A surpresa se deu devido ao fato de, até agora, os jornais dedicados à literatura terem nos fornecido um número pequeno de elementos estrangeiros.

Segundo o seu programa apresentado no primeiro número, o jornal tinha como escopo transcrever "nestas estreitas columnas, com nossa critica desautorizada embora, todas as producções litterarias dos nossos grandes poetas e prosadores e os trabalhos artísticos de todos os proceres da litteratura dos demais povos do mundo".<sup>195</sup> Além de literário, *Animus* se mostrou também noticioso e humorístico.

Tendo em vista essas características, e baseando-nos na leitura que fizemos dos exemplares do jornal, percebemos que grande parte do seu espaço é destinada a poesias, poemas, sonetos, narrativas e diálogos. Em meio a esses textos, encontramos uma poesia escrita em francês com o título *Sérénade*. Além disso, a parte literária do jornal trazia um pouco de história da Literatura e dedicava-se a fazer homenagens e a realizar críticas aos trabalhos de alguns poetas brasileiros e estrangeiros. Entre os brasileiros, podemos citar Carlos Góes e, entre os estrangeiros, o francês Georges Dumas.

Além da parte literária, encontramos espalhadas pelo jornal uma série de piadas, anedotas e críticas com fundo humorístico. Encontramos também alguns concursos feitos para eleger, por exemplo, a senhorita mais espirituosa da capital e a moça mais chique e menos namoradeira. Pouco espaço foi destinado para anúncios.

As notícias, apesar de em número reduzido, também contribuíam para a formação do jornal. Encontramos, por exemplo, uma nota sobre a fundação de uma maternidade em Belo Horizonte, um texto sobre as datas nacionais e seu significado, uma nota sobre a preparação da

---

<sup>195</sup> *Animus*, 07/09/1912, N.1: 1

feira da primavera, outra sobre o surgimento de periódicos na capital e sobre um contrato entre a prefeitura e o governo estadual para uma reforma geral nos serviços de eletricidade.

#### **4.3.5 Folha Acadêmica: 1914**

O quinto e último jornal analisado da terceira fase foi o *Folha Acadêmica*. "Jornal dos interesses da classe e órgão do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito"<sup>196</sup> começou sua circulação em Belo Horizonte em 28 de abril de 1914 e não se sabe até quando durou. A coleção Linhares possui três exemplares que foram analisados e nos forneceram vinte e oito ocorrências de estrangeirismos franceses.

A primeira característica do jornal que deve ser evidenciada diz respeito àquilo que ele tem de diferente dos demais. Trouxe um novo formato, pois era composto por oito páginas, além de textos assinados por mulheres. Estava destinado a divulgar os interesses da classe dos estudantes de direito da Capital, mas também tinha o objetivo de ser um meio de cultura para os jovens estudantes.

Assim sendo, o jornal se dedicava quase exclusivamente em ser uma representação de tudo o que estava relacionado ao universo acadêmico da Capital. Encontramos, por exemplo, dois textos sobre a Faculdade de Medicina e a Escola de Engenharia que traziam detalhes dessas instituições, como a data de criação, os cursos oferecidos, o número de alunos, os professores, os gabinetes instalados, além da equiparação com as escolas de ensino superior da Capital Federal.

Ainda no que diz respeito à vida dos estudantes, muitos textos discorriam sobre a inexpressividade da vida acadêmica de Belo Horizonte e a falta de algo para caracterizar seus jovens. A falta de um ponto de encontro para os estudantes mineiros e a comparação do seu espírito apático e desanimado com os de outras cidades como São Paulo e o Rio, eram assuntos recorrentes.

No entanto, como forte defensor da instrução, além da vida acadêmica, eram interesses do jornal outros aspectos envolvidos com a educação na capital de forma geral. Assim sendo, o jornal trouxe uma nota sobre a realização, no salão nobre da Escola Normal, da cerimônia da entrega de diplomas às alunas que concluíram o curso. Segundo o jornal, na encantadora festa,

---

<sup>196</sup> LINHARES, 1995, p.163.

compareceram, além da alta sociedade de Belo Horizonte, autoridades locais, membros do governo, representantes da imprensa e a mocidade de outras escolas.

#### 4.3.6 Terceira fase: apresentação dos estrangeirismos franceses

Após a leitura, análise e recolhimento de elementos franceses nos cinco jornais dessa terceira fase, obtivemos o seguinte resultado em relação à oferta de estrangeirismos em cada jornal:

| Jornal          | Exemplares analisados | Número de ocorrências de estrangeirismos franceses |
|-----------------|-----------------------|--|
| A Cidade        | 7                     | 2  |
| O Astro         | 3                     | 9  |
| Estado de Minas | 3                     | 60   |
| Animus          | 3                     | 60   |
| Folha Academica | 3                     | 28   |

Tabela 10: Número de exemplares e ocorrências de estrangeirismos franceses da primeira fase

Assim sendo, na terceira fase, obtivemos um total de cento e cinquenta e nove ocorrências de estrangeirismos franceses. Desse total, temos onze que se repetem, a saber: *art nouveau*; *atelier*; *chic*; *corbeille*; *coupon*; *élite*; *gare*; *mademoiselle*; *métier*; *restaurant*; *terrasse*.

A terceira fase teve em comum com a primeira os seguintes estrangeirismos franceses: *mademoiselle* e *restaurant* e com a segunda os itens *atelier*, *chic* e *gare*. Nenhum estrangeirismo francês se repetiu em todas as fases.

A análise dos onze estrangeirismos e as conclusões a que chegamos após a análise encontram-se nas subseções seguintes.

### 4.3.7 Terceira fase: análise dos estrangeirismos franceses

A apresentação / análise dos onze estrangeirismos franceses seguirá o modelo adotado nas demais fases. Começaremos a análise pelo estrangeirismo *art nouveau*.

| Ficha 1 – Art nouveau   |
|---|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b> n/e  |
| <b>Le Petit Robert (2012 – version numerique):</b><br><b>art</b> [ar] nom masculin (...)<br><b>Spécialt</b> (1912) <i>Art nouveau</i> , se dit des styles d'art plastique développés en Europe entre 1885 et 1914. → modern style. <b>Appos.</b> <i>Des meubles art nouveau</i> . Art déco (→ décoratif). (...)   |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e  |
| <b>Houaiss (2009):</b><br><i>art nouveau</i> (...) [fr.] <i>loc.subst.</i> HIST.ART estilo ornamental utilizado em arquitetura, decoração, joalheria, ilustração etc., que se caracteriza pelo uso de linhas longas, ondulantes e assimétricas, muitas vezes apresentando elementos que lembram formas da natureza [Floresceu aprox. entre 1890 e 1910 e inspirou-se, em parte, na arte japonesa da gravura.] ⊕ GRAM como <i>loc.subst.</i> , us. tanto com artigo feminino (a <i>art nouveau</i> ) como com masculino (o <i>art nouveau</i> – subentendido "estilo"); tb. empr. como apos. (moda <i>art nouveau</i> ; gostos <i>art nouveau</i> ). (p.197) |
| "Espelhos, artigos religiosos, vidros, modelos para pintura, estampas sacras e profanas na Typographia «Art Nouveau» rua E. Santo, 318". (Animus, 22/09/1912, N 3: 3)   |
| "Quereis um quadro bem feito? Molduras finas e baratíssimas? Ide a Rua E. Santo, 318. Typographia «Art Nouveau», de Iginio Bonfioli". (Animus, 22/09/1912, N 3: 4)  |
| "ART-NOUVEAU. Photographia. Typographia. Papelaria. ATELIER DE PRIMEIRA ORDEM. CONFECÇÃO DE QUADROS. IGINO BONFIOLI. PHOTOGRAPHO. N. 318, Rua Espirito Santo N. 318 – Bello Horizonte. O portador deste anuncio terá direito a uma photographia gratis". (Folha Acadêmica, 28 /04/1914, N.1: 7)   |

O estrangeirismo *art nouveau* foi encontrado dez vezes em dois jornais: *Animus* e *Folha Acadêmica*. No jornal *Animus* apareceu em dois anúncios de uma tipografia. Ambos os anúncios se repetiram em outros exemplares. No *Folha Acadêmica* apareceu em um anúncio da mesma tipografia que se repetiu em outros dois números.

Em todos os dez casos, o estrangeirismo foi grafado com algum tipo de marca. Nas sete vezes que ocorreu no jornal *Animus*, apareceu entre aspas e nas três vezes em que figurou no jornal *Folha Acadêmica* apareceu em caixa alta. As marcas, nesses casos, pouco nos disseram a respeito do reconhecimento ou não do estrangeirismo como parte integrante da língua, pois ele compunha o nome de um estabelecimento comercial, assim sendo, não conseguimos distinguir se as marcas foram usadas para mostrar a estrangeiridade do termo ou para destacar o nome do estabelecimento.

A unidade lexical não foi encontrada no dicionário da Academia Francesa (1932-1935). A busca foi realizada em mais de uma edição. Para descobrirmos informações a seu respeito, como por exemplo, a data de sua entrada na língua francesa, recorreremos à versão digital do dicionário etimológico *Le Petit Robert* (2012). Acreditamos que a dificuldade em encontrar a unidade lexical se explique pelo fato dela pertencer a um domínio conceitual muito específico.

Por sua vez, também não encontramos o referido estrangeirismo em Laudelino Freire (1940). Sua presença no dicionário de Houaiss (2009) nos indicou sua entrada para a língua portuguesa com um sentido bem parecido com o que era usado na língua francesa. Enquanto nessa língua a unidade lexical se referia a um estilo de artes plásticas, na definição do Houaiss (2009), o estrangeirismo se refere a um estilo ornamental utilizado em arquitetura, decoração, joalheria e ilustração. Nos exemplos, o estrangeirismo também foi utilizado para nomear uma tipografia, por isso foi classificado em dois campos lexicais: um referente a estabelecimento comercial e outro referente a artes plásticas.

No que concerne à morfologia, segundo o Houaiss (2009), o referido estrangeirismo se constituía como uma locução substantiva que podia ser acompanhada tanto do artigo feminino como do artigo masculino. Na definição do *Le Petit Robert* (2012), a referida locução era parte integrante da definição da unidade lexical *art* que era um substantivo masculino. Pelos nossos exemplos, concluímos que *art nouveau* era uma locução substantiva masculina. Em ambas as línguas, de acordo com os exemplos trazidos nas definições, o estrangeirismo não se flexionou em número.

Acreditamos que, pela especificidade do conceito, não existiam correspondentes em língua portuguesa para o estrangeirismo. Havia a possibilidade de o termo ter sofrido o decalque, mas a preferência pela forma francesa nos mostrou claramente um desejo de referência. Além dessa especificidade, levemos em consideração que *art nouveau* designava um estilo novo de

artes plásticas, criado na Europa e nomeado lá. A cultura brasileira importou tanto o estilo quanto a nomeação. Assim sendo, admitimos que as razões que explicam o uso do estrangeirismo se resumem em duas: primeiramente, temos um conceito novo que traz consigo o nome da língua de origem e, em segundo lugar, a manutenção da forma francesa nos mostra um desejo de identificação com essa cultura.

Nos exemplos, encontramos uma terceira razão que explica a presença do estrangeirismo: note-se que o estrangeirismo compõe o nome de uma tipografia. Assim sendo, percebe-se claramente um desejo de associação entre os produtos que ali eram fabricados com o estilo novo de artes plásticas. Além do mais, o conceito estava na moda.

Um indicativo de que não havia possibilidade de substitutos para o termo na época é sua ausência em ambos os volumes da obra *Os Estrangeirismos. Resenha e comentário de centenas de vocábulos e locuções estranhas à língua portuguesa* de Cândido Figueiredo. Não há referências do autor criticando ou proibindo o uso do estrangeirismo. Ainda hoje não há possibilidade de substituição. O estrangeirismo permaneceu na língua, entrou para os dicionários e continua sendo usado, contemporaneamente, para fazer referência a um estilo de artes plásticas.

| <b>Ficha 2 – Atelier</b>  |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>ATELIER.</b> n. m. Lieu où se fait un travail manuel. <i>Atelier de menuisier, de charpentier. Il s'était fait, dans son appartement, un atelier de serrurier. Les ateliers d'un arsenal, d'une fabrique, d'une imprimerie, etc. Aller à l'atelier. Quitter un atelier. Quitter l'atelier.</i></p> <p>Il se dit aussi du lieu où travaille un artiste. <i>L'atelier d'un peintre, d'un sculpteur. Atelier de charité.</i> Lieu où l'on fait travailler des pauvres qui manquent d'ouvrage. On dit plutôt dans ce sens OUVROIR.</p> <p>Par extension, il désigne ceux qui travaillent dans un atelier. <i>Atelier nombreux. Chef d'atelier. C'est un homme qui fait bien aller un atelier, qui conduit bien un atelier. Tout l'atelier regrette son départ.</i></p> <p>Il se dit particulièrement d'une réunion d'élèves travaillant sous un même maître, dans un atelier de peinture ou de sculpture. <i>L'atelier de tel maître est le plus nombreux, le plus réputé. La rivalité d'atelier produit l'émulation. C'est un propos d'atelier, une farce d'atelier.</i></p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>ateliê</b> <i>s.m.</i> (sXX) <b>1</b> local onde artesãos ou operários trabalham em conjunto, numa mesma obra ou para um mesmo indivíduo; oficina &lt;a. de costura&gt;. <b>2</b> local preparado para a execução de trabalho de arte, fotografia etc; estúdio &lt;montou seu a. de pintura em Ipanema&gt;. <b>3</b> <i>p.ext.</i> grupo de artistas, assistentes e aprendizes que</p>  |

trabalham sob a direção de um mestre artista ou artesão <o a. dos della Robbia> <o a. de Rembrandt> ◊ ETIM  
fr. *atelier* 'lugar onde um artista trabalha (a madeira)'. (p.212)

*atelier* // [fr.] s.m. (1899) ver *Ateliê*. (p.212)

"CASA NARCISO. A MAIS ANTIGA DA CAPITAL. (...) Alfaiataria de primeira ordem com fazendas de primeira qualidade e dirigida por habil contramestre. Atelier de costuras, sob a direção de competente modista". (Estado de Minas, 15/11/1911 – N. 1 :4)

"ART-NOUVEAU. Photographia. Typographia. Papelaria. ATELIER DE PRIMEIRA ORDEM. CONFECÇÃO DE QUADROS. IGINO BONFIOLI. PHOTOGRAPHO. N. 318, Rua Espirito Santo N. 318 – Bello Horizonte. O portador deste anuncio terá direito a uma photographia gratis". (Folha Academica, 28 /04/1914, N.1: 7)

O estrangeirismo *atelier* foi encontrado seis vezes em dois jornais: *Estado de Minas* e *Folha Acadêmica*. No primeiro jornal, ocorreu em um anúncio de uma alfaiataria que se repetiu em três exemplares e, no segundo, em um anúncio de uma tipografia que também se repetiu em mais de um exemplar. Em todos os seis casos, o estrangeirismo apareceu sem nenhuma marca, o que para nós é mostra do seu processo de integração à língua portuguesa, uma vez que na segunda fase ele apareceu marcado em todas as ocorrências.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou três definições para *atelier*. Primeiramente, era o local onde se realizavam trabalhos manuais. Era também o local onde trabalhava um artista e, por extensão, quem trabalhava no local. Por fim, designava uma reunião de alunos trabalhando com o mesmo mestre. Por sua vez, o dicionário de Laudelino Freire (1940) não trouxe o estrangeirismo e o Houaiss (2009) apresentou três acepções para ele, todas elas previstas pelo dicionário da Academia Francesa.

Nos exemplos, todas as seis ocorrências foram usadas com apenas um dos sentidos apresentados pelo dicionário da Academia Francesa, ou seja, o local onde trabalha um artista. Os *ateliers* que encontramos foram: um *atelier* de alfaiataria e o outro de fotografia e quadros. Assim sendo, classificamos o estrangeirismo, em relação ao campo lexical, como local de trabalho. No que diz respeito à morfologia, em ambas as línguas o estrangeirismo se configurava como um substantivo masculino. Não temos dados suficientes para tecer considerações a respeito da flexão de número.

Como podemos perceber, *atelier* é um estrangeirismo que entrou para a língua portuguesa, adaptou-se aos seus padrões e é muito usado contemporaneamente, ainda em alguns casos, com a grafia francesa. No entanto, na época, Cândido Figueiredo (1956) não via razão para

seu uso. O autor disse que não compreendia "por que carga de água é que havemos de chamar *atelier*, como em Paris, às oficinas portuguesas de pintores, modistas, etc. (...) É razão de cabo de esquadra, mas há tolices que pegam como visco".<sup>197</sup> No entanto, na continuação do texto, ele admite que o uso do *atelier* estava associado à ideia de prestígio e de modernidade, ideia essa que o correspondente português *oficina* não possuía. O autor coloca: "*Oficina* é termo português, mas está muito visto. Para ferreiros e rolheiros inda servirá; mas para os fabricantes de espartilhos, para modistas, pintores, etc., *oficina* seria um plebeísmo pouco limpo".<sup>198</sup>

Baseados nessa última declaração de Figueiredo (1956), consideramos que ficam claras as razões que justificam o empréstimo do estrangeirismo. Percebemos, pela sua presença na segunda fase e pela mudança na utilização de traços diferenciadores, que o estrangeirismo estava em processo de adaptação à língua portuguesa, passando de um uso recente para um reconhecimento maior como parte integrante da língua.

| <b>Ficha 3 – Chic</b>  |
|--|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br/> <b>CHIC.</b> n. m. Mot familier employé surtout dans certaines locutions. <i>Avoir du chic</i>, Avoir un air d'élégance un peu hardie. Dans la langue des artistes, <i>Faire de chic</i>, Travailler sans modèle.<br/>           Il s'emploie aussi comme adjectif invariable. <i>Une toilette chic</i>, Qui est élégante.<br/>           Il signifie même, dans cet emploi, Qui est digne de sympathie par son caractère, sa manière d'agir. <i>C'est un chic bonhomme!</i> Il est familier.</p> |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b><br/>           CHIQUE, adj. Fr. <i>chic</i>. Esmerado, apurado, de bom gosto.    2. Elegante, bonito, catita. (p.1377)<br/> <b>CHIQUE</b>, s.m. Elegância. (p.1377)</p>  |
| <p><b>Houaiss (2009):</b><br/> <i>chique adj.2g.</i> (1871) 1 que se veste com apuro e bom gosto e se destaca pela elegância e ausência de afetação &lt;mulher c.&gt; 2 <i>p.ext.</i> que se caracteriza pelo requinte &lt;reunião c.&gt; ⊕ ETIM fr. <i>chic</i> 'ar desembaraçado, desembaraço, finura, elegância' ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de <i>elegante</i> e antonímia de <i>cafona</i>, <i>tosco</i> ⊕ ANT ver antonímia de <i>elegante</i> e sinonímia de <i>cafona</i>, <i>tosco</i> (p.455).</p>   |
| <p>"Concurso n.2. Qual a moça mais chic e menos namorada desta Capital?" (Animus, 17/10/1912, N.5: 3)</p> <p>"A LIQUIDAÇÃO PERMANENTE – AVENIDA AFFONSO PENNA N.788. Verdadeira redução de preços. Chamamos a atenção dos nossos fregueses para a lista dos artigos que aqui vão. Examinem e vejam si pode</p>   |

<sup>197</sup> FIGUEIREDO, 1956, p.13.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p.14.

haver mais baratos!... Calçados para homens (...) Botinas para usar com casaca, artigo chic. (...) Calçados para senhoras (...) Sapatos de pellica amarella e preto, artigo chic (...) Borzequins Inglez forma chic e comoda (...) Louças (...) Lamparinas artigo chic (...)" (Estado de Minas, 15/11/1911, N.1: 4 )

"Já entrou no dominio da certeza, esta solemne affirmação: Bello Horizonte não tem estudantes. Aqui ha funcionarios, compenetrados fundamente das suas responsabilidades burocraticas, empertigados rapazes que á noite cumprem com sapiencia o doce dever de exhibir um apurado *smartismo* nas mesinhas do "Bar do Ponto" ou do "Estrella", de erigir o busto na scintillação perfumada do "Odeon" aos sabbados e do "Commercio" as quintas, e (o que é *trés grave, excessivamente grave!*) aos domingos *flirtam* na matriz de São José, na missa das 10 (...) Lá estava o Octavio Costa, barbeiado de novo e namorando um seu frack celebre que tenta impigir aos incautos como a coisa de mais chic que possa haver nas Alterosas (...)" (Folha Academica, 09/05/1914, N.2: 2)

O estrangeirismo *chic* foi encontrado quatorze vezes em três jornais: *Animus*, *Estado de Minas* e *Folha Acadêmica*. No jornal *Animus*, apareceu no texto de um concurso realizado para eleger a moça mais *chic* de Bello Horizonte. No *Estado de Minas*, foi encontrado quatro vezes no mesmo anúncio que trouxe vários artigos de moda. O anúncio se repetiu em outros dois exemplares. Na *Folha Acadêmica*, ocorreu em um texto que discorria sobre a inexpressiva vida acadêmica de Belo Horizonte.

A pluralidade de contextos em que o estrangeirismo apareceu nos deu mostras do quanto ele era usado e conhecido. O fato de nenhuma das quatorze ocorrências ter vindo marcada também prova, a nosso ver, o quanto o estrangeirismo já estava se integrando à língua portuguesa.

No dicionário da Academia Francesa (1932-1935), encontramos três acepções para a unidade lexical *chic*. Ela podia ser usada como substantivo masculino em certas locuções como por exemplo, *avoir du chic*, que significava ter um ar de elegância. Podia também ser utilizada como um adjetivo invariável e, nesse, caso significava elegante. E por último, ainda como um adjetivo invariável, podia significar quem é digno de simpatia por seu caráter, sua maneira de agir.

Nos exemplos, em todas as ocorrências, o estrangeirismo foi utilizado como adjetivo, com o mesmo sentido sugerido pela segunda acepção do dicionário da Academia Francesa. Assim sendo, foi classificado no campo lexical referente a luxo/requinte. Percebeu-se, pelos sintagmas *a moça mais chic*, *artigo chic*, *forma chic* e *a coisa de mais chic* que, assim como na língua

francesa, o estrangeirismo era um adjetivo invariável no gênero. Não temos elementos para discorrer sobre a flexão de número.

Laudelino Freire (1940) trouxe a forma aportuguesada do estrangeirismo e registrou, para ela, duas entradas. Na primeira, ele apresentou o estrangeirismo como um adjetivo que podia significar apurado, de bom gosto e também elegante, bonito. Na outra entrada, ele trouxe o estrangeirismo como um substantivo que denota elegância. Percebe-se que essas acepções trazidas por Freire estão em sintonia com as que foram apresentadas pelo dicionário da Academia. Houaiss (2009) trouxe o estrangeirismo somente como substantivo, apenas com duas acepções possíveis: 1) que se vestia com apuro e bom gosto e se destacava pela elegância; 2) por extensão, que se caracterizava pelo requinte.

Figueiredo (1957) confirmou o uso já estabelecido do estrangeirismo ao dizer que "em nossa linguagem familiar, tem variadas aplicações. Até é possível que já seja tarde para se devolver o termo à terra que lhe deu o ser. Sendo assim, poderíamos resignar-nos, dando-lhe feição portuguesa – *chique*".<sup>199</sup> No entanto, ele não se conformava com o uso da forma francesa e além de sugerir a adaptação gráfica, também sugeriu correspondentes em português: "mas tente-se ainda expungir-lo da nossa linguagem, como importação suspeita e inútil. Para o substituir, na linguagem familiar em que se emprega, temos mais de um recurso: *elegante, catita, vistoso, apurado...*, e a forma substantiva *elegância, catitismo, apuro, garradice, etc*".<sup>200</sup>

Segundo a definição de Houaiss (2009), o estrangeirismo tinha sua entrada registrada na língua portuguesa no ano de 1871. Observe-se que, após aproximadamente quarenta e três anos de presença na língua, o estrangeirismo ainda foi usado com a grafia francesa. Acreditamos que tal situação se deu pela forte presença da cultura e da língua francesa na época.

Para finalizar, gostaríamos de acrescentar que o estrangeirismo era muito frequente nessa e nas outras fases. Ainda hoje, é uma unidade lexical importada muito usada na língua portuguesa.

| Ficha 4 – Corbeille  |
|--|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br><b>CORBEILLE.</b> n. f. Espèce de panier fait ordinairement d'osier. <i>Une corbeille à mettre des fleurs. Une corbeille de fleurs. Une corbeille de fruits. Une corbeille couverte.</i> |

<sup>199</sup> FIGUEIREDO, 1957, p.49 .

<sup>200</sup> *Ibidem*, p.49.

Il se dit absolument, comme terme collectif, de l'Ensemble des présents que l'époux futur envoie à la personne qu'il doit épouser et qui étaient autrefois disposés dans une corbeille. *Il a dépensé tant pour la corbeille.* On dit de même *Une corbeille de mariage.*

Par analogie, il se dit, en termes d'Architecture et de Sculpture, de Certains ornements en forme de corbeille; en termes de Jardinage, d'un Espace de terre couvert de fleurs et disposé en forme de corbeille ; en termes de Bourse, d'un Espace entouré d'une clôture et réservé aux agents de change pour négocier les effets publics.

**Laudelino Freire (1939-1944):**

**CORBELHA**, s.f. Lat. *corbicula*. Cestinho de vimes, vidro ou madeira, para doces, frutas ou brindes: "um apresentava a fruta à minha escolha, outro trazia a *corbelha* das confeituras (C. Neto). // 2. Lugar em que se expõem os brindes de núpcias. p. 1584

**Houaiss (2009):**

*corbeille* (...) [fr.] s.f. ver **CORBELHA**

**corbelha** \ é \ s.f. (1727) 1 pequena cesta de vime, madeira, ferro etc., guarnecida de flores, ou frutas e doces, que se oferece a alguém em ocasiões especiais, ou que se usa para adornar um ambiente 2 o conjunto dos presentes de núpcias, expostos ○ ETIM fr. *corbeille* 'cesta pequena, leve e delicada', do lat. tar. *corbicūla,ae* 'cestinha'. (p.548)

**Antônio Geraldo da Cunha (1982):**

**corbelha** s.f. 'cesto delicado que se enche de doces, frutas, flores etc.' 1813. Do fr. *corbeille*, deriv. do latim. *cōrbīcūla*, dim. de *corbis* -is 'cesto de vime'. (p.216)

"FABRICA DE FLORES. Especialidade em flores finas, orinaldas para noivas, corbeilles, flores para chapéos, palmas para igrejas, etc. Encontra-se completo sortimento de coroas funebres de panno, biscuit e papel. Tem tambem variado sortimento de artigos para flores, os quaes são vendidos pelos preços do Rio de Janeiro. ALCINA BARBOSA. Ruas dos Caetés, n.654, junto à casa Gomes Nogueira. BELLO HORIZONTE." (Estado de Minas, 15/11/1911, N.1 : 3)

"Festival Artístico. (...) Além da conferencia do sr. Leopoldo Pereira sobre a Revolução Franceza, houve dois discursos: o da senhorita Elmerinda Bergo, offerecendo à exma. sra. d. Branca, da parte de suas colegas, uma linda *corbeille* de flores, e o do dr. Fausto Ferraz, que foi um eloquente appello ao professorado em favor das arvores. O agente consular da França, sr. F. Briffault offereceu também, á exma. sra. d. Branca de Carvalho, em nome do seu paiz, uma linda *corbeille*, com significativa inscripção." (Folha Academica, 18/07/1914, N.5: 1)

O estrangeirismo *corbeille* foi encontrado cinco vezes em dois jornais: *Estado de Minas* e *Folha Acadêmica*. No primeiro jornal, apareceu em um anúncio de uma fábrica de flores que se repetiu em três exemplares. Na *Folha Acadêmica*, apareceu duas vezes em uma nota sobre um festival de música organizado por uma conhecida violinista que recebeu, dos convidados da festa, duas *corbeilles* de flores.

No *Estado de Minas*, o estrangeirismo apareceu sem marcas. No entanto, o mesmo anúncio trouxe outro estrangeirismo, também não marcado. Isso talvez possa indicar uma característica própria do jornal ou do anunciante de não marcar os elementos estrangeiros. No jornal *Folha Acadêmica*, o estrangeirismo apareceu em itálico. No que diz respeito à morfologia, em ambas as línguas o estrangeirismo se constituía como um substantivo feminino e a flexão de número foi feita, em um dos exemplos, pelo acréscimo de –s.

No que concerne à semântica, o dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou três possibilidades de acepções. Primeiramente, *corbeille* era um tipo de cesta feita de vime para flores, frutas ou doces. Além disso, designava o conjunto de presentes que o futuro esposo mandava para sua esposa e, por analogia, *corbeille* possuía relações com as áreas de arquitetura e escultura, de jardinagem e, também, de bolsa de valores. O dicionário de Antônio Cunha (1982) e os nossos exemplos compartilharam a primeira acepção apresentada pelo dicionário da Academia. No primeiro jornal, *corbeille* designava uma cesta e, no segundo, uma cesta de flores. Assim sendo, classificamos o estrangeirismo no campo lexical referente à recipiente.

Segundo Figueiredo (1956), o referido estrangeirismo era muito utilizado: "esta *corbeille* tornou-se artigo obrigatório em todas as notícias de casamentos de estrondo. Por fortuna, inda aparece em itálico, que é a marca de estranha".<sup>201</sup> O autor, entretanto, não concordava com o uso e afirma que tínhamos correspondentes em português, inclusive a sua forma aportuguesada:

Mas, quer em itálico, quer em tipo redondo, é francesia inutilíssima, porque temos em português, há séculos, a palavra *corbellha*; e, se esta não existisse, até nos serviria o vulgar *açafate*. O noticiarista a-la-moda é que talvez queira coisa mais nova e menos vista que o trivial *açafate*; mas então aí tem a *corbelha*, que se parece imenso com a irmã *corbeille* e que, apesar de velhíssima na língua, será talvez novidade em matéria de noticiário. (FIGUEIREDO, 1956: 20)

Observe-se que o autor citou a moda como fator que justificaria a preferência pela forma francesa. Nós ratificamos essa informação ao observar que, o estrangeirismo já tinha entrado para a língua em 1813, como afirma Antônio Cunha (1982), e, no entanto, sua forma francesa é retomada no início do século XX. Assim cremos estar diante de um caso em que um estrangeirismo entra para a língua com a forma aportuguesada e volta a ser usado na sua forma original tempos depois, por influência da moda do momento.

---

<sup>201</sup> FIGUEIREDO, 1956, p.20.

Pelo que analisamos e pela sua etimologia apresentada pelo dicionário de Antônio Cunha (1982), o estrangeirismo já tinha entrado para a língua muito antes de ter sido usado nos nossos exemplos.

| <b>Ficha 5 – Coupon</b>  |
|--|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b></p> <p><b>COUPON.</b> n. m. Ce qui reste d'une pièce d'étoffe ou de toile qu'on a débitée. <i>Un coupon de toile, de batiste, de drap, etc.</i></p> <p>Il se dit aussi, en termes de Banque, de Certains papiers de crédit. <i>Coupon d'intérêts</i>, Billet joint à un titre et qu'on en détache pour toucher l'intérêt de ce titre quand il est échu. Par extension, <i>Détacher le coupon</i> signifie Opérer sur une valeur en ne tenant pas compte du coupon, comme s'il était détaché.</p> <p>En termes de Théâtre, <i>Coupon de loge</i>, Chacun des billets qui donnent entrée dans une même loge ou Billet collectif valant pour la totalité de la loge. <i>Prendre deux coupons de loge. Il m'a apporté un coupon de loge de six places.</i></p>             |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b></p> <p>CUPÃO, s.m. Fr. <i>coupon</i>. Título de renda que faz parte de uma ação ou obrigação ao portador e que desta se separa na ocasião do pagamento.    2. Pequeno pedaço de papel, destinado a ser colecionado. (p.1671)</p> <p>CUPOM, s.m. Fr. <i>coupon</i>. O mesmo que cupão. (p.1671)</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b></p> <p><b>cupão</b>, s.m. (1873) p.us. m.q. <i>CUPOM</i> (p.585)</p> <p><b>cupom</b> s.m (sXVIII) <b>1</b> JUR cada uma das frações destacáveis de um título, apólice, cautela ou assemelhado e que dá direito a recebimento de juros e/ou dividendos em datas prefixadas, resgate de uma parte do título etc.</p> <p><b>2</b> p.ext. espécie de cédula ou cartão destacável, distribuído por firmas comerciais em revistas ou jornais, que dá direito à remissa de folhetos, brindes, encomenda de mercadorias, participação em espetáculos, consultas de opinião etc. <b>2.1</b> espécie de cartão que dá direito de acesso a bens e/ou serviços, de distribuição limitada &lt;c. de racionamento&gt; ◊ ETIM fr. <i>coupon</i> 'folhas destacáveis de títulos ao portador' ◊ SIN/VAR cupão (p.585)</p> |
| <p>"Coupon do "Astro". Qual é a moça mais bonita de Bello Horizonte?" (O Astro, 27/01/1910, N.1: 3)</p> <p>"O relaxamento dos serviços de bonds, luz e telephone nesta terra tem sido tambem objeto de conversa. Será possível que o sr. C. de B. não olhe isso?! Ora! As guerras da Turquia tomam-lhe o tempo e preocupam-n'õ muito!! Está, pois justificada a sua falta e a idèa magnificamente mascateadora do negocio dos Premios Coupons..." (Animus, 07/09/1912, N.1 : 2)</p> <p>"Aceitamos coupons com votos para estes concursos até 4 de Novembro. Deverão vir todos assignados pelos dirigentes, podendo os eleitores dar a quantidade de votos que quizerem. Cada coupon vale um voto." (Animus, 17/10/1912, N.5: 3)</p>  |

O estrangeirismo *coupon* foi encontrado quatro vezes em dois jornais: *O Astro* e *Animus*. O jornal *O Astro* disponibilizou, em um de seus artigos, um espaço em branco chamado *coupon* destinado ao registro de votos para o concurso da moça mais bonita de Bello Horizonte. No jornal *Animus*, o estrangeirismo foi encontrado em dois exemplares. No primeiro, apareceu em um contexto tão específico que não foi possível determinar o sentido com que foi empregado. No segundo exemplar, o estrangeirismo apareceu duas vezes em uma nota sobre a data limite para aceitação dos *coupons* com votos para determinado concurso. Em nenhuma das quatro ocorrências o estrangeirismo apareceu com marcas.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) apresentou três definições para a unidade lexical. *Coupon* podia designar o que restava de uma peça de tecido que foi cortada; em termos de banco, designava certos papéis de crédito e em termos de teatro, designava o bilhete de entrada para os camarins/camarotes. Houve uma grande diferença de sentido entre as definições trazidas pelo dicionário da Academia Francesa e as que foram apresentadas pelos dicionários brasileiros. Acrescenta-se, ainda, que os sentidos com que *coupon* foi utilizado nos exemplos, também não estão de acordo com as acepções que foram apresentadas pelo dicionário da Academia Francesa.

É interessante ainda ressaltar que, apenas na definição de Houaiss (2009), encontramos uma acepção que estivesse de acordo com o sentido com que o estrangeirismo *coupon* foi utilizado nos nossos exemplos: "espécie de cédula ou cartão destacável, distribuído por firmas comerciais em revistas ou jornais, que dá direito à remissa de folhetos, brindes, encomenda de mercadorias, participação em espetáculos, consultas de opinião".<sup>202</sup> Essa conclusão nos indicou que, já naquela época, o estrangeirismo estava sendo usado com um sentido diferente do que propunha o dicionário da Academia Francesa.

A inovação no sentido nos mostrou que, depois de trinta e nove anos presente na língua, o estrangeirismo estava se integrando a ela. Outra mostra de sua integração foi o fato de nenhuma ocorrência apresentar marcas gráficas. No entanto, apesar de todas essas evidências, não conseguimos classificar o estrangeirismo em nenhum campo lexical. Em relação à morfologia, em ambas as línguas, *coupon* se configurava como um substantivo masculino. A flexão de número se deu, em duas das quatro ocorrências, através do acréscimo de *-s*.

---

<sup>202</sup> HOUAISS, 2009, p.585.

Segundo Houaiss (2009), o estrangeirismo entrou para a língua portuguesa em 1873, ou seja, quando utilizado nos exemplos de 1910 e de 1912, a sua forma aporuguesada já existia. No entanto, o que se percebeu foi a utilização da forma francesa, pois o estrangeirismo talvez estivesse introduzindo um conceito novo. Deste modo, não havia possibilidade de correspondência em português.

Observa-se que as definições dos dicionários brasileiros não trouxeram sinônimos. O estrangeirismo, a nosso ver, foi usado para dar conta de uma deficiência, de um conceito que não existia. Essa primeira hipótese é ratificada com a consulta à obra de Figueiredo (1957). O autor nos mostrou que o referido estrangeirismo era um neologismo inevitável, mas que essa inevitabilidade poderia ser, no mínimo, representada pela forma adaptada *cupão*.

Nós porém, que somos às vezes mais franceses do que a França, aceitamos o *coupon*, com todo seu feitio e pronúncia exótica, e dizem os argentários que aquilo é uma delícia. Será. Mas, se ponderássemos que a ciência do financeiro Jacob, de J.B.Say e de Bentham, não se desenvolveu para maltratar as línguas, oporíamos ao *cupon*, quando ele teve a petulância de nos atravessar a fronteira, como guarda avançada de Junot, as nossas reservas lexicológicas, que as tínhamos valentes e já provadas em feitos ilustres: tal era o regimento dos *talões*, das *cédulas*, das *apólices*... A questão era só ampliar-lhes a esfera de acção, e tirar-lhes o receio da carabina francesa. Mas os financeiros e os Governos não quiseram deslocar nem incomodar as reservas, e o *coupon* entrou triunfalmente, apoderando-se logo dos Bancos, das Secretarias do Estado, do *Diário do Governo*, de tudo e de todos. (FIGUEIREDO, 1957: 62-63)

O autor também criticou a facilidade com que o termo entrou na língua. Ele acreditava que deveria existir uma rejeição maior e sugeriu que houvesse uma ampliação do sentido de alguns conceitos já existentes no domínio das finanças como *talões*, *cédulas* e *apólices* para contemplar o novo conceito.

| <b>Ficha 6 – Élite</b>  |
|---|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b>  |
| <b>ÉLITE.</b> n. f. Ce qu'il y a de meilleur et de plus digne d'être choisi. <i>Troupe d'élite. Soldats d'élite. Compagnie d'élite. Une âme d'élite. L'élite de la noblesse. L'élite de l'armée. L'élite de la société.</i> |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b>  |
| ELITE, s.f. Fr. <i>élite</i> . Gal. Aquilo que há de melhor numa sociedade ou grupo; o escol, a flor, a nata. (p.2045).   |

**Houaiss (2009):**

**elite** *s.f.* (1871) **1** o que há de mais valorizado e de melhor qualidade, esp. em um grupo social **2** SOC minoria que detém o prestígio e o domínio sobre o grupo social ♦ *s.m.* GRÁF *p.us.* **3** consciência de ser elite ou membro de uma elite ⊕ ETIm fr. *élite* 'o que há de melhor' (p.730)

"Alexandre Herculano. Realizou-se no dia 28 do mez p. p., a commemoração do centenario do nascimento desse grande escriptor lusitano. A *União Gymnasial* promoveu nesse dia uma brilhante sessão, no salão da Camara dos Deputados (...) A assistencia a essa sessão foi selecta notando-se grande numero de famílias da *elite* horizontina". (A Cidade, 03/05/1910, N.15: 2).

"FAMILIAR – Este cinema que é um dos preferidos da nossa « *élite* », exhibirá hoje, cinco ineditos « films », destacando-se o grandioso « film » « Fogo na mina » com 400 metros, da applaudida casa Gaumont." (Estado de Minas, 15/11/1911, N.1 : 2 )

O estrangeirismo *élite* foi encontrado em dois jornais: *A Cidade* e *Estado de Minas*. No jornal *A Cidade*, ocorreu em uma nota sobre uma comemoração realizada pela União Gymnasial, na qual compareceu grande número de famílias da *élite* belo-horizontina. No *Estado de Minas*, o estrangeirismo ocorreu em uma nota sobre a programação do cinema familiar, que era um dos preferidos da tal *élite*. No primeiro jornal, o estrangeirismo ocorreu em itálico e sem acento e, no segundo, ocorreu entre aspas.

Em todos os três dicionários, a unidade lexical *élite* foi designada através de acepções bem parecidas. Em todos os três casos, *élite* designava aquilo que havia de melhor em uma sociedade ou grupo. No entanto, somente a segunda acepção presente em Houaiss (2009), ou seja, "minorias que detém o prestígio e o domínio sobre o grupo social", estava em consonância com o sentido com que *élite* foi utilizada nos exemplos colhidos. O estrangeirismo adquiriu um novo sentido que não estava previsto no dicionário da Academia e foi classificado no campo lexical relacionado a luxo e requinte. No que diz respeito à morfologia, em ambas as línguas o estrangeirismo era um substantivo feminino. Não temos elementos para discorrer sobre a flexão de número.

Cândido Figueiredo (1956) era extremamente contrário ao uso do estrangeirismo *élite*. Segundo o autor, "não há nada mais desnecessário, nem mais petulante, que a tal da *élite*, em linguagem nossa".<sup>203</sup> O autor citou vários correspondentes em português que poderiam ser usados para substituir o estrangeirismo: "os mestres dizem: - « Em Alcácer-Quibir, ficou a *flor* da

<sup>203</sup> FIGUEIREDO, 1956, p.26.

nobreza. » - « Apareceu na festa o *escol* da fidalguia minhota. » - « Este pequeno é a *nata*, o *beijinho*, dos meus colegiais. » Os outros, os que presumem de mestres e precisam palmatória, esses talvez nem vissem nunca o *escol*.<sup>204</sup>

O estrangeirismo foi utilizado devido a uma influência direta da cultura francesa. Apesar de sua entrada na língua estar datada no ano de 1871, o estrangeirismo foi grafado com marcas que nos indicam que ele ainda era identificado como elemento estrangeiro. O estrangeirismo permaneceu na língua e tem um uso contemporâneo bem difundido.

| <b>Ficha 7 – Gare</b>   |
|---|
| <p><b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b><br/> <b>GARE.</b> n. f. Bâtiment ou ensemble de bâtiments établis aux stations des lignes de chemin de fer. <i>Gare de marchandises. Gare des voyageurs. La gare de l'Est. La gare du Nord. Les quais de la gare. Le train entre en gare. Les employés de la gare. Chef de gare.</i><br/> <i>Gare militaire</i>, Celle qui est réservée pour l'embarquement et le débarquement des troupes en cas de guerre.</p>  |
| <p><b>Laudelino Freire (1939-1944):</b><br/>           GARE, s.f. Fr. <i>gare</i>. Parte das estações de caminhos de ferro, onde embarcam ou desembarcam passageiros e mercadorias; embarcadero, cais. (p.2689)</p>   |
| <p><b>Houaiss (2009):</b><br/> <b>gare</b> s.f. (1873) estação da estrada de ferro. OETIM fr. <i>gare</i> 'id.' (p.954)</p>   |
| <p>"A <i>gare</i> da Central, á noite, se transforma num verdadeiro cortiço, em que fervilham soldados da nossa brigada e pretas vagabundas, apesar da constante reclamação do digno agente daquela repartição á Inspectoria da Guarda Civil para impedir os abusos que aquella gente alli pratica." (A Cidade, 16/04/1910, N.13: 2).</p>   |
| <p>"APOTHEOSE. (...) A partir das 3 horas da tarde, o povo começou a se dirigir á estação, cuja praça dentre em pouco se via inteiramente repleta de pessoas de todas as classes sociaes, aguardando a chegada do especial que conduzia o eminente republicano dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, Presidente do Estado. A <i>gare</i> da estação estava literalmente cheia de pessoas distintas entre as quaes se viam diversos senadores, deputados, representantes da imprensa local, desembargadores, officiaes da Brigada, funcionarios publicos, academicos e cavalheiros da nossa alta sociedade". (O Astro, 21/03/1910, N.6: 1)</p> |
| <p>"Ha muito tempo a <i>gare</i> da estação desta Capital não tem a concorrência igual á que no dia 20 do corrente mez se notava por occasião da chegada do exmo. sr. dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, illustre presidente do Estado". (O Astro, 21/03/1910, N.6: 3)</p>   |

<sup>204</sup> FIGUEIREDO, *loc. cit.*

"Pelo nocturno de 7 de junho chegou á Capital, em carro especial, numeroso grupo de academicos de direito do Rio que foram recebidos na gare por grande multidão de estudantes. Os nossos collegas cariocas hospedaram-se no Hotel Globo, no Interncional e no Hotel do Norte, sendo cercados de atenções durante os dias que aqui permaneceram." (Folha Academica, 18/06/1914, N.5: 2)

O estrangeirismo *gare* foi encontrado quatro vezes em três jornais: *A Cidade*, *O Astro* e *Folha Acadêmica*. No primeiro jornal, o estrangeirismo apareceu em uma denúncia sobre os abusos da Guarda Civil que transformava a *gare* da Central em verdadeiro cortiço. No jornal *O Astro*, ocorreu em dois números distintos, mas em contextos parecidos. No terceiro jornal, *Folha Academica*, o estrangeirismo ocorreu em uma nota sobre o passeio de acadêmicos cariocas em Belo Horizonte.

Em três das quatro ocorrências, o estrangeirismo apareceu marcado com itálico. Somente no último jornal, *Folha Academica*, o estrangeirismo apareceu sem marcas. Tanto na língua francesa como na portuguesa, *gare* era um substantivo feminino. Não temos exemplos suficientes para discorrer sobre a flexão de número.

O dicionário da Academia (1932-1935) apresentou *gare* como o prédio ou conjunto de prédios estabelecidos nas estações das linhas de caminho de ferro, mas não especificou sua função. Laudelino Freire (1940), por sua vez, trouxe uma definição parecida com a do dicionário da Academia Francesa, porém melhor especificada. Através dela, pudemos descobrir que a parte ou o prédio nas estações de caminhos de ferro servia para o embarque e o desembarque de pessoas ou mercadorias. Houaiss (2009) também não especificou a função da *gare* e, na sua definição, deixou parecer que *gare* era sinônimo de *estação*. No entanto, pelo primeiro exemplo trazido pelo jornal *O Astro*, percebeu-se que *gare* não era sinônimo de estação. No geral, o sentido com que *gare* foi utilizado nos exemplos colhidos foi ao encontro da acepção apresentada pelo dicionário da Academia. Portanto, foi classificado no campo lexical que diz respeito a espaço público.

Segundo Houaiss (2009), o estrangeirismo entrou para a língua em 1873, ou seja, quando foi utilizado nos exemplos, já figurava na língua há trinta e quatro anos e, no entanto, apareceu marcado em todas as três ocorrências. Essa consideração do estrangeirismo ainda como parte estranha à língua talvez se devesse ao fato de que a novidade não era somente a unidade lexical, mas também o referente.

Figueiredo (1957) sugeriu substitutos em português para o referido estrangeirismo, mas assumiu que o uso de *gare* era extremamente difundido em Portugal. "Um deles, por exemplo, é *cais*, que felizmente tenho visto empregado muitas vezes na linguagem corrente; e outro é *embarcadoro*, visto que aos comboios se aplica o *embarque* e o *desembarque* de passageiros e mercadorias. Por que não havemos de dispensar a *gare*?<sup>205</sup> Assim sendo, o autor nos mostrou que a novidade se configurava na forma de designar e, não, no referente em si e nos levou a concluir que o conceito já existia e foi nomeado com um elemento estrangeiro por força da influência da cultura francesa.

Encontramos o estrangeirismo constantemente em outras análises que não constam neste trabalho. Essa experiência nos faz concluir que ele era muito usado também no português do Brasil e que não tinha um correspondente capaz de substituir a referência francesa atribuída a seu uso. O estrangeirismo posteriormente entrou para a língua com a grafia francesa, e é ainda usado contemporaneamente.

| <b>Ficha 8 – Mademoiselle</b>  |
|--|
| <b>Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):</b>   |
| <b>MADemoISELLE.</b> n. f. Titre qu'on donne ordinairement aux jeunes filles, soit en parlant d'elles, soit en leur parlant ou en leur écrivant. On dit au pluriel <i>Mesdemoiselles</i> .<br>C'était aussi le titre qu'on donnait autrefois à Toute femme mariée qui n'était pas noble.<br>Employé absolument, il désignait autrefois la Fille aînée de Monsieur, frère du roi, ou La première princesse du sang, tant qu'elle était fille. |
| <b>Laudelino Freire (1939-1944):</b> n/e   |
| <b>Houaiss (2009):</b> n/e   |
| "O nariz de Mademoiselle. Melle tem um apavorante nariz, distraído talvez em largas digressões olfactivas".<br>(Animus, 22/09/1912, N.3: 4)  |
| "PARQUE CINEMA. Los Alfonsos e Esther Campi deliciarão a platea com os seus duettos e cançonetas. Sera exhibida a maravilhosa fita Nordisk – film, dividida em 2 partes, com 1.000 – Linda Mademoiselle." (Estado de Minas, 17/11/1911, N.2 : 2)   |
| "ESCOLA NORMAL. Realizou-se no dia 25 do corrente, ás 19 horas, no salão nobre da Escola Normal, a cerimonia da entrega de diplomas ás alumnas que concluíram o curso no anno findo (...) São as seguintes as novas normalistas: Mademoiselles Dagmar Franco de Almeida, Maria Carmen Alves Branco, Carmelina Bergo  |

<sup>205</sup> FIGUEIREDO, 1957, p.87.

O estrangeirismo *mademoiselle* foi encontrado em três jornais: *Animus*, *Estado de Minas* e *Folha Acadêmica*. No *Animus*, apareceu em um texto crítico sobre a aparência física de uma *mademoiselle*. O estrangeirismo foi utilizado só uma vez, mas sua forma abreviada ocorreu várias vezes. No *Estado de Minas*, o estrangeirismo compunha o nome de um filme exibido no Parque Cinema. Na *Folha Acadêmica*, ocorreu em uma nota sobre a realização, no salão nobre da Escola Normal, da cerimônia de entrega de diplomas às alunas que concluíram o curso.

*Mademoiselle* apareceu escrito com maiúscula em todas as três ocorrências, talvez por se tratar de uma forma de tratamento. Assim, consideramos que tais marcas tinham outros fins que não marcar o estrangeirismo como elemento estrangeiro. Em relação ao campo lexical, ele foi classificado no campo referente a epítetos e formas de tratamento.

Assim como o estrangeirismo *madame*, a unidade lexical *mademoiselle* estava presente na língua portuguesa há muito tempo. Segundo Antônio Cunha (1982), o estrangeirismo figurava na língua desde o século XVII e, nessa época, já havia tentativas de aportuguesamento. A forma francesa deve ter reaparecido no final do século XIX e início do XX, devido a forte influência francesa da época. Mas, ao contrário do estrangeirismo *madame* que permaneceu na língua, teve um uso considerável e entrou para os dicionários, *mademoiselle* parece não ter tido o mesmo uso, a mesma importância.

Nos exemplos recolhidos, o estrangeirismo *mademoiselle* foi utilizado segundo a primeira acepção presente na definição do dicionário da Academia Francesa (1932-1935): moças não casadas. Através do dicionário, verificou-se também que *mademoiselle* era um substantivo feminino na língua francesa. Nos exemplos, ele manteve essa característica morfológica. Mais uma vez, não temos elementos suficientes para discorrer sobre a flexão de número.

Em relação a possíveis substitutos para o estrangeirismo, a língua portuguesa teria a unidade lexical *senhorita*, presente na língua, segundo Antônio Cunha, desde 1844, ou formas aportuguesadas do estrangeirismo utilizadas no século XVII. No entanto, a retomada da forma francesa nos diz muito sobre o contexto da influência francesa na época.

Os textos de Figueiredo, que condenavam o uso de estrangeirismos, não trouxeram referência ao estrangeirismo, o que talvez seja mais uma prova do que dissemos anteriormente, ou seja, que o uso de *mademoiselle* não foi tão difundido como o de *madame*.

### Ficha 9 – Métier

#### Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):

**MÉTIER.** n. m. Profession d'un art mécanique. *Apprendre, savoir, avoir, exercer un métier. Faire l'apprentissage d'un métier. Le métier de cordonnier, de tailleur, de serrurier, de menuisier. Gens de métier. Il apprend le métier de son père. Il est maçon de son métier. Un bon, un mauvais métier. Un métier qui nourrit bien son homme, qui ne nourrit pas son homme. Corps de métier, Corps des artisans de même métier. Arts et métiers.*

**MÉTIER** s'emploie quelquefois par opposition au mot Art. *C'est faire d'un art un métier.* Il se dit aussi de l'Habilité technique, de l'expérience d'un art. *Avoir du métier.*

**MÉTIER** se dit, par extension, de Plusieurs professions non mécaniques. *Le métier des armes. Le métier de la guerre. Cet officier aime son métier. S'il faut s'en rapporter aux gens du métier, ce tableau, cette musique, ce poème ne vaut rien. Consultez-le sur votre roman, il est du métier. Savoir son métier. Chacun son métier. Mêlez-vous de votre métier. La Bruyère a dit que c'est un métier de faire un livre.*

*Jalousie de métier,* Jalousie qu'une rivalité d'intérêt ou de réputation fait naître entre personnes qui exercent la même profession, qui suivent la même carrière.

*Faire métier d'une chose,* Faire habituellement quelque chose dans des vues intéressées, en faire une sorte de trafic. *Cet homme ne débite que des mensonges: il en fait métier. L'hypocrite, à la manière de Tartufe, est celui qui fait métier de dévotion.*

*Avoir cœur, le cœur au métier,* Travailler avec zèle, avec ardeur, affectionner ce qu'on fait, ce qu'on doit faire.

Fam., *Gâter le métier.*

**MÉTIER** se dit figurément de Ce qu'on a coutume de faire; et, dans ce sens, il se prend ordinairement en mauvaise part. *Le métier de coquette. Il fait métier de duper tout le monde. Il fait le métier de délateur, d'espion, de parasite. Un vilain métier. Un rude métier.*

Prov. et fig., *Quand chacun fait son métier, les vaches sont bien gardées, en sont mieux gardées,* Toutes choses sont bien réglées, quand chacun ne se mêle que de ce qu'il doit faire.

Fig. et fam., *Donner, servir un plat de son métier.*

Fig. et fam., *Jouer un tour de son métier.*

**MÉTIER** se dit aussi d'un Mécanisme, d'un dispositif qui sert à certaines fabrications, à certains ouvrages. *Un métier de brodeur, de tisserand, de passementier, etc. Métier à tapisserie. Métier à broder. La toile est sur le métier. Monter, démonter un métier. Des bas faits au métier. Ce fabricant a tant de métiers montés, tant de métiers battants.*

Il se dit, figurément et familièrement, en parlant des Productions de l'esprit. *Il a un roman sur le métier. Il faut remettre cet ouvrage sur le métier.*

#### Laudelino Freire (1939-1944): n/e

#### Houaiss (2009):

**métier** (...) [fr.] s.m área de trabalho, de atuação; ofício, profissão, ocupação. p.1283

"Ora, o «Manóca»... (...) Esta já vae mais longa do que a pretendiamos fazer. Ponhamos-lhe ponto com um conselho : o sr. Manoel Manoca necessita compenetrar-se de que está fazendo um papel de cavalheiro da triste

figura. Ninguém lhe reconhece idoneidade para doutrinar num meio que já se notabiliza pela cultura intellectual ; tire aquella placa garrafal que s.s. immodestamente collou, a berrar os seus prodigiosos conhecimentos do *metier* jornalístico, no cabeçalho do seu jornal, e recolha-se á sua posição." (Animus, 17/10/1912, N.5 : 1)

"Positivamente. Bello Horizonte... civiliza-se. O antigo habitante do «Curral» que ressuscitasse e viesse flunar pelas ruas da hoje Capital de Minas, embasbacaria, obumbrado, por tantas innovações, e, digamos de passagem, ficaria boquiaberto ante esse progresso por mil boccas apregoado e que tanto mal nos faz aos nervos... (...) O que mais pena e piedade causa, é ver-se meninas, ainda na epoca de se preocuparem com bonecas e brinquedos proprios de sua idade, completamente *decoradas*, sendo o rosto uma verdadeira tela, onde mãos habeis e conhecedoras do *métier* executaram a mais completa combinação de cores, que pode encerrar uma palheta!..." (Folha Academica, 18/07/1914, N.5: 7)

O estrangeirismo *métier* foi encontrado em dois jornais: *Animus* e *Folha Acadêmica*. No *Animus*, apareceu em um texto de crítica a um jornalista. Na *Folha Acadêmica*, apareceu em um texto sobre o crescimento e desenvolvimento de Belo Horizonte. Em todas as duas ocorrências o estrangeirismo apareceu marcado com itálico.

O estrangeirismo *métier* podia designar uma profissão e um ofício ou também uma função ou um trabalho qualquer. Essas são as acepções apresentadas pelo dicionário da Academia Francesa (1932-1935). Nos nossos exemplos, em ambos os casos, *métier* foi encontrado sendo utilizado no sentido de ofício. Assim sendo, foi classificado no campo lexical relacionado à profissão/função/encargos.

No que diz respeito à morfologia, em ambas as línguas, o estrangeirismo se configurava como um substantivo masculino. Não temos elementos para discorrer sobre a flexão de número.

O mais interessante em relação ao estrangeirismo é que, apesar de ter sido encontrado em exemplos da língua portuguesa da época, ele não figurou em nenhum dos três dicionários de língua que consultamos: Freire (1940), Houaiss (2009) e Geraldo Cunha (1982). Também não estava presente na obra de Figueiredo (1956; 1957). Essa situação nos leva a concluir que o estrangeirismo não era muito requisitado e foi utilizado apenas por um período.

Em face às poucas referências sobre o estrangeirismo, ficamos impossibilitados de responder a algumas indagações, quais sejam, a razão que justifica sua utilização e a confirmação de sua permanência na língua portuguesa.

### Ficha 10 – Restaurant

#### Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):

**RESTAURANT, ANTE.** adj. Qui restaure, qui répare les forces. *Aliment restaurant. Liqueur restaurante.*  
Il s'emploie surtout comme nom masculin et désigne l'Établissement d'un restaurateur. *On vient d'ouvrir un nouveau restaurant aux Champs-Élysées.*

**RESTAURATEUR, TRICE.** n. Celui, celle qui répare, qui rétablit. Il ne se dit guère, au propre, qu'en parlant des Villes et des monuments publics. *Cette ville avait été ruinée, ce prince l'a rétablie, il en a été le restaurateur.*  
Il s'emploie plus ordinairement au figuré. *Ce prince est le restaurateur des lettres, des arts. Ce religieux fut le restaurateur de l'ancienne discipline dans son ordre. Restaurateur de la liberté, du commerce, des lois. On la regarde comme la restauratrice, ou plutôt comme la seconde fondatrice de cette maison.*  
Il se dit aussi de Celui qui tient un restaurant. *Aller dîner chez le restaurateur. On dîne chez ce restaurateur à prix fixe ou à la carte.*

#### Laudelino Freire (1939-1944):

**RESTAURANTE,** adj. Lat. *Restaurans, antis.* Que restaura.

**RESTAURANTE,** s.m. Aquilo que restaura.

**RESTAURANTE,** s.m. Fr. *restaurant.* Estabelecimento onde se preparam e vendem comidas; casa de pasto. (p.4433).

#### Houaiss (2009):

**restaurant** s.m. (1845-1890) **1** estabelecimento que se dedica ao negócio de servir refeições; salão ou aposento onde são servidas as refeições **2** lugar em que se tomam refeições em comum; refeitório ◊ ETIM fr. *restaurant* 'aquilo que repara as forças, alimento ou remédio fortificante', 'estabelecimento público para restabelecer as forças pela alimentação', part.pres. de *restaurer* 'renovar as forças pela alimentação' (p.1655)

"OS DOIS BOHEMIOS (Por P.L.) - Donde vens Orlando? – interrogou um rapaz magro, mal trajado de estatura regular, physionomia abatida, de olhar sem brilho e orelhas acabanadas que se achava encostado negligentemente junto a porta de um «restaurant»". (O Astro, 02/11/1910, N.2: 4)

“RESTAURANT COLLOSSO. Rua da Bahia 1044. O Melhor da Capital”. (Animus, 07/09/1912, N.1 : 3)

“O «Animus» offerece um almoço intimo aos jornalistas da Capital. O nosso brilhante collega local, o «Animus», que acaba de aparecer sob a competente direção do sr. Narciso de Araujo, offereceu, hontem, no Restaurant Colosso, um almoço intimo aos collegas da imprensa local (...) «D'A Tarde», de 9 do corrente”. (Animus, 22/09/1912, N.3 : 2)

O estrangeirismo *restaurant* foi encontrado quatro vezes em dois jornais: *O Astro* e *Animus*. N' *O Astro*, apareceu em um texto narrativo sobre dois amigos que falavam de um terceiro. Um deles se achava encostado junto à porta de um *restaurant*. No jornal *Animus*, foi

encontrado, primeiramente, em um anúncio de um *restaurant*. O anúncio se repetiu em outro número do mesmo jornal. Em outro momento, no mesmo jornal, apareceu em uma nota escrita pelo jornal *A Tarde*, onde se dizia que o jornal *Animus* ofereceu um almoço íntimo para os jornalistas da capital no *Restaurant Colosso*.

No primeiro jornal *O Astro*, o estrangeirismo veio entre aspas. No anúncio que se repetiu em dois números do *Animus*, o estrangeirismo apareceu escrito em caixa alta e na nota escrita pelo jornal *A Tarde*, ele apareceu grafado com letra maiúscula. É possível que o uso da caixa alta e da maiúscula, entretanto, nada tenha a ver com a marcação da estrangeiridade do termo. As marcas podem ter sido usadas por se tratar do nome de um estabelecimento comercial.

No que diz respeito à semântica, a unidade lexical, na língua francesa, apresentava mais de uma acepção. Como adjetivo, significava aquilo que restaura, que restabelece as forças e, como substantivo, significava o estabelecimento de um *restaurateur*. Assim sendo, fomos atrás da definição de *restaurateur*. Em primeiro lugar, *restaurateur* era aquele que reparava, concertava. Em segundo lugar, era aquele que restaurava, reparava no sentido figurado: restaurava a liberdade, a lei e, por último, aquele que tinha um *restaurant*. Somente pudemos estabelecer o sentido de *restaurant* relacionado à alimentação com os exemplos trazidos por essa última acepção: "Il se dit aussi de celui qui tient un restaurant. *Aller dîner chez le restaurateur. On dîne chez ce restaurateur à prix fixe ou à la carte*"<sup>206</sup>.

Laudelino Freire (1940), por sua vez, trouxe definições parecidas com as que encontramos no dicionário da Academia Francesa. No entanto, ele indicou apenas, como de origem francesa, aquela em que *restaurante* significava estabelecimento. Para a primeira acepção, na qual o estrangeirismo foi usado como adjetivo, ele indicou origem latina e para a segunda, como substantivo, "*aquilo que restaura*", ele não mencionou a origem. Os dois últimos sentidos não apareceram na definição contemporânea de Houaiss (2009). Para Houaiss, o *restaurante* é um lugar que serve refeições e o lugar onde se fazem as refeições.

Nos exemplos recolhidos, encontramos *restaurant* sendo utilizado apenas como substantivo masculino, no sentido de estabelecimento comercial onde se serviam refeições. Os outros sentidos não são explorados. Assim sendo, sua classificação, tendo em vista o campo lexical, é estabelecimento comercial.

---

<sup>206</sup> *Dictionnaire de l'Académie française*. 8ème édition. Version informatisée. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie.htm>. Acesso: 18. dez. 2012.

É interessante notar que *restaurant* já havia aparecido e foi analisado na primeira fase. Também na primeira fase, nós já tínhamos constatado que ele possuía um uso bem difundido e que a sua forma aportuguesada também era usada. Destarte, as conclusões a que chegamos outrora, se repetem agora.

A primeira conclusão foi que a forma portuguesa já existia na época e era também usada; a segunda, que o uso da forma estrangeira ou vernácula era sempre uma questão de escolha do jornal ou do autor do texto. Esse não foi um caso, como se podia pensar, de uma unidade lexical que existia na língua há um tempo e depois foi retomada devido à influência francesa da época. O estrangeirismo *restaurant*, enquanto estabelecimento comercial tinha entrada recente na língua, entre os anos 1845 e 1890 e se aportuguesou justamente por ser muito usado.

A ausência de marcas em todos os casos nos mostrou que, apesar da entrada recente na língua, *restaurant* era um estrangeirismo muito usado, muito comum. Segundo Figueiredo (1956), "(...) quem escreve nas gazetas e nos livros tem obrigação de não falar francês onde se deve falar português. Embora neologismo, a forma portuguesa de *restaurant* é *restaurante*".<sup>207</sup>

Para finalizar, acrescentamos que o estrangeirismo *restaurant* permaneceu na língua, entrou para os dicionários e é extremamente utilizado contemporaneamente. Integrou-se tão bem à língua portuguesa que, por vezes, não reconhecemos sua origem estrangeira.

#### Ficha 11 – Terrasse

##### Dictionnaire de l'Académie Française (1932-1935):

**TERRASSE.** n. f. Levée de terre en plate-forme faite de main d'homme, ordinairement soutenue par de la maçonnerie, et qui se trouve dans un jardin, dans un parc, au-devant d'un grand édifice, etc. *Une terrasse de cinquante mètres de large sur trois cents mètres de long. Une terrasse qui a une belle vue. La terrasse des Tuileries. La terrasse de Saint-Germain.*

*Ce jardin est en terrasse, Il est élevé en forme de terrasse. Ce jardin est tout en terrasses, Il est composé de plusieurs terrasses au-dessus les unes des autres.*

*Terrasse de café, Partie du trottoir sur laquelle, devant un café, on place des tables et des chaises à l'usage des consommateurs. S'asseoir à la terrasse d'un café.*

Terrasse se dit aussi d'une Plate-forme de maçonnerie, en forme de large balcon, ménagée à l'un des étages d'une maison. *Les fenêtres de sa chambre ouvrent sur une terrasse.*

Il se dit également de la Couverture d'un édifice, lorsqu'elle est en plate-forme. *Il y a une terrasse au haut de cette maison. Tous les toits de cette ville sont en terrasse.*

<sup>207</sup> FIGUEIREDO, 1956, p.51.

**Laudelino Freire (1939-1944):**

**TERRAÇO**, s.m. Lat. *terraceus*. Cobertura plana de um edifício, feita de pedra ou de argamassa; eirado. // 2. Obra de alvenaria, em forma de galeria descoberta. p. 4900.

**Houaiss (2009):**

**terraço** *sm* (sXIX) 1 cobertura plana de um edifício, feita de pedra, argamassa, concreto, etc. 2 varanda, balcão. p.1834.

"A QUEDA (*Das Scenas da Vida Carioca*). Na terrasse do seu elegante palacete, no meio de um jardim opulento de verdura, Marcello Ayres amaçou nervosamente o jornal. As palavras, apenas murmuradas e o riso, prestes a explodir, de sua mulher e de sua cunhada, distrahiam a sua atenção, impedindo-o de compreender o que lia, talvez. Foi o que ellas pensaram e por isso deixaram a terrasse discretamente (...) A' noite passada, Ayres fôra com um amigo ao espectáculo da «Maison Moderne» (...) Ao chegar em casa, encontrou, a mulher num estado denervos e afflicção, que bem se pôde compreender. Desculpou-se com uma viagem inesperada á Petropolis, por motivo de negocios (...) Jantaram e, como era costume todos os dias, foram tomar café na terrase. Foi quando passou um *camelot* apregoando os jornais da noite (...) Quando a mulher e a cunhada, sahindo da terrasse, o deixaram só, após haver proferido a phrase desesperada que escutamos, Marcello se dirigiu ao seu escriptorio, e ahi, só, reconsiderando a sua queda, deu longo curso ás lagrimas." (Animus, 17/10/1912, N.5 : 2-3)

"Positivamente. Bello Horizonte... civiliza-se. O antigo habitante do «Curral» que ressuscitasse e viesse flanar pelas ruas da hoje Capital de Minas, embasbacaria, obumbrado, por tantas innovações, e, digamos de passagem, ficaria boquiaberto ante esse progresso por mil boccas apregoado e que tanto mal nos faz aos nervos... (...) Todas estas reflexões vieram ao meu espirito por uma destas tardes frias, estando eu «super-civilizadamente» abancado em uma *terrasse* da rua da Bahia, chupando um *brandy and soda*, com a ruga precoce do civilizado a estigmatizar-me o semblante (...)" (Folha Academica, 18/07/1914, N.5: 7)

O estrangeirismo *terrasse* foi encontrado cinco vezes em dois jornais: *Animus* e *Folha Acadêmica*. No *Animus* foram encontradas quatro ocorrências, todas em uma narrativa sobre um homem que aproveitou a noite escondido da mulher e o escândalo foi publicado no jornal. Nesse texto há muitos outros estrangeirismos franceses. Na *Folha Acadêmica*, apareceu em um texto sobre o crescimento, desenvolvimento e civilização de Belo Horizonte. No primeiro jornal, nenhuma das quatro ocorrências apareceu com marcas e, no último, o estrangeirismo apareceu em itálico.

O dicionário da Academia Francesa (1932-1935) trouxe três definições para *terrasse*. Primeiramente era um pavimento no alto, tipo uma plataforma que podia ser encontrada em um jardim, em um parque, diante de um edifício ou na calçada de um café. Era também uma plataforma, em forma de uma larga varanda, localizada em andares superiores ao térreo da casa e,

por último, era a cobertura de um edifício, o último andar. No primeiro jornal, o sentido de *terrasse* que se repetiu no texto quatro vezes, estava de acordo com a primeira acepção trazida pelo dicionário da Academia Francesa, pois estava no meio de um jardim: "Na *terrasse* do seu elegante palacete, no meio de um jardim opulento de verdura..."<sup>208</sup>

No segundo jornal, o estrangeirismo também é utilizado com o sentido presente na primeira acepção trazida pelo dicionário da Academia, uma vez que no exemplo lê-se: "Todas estas reflexões vieram ao meu espírito por uma destas tardes frias, estando eu « super-civilizadamente » abancado em uma *terrasse* da rua da Bahia, chupando um *brandy and soda*".<sup>209</sup> Nesse caso, *terrasse* era a parte da calçada sobre a qual se colocavam mesas e cadeiras para o uso dos consumidores. Assim sendo, classificamos o estrangeirismo como pertencente a dois campos lexicais: habitação e suas partes e estabelecimento comercial.

No que concerne à morfologia, em ambas as línguas a unidade lexical era um substantivo feminino. Como em nenhum dos exemplos ela apareceu no plural, não temos elementos para discorrer sobre a flexão de número.

Figueiredo (1957) nos mostrou que em português de Portugal, o nome tinha uma acepção parecida com a que é apresentada em primeiro lugar pelo dicionário da Academia. Para esse caso específico, o autor sugeriu a substituição do termo francês pelo português *esplanada*:

Os jardins do palácio, que foi do Marquês da Foz, estão convertidos numa estância recreativa, onde o público de gravata, em noites de estio, vai refrescar-se com cervejas ou sorvetes e saborear alguns trechos de música, em companhia de quem mais deseja... Ao princípio os atilados empresários, - inda há empresário atilados, - deram àquilo a designação de *Jardins da Foz*; mas, talvez porque dos jardins pròpriamente ditos pouco reste, passou pelo encéfalo não sei de quem a estrambótica ideia de dar àquilo um nome francês. O certo é que em programas, em anúncios, em notícias dos jornais, *Jardins Foz* aparecem crismados de *Terrasse Foz*; e, como uma asneira nunca anda só, o primeiro e de *terrase* aparece acentuado, (*térrasse*). (FIGUEIREDO, 1957: 150 –151).

Segundo Antônio Geraldo da Cunha (1982), o estrangeirismo entrou para a língua no século XVIII. Assim, possivelmente em 1912, já havia a forma aportuguesada. Parece-nos, entretanto, que não havia uma forma portuguesa capaz de substituí-lo. Assim sendo, temos mais um caso de um conceito novo que entrou em uma nova língua e trouxe consigo o nome da língua de onde proveio.

---

<sup>208</sup> Animus, 17/10/1912, N.5 : 2-3.

<sup>209</sup> Folha Acadêmica, 18/07/1914, N.5: 7.

#### 4.3.8 Considerações a respeito da terceira fase

Realizando uma comparação entre as ocorrências de estrangeirismos nessa fase com as que ocorreram na fase anterior, observa-se um pequeno aumento no número de estrangeirismos. Entretanto, a primeira fase foi a que mais forneceu estrangeirismos. Em termos de números temos a seguinte proporção dos referidos elementos em casa fase:  $15 > 8 < 11$ .

Essa desigualdade entre as fases pode ser observada igualmente no total de ocorrências. Fazendo uma somatória das repetições, das utilizações em mais de um jornal e em mais de um exemplar dos onze estrangeirismos, chegamos a um total de cinquenta e nove ocorrências. Na primeira fase tivemos sessenta e cinco e na segunda, trinta e cinco.

As cinquenta e nove ocorrências da terceira fase encontram-se assim distribuídas nos jornais: *Animus* (20), *Estado de Minas* (20), *Folha Acadêmica* (13), *O Astro* (4) e *A Cidade* (2). A divisão por jornais nos confirma, mais uma vez, o empate entre os jornais *Animus* e *Estado de Minas* como os maiores concessores de estrangeirismos franceses.

No que diz respeito aos contextos de utilização, assim como na primeira e na segunda fases, a maioria dos estrangeirismos também ocorreu em anúncios (33 ocorrências = 55,9%). Contudo, as outras ocorrências da terceira fase encontram-se distribuídas em uma diversidade maior de contextos.

No que concerne à forma com que os elementos estrangeiros foram grafados, alguns estrangeirismos mantiveram um padrão: *atelier*, *chic*, *coupon* e *mademoiselle*. Esses itens, em todas as ocorrências, apareceram sem marcas, o que nos leva a crer que eram bem conhecidos ou muito usados. Ao contrário, *métier* apareceu marcado com itálico em todos os contextos, prova da sua não transparência. Os outros, entretanto, como *corbeille*, *elite*, *gare* e *terrasse* não apresentaram um padrão e tiveram sua grafia variada entre itálico e não marcada.

Ainda no que diz respeito à forma, percebe-se que, quando os estrangeirismos funcionam como nomes de estabelecimentos comerciais ou os compõem, fica difícil de determinar se as marcas foram utilizadas para assinalar sua estrangeiridade ou para fazer referência ao nome próprio. É o caso de *art nouveau* e *restaurant*.

No que se refere à semântica, diferentemente das primeiras fases em que nenhum dos estrangeirismos inovou em relação aos sentidos disponíveis na língua francesa, *coupon* e *élite* foram utilizados com sentidos que não estavam previstos pela definição trazida pelo dicionário da

Academia Francesa. Outra diferença em relação às fases anteriores foi o estrangeirismo *art nouveau* que, por pertencer a uma língua de especialidade, não foi encontrado no dicionário da Academia Francesa. Os outros estrangeirismos *atelier*, *chic*, *corbeille*, *mademoiselle*, *métier*, *restaurant* e *terrasse* possuíam em francês mais de uma acepção e foram utilizados em português com apenas uma delas. *Gare*, por sua vez, foi utilizado com o único sentido que possuía na língua francesa.

Em relação aos campos lexicais, dois estrangeirismos *art nouveau* e *terrasse* nos permitiram classificá-los em mais de um campo. O primeiro, *art nouveau*, foi classificado como estabelecimento comercial, pois era o nome de uma tipografia. Acreditamos que a referência desse nome a um estilo ornamental também foi explorada pelo dono do estabelecimento, por isso o segundo campo é o de artes plásticas. No caso de *terrasse*, ele foi classificado como habitação e suas partes, no entanto, dentro dessa mesma acepção, *terrase* pode ser aplicado a estabelecimento comercial.

Na terceira fase, quase não apareceram campos lexicais repetidos. Os campos encontrados foram: estabelecimento comercial, habitação e suas partes, artes plásticas, local de trabalho, luxo/requinte, recipiente, espaço público, epípetos e formas de tratamento, profissão/função/encargos, estabelecimento comercial e um estrangeirismo não classificado.

Quanto à morfologia, mais uma vez temos a predominância dos substantivos: quatro substantivos masculinos e cinco femininos. Dos onze estrangeirismos, apenas um, *chic*, funcionou como adjetivo. Uma novidade em relação às outras fases foi a presença de uma locução substantiva<sup>210</sup>, *art nouveau*. E assim como ocorreu na primeira e na segunda fases, não tivemos elementos e nem exemplos suficientes para tecer considerações a respeito da flexão de número. Apenas em dois, dos onze casos, percebe-se a formação do plural pelo acréscimo de *-s*.

No tocante à possibilidade dos estrangeirismos terem correspondentes em português, dois deles não apresentavam nem formas portuguesas e nem aportuguesadas para substituí-los, quais sejam, *art nouveau* e *gare*. Alguns deles, como por exemplo, *coupon* e *restaurant* eram conceitos novos que estavam entrando para a língua, por isso, possuíam a forma correspondente em português, mas nenhuma forma portuguesa que pudesse substituí-los. Os demais apresentavam, além da forma aportuguesada, formas portuguesas para substituí-los.

---

<sup>210</sup> Houaiss, 2009: 197

Em relação às razões que explicam o empréstimo dos elementos estrangeiros, percebemos, para os que possuíam correspondentes em português, que o uso da forma francesa se configurava como uma tentativa de associação com ideias de prestígio e de modernidade e também uma forma de fazer referência direta à cultura francesa. Outros estrangeirismos foram usados para designar objetos novos que trouxeram consigo o nome francês. É o caso de *art nouveau*, *gare*, *coupon* e *restaurant*. Apesar de *restaurant* representar um conceito novo, a sua forma portuguesa era bem difundida. Por esta razão, acreditamos que a permanência da forma francesa foi uma questão de escolha e de prestígio. *Art nouveau* seria um caso de um conceito novo, mas como foi utilizado para compor o nome de um estabelecimento comercial, cremos igualmente se tratar de um caso de prestígio. *Corbeille* e *mademoiselle* são exemplos interessantes, pois são casos em que o estrangeirismo entra para língua com a forma aportuguesada e volta a ser usado na sua forma original tempos depois, por influência da moda do momento.

Para finalizar, observamos que todos os estrangeirismos utilizados nessa fase permaneceram na língua. Apenas *mademoiselle* não entrou para o dicionário de língua, mas ainda hoje é citado em alguns discursos. A maioria se aportuguesou graficamente, exceto *gare* e *art nouveau*, mas alguns deles ainda continuam sendo usados com a escrita francesa. É o caso de *atelier*.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No quinto e último capítulo, apresentaremos algumas considerações a respeito do trabalho realizado até o momento. Relataremos, primeiramente, o cumprimento dos objetivos iniciais e os resultados comparativos das análises dos estrangeirismos franceses. Estabeleceremos, posteriormente, uma relação entre as informações obtidas com a consulta aos dados sócio-históricos e as observações feitas através da análise dos estrangeirismos.

O principal objetivo desta pesquisa foi a análise de estrangeirismos franceses, enquanto consequências da influência francesa na língua portuguesa utilizada em Belo Horizonte, no período inicial da sua construção até o ano de 1914. Além do mais, pretendíamos verificar a intensidade dessa influência e sua extensão, para dizer a medida da adaptação, pela elite belo-horizontina, à concepção de sociedade e modo de vida franceses. Pretendíamos também dizer em quais aspectos da vida social essa influência teve maior relevância.

Para o cumprimento dos objetivos gerais e específicos deste trabalho, fizemos o levantamento de estrangeirismos franceses utilizados em jornais que circularam na cidade no período mencionado, descrevemos o contexto de utilização de cada um e acrescentamos informações a respeito da grafia, da semântica, da morfologia e dos campos lexicais. Verificamos igualmente a possibilidade de existência de equivalentes dos estrangeirismos na língua portuguesa da época e tentamos determinar a razão do empréstimo de tais elementos. Assim sendo, também é objetivo deste capítulo demonstrar o resultado das análises e concluir o que tais resultados nos disseram sobre a situação de influência francesa.

### 5.1 O número de estrangeirismos franceses

O número de estrangeirismos franceses encontrados pode ser considerado significativo, porém, temos a impressão de que a quantidade encontrada seria bem maior em jornais que circularam em épocas posteriores. O fato de Belo Horizonte ter vivenciado sua *Belle Époque* somente no começo dos anos vinte, talvez explique a situação. A *Belle Époque* na capital mineira foi mais tardia e estendeu-se por mais tempo.

As diferenças em relação ao entusiasmo com o projeto da nova capital, nas três fases, refletiram-se diretamente na quantidade de estrangeirismos encontrada. Na primeira fase, o grande entusiasmo e a grande influência francesa na idealização e no projeto da capital resultaram um grande uso de estrangeirismos.

Na segunda fase, a queda nas ocorrências é proporcional à queda na euforia com a nova capital. As deficiências do projeto inicial começaram a se revelar e o sonho da grande capital moderna e progressista começou a parecer distante.

Na terceira fase, temos um novo crescimento no uso dos estrangeirismos franceses, assim como o temos na esperança de que o projeto da capital se concretizasse. A última fase coincide com o início de uma época em que Belo Horizonte começou a se firmar e os planos iniciais de modernização e progresso começaram a se tornar realidade.

Concluimos, assim, que os dados sobre a quantidade de estrangeirismos encontrados é reflexo direto da influência francesa no projeto, na construção e na consolidação de Belo Horizonte enquanto uma grande capital.

## **5.2 Os domínios mais concessores**

Como dissemos na metodologia, através da leitura do catálogo da Coleção Linhares, constatamos que as publicações periódicas podiam ser divididas entre domínios específicos como política, publicidade, literatura, notícias e interesses de classe. Havia também publicações consideradas de grande importância e repercussão. O responsável por tal divisão foi o colecionador Linhares, que acrescentava esse tipo de informação à medida que catalogava as publicações. Esse foi, para nós, um dos critérios de seleção dos jornais que comporiam a análise. Tínhamos em mente que os diferentes domínios seriam fornecedores de estrangeirismos franceses com características próprias. No entanto, as considerações a que chegamos a partir desse critério se mostraram imprecisas e precisaram ser relativizadas.

Conforme a pesquisa avançava, foi possível verificar uma tendência de os jornais pertencentes ao domínio das notícias fornecerem um número maior de estrangeirismos franceses. Por outro lado, os jornais dedicados à literatura os forneciam em número reduzido. Entretanto, essa tendência foi invertida ao longo da realização da pesquisa.

Na medida em que, nas duas primeiras fases, os jornais dedicados às notícias vinham encabeçando os dados como maiores fornecedores de estrangeirismos franceses, na terceira fase o mesmo tipo não forneceu quase nenhum. Por sua vez, os jornais ditos literários, que até então não forneciam quase nenhum elemento emprestado, na última fase, forneceram um número muito expressivo. A terceira fase praticamente inverteu a lógica das duas primeiras. Deste modo, consideramos que os estrangeirismos franceses podiam ser encontrados em qualquer domínio, sem que se possa estipular uma regra geral.

Além do mais, acrescentamos o fato de haver uma grande variedade e uma grande diversidade de assuntos tratados em cada jornal, sendo impossível afirmar categoricamente a que tipo de domínio os jornais pertenciam. Esse fato também impossibilitou uma afirmação conclusiva sobre os domínios que mais forneciam estrangeirismos. Um jornal dedicado à literatura, por exemplo, não era formado apenas por literatura, também trazia notícias, publicidade, etc. Desta forma, somente os contextos de utilização, dos quais trataremos a seguir, nos possibilitarão dizer, com precisão, em que circunstâncias e situações os itens lexicais estrangeiros eram mais utilizados.

### **5.3 Os contextos de utilização**

Em relação aos contextos de utilização, o que se verificou foi a existência de uma relação direta entre as fases e os contextos onde os estrangeirismos foram encontrados. Na primeira fase, que já foi descrita como uma fase em que era grande o entusiasmo com o projeto da capital, percebeu-se uma tendência de uso de estrangeirismos em anúncios publicitários e na descrição de pessoas. Essa tendência pode ser explicada pelo interesse, nesse momento, de se apresentar os novos moradores da capital (seus hábitos, comportamentos e modos), e pela tentativa de se implantar e consolidar uma nova concepção de estilo de vida. O novo estilo de vida que se desejava implantar pode ser percebido nos produtos e serviços que eram apresentados ao público: roupas sob medida, móveis para casas e para estabelecimentos comerciais, gêneros alimentícios e bebidas, aulas de piano e francês, restaurantes e salão de perfumarias e de barbeiro.

Na segunda fase, momento em que houve um declínio no contentamento com o projeto da nova cidade e supôs-se que o progresso demoraria a chegar, os estrangeirismos se disseminaram

em contextos mais gerais, sem muita especificidade. Constatou-se, assim, uma perda no foco de utilização, não sendo mais possível afirmar em quais contextos os estrangeirismos eram mais utilizados.

Na terceira fase, com o começo do crescimento de Belo Horizonte e seu encaminhamento para a era de progresso e civilização nos anos 20, percebeu-se um aumento considerável da quantidade de contextos em que os estrangeirismos foram encontrados. O aumento das perspectivas em torno do alcance do sonho da modernidade e do progresso refletiu-se no aumento do uso dos estrangeirismos em diferentes contextos. Como consequência, aumentou o número de pessoas que eram atingidas pela influência francesa.

#### 5.4 A grafia

A grafia foi um elemento muito útil para a observação do grau de adaptação e reconhecimento dos estrangeirismos franceses e sua relação com os emissores e receptores dos jornais. Não fosse a falta de critério e de padronização no tratamento desses elementos, poderíamos ter conseguido conclusões mais contundentes. Entretanto, foi possível constatar, por exemplo, que os leitores belo-horizontinos de jornais da primeira fase já estavam bem acostumados com os estrangeirismos *bonnet*, *cognac*, *madame*, *mademoiselle* e *restaurant*, pois em todas as ocorrências eles apareceram sem nenhuma marca para destacar sua estrangeiridade. Apesar da grafia francesa, eram muito conhecidos e usados por aquela comunidade.

Para os leitores da segunda fase, a falta de padronização encontrada foi bem menor do que na primeira, pois metade dos estrangeirismos seguiu um padrão: *atelier*, *gare*, *grève* e *paleto*. O estrangeirismo *gare* foi marcado em todas as ocorrências com itálico e o estrangeirismo *atelier* também apareceu marcado em todas as vezes que ocorreu, mas as marcas variaram. Ambos os estrangeirismos, apesar de terem grande ocorrência, pareciam ser bem recentes na língua, por isso ainda marcados como estrangeiros. Por sua vez, *grève* e *paleto* já eram velhos conhecidos, pois apareceram sem marcas em todos os casos.

Na terceira fase, alguns estrangeirismos franceses mantiveram um padrão, ou seja, foram grafados da mesma maneira em todos os contextos em que apareceram: *atelier*, *chic*, *coupon* e *mademoiselle*. Esses estrangeirismos apareceram sem marcas, o que nos leva a crer que eram

bem conhecidos ou muito usados. Ao contrário, *métier* apareceu marcado com itálico em todas as ocorrências, prova da sua não transparência. Os outros, entretanto, *corbeille*, *elite*, *gare* e *terrasse* não apresentaram um padrão e tiveram sua grafia variada entre itálico e não marcada.

Para concluir, acrescentamos que a falta de critério e de padronização no tratamento dos elementos estrangeiros e a predominância de escolhas particulares e pessoais em todas as três fases dificultou a análise da relação de conhecimento e de intimidade dos leitores e dos redatores com os estrangeirismos. O não conhecimento das regras que regiam a edição dos jornais na época também foi um fator prejudicial no tecimento das considerações.

## 5.5 A semântica

Através dos dados que recolhemos, foi possível perceber, de uma forma geral, que a maioria das unidades lexicais de origem francesa estava entrando na língua portuguesa naquele momento, ou seja, ainda não estavam em processo de instalação. Outras unidades, entretanto, já configuravam presença em dicionários da língua, mas foram retomadas com novos sentidos pela questão da forte influência francesa.

Na primeira fase, todos os quinze estrangeirismos franceses foram usados com pelo menos um dos sentidos propostos pelas definições do dicionário da Academia Francesa. Apenas *salon* mostrou um sentido diferente dos que estavam previstos. Para outros dois estrangeirismos, *bonnet* e *cognac*, tivemos o pressentimento de que estariam trazendo novos sentidos, mas não tínhamos exemplos e nem evidências suficientes que comprovassem o palpite.

Na segunda fase, nenhum estrangeirismo inovou em relação aos sentidos apresentados pelo dicionário da Academia. A maioria deles foi utilizada nos exemplos com apenas um dos vários sentidos que possuíam na língua francesa. A surpresa ficou por conta do estrangeirismo *toilette*, que foi utilizado com dois dos sentidos disponíveis.

Na terceira fase, os estrangeirismos *coupon* e *élite* foram utilizados com sentidos que não estavam previstos pela definição trazida pelo referido dicionário. O estrangeirismo *art nouveau*, por sua vez, por pertencer a uma língua de especialidade, não foi encontrado no dicionário da Academia. Foi preciso buscar um dicionário etimológico para descobrir detalhes sobre o mesmo.

A falta de inovação nos sentidos da maioria dos estrangeirismos e a reprodução de pelo menos um dos sentidos da sua língua de origem revelaram-nos que eles estavam entrando para a língua portuguesa naquele momento. Sabemos, entretanto, que o processo de instalação aconteceu posteriormente, pois grande parte deles permaneceu como integrantes definitivos da língua portuguesa.

## 5.6 A morfologia

A morfologia dos elementos emprestados também é um aspecto relacionado com sua integração à língua receptora, pois essa integração pode ser medida através da sua mudança de classe, de gênero ou de número.

Na primeira fase, a maioria dos estrangeirismos pertencia à classe dos substantivos. Dentre os quinze estrangeirismos, encontramos apenas um adjetivo: *mignon* e também os substantivos *bleu* e *rose* funcionando como adjetivos. Em relação ao gênero, os estrangeirismos franceses analisados da primeira fase mantiveram o mesmo apresentado na língua francesa. A flexão de número foi a mais difícil de ser avaliada, pois os exemplos eram escassos.

Na segunda fase, mais uma vez temos a predominância dos substantivos. Dos oito estrangeirismos, apenas um, *chic*, funcionou como adjetivo nos nossos exemplos. Assim como ocorreu na primeira fase, não tivemos elementos e nem exemplos suficientes para tecer considerações a respeito da flexão de número.

Na terceira fase, a predominância dos substantivos se repete. Dos onze estrangeirismos, apenas *chic* funcionou como adjetivo. Uma novidade em relação às outras fases foi a presença de uma locução substantiva *art nouveau*. Assim como ocorreu nas demais fases, a flexão de número não pôde ser investigada.

Em nenhuma das fases, os estrangeirismos franceses recolhidos mudaram de classe de palavras ou de gênero. Essa constatação ratifica o que dissemos na seção anterior a respeito dos estrangeirismos não estarem ainda totalmente integrados na língua portuguesa naquele momento.

## 5.7 Os campos lexicais

As considerações a respeito dos campos lexicais serviram mais precisamente para demonstrar em que áreas da vida da população belo-horizontina o uso de estrangeirismos franceses era mais frequente. Na primeira fase, como já dissemos anteriormente, a empolgação com a construção da capital era muito grande e a esperança de uma capital moderna e civilizada trouxe como consequência um uso frequente de itens lexicais franceses pertencentes a diversos campos lexicais. Grande parte dos móveis e adornos da casa, como também o vestuário, suas cores e nuances, eram nomeados em francês. Tudo o que ordenava a casa e seus moradores fazia referência à cultura francesa, pelo menos na nomeação. Entretanto, encontramos também epítetos e formas de tratamento, ou seja, as senhoras e senhoritas mais distintas eram chamadas de *madame* ou *mademoiselle*. E não somente o interior das casas e a aparência dos moradores de Belo Horizonte estavam repletos de estrangeirismos franceses. Sua vida externa e suas atividades também eram nomeadas em francês como os estabelecimentos comerciais, sua culinária e alimentação e algumas práticas de esporte e lazer.

Na segunda fase, os campos encontrados foram bem diferentes da primeira, o que reafirma as diferentes reações frente ao projeto da capital. O único campo que se repetiu nas fases foi o vestuário. Ainda na segunda fase, as pessoas continuavam importando nomes franceses para nomear suas vestimentas. O adorno e ornamento pessoal também ganham destaque nessa fase. Os outros campos tinham relação com a vida geral das pessoas. Foram encontrados nessa fase: local de trabalho, meios de circulação, de transporte e seus equipamentos, espaço público, necessidade humana. Damos destaque para um deles, o luxo / requinte, pois representa, ao que tudo indica, o papel da influência francesa dentro daquela sociedade.

Na terceira fase, quase não tivemos estrangeirismos franceses que pertenciam aos mesmos campos lexicais, por isso mesmo, foi impossível determinar um campo mais específico na vida da população dessa fase. Talvez essa situação seja indício de que, a partir daquele momento, os estrangeirismos começaram a ter um uso muito mais diversificado e abrangente.

Concluimos assim que, a influência francesa, através do uso de estrangeirismos, determinou os modelos da vida particular e social da elite mineira. A maioria dos estrangeirismos na primeira e segunda fases tinha mais relação com o íntimo da casa e o ornamento das pessoas. A vida em geral também era permeada pelos estrangeirismos franceses, mas é o pessoal que se

destaca. Na terceira fase vemos os estrangeirismos se espalharem por campos diversos, mostrando-nos, assim, sua popularização e conseqüente diversificação.

## 5.8 Os equivalentes e as intenções de uso

A investigação da possibilidade dos estrangeirismos franceses possuírem equivalentes na língua portuguesa utilizada no período investigado foi importante, pois nos serviu como indicação suplementar a respeito da entrada recente, ou não, dos estrangeirismos na língua. Além da equivalência, tentamos determinar igualmente se eles vieram acompanhando um novo produto ou conceito, se eles se constituíam em marcas de prestígio ou se foram utilizados no intuito de trazer cor local para os textos.

Descobrimos que, na primeira fase, a maioria dos estrangeirismos já possuía correspondentes na língua portuguesa. Os correspondentes se configuravam tanto como formas portuguesas equivalentes ou como formas aportuguesadas. Apenas para três estrangeirismos, *bureau ministre*, *cognac* e *poule*, não foi possível determinar correspondência, devido à falta de mais exemplos e informações.

Desta maneira, concluímos que a maioria dos estrangeirismos da primeira fase foi utilizada como forma de identificação direta com a cultura francesa. Alguns deles já possuíam correspondentes em português ou já tinham se aportuguesado, como acabamos de ver, mas a forma francesa foi retomada. Outra parte foi utilizada para nomear objetos ou conceitos novos que se transferiram para a cultura brasileira e apenas um estrangeirismo foi utilizado para trazer ao texto cor local.

Na segunda fase, a questão da correspondência ficou mais equilibrada. Para substituir *atelier*, *chic*, *grève*, *toilette* (no sentido de traje, vestimentas) existiam formas portuguesas equivalentes. Para os estrangeirismos *paletot* e *chic*, levantamos a hipótese de já possuírem uma forma aportuguesada. Para os outros, *coupé*, *gare*, *pince-nez* e *toilette* (no sentido de se arrumar, se embelezar), não havia unidades lexicais vernáculas capazes de substituí-los.

Para os que possuíam correspondentes em português percebemos que o seu uso foi uma tentativa de associação com ideias de prestígio e de modernidade. Por sua vez, *coupé*, *paletot* e *pince-nez* foram usados, pois designavam objetos novos que trouxeram consigo o nome francês.

Os estrangeirismos *gare* e *toilette* (no sentido de se arrumar) trouxeram conceitos novos e, conseqüentemente, os nomes franceses.

Na terceira fase, a maioria dos estrangeirismos franceses também já possuía correspondência. Alguns deles, como *coupon* e *restaurant*, traziam conceitos novos, por isso não havia nenhuma forma portuguesa capaz de substituí-los. Os demais apresentavam, além da forma aportuguesada, formas portuguesas equivalentes. Apenas dois estrangeirismos, *art nouveau* e *gare*, não apresentavam nenhuma correspondência.

Ainda sobre a terceira fase, os estrangeirismos *art nouveau*, *gare*, *coupon* e *restaurant* foram usados, pois designavam objetos novos que trouxeram consigo o nome francês. Apesar de *restaurant* representar um conceito novo, a sua forma portuguesa já era bem difundida e, por isso, acreditamos que a utilização da forma francesa foi uma questão de escolha motivada pelo prestígio. *Art nouveau* seria apenas o caso de um conceito novo, mas como foi utilizado para compor o nome de um estabelecimento comercial, cremos estar diante de um caso de uma escolha também motivada pela ideia de prestígio. *Corbeille* e *mademoiselle* são casos interessantes, pois foram estrangeirismos que entraram para os dicionários da língua com a forma aportuguesada e voltaram a ser usados com sua forma original tempos depois, por influência da moda do momento.

É interessante observar que a grande maioria dos estrangeirismos franceses encontrados permaneceu na língua portuguesa e são usados até hoje. Apenas os estrangeirismos *bleu*, *étagère*, *jupe* e *rose* se constituíram como usos momentâneos, reflexos da moda do momento. Apesar de efêmeros, foram extremamente importantes na nomeação e representação da realidade da época.

Observa-se ainda que a maioria dos estrangeirismos utilizados naquele contexto aportuguesou-se graficamente. Apenas dois deles, *atelier* e *toilette*, ainda continuam sendo usados com a escrita francesa. Já o estrangeirismo *pince-nez* mesmo sendo parte do idioma, não é mais tão usado contemporaneamente. Outro caso a ser considerado é o de *mademoiselle* que não entrou para o dicionário de língua, mas pode ser encontrado ainda hoje em alguns discursos.

A partir de todas as análises realizadas, pudemos observar a forte influência francesa refletida no uso de estrangeirismos na linguagem dos jornais de Belo Horizonte. Destarte, confirmamos a existência da relação direta entre língua e cultura.

Devido à forte influência cultural francesa sobre o Brasil e sobre a língua portuguesa, estrangeirismos faziam e fazem parte do seu conjunto lexical. A nova capital de Minas vivenciou

o clima de influência estrangeira, e esse clima se espalhou por todas as esferas da vida da elite belo-horizontina e determinou seus modos de vida e sua língua. O uso de estrangeirismos franceses pode ser interpretado, na maioria dos casos, como símbolo de *stauts* e de identificação com a cultura almejada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *A lexicologia e a teoria dos campos lexicais*. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

ALBERTINI, Pierre. Le foisonnement culturel de la fin de siècle et de la Belle Époque. In: ALBERTINI, Pierre. *La France du XIXe siècle*. Paris: Hachette Supérieur, 1995/00.

ALVES, Ieda Maria. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. São Paulo: Alfa v.28(supl.), 1984.

\_\_\_\_\_. *Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira*. São Paulo: Alfa v.32, 1988.

\_\_\_\_\_. Neologismos formados por empréstimo. In: ALVES, Ieda Maria. *Neologismos Criação Lexical*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1990.

\_\_\_\_\_. Neologia e Tecnoletos. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

ALVES, Ieda Maria et al. *Estrangeirismos no português brasileiro: do mito à realidade*. Estudos Lingüísticos XXXIII, 2004. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/60146187/ESTRANGEIRISMOS-NO-PORTUGUES-BRASILEIRO-DO-MITO-A-REALIDADE>. Acesso em 11. nov. 2013.

AZEVEDO, Aluísio. *Capítulo V. Crônicas de Aluísio Azevedo*. In: MONTELLO, Josué. *Aluísio Azevedo e a polêmica d' "O Mulato"*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

BAGNO, Marcos. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da Neologia à Neologia na Literatura. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BASILIO, Margarida. *Formação de classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: F. S. Borba. (Org.) *Miscelanea homenagem a I.S.Salum: Linguística e Filologia*. São Paulo: TAQ/EDUSP, 1981.

\_\_\_\_\_. Conceito lingüístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida. (Org.) *Palavra*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

\_\_\_\_\_. *As Ciências do Léxico*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

Blog “Curral Del Rey”. Desenvolvido por Alessandro Borsagli, 2010. Site destinado à discussão sobre as mudanças ocorridas no espaço urbano de Belo Horizonte, desde a fundação do Arraial do Curral del Rey até os dias atuais. Disponível em: <<http://curraldelrei.blogspot.com.br>>. Acesso em 10 nov. 2013.

BRASIL. Congresso Nacional. Projeto de Lei Nº 1676 de 1999. Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

CAMPOS, Luana Carla Martins. *A Fotografia em Belo Horizonte (1894-1939): um retrato da prática profissional de imigrantes italianos*. Documento de acesso exclusivo no meio eletrônico. Disponível em: < [http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/fotografia\\_bh.pdf](http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/fotografia_bh.pdf)>. Acesso: 10 nov 2013.

CAMPOS, Regina Salgado. Visitantes franceses no início do século XX. In: Revista História Viva – Edição Especial Temática nº 9. *A Herança Francesa no Brasil*. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

CANO, Waldenice Moreira. Tentativa de caracterização do neologismo: alguns critérios. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (orgs.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS. / São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. v.3.

CANÇADO, Patrícia Duarte; CUNHA, Piedra Magnani da. Olhares dispersos no tempo: os cronistas na nova capital. In: CASTRO, Maria Céres et al. *Folhas do tempo. Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Sociolingüística e diatopia: empréstimos no português do Brasil*. Cadernos de Estudos Lingüísticos: Campinas, n.20, p.139-161, jan/jun. 1991.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Neologismos na Imprensa Escrita. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

\_\_\_\_\_. *Empréstimos lingüísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. Efêmeros e Permanentes. Os ardis da memória da imprensa de Belo Horizonte. In: LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Editora UFMG, 1995.

CORREIA, Margarita. Para a compreensão do conceito de 'empréstimo interno': primeira abordagem. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010, v.4.

COSTA, Ana Carolina Silva da; ARGUELHES, Delmo de Oliveira. *A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX*. Brasília: Universitas Humana, v. 5, n. 1/2, 2008. Documento de acesso exclusivo no meio eletrônico. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/universitashumanas/article/view/878/612>>. Acesso: 10 nov 2013.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: planejamento urbano e os esportes na nova capital (1897-1927)*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.8; n.3, 2004. Documento de acesso exclusivo no meio eletrônico. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1004>>. Acesso: 10 nov 2013.

COUTO, Hildo Honório. *Contatos entre francês e português ou influências do primeiro no segundo*. Synergies Brésil n° spécial 2, 2010. Disponível em < [http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Bresil\\_special2/couto.pdf](http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Bresil_special2/couto.pdf) >. Acesso: 11. nov. 2013.

CRUBELIER, Maurice. *Histoire Culturelle de la France XIXe – XXe siècle*. Paris: Librairie Armand Colin, 1975.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1982.

*Dictionnaire de l'Académie française*. 8ème édition. Version informatisée. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie.htm>. Acesso: 18. dez. 2012.

FARACO, Carlos Alberto. Apresentação. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

FARIA, Isabel Hub. Contacto, variação e mudança lingüística. In MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Caminho, 2003.

FERRAZ, Aderlande. Neologismos na publicidade impressa: processo mais frequentes no português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (orgs.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS. / São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. v.3.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Os Estrangeirismos*. Resenha e comentário de centenas de vocábulos e locuções estranhas à língua portuguesa. Vol. 1. 6 ed. Livraria Clássica Editora. Lisboa, 1956.

\_\_\_\_\_. *Os Estrangeirismos*. Resenha e comentário de centenas de vocábulos e locuções estranhas à língua portuguesa. Vol. 2. 4 ed. Livraria Clássica Editora. Lisboa, 1957.

FIORIN, José Luiz. Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99. O projeto de lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

FONSECA, Hely Dutra Cabral. *Línguas africanas e a estrutura v+neg no português do Brasil e d'Angola*. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, Vol. 21, N.2, 2011. Documento de acesso exclusivo no meio eletrônico. Disponível em: < <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewArticle/336>>. Acesso: 10 nov 2013.

FRANCO, Paulo César Borgi. *O léxico da Belle Époque na obra de João do Rio*. 2008.199f. Dissertação. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite, S.A, 1940.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos, desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

GOIS, Miguel Ventura Santos. *A influência dos estrangeirismos na língua portuguesa: um processo de globalização, ideologia e comunicação*. Documento de acesso exclusivo no meio eletrônico. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/revista/40/A%20INFLU%20C3%8ANCIA%20DOS%20ESTRANGEIRISMOS.pdf>> Acesso: 11 nov 2013.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O Português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. Apresentação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS. / São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004. v.2.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. Apresentação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (orgs.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS. / São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. v.3.

JULIÃO, Letícia. Itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliane de Freitas. (org.). *BH: Horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996: 51.

LE PETIT ROBERT. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, 1986.

LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Editora UFMG, 1995.

LOYOLA, Vivian Dias. A Cultura em Preto-e-Branco. IN: CASTRO, Maria Céres. et al. *Folhas do Tempo. Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

MACHADO, Ana Carlota Rilho. *Recursos lingüísticos nos anúncios de móveis de luxo do Recife*. 2006. 157f. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Kátia Bernadon de. *Emprunts et adaptations: portugais (Brésil et Portugal) et français*. 2011.353 f. Tese. Université de Paris Ouest-Nanterre La Défense. Universidade de Lisboa, Paris, 2011.

PACAUD, Serge. *Il était une fois ...Chroniques mémorables de la Belle Époque*. [S.l] Paris: CPE Éditeur, 2004.

PASSOS, Daniela Oliveira Ramos dos. *A formação urbana e social da cidade de Belo Horizonte: hierarquização e estratificação do espaço na nova capital mineira*. Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 1, n.º 2, ago./dez. 2009.

PIOVESAN, Almir Antonio. *"I piccoli signori": bilingüismo ítalo-português e apagamento do Talian em Viadutos (RS)*. 2007. 195 f. Dissertação. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.

Revista História Viva – Edição Especial Temática nº 9. *A Herança Francesa no Brasil*. São Paulo: Duetto Editorial.

RODRIGUES, Cláudia Maria Xatara. *Empréstimos, estrangeirismos e suas medidas*. São Paulo: Alfa 36, 1992.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002: 68.

SANTOS, Mírian Cristina Freire. A hora e a vez dos demi-mondains. IN: CASTRO, Maria Céres; VAZ, Bernardo et al. *Folhas do Tempo. Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

SANTOS, Tomaz Aroldo da Mota. Apresentação. In: LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Editora UFMG, 1995.

SCHMITZ, John Robert. O projeto de lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Parábola, 2004.

SEVCENKO, Nicolau ( Org.) *História da Vida Privada no Brasil v. 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, José Manuel. *Influências do inglês no português do Brasil*. 2007. Documento de acesso exclusivo no meio eletrônico. Disponível em: < [http://josemsilvaprof.weebly.com/uploads/4/8/8/3/4883419/iipb1\\_atual.doc](http://josemsilvaprof.weebly.com/uploads/4/8/8/3/4883419/iipb1_atual.doc)>. Acesso: 10 nov 2013.

SIQUEIRA, Juliana Maria de. Além das palavras, além das formas. IN: CASTRO, Maria Céres. et al. *Folhas do Tempo. Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG. Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997: 78.

SOSNOWSKI, Alice de Salvo. Soirées chics dos jornais. IN: CASTRO, Maria Céres. et al. *Folhas do Tempo. Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

TERZIAN, Françoise. Vivre à la française. In: *Revista França Brasil: Retrato à francesa*. Editora Conteúdo. n.291 março/abril 2009. Documento de acesso exclusivo no meio eletrônico. Disponível em: <http://www.conteudoeditora.com.br/publicacoes/?ec=291&cs=39>. Acesso: 18 dez 2012.

VILELA, Mário. A norma purista no século XVIII (com base num exemplo). *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Série de História, Vol. II, Porto, 1982.

VILHENA, Kellen Nogueira. *Lazer e cidade: um olhar sobre Belo Horizonte (1894-1920)*. Documento de acesso exclusivo no meio eletrônico. Disponível em: < <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/228.pdf>>. Acesso: 10 nov 2013.

ZANON, Maria Cecília. *Fon-Fon! – Um registro da vida mundana no Rio da Belle Époque*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.1, n.2, 2005.

ZILLES, Ana Maria Sthal. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Parábola, 2004.